

“UMA ESTREIA SURPREENDENTE, UMA OBRA-PRIMA.”
THE GUARDIAN

FANTASMA ROGER HOBBBS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

FANTASMA ROGER HOBBBS

Tradução de Alexandre Raposo



Copyright © 2013 Roger Hobbs

Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associates Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Ghostman

PREPARAÇÃO

Natalia Klusmann

REVISÃO

Suelen Lopes

DESIGN DE CAPA

Peter Mendelsund

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

FOTO DO AUTOR

Michael Lionstar

REVISÃO DE EPUB

Fernanda Neves

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-551-4

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

Sobre o autor

Títulos relacionados

PRÓLOGO

ATLANTIC CITY, NOVA JERSEY

Hector Moreno e Jerome Ribbons estavam sentados no carro, no andar térreo da garagem do Atlantic Regency Hotel Casino, inalando cristais de metanfetamina com uma nota de cinco dólares enrolada, um isqueiro e um pedaço amassado de papel-alumínio. Tinham trinta minutos.

Há três boas maneiras de se roubar um cassino. A primeira é pela porta da frente. Funcionava na década de 1980, mas agora não mais. Assim como em um banco, alguns sujeitos mascarados poderiam entrar portando armas de fogo e as apontariam para a bonitinha atrás das grades. Ela começaria a chorar e a implorar por sua vida, enquanto o gerente entregaria os maços de dinheiro da gaveta. Os bandidos sairiam pela porta da frente e iriam embora, porque o bom senso dizia que um tiroteio custaria mais ao cassino do que qualquer coisa que você conseguisse levar dos guichês. Mas os tempos mudaram. Agora as caixas são treinadas para isso. A segurança é mais agressiva. Assim que o alarme silencioso é acionado, e sempre é acionado, homens armados começam a aparecer. Eles ainda esperam que você saia, mas, assim que atravessar a porta, haverá quarenta deles aguardando com fuzis AR-15 e escopetas para abatê-lo. Nenhum atraso de dois minutos como antigamente.

A segunda maneira é ir atrás das fichas. Desça de elevador das suítes, caminhe até a mesa com as apostas mais altas, saque sua arma e dê um tiro na roleta. Todo mundo corre ao ouvir o som do tiro, especialmente o crupiê. Os ricos não são corajosos, e os funcionários, menos ainda. Assim que eles tiverem se espalhado, pegue um saco e recolha todas as fichas. Dispare mais duas balas para o alto, a fim de que saibam que você está falando sério, então saia correndo, como se o diabo estivesse atrás de você. Parece tolo, mas funciona. Você não mexerá com os guichês, portanto o tempo de resposta não será tão rápido. A segurança não estará esperando do lado de fora, como aconteceria no primeiro caso. Você pode até chegar ao estacionamento e, dali, à estrada. Você ainda terá o problema do que fazer com as fichas. Se conseguir uma quantidade suficiente, digamos, um milhão ou mais, o cassino vai trocar todas as fichas do andar por novas, com um design diferente, e você acabará com um saco repleto de pedaços de argila inúteis. Pior ainda, a tecnologia está tornando essa jogada obsoleta. Alguns cassinos estão acrescentando microchips para fins de contabilidade e poderão rastrear as que você levou. Em seis horas, você será procurado de Vegas a Mônaco, e suas fichas serão tão sem valor quanto você. E se, de algum modo, nenhuma dessas duas coisas acontecer, o melhor que se pode esperar é tentar vendê-las no mercado negro. Mas, se o fizer, terá de vendê-las pela metade, ou menos, do valor indicado, porque ninguém quer se meter nessa a menos que possa dobrar o dinheiro investido. O principal, porém, é que as fichas não o levarão a lugar algum.

Finalmente, a terceira maneira de assaltar um cassino é roubar o dinheiro enquanto ele está em trânsito. Assaltar um dos carros-fortes. Os cassinos transportam um monte de dinheiro. Até mais do que os bancos. Veja bem, a maioria não mantém grandes estoques de notas de cem trancafiadas, como vemos nos filmes. Há pequenos

guichês com dinheiro espalhados por todo o cassino e cofres não tão grandes com centenas de milhões de dólares amontoados. E, em vez de manterem essas pilhas de dinheiro por perto, fazem o que faz qualquer instituição de tal porte: quando têm muito dinheiro, eles o enviam para o banco em um carro-forte. Quando não têm dinheiro suficiente, o banco faz o envio. Duas ou três entregas por dia, ao todo.

No entanto, assaltar um carro-forte não é realmente viável. Os mais modernos são como tanques de guerra repletos de dinheiro. Atacar o banco de onde o dinheiro está vindo também não é uma opção porque os bancos têm ainda mais segurança do que os cassinos. O segredo é agir no meio da transação, enquanto os caras estão carregando ou descarregando o dinheiro do carro-forte. Eles chegam a facilitar as coisas para você. A maioria dos cassinos não tem garagem especial para carros-fortes; não é muito prático. Em vez disso, os carros estacionam ao lado de uma das entradas laterais ou dos fundos, uma entrada diferente a cada vez. Os guardas abrem a porta traseira do veículo e, em seguida, transportam o dinheiro através das portas de vidro. Este é o momento de ouro do assaltante profissional. Durante sessenta segundos, algumas vezes ao dia, mais dinheiro do que alguns sujeitos poderiam roubar de meia dúzia de bancos muda de mãos lá fora, a céu aberto, bem na frente de todos. Tudo o que uma equipe de assaltantes profissionais precisa fazer é contar com dois ou três homens armados e com o cabelo cortado bem curto e, em seguida, ir embora de carro antes de a polícia aparecer. Fácil assim. Claro, você precisa saber quando as entregas ocorrerão, quanto dinheiro estará envolvido e qual entrada os caminhões utilizarão, mas esses detalhes não são impossíveis de se obter. Conseguir a informação é a parte mais fácil. Fugir é o mais difícil. Se você conseguir pegar o dinheiro e desaparecer em dois minutos, estará rico.

Jerome Ribbons olhou para seu Rolex de ouro. Eram cinco e meia da manhã.

A primeira entrega seria dali a meia hora.

Planejar um assalto a um cassino leva meses. Felizmente para eles, Ribbons já fizera esse tipo de coisa. Ele tinha sido preso duas vezes no norte da Filadélfia. Não se trata de um item atraente para o currículo, mesmo para o tipo de sujeito que faz trabalhos assim, mas isso significava que ele tinha motivos para não ser pego. Sua pele era cor de carvão, e ele tinha tatuagens azuis que fizera em Rockview Pen e que despontavam de suas roupas em ângulos estranhos. Cumprira cinco anos por sua participação em um assalto à mão armada a um Citibank em Northern Liberties, na década de 1990, mas nunca cumprira pena pelos quatro ou cinco trabalhos dos quais participara desde que saiu de lá. Era um sujeito grandalhão.

Tinha ao menos 1,93m e pesava mais do que o suficiente para corresponder à sua altura. Pneus de gordura derramavam-se por sobre o cinto, e seu rosto era tão redondo e macio quanto o de uma criança. Podia erguer duzentos quilos em um bom dia e trezentos após cheirar algumas carreiras de cocaína. Ele era bom nisso, não importava o que dizia sua ficha criminal.

Hector Moreno fazia mais o tipo soldado. Media 1,68m, tinha um quarto do peso de Ribbons, cabelo tão curto quanto a grama do deserto e ossos que despontavam através de sua pele cor de café. Fora um bom atirador em seus tempos de serviço militar e não piscava, exceto quando se sobressaltava. Sua ficha indicava uma dispensa desonrosa, mas nenhuma prisão. Ele voltou para casa e passou um ano cortando carne em Boston e outro extorquindo dinheiro de traficantes em Las Vegas em troca de proteção. Este era seu primeiro grande trabalho e, por isso, estava nervoso. Ele tinha uma farmácia inteira no Dodge, apenas para ficar ligado. Pílulas, líquidos, pós e fumos. Queria afastar o nervosismo com um punhado

de estimulantes. Nunca havia drogas suficientes para ele. Tinham revisado o plano diversas vezes para estarem prontos na hora, mas Moreno precisava de mais do que isso. Ele inalou uma grande quantidade de metanfetamina com uma fungada. Seus olhos se encheram d'água. Um amigo preparara a droga em um trailer a oeste de Schuylkill. Era uma Strawberry Quick de baixa qualidade, mas ele não se importava. Queria se acalmar e se concentrar, não ficar doidão de pó de metanfetamina e solvente de tinta antes do evento principal.

Ribbons olhou para o relógio outra vez. Vinte e quatro minutos.

Nenhum dos dois falou. Não era necessário.

Moreno pegou um maço de cigarros do bolso, acendeu um e então passou a folha de papel-alumínio para Ribbons. Ele deixou escapar duas baforadas em rápida sucessão.

Primeiro, Ribbons anestesiou a boca com um gole de uísque. Inalar metanfetamina é uma experiência quente e amarga. Ele levou um tempo tentando segurar a gota, que corria pela folha de papel-alumínio, entre seus dedos calejados. Não era a primeira vez que percorria aquela estrada. A metanfetamina o fazia se sentir bem, embora a sensação não chegasse nem perto da onda que sentia quando estava mascarado e com uma arma em punho. Ele gostava de estar bem no meio daquilo.

Moreno o observou, deu uma tragada em seu cigarro e bebeu alguns goles do frasco de xarope para tosse. Seu coração disparou. Muita gente em sua antiga vizinhança teria pagado caro por aquele nível superior de onda, mas nenhum deles tomava mais xarope para tosse. Apenas ele. Faz você ver coisas como se estivesse a ponto de morrer de febre alta. Você vê Deus esperando-o no fim do túnel. Ninguém nunca lhe contara sobre a respiração difícil interminável, o coração disparado ou as alucinações que ele teria quando o DXM

entrasse em sua corrente sanguínea como uma bola oito de cetamina. Ele ouvia o rádio e esperava.

Moreno jogou o cigarro pela janela e disse:

— Já escolheu a sua casa?

— Sim. Azul vitoriano. Belo lugar junto ao mar. Virgínia.

— O que disse a dona?

— Este é um mercado que tem mais vendedores do que compradores. Nosso negócio não será um problema.

Ficaram sentados em silêncio durante algum tempo, ouvindo no rádio o relatório do tráfego matinal. De qualquer modo, não havia muito o que dizer, nada que não tivessem dito milhares de vezes enquanto bebiam xícaras de café diante de plantas heliográficas e telas brilhantes de computador. Não havia mais nada a fazer senão ouvir o relatório do tráfego.

Tinham planejado aquele trabalho com muita antecedência, embora talvez seja errado dizer que planejaram algo. O sujeito que tivera a ideia estava a cinco mil quilômetros a oeste, sentado diante de seu telefone em Seattle, esperando a hora de fazer uma chamada. Ele era o cabeça. A maioria dos assaltos são operações de lobos solitários que nunca dão certo. Alguns viciados tentam assaltar um banco e acabam presos pelo resto da vida. Um trabalho com um cérebro do crime não é assim. É o tipo de trabalho que você vê uma única vez no noticiário noturno e nunca mais ouve falar a respeito. O tipo que dá certo e continua certo. É um trabalho com planos, sincronia e encerramento rigorosos — um assalto cerebral do princípio ao fim. O homem com o plano sabia de tudo e dava todas as ordens. Ribbons e Moreno não gostavam de dizer o nome dele. Ninguém gostava.

Dava azar.

Contudo, Moreno e Ribbons não eram idiotas. Conheciam os padrões das câmeras de segurança. Conheciam o carro-forte por

dentro e por fora. Sabiam os nomes dos motoristas, dos gerentes do cassino, seus hábitos, suas fichas corridas, seus números de telefone, suas namoradas. Eles sabiam coisas que nem mesmo precisavam saber, porque fazia parte do processo. Havia um milhão de coisas que poderiam dar errado. A ideia era controlar o caos, não entrar nele. Agora tudo se restringia ao relatório do tráfego.

Depois de vinte minutos, o telefone de Ribbons tocou. Um trinado agudo, que se repetiu duas vezes. Um toque específico para um número específico. Ele não precisava atender. Os dois sabiam o que significava. Ambos trocaram olhares. Ribbons mandou a chamada para o correio de voz, guardou as drogas no porta-luvas e olhou para o relógio uma terceira e última vez. Dois minutos para as seis da manhã.

A contagem regressiva de dois minutos começara.

Ribbons tirou uma balaclava de fibra de algodão do porta-luvas. Colocou a máscara de esqui e ajustou-a até o tecido ficar confortável em seu rosto. Lentamente, Moreno fez o mesmo. Ribbons conectou os fios sob o console e ligou o motor. No assoalho havia um colete de assalto tático KDH com placas balísticas de nível quatro projetadas para deter balas de rifles de assalto a quinze metros de distância. Ribbons precisava usar um daqueles. Ele era o homem de ponta. Por dentro, seu estômago se revirou. Sob um cobertor no banco traseiro, havia um rifle de caça Remington Modelo 700 carregado com cinco cartuchos, equipado com uma mira laser e modificado com um silenciador Thundertrap AWC de oito polegadas e meia: a arma de Moreno. Próximo a ele havia um Kalashnikov Tipo 56 totalmente automático, com três pentes, cada um com trinta cartuchos de caça de 8g com camisas metálicas. Ribbons pegou o AK, introduziu um pente no receptor, puxou o ferrolho, voltou-se para Moreno e perguntou:

— Você está tão pronto quanto eu?

— Estou pronto.

Mais uma vez, ficaram em silêncio. As luzes da garagem piscaram, então se apagaram: não havia necessidade de luzes após o nascer do sol. O Dodge Spirit deles estava coberto de manchas de ferrugem marrom. Bem à frente dos dois, à vista do outro lado da rua, ficava a entrada lateral do cassino onde pararia o carro-forte. O traçado da chuva no para-brisa parecia um caleidoscópio aos olhos de Ribbons.

Noventa segundos antes da chegada do carro-forte, Moreno saiu do Dodge e assumiu sua posição de frente para a rua, atrás de uma barreira de trânsito. O ar salgado corroera o concreto até os vergalhões de aço. Ele olhou para as câmeras de segurança. Estavam voltadas para o outro lado. Perfeita sincronia. A segurança do cassino era rigorosa a ponto de manter câmeras no estacionamento, mas não o bastante. Moreno mapeara os pontos cegos das câmeras e testara-os semanas antes. Ninguém realmente se importa com o que acontece em um estacionamento às seis da manhã. Moreno firmou o cano de seu rifle sobre o bloco de concreto. Abriu a tampa da lente da mira, puxou o ferrolho e engatilhou o primeiro tiro.

Então Ribbons avançou. Ele correu enquanto as câmeras ainda estavam afastadas e se escondeu atrás da coluna mais próxima, em outro ponto cego. Passou a respirar de maneira rápida e profunda, a fim de relaxar e se preparar para correr. O Kalashnikov que mantinha junto ao peito parecia minúsculo em suas mãos enormes. Ele começou a se sentir nauseado. Aquele antigo e familiar calafrio penetrou em seu estômago, como sempre acontecia. Nervosismo. Não tão ruim quanto o nervosismo de Moreno, pensou, mas ainda ali, o tempo todo.

Sessenta segundos.

Ribbons contava os segundos em sua cabeça. A sincronia era muito importante. Tinham ordens estritas de não se moverem até o

momento exato. O suor fez com que o interior de suas luvas ficasse escorregadio. É mais difícil atirar com precisão calçando luvas de látex, mas ele também tinha ordens de usá-las até o fim do dia. Atrás da coluna, ficou tão imóvel quanto um Buda, apesar de a coluna ser estreita demais para ele. Ribbons não tinha sequer espaço suficiente para afastar a manga do casaco e olhar o relógio. Em vez disso, concentrou-se na respiração: inspirar e expirar, inspirar e expirar. Os segundos passavam em sua cabeça. Gotas d'água caíam da marquise de concreto.

Exatamente às seis da manhã, o carro-forte da Atlantic Armored cruzou o sinal verde na esquina e entrou na rua. Tanto o motorista quanto o guarda usavam uniformes marrons. O carro-forte tinha três metros de altura e pesava cerca de três toneladas. Era branco, com o logotipo da Atlantic Armored pintado em ambos os lados. O veículo entrou na área de carga do cassino e avançou devagar até parar sob o cartaz do Regency. Ribbons mal conseguia ouvir outra coisa além do som de sua respiração acelerada.

Carros-fortes nunca são fáceis. São máquinas intimidadoras. Não apenas pelos motivos óbvios, como os dez centímetros de blindagem à prova de bala testada pelo NIJ, o instituto nacional de justiça, ou os pneus reforçados com quarenta camadas de Kevlar da DuPont, ou as janelas feitas com um tipo transparente de policarbonato capaz de deter um pente de balas de dez milímetros que conseguiriam atravessar armaduras. Não, tudo isso é óbvio. O mais perigoso a respeito de um carro-forte envolve o que há em seu interior. Os guardas, por exemplo, são homens treinados, que portam armas de fogo. O interior do carro tem câmeras que registram tudo o que acontece lá dentro. Há dezesseis janelas de tiro, portanto os que estão do lado de dentro podem atirar nos que estão do lado de fora. Além disso, há placas magnéticas nos cofres. Se o valor é retirado da placa, um cronômetro começa a funcionar. Se o tempo se esgota,

pequenas cápsulas de tinta explodem dentro do pacote e arruínam o dinheiro. Mas, para o cabeça e uma equipe com um plano, todas essas características preocupantes são superáveis. Sempre há um ponto fraco. Nesse caso, havia dois. O primeiro era evidente: nada permanece dentro de um carro-forte para sempre. Espere os caras saírem e toda a blindagem, as câmeras e as placas magnéticas não significarão mais nada. Entretanto, o segundo ponto fraco requer um pouco mais de reflexão. O segundo exige muito mais crueldade.

Mate os guardas, e o dinheiro pode ser seu.

Havia dois deles, ambos na cabine dianteira. Um motorista e um operador de dinheiro, com dois anos de experiência entre eles — ou assim revelou a pesquisa que fizera. Um deles tinha família, o outro, não. Assim que o caminhão parou, os dois saíram. Logo que eles fecharam as portas, um sujeito vestindo um terno preto barato passou pela entrada do cassino para recebê-los. Estava ficando careca e usava um crachá na lapela. Era o gerente do cofre do cassino. Quarenta e poucos anos, a ficha mais limpa que um sujeito poderia ter. Nem mesmo uma multa por estacionamento em local proibido. Ele tirou uma chave do bolso e entregou-a para o operador de dinheiro. Claro que, mesmo com a ficha limpa, ele nunca fora admitido no interior do carro-forte. Nenhuma vez em dez anos. Os uniformizados tirariam o dinheiro, e ele o levaria à gaiola. O gerente esperou na calçada e esfregou as mãos.

Trinta segundos.

O motorista retirou outra chave do cinto e entregou-a para o operador, que abriu a tranca na traseira do carro-forte e entrou. Lá dentro havia um cofre com placa magnética embutido na parede lateral do veículo, coberto com uma camada extra de blindagem de cerâmica à prova de balas. A chave do operador de dinheiro se encaixava em uma das trancas, e a chave do gerente do cofre, na outra. Ninguém jamais roubara um carro-forte da Atlantic Armored.

Seus serviços eram topo de linha, cortesia de banqueiros paranoicos e contas de serviço de hotel que valiam incontáveis vezes mais do que toda uma frota de carros-fortes. Segurança era um negócio importante naquela cidade. O item em questão era um bloco de doze quilos de notas de cem dólares embaladas a vácuo e no novo estilo: com brilhantes faixas de segurança de metal atravessadas no meio. O bloco era subdividido em maços de notas de cem chamados de *tiras*, devido à tira de papel cor de mostarda que envolvia cada maço para facilitar a contagem. Cada tira valia dez mil dólares. Havia cento e vinte e duas tiras no bloco de doze quilos, ou um milhão e duzentos e vinte mil dólares, comprimidos no tamanho de uma mala grande. O operador tirou o dinheiro da placa magnética. Havia uma bolsa de Kevlar azul na gaveta do lado oposto. Ele acomodou o monte de dinheiro na bolsa e pousou-a sobre um pequeno carrinho de transporte que estava pendurado à parede. Em seguida, tirou um par de óculos escuros do bolso e empurrou o carrinho até a calçada. O volume era grande e desajeitado, de modo que teve dificuldade para manobrá-lo.

Dez segundos.

Assim que o operador saiu do carro-forte, o motorista sacou do coldre uma Glock 19 e a manteve abaixada junto ao quadril, que era o procedimento-padrão para uma entrega como aquela. O sujeito parecia entediado. Era a sua primeira entrega do dia e haveria mais dez, indo e voltando de diversos cassinos em diferentes momentos de seu turno. Ele ajustou a arma na mão e manteve o dedo fora do gatilho. O operador trancou o caminhão e devolveu a chave do cassino para o gerente do cofre, que a atou ao cinto. O motorista esquadrinhou a garagem e então voltou-se, deu dois passos em direção às portas do cassino e gesticulou para que os outros dois seguissem com o dinheiro.

Tempo esgotado. Ribbons deu o sinal.

O rifle de Moreno escoiceou suavemente em seus braços. O tiro não foi silencioso, mas abafado, como uma pistola de pregos disparando de perto. A bala atingiu a cabeça do motorista logo atrás da orelha, abaixo da linha do cabelo. O projétil atravessou a cabeça e saiu pelo nariz. Sangue e massa encefálica tingiram a calçada. Moreno nem esperou o corpo cair. Àquela distância, ele sabia aonde iriam as balas. Puxou o ferrolho, e o cartucho saltou. Levou apenas uma fração de segundo para que ele mudasse de alvo, como se tivesse feito aquilo a vida inteira. O gerente do cofre estava mais perto, de modo que seria o próximo. A bala atingiu-o no esterno e atravessou-lhe o coração. O terceiro alvo já estava em movimento.

O operador de dinheiro jogou-se em direção ao carro-forte. O sujeito tropeçou na calçada, caiu no chão e sacou a Glock do coldre. Moreno acompanhou-o com a mira telescópica. Apontou e puxou o gatilho. Errou por trinta centímetros. O guarda se arrastou para buscar abrigo. Moreno fez um sinal para Ribbons. Não tinha como acertar um tiro daquele ângulo.

Ribbons saiu de seu ponto cego e levou a Kalashnikov ao ombro. Disparou sem parar, em modo automático. Os tiros romperam o silêncio da manhã como uma britadeira no meio da noite. As portas de vidro do cassino se partiram quando o cano de sua arma cuspiu uma longa rajada de trinta tiros. Ele lançava mão da quantidade para derrubar o terceiro homem. A maioria das balas errou o alvo, exceto uma. A bala atingiu o operador na coluna vertebral, abaixo do coração. Ele rodopiou no chão ao ser ferido. Dentro do cassino, as pessoas começaram a gritar.

Ribbons pulou a barreira de concreto entre a garagem e a rua e correu em direção ao carro-forte. Deixou cair o pente de balas, pegou outro e carregou a arma. Não havia tráfego em ambas as direções. Era muito cedo para isso. Empunhava o rifle com uma das mãos, para o caso de alguém sair do cassino e tentar pegar o

dinheiro primeiro. Ele se abaixou, sem tirar os olhos das portas, e usou a mão livre para desengatar a bolsa, que estava presa ao carrinho por grandes fivelas de náilon. No entanto, Ribbons não havia considerado quão difícil seria abri-las com apenas uma das mãos, coberta por uma luva de látex, um quarto de grama de metanfetamina e no calor de julho. Sua mão estava trêmula.

Moreno observou a rua através de sua mira telescópica. *Vamos lá, vamos lá, vamos lá.*

Então, o alarme disparou.

Era uma buzina muito alta, com luzes piscando dentro do saguão, para anunciar incêndios e terremotos. Ribbons vacilou, então descarregou uma rajada através das portas para desencorajar a saída de qualquer pessoa. O coice do rifle forçou seu braço para cima, e as balas atingiram algumas janelas da torre do hotel do cassino, arrancando o *R* no letreiro de neon do Regency. Os cartuchos metálicos eram ejetados e tilintavam na calçada. Ele gritou. O coice da arma quase quebrara sua mão. Quando Ribbons retomou o controle do Kalashnikov, chutou a bolsa em direção ao chão, frustrado. Dane-se. Ele apontou a arma para a última fivela de náilon e a estourou.

A poucos metros dali, caído de costas, o operador de dinheiro balbuciava. Seus olhos acompanhavam Ribbons. O sangue espumava de sua boca e se acumulava ao redor de seu rosto como uma auréola. Ribbons pegou a bolsa pela alça quebrada e pendurou-a por sobre o ombro. Quando passou pelo guarda moribundo, olhou para ele, baixou o rifle e disparou uma rajada de balas em sua cabeça.

As sirenes da polícia eram audíveis ao longe, dirigindo-se para o local do tiroteio. Pelo som, estavam a uns oito quarteirões de distância. Tempo de resposta de trinta segundos iniciando agora. Ribbons correu o mais rápido que pôde de volta à garagem. Estava

tremendo, apesar do punhado de barbitúricos que havia engolido. Seus olhos estavam tão assustadores quantos os de um guerreiro selvagem. Ainda não havia tráfego. A corrida foi fácil.

Moreno estendeu-lhe a palma da mão. *Corra mais rápido, seu gordo babaca.*

Quando estavam ao alcance da voz, Ribbons gritou:

— Policiais vindo do norte. Abra o maldito carro, vamos!

Estavam a menos de seis metros um do outro. Agora as câmeras não importavam. A segurança não poderia identificá-los com aquele tipo de máscara. Eles correram de volta ao carro de fuga. Ribbons pulou a barreira de concreto, e Moreno abriu para ele a porta do passageiro. Moreno dirigiria. O trabalho levava menos de meio minuto. Vinte e seis segundos de acordo com o Rolex de Ribbons. Era fácil assim: ir até lá, pegar o dinheiro e fugir. Moreno tinha um sorriso idiota estampado no rosto. Ele achava que tudo seria perfeito. Mas nenhum assalto está livre de falhas. Há sempre um problema.

Como o sujeito sentado no carro do outro lado da garagem, observando-os através da mira telescópica de um rifle.

Para Ribbons, o que aconteceu em seguida não passou de um borrão. Em um instante, ele estava entrando no carro e, no seguinte, ouviu o tiro e viu Moreno ser atingido. Ergueu-se uma névoa rosada. Pedacos de massa encefálica e crânio atingiram Ribbons em cheio, como estilhaços de uma granada. Ele não teve tempo para pensar. Ergueu o Kalashnikov e atirou cegamente na direção do estampido. Viu o clarão dos disparos vindos de um dos carros atrás dele, mas Ribbons ficou sem balas antes de poder alvejá-lo. Ele saiu do Dodge, jogou fora o pente de balas e carregou outro. Nem mesmo levava o rifle ao ombro quando uma bala atravessou o para-brisa. Ribbons apontou para os clarões e revidou. O tiro seguinte veio certo em sua direção. Ele deu a volta no

carro, rastejando para o assento do motorista, disparando rápidas rajadas. Uma bala acertou-o no ombro, atingindo uma placa de cerâmica. Foi um impacto poderoso que o fez rodar e cambalear, mas ele mal o sentiu. Recuperou-se e continuou a disparar. Outro tiro atingiu-o no peito, acima da barriga. O impacto pareceu-lhe uma ferroada forte, imediata. Ribbons gritou. Estava sem balas.

Ele amaldiçoou e jogou fora o rifle descarregado. Então, sacou uma Colt 1911 da cintura e disparou a arma com uma das mãos, o braço estendido, nenhum alvo à vista. A droga da máscara deslizara para cima de um de seus olhos. Ele atirou em rápidas séries de dois tiros, para garantir cobertura. Um disparo do rifle atingiu o pilar atrás dele e ergueu uma tempestade de concreto e gesso pulverizado. Com a mão livre, empurrou o corpo de Moreno para fora do assento do motorista. Havia massa encefálica esparramada por todo o painel. Outro tiro atingiu o porta-malas do Dodge. Ribbons pôde ouvir a bala chocar-se contra o chassi. O carro ainda estava ligado. Engatou a ré. Nem se preocupou em fechar a porta, que ficou aberta até ele estar no meio da curva e a porta se fechar com o impulso. Ele se inclinou sobre o assento e atirou pela janela traseira. Então, a uns trinta centímetros de sua cabeça, o espelho explodiu. *Dirija, seu idiota.*

Ribbons pisou fundo. O Dodge acelerou com tanta rapidez que raspou na fileira de carros que estava atrás, erguendo uma chuva de faíscas. Com a visão ofuscada pela máscara e pelo sangue, Ribbons engatou a marcha e desceu a ladeira em direção à entrada da garagem. Não havia nenhum atendente na cabine tão cedo pela manhã, o que era bom porque Ribbons não conseguia ver para onde estava indo. O Dodge passou pela máquina de tíquetes, quebrando-a, bateu na cabine e derrapou ao entrar na Pacific Avenue. O carro atravessou um sinal vermelho e perdeu o controle na contramão, em direção à Park Place, onde Ribbons se escondeu atrás do volante e

pisou fundo no acelerador. Os aros de seus pneus espalhavam faíscas pelo asfalto. Ele podia ouvir os policiais circulando ao longe, entrando em Código 3 com as sirenes ligadas. Distantes apenas alguns quarteirões agora, mas perto o bastante para serem um problema. Quando tirou a máscara, gotas de suor pingaram sobre o painel. Ele olhou para trás. Nada ainda em seu para-brisa traseiro. Atravessou os amplos bulevares de Atlantic City, ainda pisando fundo. Moreno, o piloto, planejara a rota de fuga com cuidado. Seu plano fora completamente para o espaço em míseros dez segundos.

Ribbons girou o volante, cantou pneus por um estacionamento e entrou em um beco.

Em menos de dez minutos, a marca e o modelo de seu carro seriam divulgados para cada viatura e policial estadual em um raio de oitenta quilômetros. Ele tinha que esconder o carro, o dinheiro e a si mesmo antes que a polícia o alcançasse. Mas, primeiro, precisava abrir *distância*. Somente ao entrar na Martin Luther King Boulevard foi que sentiu o sangue encharcando a roupa sob o colete à prova de balas. Ele tocou o ferimento no peito. A bala atravessara. Embora o colete a tivesse abrandado e deformado, ela ainda assim atravessara vinte e sete camadas de Kevlar e o ferira. Não estava doendo, exatamente. Devia agradecer à metanfetamina de Moreno e a uma seringa de heroína por isso. Mas estava sangrando muito. Precisaria lavar e proteger o ferimento se quisesse continuar vivo. O tratamento adequado teria que esperar até mais tarde. Teria que esperar.

O celular tocou novamente. Aquele toque especial. A pessoa que estava ligando tinha pouca tolerância para atrasos, menos ainda para a incompetência e nenhuma para o fracasso. A reputação do sujeito se baseava naquele tipo de medo totalizador que intimidava agentes federais e mantinha assassinos e estupradores tão obedientes quanto crianças em idade escolar. Seus planos eram

precisos, e ele esperava que fossem seguidos à risca. Fracassos não eram sequer discutidos. Ninguém que Ribbons conhecesse fracassara anteriormente. Ao menos, alguém que ainda estivesse vivo para contar a história.

Ribbons olhou para o celular, que estava sob o banco da frente e, em seguida, recusou a chamada com o polegar.

Ele tentou se concentrar na rota de fuga, mas tudo o que conseguia pensar era em sua pequena casa azul à beira-mar. Através da névoa das drogas, ele praticamente podia perceber o aroma da antiga casa vitoriana e sentir sua pintura lascada na ponta dos dedos. Sua primeira casa. Ele manteve tal imagem em mente, como um cobertor de segurança em torno da dor da bala alojada no peito. Ele conseguiria. Tinha que conseguir. Tinha que conseguir.

Seis da manhã e dois malditos minutos.

Seis da manhã e dois malditos minutos, e a polícia já estava com força total, varrendo as ruas atrás dele. Seis da manhã e dois malditos minutos, e a palavra "assalto" já era proferida pela polícia rodoviária e pelo FBI. Quatro pessoas estavam mortas. Mais de um milhão de dólares roubados. Mais de uma centena de cápsulas de bala na calçada. Aquele assalto ganharia as manchetes.

Seis da manhã e dois malditos minutos, e a polícia já havia acordado os detetives.

Demorou mais duas horas até alguém me acordar.

1

SEATTLE, WASHINGTON

O som estridente e agudo de um e-mail recebido soou como um sino tocando em minha cabeça. Acordei sobressaltado e imediatamente levei a mão à arma. Respirei, ofegante, enquanto meus olhos se ajustavam à luz que emanava dos monitores das câmeras de segurança. Olhei para o peitoril da janela onde eu havia deixado meu relógio. O céu ainda estava tão negro quanto tinta.

Peguei a arma debaixo do travesseiro e apoiei-a sobre a mesa de cabeceira. Respirei.

Quando me recompus, olhei para os monitores. Não havia ninguém no corredor ou no elevador. Ninguém nas escadas ou no saguão. A única pessoa acordada era o vigia noturno, que parecia demasiado absorto em um livro para perceber qualquer coisa. Meu prédio era um velho edifício de dez andares, e eu estava no oitavo. Era uma espécie de lugar sazonal, de modo que só havia ocupantes permanentes em cerca de metade dos apartamentos, e nenhum deles jamais se levantava cedo. Todo mundo ainda estava dormindo, ou longe dali, desfrutando o verão.

Meu computador soou outra vez.

Fui assaltante à mão armada por quase vinte anos. A paranoia faz parte do trabalho, assim como a pilha de passaportes falsos e as notas de cem dólares sob a gaveta da cômoda. Ingressei nesse negócio na adolescência. Assaltei alguns bancos porque achei que

gostaria da emoção. Eu não era o mais sortudo e provavelmente não sou o mais esperto, mas nunca fui pego, interrogado ou tive as minhas impressões digitais tiradas. Sou muito bom no que faço. Sobrevivi porque sou extremamente cuidadoso. Moro sozinho, durmo sozinho, como sozinho. Não confio em ninguém.

Há talvez trinta pessoas no mundo que sabem que eu existo, e não tenho certeza se todas acreditam que eu ainda esteja vivo. Por necessidade, sou uma pessoa muito reservada. Não tenho número de telefone e não recebo cartas. Não tenho conta bancária nem dívidas. Pago tudo em dinheiro, quando possível, e, quando não é, uso uma série de cartões corporativos pretos da Visa, cada um deles vinculado a uma empresa diferente no exterior. A única maneira de entrar em contato comigo é enviando um e-mail, embora isso não signifique que eu vá responder. Altero meu endereço eletrônico sempre que me mudo para uma cidade diferente. Quando começo a receber mensagens de pessoas que não conheço, ou se as mensagens deixam de conter informações importantes, ponho o disco rígido no micro-ondas, enfio as minhas coisas em uma bolsa de mão e começo tudo de novo.

O computador soou novamente.

Corri os dedos pelo rosto e peguei o laptop na escrivaninha ao lado da cama. Havia uma nova mensagem em minha caixa de entrada. Todos os meus e-mails são redirecionados por meio de diversos serviços de encaminhamento anônimo antes de chegarem a mim. Os dados passam por servidores na Islândia, na Noruega, na Suécia e na Tailândia, antes de serem divididos e enviados para contas em todo o mundo. Qualquer um que esteja rastreando o IP não saberá qual é o verdadeiro. Aquele e-mail chegara em meu primeiro endereço no exterior, em Reykjavik, havia cerca de dois minutos, onde fora criptografado pelo servidor com a minha chave particular de mensagem cifrada de 128 bits. Dali, foi encaminhado

para outro endereço registrado sob um nome diferente. Então, outro endereço, depois outro. Oslo, Estocolmo, Bangkok, Caracas, São Paulo. A mensagem foi encadeada dez vezes, com uma cópia em cada caixa de entrada. Cidade do Cabo, Londres, Nova York, Los Angeles, Tóquio. Agora estava indetectável, não rastreável, particular e anônima. A informação circulara o mundo quase duas vezes antes de chegar a mim. Estava em todas aquelas caixas de entrada, mas a minha chave de mensagem cifrada só podia desbloquear uma única cópia. Digitei meu código de acesso e esperei a mensagem ser decifrada. Eu podia ouvir o disco rígido rodando e a CPU começando a funcionar. Cinco da manhã.

Lá fora, o céu estava vazio, exceto por algumas luzes acesas nos arranha-céus, que pareciam constelações enevoadas. Nunca gostei de julho. No lugar de onde vim, o verão inteiro é insuportavelmente quente. Os monitores de segurança entraram em pane por alguns segundos na noite anterior, e eu tive de passar duas horas verificando-os. Abri uma janela e coloquei meu ventilador ao lado. Eu podia sentir o cheiro do estaleiro lá fora: carga velha, lixo e água salgada. Do outro lado dos trilhos, a baía se estendia como uma gigantesca mancha de óleo. Tão cedo pela manhã, apenas meia dúzia de faróis cortava a escuridão. Os barcos de pesca projetavam seus guinchos sobre as redes, e as primeiras barcas partiam do porto. A névoa se estendia de Bainbridge Island até a cidade, onde a chuva cessara e um trem de carga expressa projetava a sua sombra nos trilhos, correndo para o leste. Peguei meu relógio no parapeito da janela e atei-o ao pulso. Uso um Patek Philippe. Não parece grande coisa, mas continuará a marcar as horas corretamente muito tempo depois que todo mundo que conheci estiver morto e enterrado, os trens pararem de correr e a baía for erodida pelo mar.

Meu programa de criptografia emitiu um ruído. Concluído.

Cliquei na mensagem.

O endereço do remetente fora apagado devido aos muitos redirecionamentos, mas eu soube imediatamente quem era. Das trinta pessoas que possivelmente sabiam como entrar em contato comigo, apenas duas sabiam o nome que constava como destinatário naquela mensagem, e apenas uma estava viva com certeza.

Jack Delton.

Meu nome verdadeiro não é Jack. Também não é John, George, Robert, Michael ou Steven. Não é qualquer um dos nomes que aparecem em minhas carteiras de motorista e não consta de meus passaportes ou cartões de crédito. Meu nome real não está em lugar algum, exceto, talvez, em um diploma universitário e alguns boletins escolares em minha caixa de depósito de segurança. Jack Delton era apenas um apelido e estava aposentado havia muito tempo. Eu o usara para um trabalho cinco anos antes e depois nunca mais. As palavras piscavam na tela ao lado de uma pequena etiqueta amarela, para mostrar que a mensagem era urgente.

Cliquei ali.

O e-mail era curto. Dizia: *Por favor, telefone imediatamente.*

Em seguida, lia-se um número de telefone com um código de área local.

Olhei para aquilo por um instante. Normalmente, quando recebo uma mensagem como aquela, nem mesmo considero discar o número. O código de área era o mesmo que o meu. Pensei nisso um segundo e cheguei a duas conclusões. Ou o remetente tinha uma sorte extraordinária ou sabia onde eu estava. Considerando o remetente, provavelmente era a segunda hipótese. Claro, havia algumas maneiras de conseguir aquilo, mas nenhuma teria sido fácil ou barata. Apenas a possibilidade de eu ter sido encontrado deveria ter sido suficiente para que eu fugisse. Tenho a política de nunca ligar para números que não conheço. Telefones são perigosos. É

difícil rastrear um e-mail criptografado por meio de uma série de servidores anônimos. Mas rastrear alguém por seu telefone celular é fácil. Até mesmo a polícia comum pode rastrear um telefone, e a polícia comum não lida com sujeitos como eu. Sujeitos como eu recebem tratamento completo. FBI, Interpol, Serviço Secreto. Eles têm salas repletas de funcionários para esse tipo de coisa.

Olhei longa e fixamente para o nome piscando na tela. *Jack*.

Se o e-mail fosse de qualquer outra pessoa, eu já o teria excluído. Se o e-mail fosse de qualquer outra pessoa, eu estaria fechando a conta e apagando todas as minhas mensagens. Se o e-mail fosse de qualquer outra pessoa, eu estaria fritando os computadores, arrumando minha bolsa de mão e comprando uma passagem no próximo voo para a Rússia. Eu estaria longe em vinte minutos.

Mas não era de qualquer outra pessoa.

Apenas duas pessoas no mundo conheciam aquele nome.

Levantei-me e fui até a cômoda junto à janela. Afastei uma pilha de dinheiro e um bloco amarelo tamanho ofício repleto de notas. Quando não estou trabalhando, traduzo os clássicos. Puxei uma camisa branca da gaveta, um paletó cinza de duas peças de dentro do armário e um coldre de couro da cômoda. Peguei um pequeno revólver cromado da caixa no topo: um Detective Special com o guarda-mato e o pino do cão raspados. Carreguei-o com um punhado de balas .38 de ponta oca. Quando estava vestido e pronto, retirei um velho telefone internacional pré-pago, liguei-o e digitei os números.

O telefone nem sequer tocou. A conexão foi imediata.

— Sou eu.

— Você é um homem difícil de encontrar, Jack.

— O que você quer?

— Eu quero que venha ao meu clube — disse Marcus. — Antes que pergunte, saiba que ainda está me devendo.

2

Mesmo do outro lado da rua, o Five Star Diner fedia a cigarros e loção pós-barba. Estava encaixado como uma lata de lixo entre um beco de restaurantes e uma sex shop na metade de Belltown, onde era permitido o comércio de bebidas, a um quarteirão da Space Needle, ao lado da South Lake. Algumas motocicletas se encontravam estacionadas sob o poste de luz. O interior era iluminado pelo brilho fraco do neon e um jukebox repleto de CDs brilhantes. A porta da frente era mantida aberta. Mesmo àquela hora, o calor não dava trégua.

O motorista de táxi parou em frente. Há pouquíssimas vizinhanças ruins em Seattle, o que a torna praticamente impecável quando comparada aos lugares onde eu costumava trabalhar, como Las Vegas ou São Paulo. Aquele bairro era uma exceção. O beco parecia um abrigo de sem-teto, repleto de cobertores e garrafas e fedendo a cerveja choca e óleo de motor. Paguei a corrida através da abertura que havia no plástico que o protegia, e o motorista não esperou. Foi embora assim que firmei os pés no chão e minhas duas mãos estavam fora da porta.

Desci o beco e entrei pela cozinha. O Five Star era um lugar público, percebi. É mais difícil fazer algo realmente horrível com alguém em um lugar onde qualquer pessoa com olhos ou ouvidos pode vir a ser uma testemunha. Marcus estava tentando me dizer que não pretendia me matar. Se quisesse, não teria se preocupado em me enviar uma mensagem. Ele teria me encontrado, colocado um travesseiro sobre minha cabeça e, em seguida, uma bala através

do travesseiro, como se fazia antigamente. Encontrar-me ali seria como estar na calçada em frente a uma delegacia de polícia. Havia uma espécie de lógica deturpada na coisa. Aquilo me dava um motivo para que eu me sentisse confortável.

Marcus nunca matara alguém em seu próprio restaurante.

Ainda assim, ele tinha motivos de sobra para me matar. Um trabalho que fizéramos juntos dera errado, e sua reputação fora prejudicada por conta disso. Da noite para o dia, ele passou de gênio do crime internacional a traficante vagabundo. Ele costumava escolher os melhores operadores do mundo. Agora, era obrigado a contratar a escória na rua para protegê-lo. Após aquele trabalho, achei que ele nunca mais desejaria me ver. Achei que preferiria atirar em mim a me enviar um e-mail. Mas, de algum modo, eu sabia que esse dia estava chegando. Eu devia a ele.

O guarda na porta dos fundos esperava por mim. Era um sujeito grandalhão, vestindo uma bermuda jeans, que deu uma boa olhada no meu novo rosto antes de me deixar entrar. Ele assentiu com a cabeça, como se tivesse me reconhecido, mas eu tinha certeza de que não reconhecera. Mudei tantas vezes que até eu mesmo me esqueço de como eu era. A encarnação mais recente tinha cabelos castanhos cor de caramelo e olhos cor de avelã, com uma pele branca de muitos dias sem sair na rua. Nem tudo era cirurgia plástica. Lentes de contato, perda de peso e tintura de cabelo podem mudar um sujeito melhor do que cinquenta mil dólares de trabalho de bisturi, mas isso não é nem a metade. Se você aprender a mudar a voz e o modo como anda, você pode se tornar quem quiser em dez meros segundos. Aprendi que a única coisa que você não pode mudar é o seu cheiro. Você pode mascará-lo, pode disfarçá-lo com uísque, perfume e cremes caros, mas o seu cheiro é o seu cheiro. Minha mentora me ensinou isso. Sempre vou cheirar a pimenta-do-reino e coentro.

Passei pelo chefe de cozinha, que estava fazendo uma pausa fumando um cigarro sem filtro, sentado sobre uma lata de sopa concentrada virada de cabeça para baixo. Passei por trás da chapa da cozinha, onde trabalhava o cozinheiro mexicano. Ele me deu uma olhada, então rapidamente desviou o olhar. A cozinha cheirava a bacon, chouriço, ovos fritos e manteiga com sal. Atravessei as portas dos funcionários e entrei pelos fundos do restaurante. Marcus me esperava no oitavo compartimento, sob um cartaz de neon da Bud Light. Estava sentado diante de um prato intocado de presunto com ovos, com uma xícara de café junto ao cotovelo.

Ele não falou até que eu me aproximasse.

— Jack — disse ele.

— Achei que nunca mais voltaria a vê-lo.

Marcus Hayes era alto e magro, como o presidente de uma empresa de informática. Era tão fino quanto um talo e parecia desconfortável dentro da própria pele. Os criminosos mais bem-sucedidos não parecem criminosos. Ele usava uma camisa oxford azul-marinho e lentes trifocais fundo de garrafa. Seus olhos ficaram prejudicados depois de cumprir seis anos em um campo de trabalho no Snake River, no Oregon. Suas íris eram de um azul sem graça e desbotado em torno das pupilas. Tinha apenas dez anos a mais do que eu, embora parecesse ser muito mais velho. As palmas de suas mãos engrossaram. Sua aparência não me enganava.

Ele era o homem mais brutal que eu já conhecera.

Entre no reservado diante dele e olhei debaixo da mesa. Nenhum perigo. Eu nunca fora baleado por alguém embaixo de uma mesa, mas seria bem fácil, especialmente para um homem como Marcus. Uma P220 ou alguma outra pistola pequena com um silenciador poderia dar conta do serviço. Bala subsônica. Uma para o intestino, outra para o coração. Ele mandaria um dos cozinheiros cortar as minhas mãos e a minha cabeça, embrulharia tudo em sacos de lixo e

despejaria o resto do meu corpo na baía. Seria como se eu nunca tivesse existido.

Marcus esticou os dedos, levemente incomodado.

— Não me insulte — disse ele. — Eu não o trouxe até aqui para matá-lo, Jack.

— Só pensei que eu estivesse na sua lista negra. Achei que nunca mais ia querer trabalhar comigo.

— Então, evidentemente, você estava enganado.

— Isso eu já percebi.

Marcus não disse nada. Não precisava. Olhei-o bem nos olhos. Ele estendeu a mão aberta sobre a mesa e balançou a cabeça como se estivesse desapontado.

— As balas — disse ele.

Eu disse:

— Eu não sabia quais eram as suas intenções.

Marcus disse:

— As balas, por favor.

Respondi lentamente. Tirei o revólver do coldre de ombro com dois dedos, para que ele soubesse que eu não pretendia usá-lo. Soltei o tambor e retirei todas as balas. Então, pousei um punhado de pontas ocas sobre a mesa, ao lado de seu prato. Ressoaram na madeira como se fossem talheres de prata. As balas rolaram pela mesa antes de pararem a meio caminho entre ele e eu.

Guardei a arma no coldre.

— Do que se trata? — perguntei.

— Você conheceu Hector Moreno?

Balancei a cabeça afirmativamente devagar, sem me comprometer.

— Ele está morto — disse Marcus.

Não reagi. Aquilo não era uma novidade, de fato. Eu sabia que Moreno morreria cedo desde a primeira vez que eu o vi há alguns anos. Eu estava em um bar em Dubai, tomando um suco de laranja

antes de voltar para casa. Era um lugar elegante, cheio de homens de terno. Moreno chegou por trás de mim, vestindo um terno Armani novo com riscas de giz. Fumava cigarros sem aditivos, duas tragadas de cada vez. Quando falou, misturou palavras de um idioma que eu não conseguia entender. Árabe, talvez persa. Ao fim da nossa conversa, ele acendeu um cachimbo de crack no estacionamento. Eu podia sentir o cheiro de cocaína vaporizada em suas roupas e pude ver seu coração batendo através das costelas. Se aquele cara era um soldado, eu era o Papai Noel.

— E o que isso tem a ver comigo? — perguntei para Marcus.

— Quão bem você o conhece?

— Bem o bastante.

— Como assim?

— Tão bem quanto conheço você, Marcus, e sei que você me trouxe aqui para ouvir, não para falar sobre algum drogado que conheci em um trabalho.

— Ainda assim, Jack — disse Marcus. — Moreno foi baleado esta manhã e merece o nosso respeito. Ele foi um dos nossos até o fim.

— No dia em que eu respeitar um assassino como Moreno, darei um tiro em mim mesmo.

Ficamos em silêncio por um segundo enquanto eu estudava o rosto de Marcus. Seus olhos pareciam tensos. Havia anéis marrons em sua xícara. Não subia vapor do café. Nenhum copinho de leite cremoso, nenhum pacote de açúcar vazio. Apenas anéis marrons endurecidos e uma lama negra da metade da xícara para baixo. O café fora servido havia pelo menos três horas. Ninguém pede café às três da manhã.

— Do que se trata? — perguntei.

Marcus enfiou a mão no bolso e tirou um maço de notas de vinte dólares do tamanho de um livro de bolso, atado com elásticos. Ele colocou o maço sobre a mesa.

— Esta manhã — disse ele —, meu assalto com Moreno deu errado. Corpos por toda parte, dinheiro do roubo desaparecido, federais na nossa cola.

— O que quer de mim?

— Eu quero que você faça o que faz melhor — disse ele. — Quero que faça tudo isso sumir.

3

Cinco mil dólares não parecem cinco mil dólares. Nunca parecem, mesmo depois de você contar duas vezes, como tenho certeza de que Marcus tenha feito. Cinco mil sempre parecem mais com uma pilha de papel verde com seis centímetros e meio de largura, quinze centímetros de comprimento e vinte centímetros de altura. Podem ser dois mil, ou podem ser vinte. Em determinado momento, a mente não consegue contar com tanta rapidez. Apenas parece muito dinheiro.

Marcus empurrou a pilha na minha direção, em meio às balas.

Olhei para aquilo.

— Com todo respeito, Marcus, não saio da cama por menos de duzentos mil dólares.

— Não é uma oferta, Jack. Este dinheiro é para despesas. Você fará isso para mim porque ainda me deve. Há cinco anos que você me deve.

Eu não podia argumentar. Nem mesmo estava certo se queria.

Marcus me contou tudo. Começou trinta minutos antes do assalto e me descreveu a ação como se estivesse narrando uma luta de boxe, golpe a golpe. Havia algo de rudimentar no modo como ele falava, como se tivesse aprendido a falar lendo telegramas ou conversando com uma dessas máquinas telefônicas automáticas. Para ele, tudo era uma série de fatos, descritos em frases curtas, sem tempo para respirar no meio. Ele disse:

— Suponho que você nada tenha ouvido sobre isso, considerando quão cedo ainda é aqui, mas já está nos noticiários da Costa Leste.

Quatro pessoas morreram, incluindo Moreno. O alvo era um grande tijolo de dinheiro, transportado de um banco para um cassino. Fácil como você pode imaginar. Um trabalho de trinta segundos. Achei que nem mesmo idiotas como ele e seu parceiro poderiam arruiná-lo. Teriam de evitar algumas câmeras, assustar alguns seguranças de carro-forte, pegar o dinheiro e ir embora. Após despistarem a polícia, deveriam ir para o norte até um depósito, me ligar e esperar. Era para ser o negócio mais fácil do mundo.

— Mas Moreno foi baleado — falei.

— E eu nunca recebi a ligação.

— Por que estava usando Moreno? E não posso crer que seu parceiro fosse muito melhor do que ele.

— Eram descartáveis.

Ruminei sobre aquilo.

— Quanto dinheiro envolvido?

— Um milhão e alguns trocados em notas de cem dólares. Quanto exatamente depende da contabilidade do cassino. Primeiro fim de semana de julho, primeira entrega do dia, provavelmente deveria haver um milhão e duzentos, um milhão e trezentos. O bastante para cobrir o fluxo de caixa da noite anterior.

— Como sabe que Moreno foi ferido?

Marcus apontou com a cabeça para a televisão ligada a um canto.

— Um dos assaltantes foi baleado. O cara era branco. O parceiro de Moreno era negro. Você já viu alguma vez a foto de câmera de segurança de um de seus rapazes na televisão?

— Sim.

— Eu vi duas.

— Quando aconteceu?

Marcus olhou para o relógio. Assim como eu, usava um Patek Philippe.

Ele disse:

— Há quase quatro horas.

Levei a mão ao dinheiro.

— Quer um conselho? Espere. Quatro horas não dá tempo para nada. Quatro horas após meu último assalto eu mal havia recuperado o fôlego, que dirá conseguir ligar para alguém. Eu estava no maior sufoco, fugindo da polícia de Vegas. Não sabia quem estava morto, quem fora preso, não sabia quem estava com a grana. Eu não sabia de nada. A única coisa que tinha em mente era ir para o esconderijo e ficar quieto até o inferno e o promotor público esfriarem. E se você acha que esses repórteres de televisão sabem o que aconteceu, eu digo que eles não sabem. Moreno pode ter saído de uma cirurgia e ter sido transportado para a prisão do condado por volta das onze. Ninguém terá certeza de nada até o meio-dia, no mínimo, e você nada poderá fazer até a poeira baixar, provavelmente amanhã. Eu sei que você está preocupado que esse negro...

— Ribbons. Jerome Ribbons.

— Sei que está preocupado que Ribbons suma, mas terá de esperar para saber. Se você pegar pesado, ele pode achar que você está atrás dele por ter arruinado o assalto e, então, ele jamais aparecerá.

— Essa não é uma das coisas pela qual se possa esperar — disse Marcus. — O que Ribbons e Moreno roubaram é extremamente perigoso. Tenho um prazo de quarenta e oito horas.

— O dinheiro é perigoso?

— Sim, o dinheiro. O dinheiro em espécie. As malditas e genuínas notas não marcadas, embrulhadas a vácuo, sequenciais do Fed. Enviadas especialmente de D.C. para o departamento do Fed na Filadélfia para distribuição nos cassinos em South Jersey. As *notas*, Jack.

— Qual o problema com elas?

Marcus moveu a cabeça em direção à pilha de notas de vinte dólares em minhas mãos.

— Ainda estão com a carga federal — disse ele.

4

Carga federal.

Duas palavras que ninguém deseja ouvir.

Muito menos eu, e nunca lidei com uma carga federal. É como a perversa moral ao fim da absurda história que é a segurança bancária. Tem a ver com o modo como o Fed transporta dinheiro. Quando termina uma impressão, a Casa da Moeda em Washington passa as notas recém-impressas por uma máquina que as separa em pilhas de mil dólares, cada uma subdividida em tiras de cem. Ao fim do processo, embalam o dinheiro a vácuo em celofane para facilitar o transporte. Imprimem meio bilhão de dólares todos os dias. Gastam milhões apenas em embalagens plásticas, porque às vezes uma impressão pode pesar até quinhentas toneladas métricas. A embalagem a vácuo pode diminuir o volume em um quarto, o que significa um transporte mais eficiente. Uma vez embalado, o dinheiro é embarcado em carros-fortes. Os carros-fortes o levam ao Tesouro, onde é examinado por um computador, e os números de série são contabilizados. Então, os carros-fortes levam o dinheiro a um dos onze principais bancos do Fed. Esses bancos examinam o dinheiro uma segunda vez, então o embarcam em outros carros-fortes e o distribuem para bancos menores em todo o mundo. Esses bancos examinam o dinheiro uma terceira vez, então rasgam o celofane e espalham as notas para o grande público. Mas isso não é inflação. O Fed troca notas velhas por novas, de modo que a quantidade de dinheiro em circulação é quase a mesma, alguns pontos percentuais a mais ou a menos por ano. As notas mais velhas são recolhidas por

bancos menores, enviadas a bancos maiores, levadas de volta ao Tesouro, picadas e queimadas. Um grande ciclo.

Para sujeitos como eu, uma carga de sessenta toneladas de notas novas de cem dólares parece boa demais para ser verdade. Isso porque, pelo que eu saiba, de fato é bom demais para ser verdade. Ninguém nunca tentou roubar um carro-forte federal, muito menos abordá-lo, porque ninguém é tão burro assim. Não é possível fazer isso. O motivo é porque o governo não dá a mínima para o que acontece com o dinheiro enquanto o transporta. Eles o protegem com pessoal armado, carros-fortes chamarizes e tudo o mais, mas, no momento em que acham que os bandidos podem tentar roubá-lo, eles queimam toda a carga. Resumindo: o Fed cobra cerca de dez centavos do governo por cada nota que imprime, o que basicamente cobre o custo de tinta e papel. Se o dinheiro é queimado, não tem muita importância. Tudo o que o banco perde é papel. Eles apenas encomendam outra impressão, e alguns bancos menores têm de se virar com notas velhas por algum tempo. Contudo, se o dinheiro é roubado e os assaltantes fogem com ele, cada dólar perdido naquele carregamento é inflação. É claro que uma carga de alguns bilhões de dólares não é tanto assim se comparada ao PIB, mas até mesmo a menor taxa de inflação fere a credibilidade de todo o sistema monetário dos Estados Unidos. A notícia do assalto sairia de Boston e chegaria a Bangladesh em dez horas. Uma vez que corresse a notícia de que há um furo no sistema, cada equipe de assaltantes do país tentaria roubar o Fed. Uma falha, e o Tio Sam se veria às voltas com algo completamente diferente.

É aí que entra a carga federal.

Uma carga federal é essencialmente uma bomba de tinta instalada em todo dinheiro que sai de Washington. Entre cada centena de notas há um artefato explosivo muito fino, quase não detectável. Esse dispositivo tem três partes. Um pacote de tinta indelével, uma

bateria que funciona como carga explosiva e um GPS que atua como gatilho. Enquanto os federais estão transportando o dinheiro pelo país de e para os principais bancos do sistema, eles mantêm essas grandes pilhas de dinheiro embrulhadas em celofane sobre uma placa eletromagnética. A placa é um carregador de bateria sem fio, como aqueles que existem hoje em dia para telefones celulares. Assim que o dinheiro é retirado da placa, as baterias no dispositivo explosivo escondido em meio às notas começam a diminuir sua carga. Se as baterias se esgotam, o dinheiro explode. Se o celofane é aberto prematuramente, o dinheiro explode. Se o localizador GPS sintoniza com o satélite errado, o dinheiro explode.

As lojas de departamento põem etiquetas em suas roupas mais caras, certo? Se algum garoto idiota tentar sair com um Vera Wang pela porta da frente da Nordstrom, um sinal será enviado para o marcador de identificação de radiofrequência no vestido. Você sabe, aquelas coisas circulares de plástico. O alarme soa à porta porque as barras RFID podem detectar o movimento de um vestido que ainda não foi pago. Se não conseguem pegar o garoto, então um pacote de tinta indelével fixado à barra do vestido explode a alguns metros da porta da loja. Quando isso acontece, o vestido é arruinado, e o garoto, preso. As lojas de departamento fazem isso porque, se uma peça de roupa é destruída dessa forma, elas podem reivindicar do ladrão a perda do preço final de venda, mais taxas legais e danos punitivos. Além disso, a probabilidade de as roupas explodirem é muito desanimadora. Ocorre o mesmo com a carga federal. Se o dinheiro é roubado, o tempo começa a correr. A menos que um gerente de cofre qualificado o submeta a um código de recepção muito particular dentro de um certo tempo, geralmente dentro de alguns dias, o dinheiro já era. A carga federal é o beijo da morte.

Bancos comuns usam o mesmo tipo de tecnologia, só que sem o GPS. Se você entrar em um banco e exigir todo o dinheiro, como já

fiz algumas dezenas de vezes, talvez também haja pacotes de tinta ocultos naquele produto do roubo. Geralmente são programados para explodir após dois minutos, de modo que, assim que você sai do banco, o dinheiro explode, e a polícia começa a procurar por um sujeito coberto de tinta indelével. É possível se esquivar desse tipo de pacote de tinta distribuindo-se o dinheiro em diferentes sacos de plástico grosso, de modo que, se um pacote de tinta explodir, não destruirá todo o dinheiro. Mas os pacotes federais são diferentes. Eles são embalados juntos. Imagine se o carro-forte quebrar, ou a placa eletromagnética parar de funcionar. Pense em todo o tempo que aquele dinheiro federal passa no depósito, repousando sobre uma empilhadeira enquanto alguém termina de preencher a papelada. Pense em quanto tempo demora para que dois sujeitos fortes transportem cem milhões de dólares de um carro-forte para outro. O sistema é lento. O temporizador federal é ajustado para quarenta e oito horas, em parte devido a ineficiências no sistema, em parte porque quarenta e oito horas é o prazo máximo que os agentes da lei têm para pegar os criminosos e recuperar o dinheiro usando o GPS.

Engoli em seco.

— O que diabo fazia dinheiro federal em um cassino? — perguntei.

— Entrava em circulação — disse Marcus. — Em uma semana, um cassino médio movimenta mais dinheiro do que seis bancos. Quase ninguém mais usa dinheiro. Os clientes compram as fichas com cartões de crédito e esperam receber o que vão ganhar nos jogos em espécie. Todos os cofres de banco em Atlantic City combinados não poderiam cobrir um hotel cassino como o Regency em um final de semana movimentado como esse, de modo que o cassino é classificado como um banco. Pode receber dinheiro diretamente do Fed porque nenhum banco particular é capaz de cobrir as suas necessidades de dinheiro vivo. Há cem caixas automáticos e trinta

guichês de caixa no Regency. Isso equivale a dez bancos. É assim há dois anos.

— Como você se viraria com o dispositivo de rastreamento? Usaria um bloqueador de GPS?

— Bolsa revestida de chumbo. O truque mais fácil do livro.

— Como diabo se viraria com a carga federal?

— Isso não é da sua conta.

— O cacete que não é.

— O dinheiro era para comprar drogas — disse Marcus.

— Isso não explica nada.

— O dinheiro tinha um prazo de quarenta e oito horas, que começou às seis horas, no horário da Costa Leste. Eu deveria me livrar dele antes das seis da manhã de segunda-feira, no horário da Costa Leste. Já são quase dez da manhã por lá. Isso significa que tenho menos de quarenta e oito horas para lidar com o problema ou sou um homem morto.

— E como você faria isso?

Marcus olhou para mim como se eu fosse o estúpido da mesa.

Gente como ele faz negócios todos os dias. Nada dá errado. É claro que Marcus negociaria com a sua parte. Não é apenas um bom dinheiro, é inteligente. É o meio mais rápido, fácil e rentável de passar bens roubados. É claro que Marcus faria isso.

Eu disse:

— Responda a minha pergunta.

— Você não está me entendendo, Jack — falou Marcus, lentamente. — Nós usaríamos o dinheiro para *comprar drogas*.

Silêncio.

Minhas mãos escorregaram para fora da mesa.

— Você não pretendia desarmar o dinheiro. Você o passaria para algum pobre coitado que não saberia o que estava recebendo — falei.

Uma compra de drogas é tão simples quanto parece. Uma pessoa traz a droga. Outra traz o dinheiro. Elas trocam. Raramente é mais complicado do que isso. Fiz a minha primeira compra de drogas quando tinha catorze anos. Coloquei cinco centavos no banco do parque, o traficante jogou uma trouxinha de cinco centavos no meu colo e foi embora. Se eu consegui fazer aquilo naquela época, qualquer um poderia fazê-lo agora. Brincadeira de criança.

A compra de Marcus não seria diferente. Só seria maior. Com um milhão em dinheiro, Marcus e seus dois idiotas poderiam comprar um carro repleto de drogas a preço de cartel. Um milhão de ácido puro poderia caber em uma pequena garrafa de água. Um milhão em heroína poderia encher o porta-malas de um sedã. Se fosse cocaína, ocuparia também o banco traseiro. Maconha exigiria um caminhão. O vendedor não questionaria o dinheiro embalado a vácuo. Ele o pegaria e iria embora.

Bum.

Trinta horas depois, haveria um traficante a menos na cidade. Assim que o cassino explodisse o dinheiro, o fornecedor de Marcus se veria às voltas com dez mil ou mais notas de cem dólares inúteis e um sinal direto para o governo federal. Gente no nível de Marcus pode perder um milhão ou mais se as coisas derem errado, mas poucos traficantes podem sobreviver a um enxame de agentes do Serviço Secreto chegando de helicóptero para prendê-los. Marcus não roubara um cassino porque queria o dinheiro. Ele o roubara porque queria uma arma. Marcus não estava roubando um cassino. Não.

Ele estava roubando um cartel.

— Você está de brincadeira comigo — exclamei.

Marcus moveu-se um centímetro para a frente.

— Para você, é apenas um trabalho de limpeza. Não importa no que estou envolvido. Não o estou pagando pelo assalto. Não o estou

pagando para se envolver com os cassinos. Estou lhe pagando para me certificar de que Ribbons vai ligar, de que ele não será preso e de que entregará o dinheiro no devido lugar antes que se esgotem as quarenta e oito horas. Você é a minha apólice de seguro, Jack.

— Você está completamente louco.

— Você sabe quanta gente fuma cristais de metanfetamina no Noroeste do Pacífico? — perguntou Marcus. — Todo mundo. A demanda é imensa. Uma pedra pura custa de sessenta a noventa dólares o grama. Metade do que custa a cocaína, mas com um volume cinquenta vezes menor. E isso supondo que a metanfetamina é de qualidade mediana. É o dobro do preço na fronteira. É cinquenta vezes o preço de produção. Pense nos lucros. Somente nesse negócio, com um grande competidor preso ou coisa pior por conta do dinheiro ruim, podemos ter um lucro de oito dígitos. Abrir uma meia dúzia de laboratórios. Estar em cada esquina daqui a São Francisco. Poderia transformar os cem mil dólares que paguei a Moreno em uma indústria de setenta e cinco milhões de dólares em seis meses. Então quando eu disse que seria um grande negócio, *realmente* seria um grande negócio. Tudo se resume ao que está diante de você. Montes e montes disso.

Olhei por um longo tempo para o dinheiro e disse:

— Para mim dá no mesmo. Se você está comprando metanfetamina pura ou tentando fabricá-la. Não trabalho com drogas. Você conhece as minhas regras. Só trabalho por dinheiro ou arte, nada mais. Sem exceções.

— O que o faz pensar que tem escolha?

— Porque você vai me deixar ir embora daqui vivo — disse. — E eu continuarei a lhe dever.

Marcus mordeu o lábio e me lançou um olhar devastador.

— Tenho um jato esperando para levá-lo a Atlantic City. Quando chegar lá, conheço algumas pessoas que o ajudarão a obter o que

precisa. Se não vai negociar para mim, quero que encontre o dinheiro e me ligue. Verei o que vou fazer daí para frente. Só preciso dessa bagunça arrumada antes que passem as quarenta e oito horas e eles me peguem. Não vou para a cadeia porque Moreno foi morto, e não me importo com o que aconteça com você depois disso. Vá em frente, desapareça. Você ajeita isso e estamos quites, entendeu?

Marcus olhou para mim e, em seguida, lançou outro olhar para o dinheiro à minha frente. Ele deu um peteleco, e uma das balas rolou em minha direção e caiu da mesa.

Franzi os lábios.

— Não gosto de seu novo rosto — disse Marcus. — Muito inocente.

Voltei a pôr a bala sobre a mesa.

— Por que você será um homem morto se o dinheiro explodir?

Marcus não disse nada por um momento. Não precisava. Dava para ouvir sons vindos da cozinha. Atrás do balcão, estavam passando café. As palavras de Marcus soaram secas como pedra, como se tivessem sugado toda a umidade do ar.

Ele disse:

— Fiz o negócio com o Lobo.

5

PACIFIC CITY, OREGON

Vou deixar algo bem claro. Desprezo Marcus com todo o meu ser. Mas ele estava certo. Eu devia a ele.

Aconteceu quase cinco anos atrás, em algo que chamamos de Negócio Asiático. Marcus convidara sete de nós para ir até um hotel resort no Oregon, a fim de nos preparar para um assalto. Era um trabalho grande que envolvia muito dinheiro e, por isso, ele queria uma equipe selecionada. Estou nessa desde os catorze anos, mais ou menos, mas nunca tinha sido escolhido dessa forma. Foi a primeira vez, na verdade foi a única vez, que quebrei meu rigoroso sistema de anonimato. Marcus enviou uma mensagem por meio de uma de minhas contas de e-mail, que incluía uma latitude e uma longitude no meio da floresta, e fui até lá sem saber nada sobre o trabalho. Não fazia ideia do que me esperava. O único motivo para eu ter concordado com aquilo foi a mensagem também dizer que minha mentora estaria lá. Angela. Quando minha limusine estacionou em frente ao hotel, ela me esperava fumando um cigarro, encostada a uma coluna de tijolos coberta de hera. Fazia seis meses que eu não a via. Sorri para ela através do vidro.

O resort era pequeno, cercado de florestas, mas parecia muito caro, e Marcus reservara todos os quartos daquele velho edifício de tijolos que outrora parecia ter sido uma escola. Os quartos tinham chaves de verdade, não esses cartões magnéticos, e os banheiros

ficavam no fundo dos corredores. Era como voltar no tempo. Quando saí da limusine, não soube dizer se Angela estava feliz ou furiosa por me ver. Ela me pegou pelo braço e sorriu com astúcia, como sempre fazia, enquanto me guiava pelo saguão. Não havia como decifrá-la. Ela era o tipo de mulher que podia escapar de qualquer coisa, até mesmo de suas próprias emoções. Era uma atriz e uma dissimuladora e tinha ao menos dez anos a mais do que eu. Ela gostava de me chamar de *garoto*.

Fomos direto para a suíte dela sem dizer uma palavra. Quando a porta se fechou, ela correu os dedos por meu novo cabelo e disse que, mesmo com todas as mudanças, ainda se lembrava de meu rosto. Fizemos amor uma vez, quando eu ainda era carne fresca no circuito de bancos e ela estava louca por dinheiro por conta de um trabalho com títulos de cupom zero no valor de quinhentos mil dólares. Fora erro dela, confessara. Nós nos sentamos em lados opostos do quarto e conversamos durante algum tempo. Era difícil me acostumar com sua nova voz, mas ela tinha o mesmo cheiro. Cigarros e maracujá.

Veio a noite, e Marcus mandou o porteiro avisar que todos deveriam se reunir ao redor da fogueira lá fora. Ele se apresentou apenas com o primeiro nome. *Marcus*. Fiquei junto a Angela e ouvi seu discurso misterioso. Angela fumava um cigarro atrás do outro e sussurrava ao meu ouvido a respeito de todos os diferentes especialistas em assalto a banco que estavam a nossa volta, apontando para cada um deles com a brasa de seu cigarro enquanto percorria o círculo.

Um rapaz bem-vestido, bonito e louro chamado Alton Hill seria o motorista, o que significava que ele dirigiria o carro de fuga. Se um veículo tivesse rodas e um motor, ele poderia dirigi-lo. Parecia vir de algum lugar na Califórnia. Havia uma espécie de animação em sua voz que não se encaixava com sua aparência impecável e

profissional. O couro de suas luvas estava gasto, e ele apenas meio que ouvia o que Marcus estava falando.

O cara ao lado dele, Joe Landis, era o homem do cofre. Homens do cofre não abrem cofres, eles literalmente os arrombam. Os cofres raramente sobrevivem. Joe era um sujeito baixinho, com olhos grandes e uma boca pequena. Era de algum lugar no Texas, mas eu não teria sido capaz de perceber isso se Angela não tivesse me dito. Um homem do cofre é metade programador de computador, metade perito em demolição. Ainda há uns poucos sujeitos que conseguem abrir um cofre usando nada além de suas orelhas e as pontas de seus dedos, mas são uma espécie em extinção. Atualmente, o arrombamento de cofres é feito com um computador, um cabo de fibra óptica, uma broca de alta potência e um tipo de nitroglicerina caseira chamada "sopa". Homens do cofre amadores têm uma tendência a ficarem surdos antes de acertarem a mão. Joe estava quieto em seu canto e evitava o contato visual.

Perto dele havia uma golpista da China continental chamada Hsiu Mei. Ela possuía mais diplomas de mestrados do que espaço em sua parede para pendurá-los, disse-me Angela, e certamente tinha a aparência desleixada de uma acadêmica. No entanto, era linda. Sua pele era da cor da casca de um ovo marrom, e seu cabelo preto era tão macio que parecia que um vento forte poderia levá-lo. Ela falava meia dúzia de idiomas e rabiscava em um bloco de notas. Era nossa controladora e linguista.

Havia também uma dupla de capangas chamados Vincent e Mancini. Eram irmãos, disse Angela. Não pareciam durões, mas capangas raramente parecem. Eles ferem pessoas para ganhar a vida. Aqueles eram dois italianos baixinhos que cultivavam aquele gorduroso olhar mediterrâneo, usavam as mais hediondas gravatas verdes combinando entre si que eu já vira na vida e irradiavam a linguagem corporal de sujeitos durões. Estavam de pé, um ao lado

do outro, diante do fogo, pernas bem abertas e braços cruzados sobre o peito. Vincent falava, Mancini ouvia.

E havia nós dois.

Não há um nome adequado para o que fazemos, mas costumávamos nos chamar de fantasmas. Angela e eu éramos especialistas em desaparecimentos. Ao longo dos anos, ajudei na fuga de uma centena de ladrões de banco. Nem tudo são disfarces, passaportes, carteiras de motorista falsas e certidões de nascimento roubadas. A maior parte diz respeito à confiança. Um fantasma precisa inspirar confiança no modo como age, fala e se comporta. Você pode estar na lista dos dez mais procurados do FBI, com sua foto em todos os correios de Bangor a South Beach, mas, se souber agir como outra pessoa e tiver meios de prová-lo, poderá viver em Park Avenue e ninguém jamais o notará. As pessoas veem o que você quer que elas vejam.

Angela e eu éramos impostores profissionais.

Ela começou como atriz em Los Angeles. Era muito boa naquilo, como seria de se esperar, mas isso não se traduziu em sucesso nas telas de cinema. Sua atuação era patológica. Ela era puro método. Angela não atuava, ela mudava quem era. Diretores de elenco a odiavam por isso. Um homem podia passar toda a vida dentro de um personagem, mas não uma bela jovem. Ela era uma pessoa diferente para cada pessoa que conhecia. Conseguia um papel como esposa-troféu e aparecia como uma menininha. Seu primeiro sucesso foi como espiã industrial. Ela havia blefado e conseguira um cargo de assistente executiva em uma grande empresa aeronáutica. Recebeu cem mil dólares para roubar o projeto de um jato militar e entregá-lo para outra empresa. Depois disso, não creio que tenha feito outra coisa senão roubar. Angela ganhou dinheiro suficiente para, enfim, começar a criar seus próprios papéis. Ela podia acordar todas as manhãs e escolher quem queria ser naquele dia. Quando

me conheceu, estava posando como agente do FBI para poder roubar um cartel de falsificadores. Ela me convenceu a ajudá-la, e fui fisgado.

Daquele dia em diante, tornei-me seu aprendiz.

Atualmente, eu sou o melhor nesse negócio. Posso assaltar um banco, desaparecer em dois dias, e ninguém jamais saberá que estive lá. Se eu quiser, posso entrar no Congresso. Mas, por melhor mentiroso e ladrão que eu seja, jamais poderia me equiparar a Angela. Ela me ensinou tudo o que sei. Observei-a livrar-se da ponta de cigarro e amassá-la na terra macia e úmida. Bebi um gole de bourbon e ouvi o som de sua voz em meu ouvido.

Quando a reunião terminou, Angela me pegou pelo braço e conduziu-me para a floresta além da última cabana. Andamos, andamos e andamos até minhas pupilas ficarem do tamanho de pratos de jantar. Estava tão escuro quanto o interior de uma pálpebra. A única luz era a da lua por trás das nuvens. Após caminarmos cerca de um quilômetro, ela parou, voltou-se e olhou diretamente para mim como se tivesse algo a dizer. Não disse nada por um longo tempo, mas, quando o fez, foi com sua voz verdadeira. Falou com a voz que só usava comigo.

— O que você está fazendo aqui? — Ela ergueu os olhos e balançou a cabeça. — O que ele fez para trazê-lo até aqui?

— Nada. Ele me disse um local, só isso.

— Pensei tê-lo ensinado a nunca aceitar um trabalho sem antecipar todas as informações. Pensei tê-lo ensinado a nunca confiar em um estranho, especialmente se esse estranho está planejando um trabalho. Pensei tê-lo ensinado a ser cuidadoso.

— Você me ensinou tudo isso.

— Então, o que diabo está fazendo aqui?

Não respondi. Achei que era óbvio. Olhei para os olhos dela durante algum tempo. Ela estava morena, tinha o cabelo curto e

usava um batom avermelhado cor de laranja. Trajava um vestido de quatro mil dólares e um par de brincos de diamante que nenhuma mulher exibira nos últimos duzentos anos, porque ela os roubara de um museu. Dizer que era bonita seria limitado. Ela era qualquer coisa que você quisesse que ela fosse. Fiquei ali algum tempo até Angela suspirar e me pegar pelo braço outra vez. Quando voltamos para o hotel, seu vestido e meu terno estavam cobertos de lama. Ela me levou até o meu quarto e desejou-me boa-noite no corredor. Escutei seus passos descendo a escada. Foi assim que teve início o Negócio Asiático.

Começamos a trabalhar pela manhã.

Naquela ocasião, Marcus era o homem com quem trabalhar. Ele ainda não era um chefe de cartel. Era um gênio do crime em tempo integral. Planejava assaltos do mesmo modo como Mozart compunha. Eram grandes e belos assaltos e rendiam mais dinheiro do que você poderia acreditar. Há cinco anos, todo mundo queria participar de um de seus negócios porque tudo em que ele tocava virava ouro. Obviamente, mesmo naquela época, já havia um lado obscuro. Eu ouvira rumores sobre o que acontecera com alguém que falhara com ele. Mas eram apenas rumores. Vi, em primeira mão, o que aconteceu com os homens que foram bem-sucedidos. Eles foram embora ricos. Muito ricos.

Dois dias depois, Angela, eu e os outros estávamos em um jato fretado, voando de Los Angeles para Kuala Lumpur, na Malásia. Apesar de o voo ter sido fretado por Marcus, ele não viera conosco. Comandaria tudo de Seattle, por telefone via satélite. Ele era como César quando estava nos fundos de seu restaurante, mas nenhum de nós reclamou. Ele nos faria ricos.

Fui eu quem estragou tudo.

6

O voo para Atlantic City levou cinco horas.

O jato era um Cessna Citation Sovereign, um avião de médio porte de dois motores do tamanho de uma carreta, com autonomia de quase cinco mil quilômetros. O avião estava abastecido e à espera quando cheguei ao portão de embarque, e não houve verificação de segurança. O homem na entrada do aeroporto deu uma olhada na limusine de Marcus e gesticulou para que passássemos. Paramos ao lado do avião na pista e caminhei diretamente até a escada. Apertei a mão dos pilotos, mas não nos preocupamos em nos apresentar. O tempo era essencial. Decolamos em cinco minutos. Teríamos de voar quatro mil quilômetros.

Eu carregava uma bolsa de náilon preta sobre o ombro. Marcus me dera tempo suficiente para pegar algumas coisas em meu apartamento. Na bolsa estava meu Colt .38 com a alça do cão cortada que Marcus me devolvera. Uma escova de dentes. Um kit de barbear. Maquiagem. Tintura de cabelo. Luvas de couro. Alguns passaportes, carteiras de motorista, carteiras de identidade e dois telefones descartáveis pré-pagos. Os cinco mil de Marcus e três cartões corporativos Visa pretos com um nome diferente em cada um. No fundo, um surrado exemplar do livro *Metamorfoses*, de Ovídio, traduzido por Charles Martin. Sempre viajo com pouca bagagem.

Eu estava ansioso para entrar no avião. Fazia muito tempo desde que realizara um trabalho como aquele. Sou muito seletivo. Quando não estou trabalhando, o tempo parece passar como uma névoa. Os

dias se misturam, então as semanas, como um gravador acelerando em alta velocidade. Sento-me na escrivaninha de frente para a janela em meu apartamento e vejo o sol nascer. Leio os clássicos gregos e latinos novamente e os traduzo em blocos amarelos tamanho ofício, alguns em alemão ou francês. Há dias em que não faço outra coisa a não ser ficar sentado, lendo. Minhas traduções se estendem por centenas de páginas. Ésquilo, César, Juvenal, Lívio. Ler suas obras me ajuda a pensar. Quando não estou trabalhando, não tenho palavras de minha autoria.

Era isso que eu estava esperando, um trabalho que, ao menos uma vez, não fosse *chato*.

O Cessna era lindo por dentro. Eu nunca voara naquele modelo anteriormente, mas era como a maioria dos outros jatos particulares que eu já vira. Tinha um nariz de ave de rapina e dois grandes motores sob a cauda. A decolagem foi como um passeio de parque de diversões, mas, quando atingimos dez quilômetros de altitude, o voo foi fácil, e o ruído do motor, mínimo. Havia oito lugares, mais dois para os pilotos, e o preço de venda era de mais de vinte milhões de dólares. Com esse preço, todos os lugares eram como se fossem de primeira classe. Havia um bar completo nos fundos da cabine, uma televisão de tela plana sintonizada em um canal de notícias vinte e quatro horas, um telefone via satélite ao lado da máquina de café e uma conexão sem fio à internet. Quando o copiloto voltou e disse que podíamos caminhar pela cabine, preparei um bule de café. Eu ainda me sentia desconfortável. Você mal consegue ficar de pé em uma dessas coisas.

Eu trouxe o bule de café de volta ao meu lugar, servi uma xícara e bebi. Servi-me de outro café e abri meu livro. Algo estava me deixando nervoso, mas eu não conseguia identificar o quê.

Após cerca de vinte minutos, uma matéria com a chamada *Tiroteio no Regency* surgiu na televisão, e eu aumentei o volume. Os nomes

das vítimas não foram revelados, mas uma foto antiga de Moreno com um uniforme verde-oliva piscou na tela seguida de imagens da torre do hotel cassino e uma fileira de buracos de bala no cimento. Havia uma equipe de reportagem no calçadão. Pude ver onde o assalto dera errado pela multidão de curiosos ao fundo. Uma repórter disse que quatro pessoas foram encontradas mortas no local, uma delas era um dos criminosos, e, em seguida, acrescentou que a polícia suspeitava de que mais dois estivessem foragidos, o que me pegou desprevenido. Desconfiava de que havia um terceiro atirador assim que Marcus me contou o que acontecera, mas aquilo confirmou a minha suspeita. Os assaltantes tinham conhecimento detalhado do sistema de segurança do cassino, disse a repórter, e a investigação estava em andamento.

Então surgiu a foto de Jerome Ribbons.

Eu quase derrubei meu café. A imagem tinha alguns anos, mas definitivamente era ele. *Procurado para interrogatório*. O nome de Ribbons estava escrito em letras maiúsculas na parte inferior da tela, ao lado do número para denúncias, e a repórter falou duas frases inteiras a esse respeito. Eles descobriram a identidade dele em menos de quatro horas. Merda.

Eu apertei o botão de pausa e olhei para a foto por um segundo. Pisquei. Ribbons tinha uns quatro anos a menos do que deveria ter hoje. Olhava carrancudo para a câmera segurando um número de registro. Ele era um homem corpulento, positivamente gordo, com um rosto de menino e barba da espessura de uma esponja de aço. Estava inclinado para a frente como um urso marrom e de boca aberta. Seus olhos estavam injetados, e ele parecia exausto. A foto fora feita pelo Departamento de Polícia da Filadélfia, de modo que ele ainda usava roupas de rua. As tatuagens visíveis em seu pulso e no pescoço contavam uma história. Dava para ver um veado estilizado em seu pulso. Ele fora preso e cumprira cinco anos, a

julgar pelo número de chifres. Era ou fora afiliado a uma gangue, de acordo com a tatuagem de uma pistola que tinha embaixo do queixo. Seu nariz fora quebrado e nunca consertado, e os nós de seus dedos estavam cobertos de cicatrizes.

Eu o reconheci de algum lugar. Não conseguia me lembrar de onde.

A menos que Ribbons realmente tivesse pisado na bola na cena do crime, a polícia devia ter descoberto seu nome quando analisou as impressões digitais de Moreno. Ribbons provavelmente estava na lista de cúmplices conhecidos de Moreno. Não teria demorado muito até compararem a foto de arquivo com as imagens do assalto capturadas pelas câmeras de vigilância. Ele era bastante inconfundível, considerando-se seu tamanho e sua história. Não há muitos bandidos com 1,93m de altura e tatuagens de veado. Aquilo era evidência suficiente para divulgarem sua foto de registro policial para a mídia. No meio da tarde, todos estariam à procura de Jerome Ribbons.

Olhei para o relógio. Mais três horas até a aterrissagem. Aquilo tornaria meu trabalho um grande desafio.

Voltei a apertar o play e me servi de outra xícara de café. A reportagem estava quase no fim, e não havia nada de novo quando foi repetida quarenta minutos depois. Eu me sentei e pensei em todas as coisas que poderiam ter acontecido desde as seis horas da Costa Leste naquela manhã. A investigação estaria a todo vapor, porque qualquer crime envolvendo o Fed é um pesadelo jurisdicional. A polícia certamente teria mobilizado detetives, porque pessoas haviam morrido. O xerife também teria delegados envolvidos, porque havia fugitivos. O FBI teria agentes de campo, porque assalto a banco é um crime federal. O Serviço Secreto poderia estar no caso, porque eles são os únicos autorizados a investigar crimes contra a moeda. O Tesouro tem seus próprios

agentes da lei e, droga, até mesmo os bancos do Fed têm seu próprio departamento de segurança. Havia provavelmente duas dúzias de homens vestindo ternos baratos em Atlantic City àquela altura.

E Ribbons ainda estava foragido.

Perguntei-me por que ele não ligara para Marcus.

Quando você não aparece nem liga depois que um assalto dá errado, você está *desaparecido*. Desaparecer e virar um fantasma são coisas muito diferentes. Toda a equipe vira fantasma após um trabalho, para que ninguém seja pego. Se um sujeito desaparece, então ele pessoalmente não é pego. Desaparecer é um dos pecados capitais do assalto a banco profissional. Não importa o que aconteça, não importa quão confusas estejam as coisas, você não desaparece, *muito menos* com o produto do assalto. Se o plano diz que todos devem se encontrar em um armazém, vocês se encontram em um armazém. Se o plano diz para você se hospedar em um motel, você se hospeda em um motel. Se você desaparece para sua equipe, toda a fuga cai por terra, que é o primeiro passo para todo mundo ser preso. Na maioria das vezes, se você tem um mau pressentimento antes que o trabalho não dê certo, há tempo de sobra para você dizer que está fora, desistir e voltar para casa. Se parece que as coisas estão indo mal, você diz para sua equipe que está sentindo isso e vai embora. No entanto, no momento em que o trabalho começa, você está dentro. Profissionais levam isso muito a sério. É uma questão de orgulho para algumas pessoas. Alguns preferem morrer a desaparecer. Na verdade, muitos morrem por isso.

Então, talvez Ribbons estivesse morto.

Ou talvez a reputação de Marcus tenha finalmente lhe saído pela culatra.

Marcus era conhecido por ser terrível com aqueles que fracassavam. Verdaderamente bárbaro. Tal reputação ajudou-o a manter as coisas na linha, sem dúvida, mas eu podia entender por que podia fazer um sujeito como Ribbons fugir. Certa vez ouvi uma história sobre um técnico em eletrônica que esquecera de desativar o alarme de um banco. Quatro homens favoritos de Marcus pegaram cinco anos cada um. Marcus foi até a casa do sujeito e o fez comer um frasco inteiro de noz-moscada em pó. Enfiou tudo em sua boca com uma colher. Isso não soa tão ruim, até você perceber que a noz-moscada tem *miristicina*. Uma colher de chá tudo bem, mas não um frasco inteiro. Poucas horas após o incidente, o cara começou a arfar. Então ficou com dor de cabeça e no corpo, como uma ressaca após uma briga de bar. Uma hora depois, seu coração começou a disparar, e suas mãos estavam tremendo incontrolavelmente. As alucinações começaram quase sete horas depois. Cambaleante e com uma febre de 41°C, ele ficou inteiramente nu e arranhou o próprio rosto até ficar coberto de sangue. Uma viagem de noz-moscada pode durar três dias. Algumas pessoas acham que é agradável. A maioria acha que é o inferno na Terra. Em algumas versões da história, Marcus deixou o sujeito com uma arma e uma bala para que ele pudesse se matar. Há quem diga que o sujeito mordeu a própria língua e se afogou no próprio sangue.

Se Ribbons achava que era isso que o esperava, não era de se admirar que não tenha telefonado.

7

Desliguei a televisão e fiquei sentado em silêncio durante alguns instantes, de olhos fechados e pensando em Ribbons. Ele se metera em uma grande enrascada. Quando abri os olhos, comecei a me transformar em outra pessoa.

Para mim, a transformação sempre foi a coisa mais fácil do mundo. Soltei o cinto de segurança e peguei minha mochila no compartimento de bagagem. No bolso lateral havia três passaportes surrados com as respectivas carteiras de motorista enfiadas sob as capas. Eu tinha três homens com idades diferentes. Cada um tinha aparência, carreira e estilos de vida distintos. Nenhum deles se parecia comigo, mas isso não era problema. Eu não iria mais para Atlantic City e, sim, um daqueles três homens.

Jack Morton era o mais velho dos três e uma de minhas identidades preferidas. Eu o modelara a partir de meu professor favorito na faculdade e nunca tivera problemas com ele. O sujeito tinha uma personalidade boa, forte e nobre. Quando eu fingia ser ele, minha voz ficava mais grave, meus movimentos, mais lentos e ponderados. Ele era gentil, firme e sagaz. Sua voz era como cera derretida. Pousei seu passaporte na mesa dobrável e guardei os outros dois. Aquele era o meu homem.

Embora a data de nascimento no passaporte dissesse que ele estivesse lá pelos cinquenta e poucos anos, Jack Morton mal completara dois anos de idade. Eu o criara peça por peça ao longo de seis meses, entre um e outro trabalho. Eu já plantara todos os seus documentos oficiais nos livros de registro. Possuía cópias de

sua certidão de nascimento e seu diploma de faculdade escondidas em algum lugar. Ele cursara a Universidade de Connecticut, Stamford, e se dera razoavelmente bem estudando línguas antigas. Agora, trabalhava como investigador de seguros. Eu gostava dele porque, ao contrário de meus outros nomes e minhas outras identidades, ele não tinha uma única ocorrência em sua ficha criminal. Era um bom homem que às vezes não se importava em pegar pesado. Olhei para a sua fotografia até meus músculos relaxarem lentamente na forma de seu rosto. Podia sentir minha expressão mudando para se adaptar a sua aparência. Minha pulsação cardíaca em repouso baixou, e minhas mãos assumiram a tensão da súbita meia-idade. É difícil envelhecer vinte anos em vinte segundos.

Inspirei profundamente, expirei devagar e fiquei com cinquenta e seis anos de idade.

Uma vez que a paleta de Morton era marrom, eu teria que mudar a minha para combinar. Com cuidado, tirei minhas lentes de contato castanho-escuras e as substituí por lentes azuis, mais enevoadas e sem brilho, que peguei em minha mochila. Meu kit tinha um pequeno espelho para maquiagem. Acentuei as curvas de meu rosto com um lápis e franzi a testa para enfatizar as rugas. Borrei os traços de lápis com o polegar até que se misturaram perfeitamente com a curvatura de meu rosto. Apliquei pequenas quantidades de base escura no pescoço, no rosto e na testa. Em dois minutos, parecia que eu tinha as profundas rugas e linhas de expressão de um homem vinte anos mais velho.

— Meu nome é Jack Morton — disse com a voz dele, só para treinar.

O cabelo viria em seguida. Há centenas de produtos que podem mudar a cor do cabelo de um homem, mas eu contava com um grupo seletivo de tinturas. Rapidez e simplicidade são importantes. Eu

não tinha tempo nem espaço para lavar o cabelo e deixar a tintura assentar por uma hora. Em vez disso, umedeci meu couro cabeludo na pia e cuidadosamente apliquei a tintura instantânea em faixas, transformando meu cabelo louro-claro em um castanho mais escuro, mais sujo, mais velho. Quando a tintura fixou, adicionei mechas grisalhas, então puxei o cabelo para trás e o despenteei até parecer descuidado. Em seguida, fiz as sobrancelhas combinarem com o cabelo usando um lápis.

— Meu nome é Jack Morton — repeti para mim mesmo. — Sou um investigador de seguros da Harper e Locke. Nasci em Lexington, Massachusetts.

Eu tinha alguns pares de óculos na bolsa. Tentei estilos diferentes. Armações de metal eram muito modernas. Lentes circulares estavam um tanto fora de moda. Óculos de armação preta grossa também não caíam bem. Decidi-me por um par de óculos bifocais retangulares que escorregavam ligeiramente por meu nariz. Dei uma olhada no espelho. Tinha um aspecto praticamente professoral. Amarrei um pedaço de fio dental em torno de meu dedo anelar da mão esquerda e apertei-o até interromper a circulação. De acordo com a história de vida de Morton que eu escrevera, ele se divorciara havia pouco mais de um ano. Quando soltei o fio dental, este deixou em meu dedo a marca de um homem casado.

Para completar o figurino, teria de mudar de relógio. Nenhum investigador de seguros usaria um Patek Philippe tão incrivelmente caro e, se eu fosse inteligente, não correria o risco de alguém reconhecer o acessório. No entanto, aquele era o único relógio que tinha comigo, e eu era muito apegado a ele. Então, empurrei-o pulso acima até escondê-lo sob o punho da camisa.

A combinação de todos os meus esforços me tornou um sujeito completamente comum. Eu me parecia com milhares de outros homens brancos americanos de meia-idade. Eu tinha uma idade

média, peso médio, altura média e renda média. As únicas coisas que sobressaíam eram o terno e o relógio caros, mas esses podiam ser explicados. *Na minha idade, devo me importar com a aparência. Faz parte do meu trabalho.*

* * *

Chegamos ao Atlantic City International por volta das quatro da tarde, hora local. Adiantei o relógio três horas quando os pneus tocaram a pista. Estava ainda mais quente por lá. Faziam abasadores 32°C, e era provável que não esfriasse tão cedo. Até mesmo os carregadores de bagagem na pista usavam camisas amarradas em torno de suas cabeças. Com tanta umidade, a cidade parecia estar em chamas. O piloto me deu seu número de telefone e disse para que eu ligasse quando a carga estivesse pronta. Dei um tapinha nas costas dele e desci a escada. O asfalto da pista grudava-se na sola de meus sapatos.

Primeiro eu precisava alugar um carro. Então, precisava encontrar um lugar para ficar e alguma coisa para comer. Mas tudo isso podia esperar até eu encontrar o facilitador.

Peguei meu telefone internacional e disquei o número do celular de Ribbons. Eu sabia que ele não estava fazendo ligações, mas isso não significava que não estivesse recebendo. Ele tinha um aparelho com o código de área de Virgínia, o que era um tanto incomum, mas não completamente inédito. As pessoas têm celulares com códigos de área de toda parte. O telefone tocou. Quando a secretária eletrônica atendeu, eu já estava a meio caminho do balcão de locação de carros. Uma voz eletrônica. Você ligou para tal número. Por favor, deixe uma mensagem após o bipe.

Esperei o bipe.

— Ligue para casa imediatamente — falei. — Papai não está com raiva de você, ele só quer notícias suas.

Desliguei e olhei para a tela. O número de Ribbons já estava no registro de chamadas, permanentemente gravado no chip de dados. Tirei a bateria e esmaguei o cartão. Joguei o celular em uma lata de lixo. Eu tinha outro em meu casaco, mas era o último que me restava.

A agente federal me esperava ao fim da escada rolante.

8

Eu não corro de agentes federais. Corro de policiais, com certeza, porque posso ter uma chance de escapar. Mas correr de um agente federal é como tentar se esconder em um labirinto. Você pode ser capaz de prolongar a perseguição por algum tempo, mas, no final, o minotauro vai pegar você. Federais não brincam em serviço. Eles sempre pegam as pessoas que estão procurando. Daí, para começo de conversa, é melhor ter certeza de que não o estão procurando.

A única solução é jogar o jogo deles. Eu não acelerei ou desacelerei o passo. Apenas encostei-me ao corrimão da escada rolante e deixei-me levar lentamente em sua direção.

Eu sabia quem esperava por mim. Usava o indefectível terno amarrotado e seu par de sapatilhas de couro com as bordas das solas desgastadas. Sua pele era cor de café com leite e ela era esbelta, embora não fosse magra. Tinha as curvas nos lugares certos e um tipo severo de inteligência. Imaginei que era uma nadadora. Seu cabelo castanho e encaracolado estava preso para trás. Caía-lhe à altura dos ombros, sem exageros.

Ela parou diante de mim e abriu uma carteira de couro. Ali dentro havia um pequeno distintivo dourado com uma águia e as palavras *Agência Federal de Investigação*.

— Você é o passageiro do Citation Sovereign? — perguntou.

— Sim — respondi.

— Podemos conversar?

— Do que se trata?

— Você conhece um homem chamado Marcus Hayes?

Não respondi. Não imediatamente. Eu teria ido embora em seguida se ela não fosse tão bonita.

— Sinto muito — falei. — Você deve ter abordado a pessoa errada. Não conheço ninguém com esse nome.

— Você acaba de sair do jato dele, então aposto que conhece.

— Quero ver o seu distintivo outra vez.

— Mostre-me sua identidade e teremos um acordo.

Pensei um segundo a respeito. É para momentos assim que as pessoas portam carteiras de motorista falsificadas. Agentes de viagens raramente dão uma segunda olhada, e a polícia comum não tem formação suficiente para diferenciar falsificações de alta qualidade dos documentos verdadeiros, porque cada estado tem suas próprias características de segurança. Mas Jack Morton estava limpo. Se eu apostasse nas probabilidades, mostrar-lhe a carteira de motorista dele seria quase tão seguro quanto me recusar a mostrar qualquer coisa. Eu tinha direito de simplesmente ir embora, mas isso me faria parecer suspeito.

Peguei o documento em minha carteira. Ela olhou para a fotografia, então olhou para mim. Combinávamos perfeitamente. Para ela, aquela fotografia poderia ter sido tirada no mesmo dia. Se ela percebeu que era uma falsificação, não deixou transparecer.

Ela colocou o documento de volta em minha mão, então tirou o distintivo do cinto e me entregou. Era uma carteira de couro fina com a insígnia dourada e um cartão em uma aba transparente. *Rebecca Lynn Blacker*, 1,67m, olhos claros, pele bronzeada, pouco mais de trinta anos. Peguei o cartão e esfreguei-o entre os dedos. Parecia real.

Ergui os olhos e disse:

— Tudo bem.

Ela pegou o distintivo de volta.

— Sr. Morton, o senhor está vindo de Seattle, não é mesmo?

— Estou.

— Ouviu falar sobre o carro-forte que foi assaltado esta manhã?

— Vi no noticiário, durante o voo.

— Eu não. Recebi um telefonema. Estou de férias, sabe? Estava tirando duas semanas de folga em Cape May. Esta manhã, ao acordar, quando estava prestes a dar uma corrida na praia, recebi uma ligação do agente especial encarregado do escritório de campo de Trenton e, em seguida, outra da polícia de Atlantic City. Entrei no meu carro e passei três horas voltando para Atlantic City. Um tráfego que você não imagina, entende? Sem café, sem tempo para tomar um banho. Apenas dirigi, esperando que o DP resolvesse tudo antes de eu chegar, mas cheguei e a polícia não tinha nada. Dois sujeitos foragidos e nenhuma pista de como encontrá-los. Então comecei a dar uns telefonemas. E sabe o que descobri? Que poucas horas depois de o mundo ter desabado por aqui, o escritório de campo de Seattle tirou algumas fotos de um encontro entre um homem desconhecido e um notório planejador de assaltos. Uma hora depois, o planejador de assaltos abasteceu um Cessna Sovereign e o enviou através do país até aqui. Este não é um grande aeroporto, Jack. Esta cidade não recebe esse tipo de itinerário todos os dias.

— Um desconhecido?

— Um homem caucasiano de 1,82m, trinta e poucos anos, cabelo claro e olhos castanhos.

— Então sabe que não sou eu — falei.

— Eu lhe fiz uma pergunta sobre Marcus Hayes.

— Parece que ele adora jogar.

Ela balançou a cabeça e lançou-me um meio sorriso.

— O que faz aqui, Sr. Morton?

— Estou de férias.

— Você está aqui para limpar as coisas para Marcus.

— Não estou aqui por causa de ninguém.

— Veja, eu entendo — disse ela. — Um cara como esse diz pule, e você pula. Li a ficha dele. Extorsão, homicídio, drogas, assalto a bancos em meia dúzia de países. Se alguém como ele me dissesse para fazer alguma coisa, eu poderia começar a pensar que não teria escolha. É isso ou a prisão. Mas, quer saber? Descobri que trabalho melhor quando estou por conta própria. E, vou lhe dizer, neste fim de semana, estou aqui por conta própria. Se eu fosse você, tentaria ficar fora disso. Sou muito boa no que faço.

Ela me entregou um cartão de visita com dois nomes antes do dela, mas o dela estava bem ali, na parte de baixo.

— Se quiser pular fora, ligue para mim — disse a agente.

9

O homem que Marcus me prometera estava encostado na parede sob o portão de desembarque segurando um pedaço de papel com o nome *Jack*. Era um jovem negro com o cabelo liso e um terno muito caro. Eu poderia tê-lo confundido com apenas mais um motorista de limusine, não fossem seus óculos com armação de ouro e o olhar quase nervoso no rosto. Ele mal me viu chegando, até eu estar diante dele.

— Sou o homem que você está esperando — falei.

Apertamos as mãos, e ele começou a andar comigo sem eu precisar pedir. Sua voz era macia como seda.

— Prazer em conhecê-lo, senhor — disse ele.

— Quem é você?

— Estou aqui para ajudá-lo no que precisar.

— Tudo bem.

— Já usou nosso serviço antes?

— Não.

— Forneceremos tudo o que precisar. Sua privacidade é de extrema importância para nós. Nada do que nos pedir lhe será atribuído. Todas as provas de nosso relacionamento serão destruídas após o pagamento de sua conta. Não mantemos registros de nossos clientes, nem fazemos perguntas a eles.

— Você estava esperando por mim?

— Sim, senhor. Seu empregador ligou esta tarde e me disse que preferiria que eu não perguntasse seu nome.

— Muito bem. Posso saber o seu?

- Alexander Lakes.
- Esse não é o seu nome verdadeiro, certo?
- Não, senhor, não é. Como devo chamá-lo?
- Senhor está bem.
- Sim, senhor.
- Ulisses também é bom.
- É um nome falso, se é que já ouvi um.
- Tenho um fraco pelo personagem.
- Há um personagem com esse nome?
- Homero. James Joyce também. Você não lê?
- Jornais.

Acompanhei-o através das portas até onde as agências de locação de carros mantinham seus guichês. Eu sabia que Alexander estava lá para me buscar, caso eu quisesse, mas precisava de meu próprio automóvel. Toquei a campainha. Quando a mulher veio com os formulários, fiz um sinal para Alexander. Ele olhou para mim, em seguida mostrou-lhe sua carteira de motorista e preencheu o formulário. Era canhoto e escrevia como se estivesse realizando uma cirurgia. Tinha uma perfeita caligrafia cursiva. Ele pagou o aluguel de três dias com um cartão de crédito dourado. Enfiadas na aba de sua carteira, vi duas fotografias desbotadas de seus filhos.

Quando nos afastamos do guichê e entramos no estacionamento, ele disse:

— Tomei a liberdade de lhe reservar um quarto no Chelsea. Conhecemos o pessoal de lá. Seu nome, seja qual for, não entrará na ficha e não haverá registro de sua estadia. Todas as contas serão encaminhadas para nós. O nome que eles têm é o de Alexander Lakes.

— Quando você será pago?

— Ligue para mim quando estiver pronto para ir embora e poderemos marcar uma reunião. Se isso não for possível, posso

arranjar um pagamento por correio ou uma transferência bancária diretamente com seu empregador.

— Vocês aceitam Visa?

— Somente dinheiro ou transferência bancária.

— Bom.

Ficamos ali um instante, até que um dos atendentes estacionou um Honda Civic azul com alguns anos de uso e um daqueles dispositivos GPS aparafusado no painel. Um garoto saiu do carro e me entregou as chaves.

Alexander disse:

— Eu poderia pagar por qualquer carro nesse estacionamento, senhor.

— Este está bom.

Eu não gostava de dirigir carros econômicos, mas isso não acontece mais. Carros mais caros chamam a atenção, e isso é contraproducente. Quando você aluga um carro para um trabalho, quer algo invisível. Angela me ensinou isso. E não há nada mais invisível do que um Honda Civic. Fazem o que podem para anunciá-los como únicos e joviais, mas não são. São baratos e idênticos. Existem dezenas de modelos na estrada, e ninguém pode diferenciá-los. Passei a gostar disso. O Civic não tinha penduricalhos, formas estranhas ou cores extravagantes. Era apenas uma importaçãozinha barata, simples assim.

Olhei para Alexander.

— Você veio de carro?

— Sim, senhor.

— Então volte. Preciso de algum equipamento o mais rápido possível. Preciso de celulares pré-pagos, um jogo de chaveiro, uma faca, uma muda de roupa e uma *slim jim*. Você sabe o que é que isso?

— Uma barra flexível usada para arrombar carros, certo?

— A maioria das pessoas prefere dizer “entrada sem chave”.

— Me dê uma hora. Terei o equipamento esperando por você no hotel.

— Você tem um celular?

— Sim, senhor.

— Dê para mim.

Esperei que ele pescasse um smartphone preto do bolso de sua calça. Era um desses modelos com a tela sensível ao toque, que parecem ter botões, mas não têm. Dei uma olhada no aparelho, conferi as últimas chamadas que ele fizera e não vi nenhum número que me parecesse suspeito. Guardei o celular no bolso.

Lakes olhou para mim por um breve instante.

— Você acabou de roubar meu telefone?

— Isso me garante que você confia em mim.

— E?

— Preciso de um telefone com um número local.

— Então deveria ficar com meu telefone comercial.

Ele empurrou um cartão na minha cara com seu nome e número de telefone. *Serviços de Concierge Executivo*. Memorizei o número e devolvi o cartão para ele.

— Não, obrigado.

Entrei no carro e fechei a porta. Alexander Lakes olhou para mim por um momento antes de voltar em direção ao terminal. Eu o vi dobrar a esquina em um Mercedes preto. Era um novo modelo com vidros escuros e parecia um peso de papel polido. Segui seu carro na estrada para o centro até eu dobrar em direção aos pântanos salgados. É o perfeito braço direito, pensei enquanto dirigia. Falava em nome de seu empregador quase melhor do que o próprio. Quase certamente melhor. O tempo passava.

Restavam trinta e sete horas.

10

Segui, através dos pântanos salgados, a velha estrada de duas pistas até a Rota 30, perto do lugar onde a Absecon Bay serpenteava pela planície como a veia de um viciado. Dirigir em direção a Atlantic City era o mesmo que dirigir rumo a Las Vegas. As estradas sempre vazias, margeadas por cartazes desbotados e promoções de cassinos. Lembrei-me de minha infância. Os alagados ao longo da estrada me faziam recordar o deserto. Plano, quente e vazio. Praticamente não havia nenhuma vegetação mais alta do que arbustos ao longo de quilômetros. As torres do cassino brilhavam no horizonte como uma miragem. O Honda era fácil e bom de dirigir.

Passei por um cartaz que dizia *Atlantic Regency: um mundo à parte*.

Ao me aproximar da cidade, pude sentir o sal no ar. Acionei o ar-condicionado no máximo e segui as instruções da máquina no painel. Em nosso encontro no Five Star, Marcus mencionara um depósito de contêineres ao norte da cidade. *Ligue para mim e espere*. Se realmente houvesse um depósito, ali seria a minha primeira parada. Eu devia isso tudo a Ribbons. Nem todos que não telefonam após um assalto estão desaparecidos. Alguns têm explicações razoáveis para o fato de terem estado incomunicáveis, e nem todos são mentirosos. Celulares ficam sem bateria. Chamadas se perdem. Pessoas acabam em locais sem sinal. Certamente parece improvável, depois de tantos meses de planejamento, mas essas coisas acontecem. Se Ribbons simplesmente tivesse quebrado o telefone durante o tiroteio ou o tivesse abandonado em um

momento de pânico, ainda era possível que ele houvesse chegado ao depósito. Ele poderia estar lá agora, apenas esperando e rezando para que Marcus enviasse alguém como eu, e não um cara com um frasco de noz-moscada e um par de alicates. Ele tinha o direito de ter sua inocência considerada. Ao menos por enquanto.

Vi a placa do depósito a quase um quilômetro de distância, crescendo como um ponto no horizonte. O armazém ficava em uma zona precária entre a periferia da cidade e os inabitáveis pântanos salgados que separavam a cidade do resto do continente. O lugar parecia abandonado havia pelo menos uma semana. As unidades eram velhos contêineres de aço apenas jogados no pântano, rodeados por uma cerca de arame farpado de quatro metros e meio de altura. Avistei um escritório pré-fabricado no estacionamento de terra batida. A placa se encontrava em um display sobre rodas. Estacionei o carro e saí. Era como andar em um respiradouro de vapor. O cheiro de água estagnada e contêineres enferrujados me atingiu como um golpe na cabeça. Ainda nem tinha atravessado o estacionamento, e minha camisa já estava encharcada de suor.

Lugares como esse são uma solução rápida para os problemas em assaltos. Claro que a gerência fica sabendo caso você comece a dormir ali, mas, se deseja um lugar rápido e privativo, nada supera um depósito. Cem dólares podem lhe garantir nove metros quadrados durante um mês. Enquanto você continuar pagando o aluguel, poderá guardar o que quiser ali dentro. A maioria das empresas o obriga a enviar por computador uma cópia da carteira de motorista e assinar um pedaço de papel dizendo que você não vai usar o lugar para nada ilegal, mas não há muito que possam fazer para impedi-lo. Se você só precisa de um lugar para se esconder por algumas horas, um contêiner é muito melhor do que um motel. Olhei através da cerca para as fileiras de contêineres enferrujados. Só de olhar para o lugar uma segunda vez, percebi

que Ribbons não estava lá. Ter seu rosto no noticiário muda tudo. De repente você se lembra do garoto de aparência entediada que o viu assinar a papelada uns dois meses antes e começa a se perguntar se ele poderia identificá-lo em um reconhecimento. Aquele lugar pareceria muito opressivo para ele. Àquela altura, a paranoia tomara as decisões.

Mas Ribbons tinha um contêiner ali.

Valia a pena conferir.

Ignorei o escritório da gerência e caminhei diretamente até o portão. Havia um quadro de luz sobre a maçaneta com um cadeado numérico padrão. Era preciso digitar quatro números para que a trava magnética destravasse e você pudesse abrir a porta, mesmo que o gerente não estivesse por perto. Tentei 1111 e 4444, caso os códigos do fabricante ainda estivessem valendo. Nenhum funcionou. Olhei para a cerca. Não me agradava a perspectiva de subir e cortar o arame farpado de níquel cromado. Encarei aquilo por um instante, depois voltei a olhar para a caixa de números.

Peguei a chave do carro. Tirei o chaveiro com o símbolo da empresa de locação de carros e joguei-o fora. Sem o chaveiro, parecia apenas uma chave comum. Se eu mantivesse minha mão sobre a parte eletrônica, poderia passar por uma chave qualquer. Voltei ao carro e peguei o contrato de locação no porta-luvas. Tirei o grampo com a unha, guardei-o no bolso e coloquei os papéis de volta onde os encontrara. Saí outra vez e fui direto ao escritório do gerente.

Se você quiser convencer alguém a deixá-lo entrar em uma área restrita, terá que parecer legítimo. Se você estiver tentando acessar uma conta numerada em um determinado banco suíço, por exemplo, você terá que aparecer com uma barra de ouro puro de vinte e oito gramas, porque certos bancos suíços usam barras de ouro como parte da chave de acesso às contas numeradas. Não importa se o

ouro em sua mão é apenas um pedaço de chumbo com tinta spray e um adesivo holográfico, desde que pareça verdadeiro. Se eu pretendia convencer alguém a abrir aquele portão para mim, precisava parecer ter a chave de um dos contêineres. Ele não me veria usá-la, nem mesmo verificaria se eu realmente possuía a chave, mas tinha de pensar que eu estava com ela. Às vezes, um único detalhe é todo o disfarce de que você precisa.

O garoto no balcão tinha cerca de dezoito anos, pele de cor de torta de abóbora e um uniforme encardido. Estava sentado em uma cadeira de escritório atrás do balcão, assistindo à televisão. Ele me viu, mas não se levantou.

— O portão não está funcionando — eu disse.

O garoto não me olhou.

— Você digitou os números certos?

— Sim — respondi um tanto aborrecido.

— Qual portão você está usando?

— O da frente.

— Tente outra vez. Entrei por aquele portão esta manhã.

— Eu estou lhe dizendo, o portão não está funcionando.

O garoto suspirou e olhou para mim. Ele não me reconheceu de jeito nenhum, é claro, mas não creio que isso tenha passado por sua mente. Apenas acenou para que eu o seguisse, como se estivesse cansado de ter de fazer aquilo todo santo dia. Saímos pela porta e fomos direto ao portão da frente, onde fiz um gesto frustrado com a chave em direção à caixa numérica. Então, como se estivesse lidando com uma criança retardada, o garoto digitou os números um de cada vez, dizendo-os em voz alta, caso a minha mente fosse muito lerda para memorizá-los. A porta zumbiu e destrancou. Lancei-lhe um olhar chocado, como se pensasse que ele estava me enganando, então pareci envergonhado. Concentrei-me na emoção e senti meu rosto ficar vermelho.

— Você se lembra de sua chave de acesso? — perguntou.

Ergui a chave do carro, cobrindo tudo exceto os dentes.

O garoto fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Escreva o código da próxima vez, certo? Não se esqueça.

Quando ele estava fora de vista e eu atravessassei o portão, guardei a chave e percorri a fileira de unidades até encontrar o contêiner pintado com um grande e malfeito número 21. O contêiner de Moreno. O vinte e um da sorte. A porta estava trancada com um cadeado de dois cilindros operado por chave, que provavelmente fora fornecido pelo depósito. A porta estava fechada com uma corrente.

Nada de Ribbons. Considerando que o cadeado ainda estava no lugar, ele poderia nunca ter aparecido, ou nem mesmo pretendia aparecer. Para mim, Ribbons e Moreno planejavam não ir ao ponto de encontro de Marcus desde o princípio.

Peguei o grampo e o deformei com os dedos até conseguir uma série de pequenas saliências na ponta. Tirei meu prendedor de gravata para usá-lo como uma chave de torque. Inclinei-me para perto, a fim de dar uma boa olhada no cadeado. Era difícil trabalhar naquele calor, especialmente sem as ferramentas adequadas, mas, em alguns minutos, o trabalho estava feito. Forcei a fechadura com a borda do grampo, como se fosse uma chave-mestra, e torci o prendedor de gravata com cuidado até que o cadeado se abrisse. Joguei o cadeado longe e, em seguida, puxei a corrente para poder liberar as portas e puxar a alavanca que as mantinham fechadas.

Havia algo estranho naquele contêiner. Pela aparência do cadeado, ninguém estivera ali havia algum tempo. Ao menos uma semana. Na melhor das hipóteses, qualquer coisa que eu encontrasse ali dentro estaria datada; ou seria irrelevante, na pior. Ainda assim, valia a pena tentar. Ribbons tinha de estar em algum lugar, e qualquer coisa poderia ajudar.

Abrir as portas do contêiner foi como raspar uma faca em um quadro-negro. Puxei as portas pelo centro usando os dois braços. A unidade lançou para fora um jato de ar quente, como o de um secador de cabelo. Demorou alguns segundos até meus olhos se acostumarem à escuridão, ao cheiro de ferrugem e às velhas manchas.

Estava vazio.

Ou quase.

Um contêiner de transporte intermodal varia em tamanho dependendo da carga originalmente pretendida. São medidos por meio de algo chamado TEUs, ou unidades equivalentes de vinte pés, e alguns podem conter cerca de mil e trezentos pés cúbicos de carga. Os mais comuns, que você vê nos pátios de carga, são de dois TEUs, ou cerca de dois mil e setecentos pés cúbicos. Medem cerca de doze metros de comprimento, dois metros e sessenta centímetros de altura e dois metros e meio de largura. Foram concebidos pelos militares durante a Segunda Guerra Mundial para mover facilmente grandes quantidades de carga entre navios, trens e caminhões. Agora, são universais. Aquele estava quase completamente vazio. Nenhum carro reserva. Nenhum esconderijo improvisado. Nenhum equipamento abandonado. Nada de planos pregados nas paredes, nenhum saco de dormir, nenhum mapa com linhas desenhadas. Verifiquei duas vezes, em busca de qualquer sinal de que alguma dessas coisas já tivesse estado ali, e não conseguia ver nada.

Nos dois mil e setecentos pés cúbicos de espaço de armazenamento havia apenas uma pequena mochila apoiada contra a parede, à esquerda.

Olhei em volta. Esquerda, direita. Nada. Ninguém.

Por um instante cheguei a pensar que a mochila poderia conter algo perigoso, como agulhas usadas de Moreno ou algum tipo de

armadilha que ele e Ribbons tivessem armado por garantia. Por um segundo, também considerei as chances de que poderia ser o dinheiro, mas não sou assim tão sortudo. Ou tão estúpido.

Abri a mochila.

Nenhuma agulha. Também não era uma armadilha.

Era algo completamente diferente.

11

Uma arma.

Não apenas uma arma. Na parte superior da bolsa, havia uma maldita Uzi do tamanho de uma pistola, com massa de mira de ferro bruto e uma coronha dobrável serrada. O ferrolho não cheirava a pólvora, e o cano ainda brilhava por dentro e por fora. Fazia tempo que não era disparada, se é que o fora alguma vez. Estava totalmente montada, ainda no estojo de plástico do fabricante. Debaixo da arma havia três pentes reserva e uma caixa de munição barata. E, sob tudo isso, um maço de notas de vinte dólares, um pequeno Ziploc repleto de comprimidos, um celular, alguns folhetos e um isqueiro. Eram os únicos acessórios. Procurei no fundo e nos bolsos laterais qualquer outra coisa, mas aquilo era tudo.

Era um pacote de fuga.

Um pacote de fuga é a primeira precaução de um criminoso. Tenho diversos escondidos em todo o mundo. Apenas no caso de tudo ir para o espaço, o pacote de fuga estará lá como garantia. Você encontra um esconderijo e o abastece com o minimamente essencial. Dessa forma, quando der merda, você não terá de correr atrás dessas coisas. Os melhores pacotes de fuga são mínimos. Meu pacote de fuga mais próximo estava no telhado de um edifício no lado oeste de Manhattan, pendurado por um fio no interior de uma antiga chaminé que fora emparedada havia décadas. Guardava dez mil dólares, alguns cartões de crédito, um passaporte limpo e uma Beretta. O pacote que encontrei no contêiner continha um quinto desse dinheiro e duas vezes seu poder de fogo, além de algumas

drogas que não consegui identificar. Ninguém nunca guarda uma muda de roupa.

Pousei a metralhadora no chão. Era um velho modelo Micro-Uzi, provavelmente deixado ali antes de as armas de assalto serem banidas. A munição era importada da Rússia. Parabellum 9mm. Coloquei a caixa de munição sobre a arma. O dinheiro no fundo do saco estava desbotado e ressecado pelo calor. Folheei o maço de notas. Todas datadas de alguns anos antes. Peguei uma delas e senti o papel. Notas tão antigas são mais fáceis de serem falsificadas. Sem marcas d'água. Nenhuma impressão colorida. Nenhuma tira de segurança. É por isso que o Tesouro muda o design com tanta frequência. Os falsificadores tentam se atualizar, mas isso leva alguns anos. Nesse meio-tempo, o estilo muda outra vez. Naquelas notas, a diferença estava no papel de algodão com marca d'água. Dinheiro de verdade é impresso em uma mistura única de algodão e tecido de poliéster em certa fábrica no oeste de Massachusetts. O tecido dá ao dinheiro uma distinta suavidade, ligeiramente firme, porque tecnicamente não é papel. As falsificadas não são assim. Esfreguei a nota algumas vezes e comparei-a com uma de minha carteira. Não sou um especialista, mas pareceu dinheiro para mim, não importando quão suspeito fosse.

Peguei uma e queimei-a com o isqueiro. A borda pegou fogo e ficou preta, queimando em círculos negros que emitiam uma chama laranja. Dinheiro de verdade produz uma chama laranja, porque é assim que ele queima. Falsificações são impressas em papel comum, que emite chamas vermelhas. Sacudi a nota para apagar o fogo e coloquei o resto da pilha junto à munição. Dinheiro de verdade.

Em seguida, peguei os folhetos. O de cima era de uma grande corretora de imóveis, todo colorido, que fora dobrado tantas vezes que bastou abri-lo para que ele se desfizesse em pedaços. O outro tinha algumas fotos de antigas casas em estilo vitoriano, mas nada

específico. Dentro havia um recibo de um posto de gasolina genérico no Ventnor no valor de trinta dólares, mas a data estava desbotada. Olhei para os dois folhetos novamente por um segundo e, em seguida, devolvi-os à mochila. Nada de útil.

Abri o saco com as pílulas e cheirei-o algumas vezes. Eram feitas de um pó branco prensado, o que significava que foram produzidas em uma fábrica, mas aquilo não dizia muito. Muitas drogas saem de fábricas, até mesmo as drogas ilegais. Há complexos industriais inteiros na América do Sul que fabricam Oxycontin falsificado. Mas as pílulas não eram Oxy. Cheiravam a algo ligeiramente asséptico, como um chão de hospital polido. Pensei que podiam ser algum tipo de estimulante, como metanfetamina, mas também podiam ser aspirina. Para mim, um desses caras tinha enxaquecas muito severas.

Finalmente peguei o celular. O modelo não era popular havia alguns anos. Apertei o botão verde e acho que a bateria estava carregada, porque a tela acendeu de imediato, e o aparelho começou a funcionar. Quando o logotipo desapareceu e surgiu a tela inicial, passei um minuto tentando encontrar contatos armazenados. A lista estava completamente vazia. Então olhei para a lista de atividades recentes. Desde aquela manhã, havia uma série de chamadas não atendidas de um número bloqueado, mas nenhuma mensagem de voz. A única ligação fora feita havia mais de uma semana. Código de área de Nova York.

Guardei todo o equipamento de volta na mochila, peguei o telefone que Alexander me dera, liguei-o e disquei o número de Marcus.

- Atenderam ao primeiro toque.
- Five Star Diner.
- Preciso falar com ele.
- Perdão?

— Diga-lhe para pegar o telefone ou irei para o cassino.

— Um minuto.

Fechei a porta do contêiner ao sair. A menos que alguém viesse pegar a mochila, permaneceria ali até o contrato de aluguel vencer. Provavelmente mais três meses. Fiquei imaginando o que poderia acontecer em seguida. A polícia descobre armas escondidas o tempo todo, mas raramente por acaso. Haveria fitas amarelas da polícia cercando o contêiner e homens em uniformes pretos coçando as cabeças. Pensei em levar o dinheiro, mas não valia a pena. Aquele pacote de fuga pertencia a alguém. Moreno ou Ribbons, talvez. Ou mesmo Marcus, considerando que fora ele quem provavelmente pagara por aquilo. Ainda havia chance de Ribbons aparecer, mas era cada vez menos provável. Se voltasse, eu preferiria que ele encontrasse o telefone.

Ouvi a voz de Marcus um segundo depois. Ele disse:

— O que foi?

— Cheguei em Atlantic City, mas Ribbons nunca apareceu no depósito. Ninguém esteve naquele lugar há dias. O cadeado estava coberto de poeira.

— Ele está desaparecido. Provavelmente não foi ao local de encontro porque sabia que seria o primeiro lugar onde eu o procuraria.

— Sim, percebi — falei. — Mas há algo estranho. Há apenas um pacote de fuga.

— E?

— Dois caras. Eles não compartilhariam um mesmo pacote de fuga. Ninguém faz isso.

— Então, onde está o outro?

— Eu ia perguntar isso para você.

— Como posso saber? Ninguém diz para *alguém* o que há em seus pacotes de fuga, muito menos para o mandachuva. Você sabe disso

melhor do que qualquer um! — disse Marcus.

— Então vamos de trás para a frente. Você me disse como a fuga acabaria, mas não como deveria começar. Se as coisas tivessem acontecido como o planejado, este depósito seria o lugar onde eles se esconderiam até tudo se acalmar. Você precisa me dizer o que aconteceu antes disso. Ribbons teria abandonado a arma e as roupas, certo? E quanto ao carro de fuga? Certamente Ribbons também deve ter se livrado dele. Precisava fazer isso. Provavelmente a alguns poucos quarteirões dali. O noticiário deu uma descrição do carro, mas não informou se alguém já o *encontrou*.

— Eles deveriam abandonar o carro e queimá-lo, sim. A essa altura, o veículo deveria ser um pedaço de metal carbonizado.

— Então, o quê? Teriam de roubar outro por conta própria na rua com, talvez, uma frota de viaturas atrás deles? Você precisa me contar mais sobre a fuga.

— Essa foi a única parte do trabalho que não planejei pessoalmente. Deixei Moreno no comando. Ele era o piloto.

— Preciso saber tudo o que você sabe.

— Era um negócio de dois carros. Moreno deveria trocar o primeiro carro por outro que eles já tinham roubado e escondido em algum lugar. Eles queimariam o primeiro e, em seguida, levariam o segundo para o depósito onde você está agora. Deixei que eles cuidassem dos detalhes.

— Ele disse onde abandonaria o primeiro carro?

— Em um grande edifício vazio ao lado de um campo de pouso abandonado a uns dez quarteirões do cassino. A ideia era que, dentro de um prédio abandonado, o carro poderia queimar por horas antes que a polícia o encontrasse.

— Tudo bem. Posso trabalhar com isso.

Desliguei o celular e removi a bateria com a mão que estava livre. Esmaguei o aparelho sob o pé e chutei-o para longe. Saí pelo

portão, voltei ao meu carro, acionei a ignição e parti. A umidade da tarde estava começando a diminuir, e a luz do sol brilhava no pântano, atingindo os para-brisas dos carros que se aproximavam. Ao voltar à estrada, já planejava minha estratégia de busca. Já estava perdido em pensamentos. Queria repassar a fuga de Ribbons passo a passo. Se eu pudesse recriar sua fuga, ainda haveria uma chance de poder encontrá-lo vivo.

Verifiquei meu relógio.

Faltavam trinta e seis horas.

12

O Atlantic Regency Hotel Casino foi a primeira coisa que reconheci no horizonte. Pareceu pairar sobre mim na estrada como um gigantesco obelisco de vidro. Era impossível passar despercebido. Tinha vinte andares e uma torre de rádio mais alta do que o segundo hotel mais alto, o que fazia dele um dos maiores cassinos resort do país. Um triunfo da engenharia moderna, pensei. A torre tinha a forma de um cavaleiro branco sobre um tabuleiro de xadrez. Todo o complexo de um bilhão de dólares não passava de um quarteirão de armadilhas à beira-mar para turistas há apenas dois anos, e agora lá estava. Haviam trabalhado noite e dia para erguê-lo tão rapidamente. O letreiro era visível a quilômetros de distância.

Eu sempre me senti mais confortável com a arquitetura do que com as pessoas. As pessoas podem ser chatas. Um edifício bem concebido sabe como manter seus segredos. Pense nas muralhas de Troia. Nenhum exército humano conseguiria rompê-las, mas um truque simples, como um cavalo repleto de soldados escondidos, poderia tornar toda aquela segurança sem sentido.

Quando me aproximei, pude sentir o mar em minha pele. Dei a volta por trás do calçadão, perto dos fundos e das entradas laterais do cassino, e circulei em busca de uma vaga para estacionar. Não demorou muito até passar pelo lugar onde o trabalho dera errado. Toda a área estava cercada com fitas de isolamento policial, e cada quarteirão num raio de quilômetros estava repleto de carros. As equipes de reportagem pareciam que acampariam ali por um bom tempo. Vans de cada sucursal em um raio de duzentos quilômetros

estavam estacionadas com cadeiras de acampamento montadas ao lado, como se fosse um "esquentão" antes de um jogo. Havia operadores de câmeras com óculos de sol bebendo refrigerantes à sombra e um mar de outras pessoas. A comoção que eu vira anteriormente no noticiário abrandara um pouco devido ao calor da tarde, mas ainda havia uma multidão de curiosos de pé perto da área isolada. Um policial uniformizado mandava-os seguir em frente. À entrada do hotel, sob uma fileira de buracos de bala, o *R* de Regency estava faltando. Os buracos provavelmente não estariam mais ali pela manhã, assim que a polícia autorizasse o cassino a consertá-los. Mas, por enquanto, o lugar ainda parecia um campo de batalha, embora todos os corpos tivessem sido removidos.

Encontrei uma vaga a alguns quarteirões de distância e comecei a voltar a pé. Se eu pudesse ver o lugar onde Ribbons e Moreno estiveram trabalhando, sabia que poderia reconstruir a fuga em minha mente. Eu poderia seguir as mesmas etapas e talvez até mesmo ver o que eles viram. Pensar o que pensaram. Passei pelos repórteres de televisão e agachei-me sob a fita amarela da polícia. O policial olhou para mim, mas enfiei a mão no bolso da camisa e tirei minha carteira. Eu a mostrei para ele como se não desse a mínima. Não se parecia nem um pouco com um distintivo, mas a melhor parte do meu trabalho é a confiança. Se você agir com segurança, as pessoas acabam acreditando.

Ele acenou para que eu passasse sem dar uma segunda olhada.

As portas do cassino sob o letreiro do Regency estavam trancadas, cobertas com folhas de plástico transparente. Tudo parecia estranhamente vazio. À hora do crime, toda a área estaria relativamente calma, mas não desse jeito. Os carros foram retirados do estacionamento, e as manchas de sangue, lavadas com uma mangueira de alta pressão. O lugar parecia uma cidade fantasma. A garagem era um daqueles lugares de concreto sem paredes onde

você pode subir até dez andares e estacionar no teto, se quiser. A bilheteria fora destruída e estava cercada por uma série de fitas de isolamento completamente diferentes. Eu podia ver todo o assalto dando errado, começando com os brilhos no cano do rifle de assalto de Ribbons. Não se parecia nem um pouco com o plano simples que Marcus descrevera. Aquilo fora uma batalha, não um assalto.

Moreno ficara para trás com o rifle de caça. Olhei para o lugar onde ele se escondera. Seis da manhã significava tráfego mínimo, se é que havia algum. Ribbons estava ali para um assalto puro. Moreno tentara matar todos os guardas silenciosamente, mas não conseguira. Havia diversos buracos de bala no chão. Um dos guardas ainda deveria estar vivo quando Ribbons começou a atirar. Não havia nenhum outro motivo para ter disparado tantos tiros. Eu podia ver o local onde Ribbons matara o último sujeito. À queima-roupa, em modo automático. O sangue fora lavado, mas as balas arrancaram parte do asfalto em um estreito agrupamento. Aquilo fora uma execução.

Pulei a barreira de concreto e entrei na garagem. Vi imediatamente onde o carro de fuga estava estacionado. Havia buracos de bala nos pilares ao redor e marcas de borracha queimada no chão. O vidro quebrado e as peças do carro foram removidos, mas as marcas de pneus e os buracos de bala ainda estavam ali. Fiquei de pé onde o carro de fuga deveria ter estado e analisei um dos furos na pilastra. Era uma calibre .30, pelo menos. Alguém estava esperando Ribbons e Moreno. Alguém estivera sentado do outro lado da garagem, observando-os através da mira de um rifle da pesada. A bala penetrara ao menos cinco centímetros no concreto.

Um francoatirador.

Marcus não mencionara um francoatirador, mas as notícias no avião o chamaram de "o terceiro homem". Ele disparara a trinta

metros, de uma extremidade do estacionamento para a outra. Com um rifle assim, teria sido como tirar doce de criança. Dava para ver como ele conseguira matar Moreno com um tiro. Àquela distância, um francoatirador treinado poderia matar os dois de olhos vendados. Tantos tiros extras sugeriam que meu atirador era um tanto amador. Teve de compensar a falta de habilidade com um grande número de balas.

O que eu não conseguia entender era a sincronia.

O terceiro homem disparara contra Ribbons e Moreno somente depois que eles finalizaram o assalto. Uma pessoa normal teria tentado impedir o roubo em andamento em vez de esperar até estar quase no fim. Droga, nem mesmo um criminoso rancoroso teria tentado interromper o assalto antes disso, uma vez que nada é mais perigoso para a vida de um criminoso do que uma alta contagem de corpos. Cheguei a achar que talvez o terceiro atirador precisasse de alguns minutos para preparar seu rifle. Talvez ele não tivesse uma boa posição de tiro até a merda acontecer. Talvez ele não soubesse exatamente o que aconteceria. Talvez o rifle estivesse descarregado ou no porta-malas quando Moreno disparou o primeiro tiro. Mas nenhuma dessas explicações parecia correta.

O atirador devia saber o que estava para acontecer. Quais eram as chances de ele estar no lugar certo, na hora certa, com a arma certa? O atirador devia conhecer de antemão o plano de Marcus. Como diabo algo *assim* podia acontecer? Os planos de Marcus só deram errado uma única vez, e por minha culpa.

Sim, aquilo certamente fora premeditado. Eficiente. Talvez até mesmo pessoal. Alguém sabia com antecedência que o assalto aconteceria, posicionou-se em um ângulo pensado previamente e esperou para dar o primeiro tiro no momento certo. Qual era o objetivo? Eu não sabia, mas podia adivinhar. O terceiro atirador queria o dinheiro que Moreno e Ribbons tinham acabado de roubar.

Seria um duplo assalto. Ribbons e Moreno fariam o trabalho sujo, e o terceiro atirador iria embora com o produto do roubo.

Perguntei-me se ele se preocuparia em começar uma perseguição. Provavelmente não. Era muito arriscado. Uma vez que Ribbons conseguisse sair da garagem, o terceiro atirador perderia sua janela de oportunidade. Persegui-lo pelas estradas não fazia parte do plano. Se demorasse muito, ou terminasse do modo errado, ambos poderiam ser pegos. Os policiais podiam estar a alguns quarteirões de distância, claro, mas, após um tiroteio como aquele, cada viatura em um raio de quilômetros estaria com a sirene ligada. A perseguição também exigiria que o terceiro atirador abandonasse sua própria rota de fuga. Mesmo os melhores motoristas do mundo não correriam esse risco.

Olhei para as câmeras de vigilância. Estavam várias gerações desatualizadas. Eu vira fotos tiradas com câmeras de tal época. As placas dos automóveis pareceriam um teste de Rorschach. No avião, verifiquei que os noticiários nada falaram sobre os policiais terem capturado o terceiro sujeito. Talvez seu carro de fuga ainda estivesse desaparecido. Se fosse assim, ele deveria ter planejado a fuga tão bem quanto Ribbons e Moreno. Talvez até melhor. Afinal de contas, o atirador não tinha seu rosto em todos os jornais.

Fechei os olhos e coloquei-me em seu lugar. Tornei-me ele por um momento e vivi através de seus sentidos. Senti a adrenalina e o peso do rifle contra o ombro. Imaginei-me tentando conter minha respiração acelerada enquanto centralizava a mira na nuca de Moreno. Imaginei-me contando meus batimentos cardíacos e fazendo a correção da pontaria considerando o vento marinho. Imaginei-me esperando exatamente o momento certo, até Ribbons atravessar a barreira de concreto de volta para a garagem. Imaginei-me apertando o gatilho, sentindo a força do coice da arma ser absorvida pelo meu ombro e vendo a névoa rosa se erguer enquanto

o corpo de Moreno tombava sobre o volante. Imaginei o que eu devia estar pensando naquele exato momento.

Havia apenas uma coisa em minha mente.

Matar.

* * *

Fiquei ali mais um instante, depois abri os olhos e pisquei. Quando saí, fui em direção ao calçadão, deslizando rapidamente sob a fita amarela, passando pelo policial, entrando no trânsito de pedestres. Um homem vestindo um short jeans rasgado passou por mim em um riquixá. A dez dólares por corrida, era um táxi lento e caro. Aquilo não era para mim. Misturei-me ao mar de roupas de cores brilhantes de verão da multidão. Tornei-me invisível. Vi o mar pela primeira vez. Agitava-se como uma gigantesca mancha de óleo preta contra as dunas.

Quando voltei ao meu carro alugado, liguei o GPS. O aparelho detectou minha posição no momento. Olhei para o mapa por um bom tempo e vasculhei as redondezas usando as setas. O lugar parecia um pesadelo para um fugitivo. Um dos lados do Regency era voltado para o mar, outros dois, para outros cassinos, e o quarto dava para uma estrada principal que, por sua vez, desembocava em uma estrada patrulhada com um posto de pedágio a cada poucos quilômetros.

Memorizei o mapa enquanto o percorria. Não sou um piloto de fuga. Sei dirigir bem se realmente for preciso, mas planejar rotas de fuga nunca esteve entre os meus talentos. Havia um monte de informações que o piloto de fuga que planejara o assalto teria sabido, mas que eu não tinha tempo de descobrir. Fiquei pensando na pista que Marcus me dera. Um aeroporto abandonado. Eu chegara no Atlantic City International, a cerca de trinta quilômetros

através dos pântanos salgados. Certamente haveria algumas pistas de pouso abandonadas por lá, mas ficavam quase cem vezes mais distantes do que qualquer piloto de fuga razoável poderia aceitar, principalmente no primeiro carro de fuga. Se aquela era uma fuga de dois carros, como Marcus dissera, eu deveria procurar algo em um raio de dez quarteirões. Vasculhei o mapa por mais alguns segundos, dedicando toda a minha atenção a ele.

Li em algum lugar que não existe esse negócio de memória fotográfica. Ninguém se lembra de tudo perfeitamente, e as pessoas que dizem se lembrar são mentirosas. Eu acredito nisso, mas mesmo as pessoas normais podem se lembrar de mais do que imaginam. Os poetas gregos costumavam memorizar poemas épicos de centenas de páginas, e eles não tinham nada de especial. Faziam isso do modo como eu memorizo mapas. Faziam isso da mesma forma que Angela me ensinou a memorizar coisas. Aos poucos e com muita prática.

Vi todas as rotas possíveis se expandirem em minha mente, espalhando-se como galhos de uma árvore.

Encontrei algo que parecia promissor a cerca de dez quarteirões de distância. Era um caminho que corria paralelo à praia por alguns quarteirões antes de terminar em um dos bairros mais pobres da cidade. O ponto final parecia uma grande mancha vazia no mapa. Havia uma referência a um campo de beisebol, porém nada mais. Olhei para aquilo sem pressa e finalmente consegui entender onde a torre de controle costumava ficar, assim como as pistas e o estacionamento. Aquilo já *fora* um campo de pouso. Agora era apenas uma zona morta de prédios abandonados, a menos de dez quarteirões do centro.

Tracei a rota. Segui todas as direções mentalmente. Ficava a menos de cinco minutos de carro. Três minutos, se não houvesse tráfego. Dois, se você dirigisse como se o diabo o estivesse

perseguido. Talvez o terceiro atirador tivesse perseguido e alcançado Ribbons antes mesmo que ele chegasse lá.

E eu teria uma surpresa muito sangrenta.

13

KUALA LUMPUR, MALÁSIA

Nosso avião pousou às cinco da tarde, e a cidade estava fervendo. Lembro-me claramente daquela noite. Era inverno, e o sol estava no limiar do horizonte, mergulhando sobre o oceano e iluminando toda a cidade com uma luz cor de sangue. Havíamos seguido o sol durante a maior parte do voo de trinta horas. Eu o observei sobre a asa através da janela do avião.

Marcus nos dera novos passaportes. O meu era dos Estados Unidos, em nome de *Jack Delton*. Também não parecia ser falsificado. Até mesmo o laminado especial parecia verdadeiro quando eu o esfreguei. Serviria como minha principal forma de identificação enquanto eu estivesse no país. Claro que eu também trouxera um segundo passaporte por segurança, mas aquele era apenas para emergências.

Todos passamos pela imigração sem alarde. Lá fora, uma limusine branca nos esperava. Marcus combinara tudo com antecedência, o que foi bom. Eu não falava uma única palavra de malaio e não tinha um centavo em moeda local. Estava completamente nas mãos dele.

Eu não fazia ideia de quantos problemas isso me traria.

A Malásia não se parecia com nenhum lugar que eu tivesse visto anteriormente. Enquanto seguíamos para o hotel, encostei-me à janela da limusine e observei as ruas passando. A cidade era repleta de riqueza e cultura, mas toda essa riqueza e cultura se espalhavam

de um modo que me parecia aleatório. O bairro financeiro tinha arranha-céus do tamanho de montanhas ao lado de grandes espaços vazios que nada tinham além de poeira e arbustos. Os parques possuíam fontes iluminadas, como Las Vegas, mas a periferia da cidade era tão pobre quanto as favelas de São Paulo. As Petronas Towers dominavam a paisagem. Eram iluminadas com refletores que clareavam as nuvens. Eram seu símbolo, creio eu. Seu Empire State Building, sua ponte Golden Gate, seu letreiro de Hollywood, tudo junto. Para onde quer que eu olhasse, lá estavam elas, brilhando ao longe.

Quando finalmente chegamos ao hotel, eu estava exausto. A diferença de fuso horário em relação a Los Angeles era de nove horas, e eu não pregara o olho durante todo o voo de trinta horas. Nossa suíte no Mandarin Oriental era do tamanho de uma casa pequena. Entrei pela porta e tirei meus sapatos quase no mesmo movimento. Havia uma cesta de frutas no balcão com um cartão de boas-vindas personalizado, mas eu só conseguia pensar em café. Fui direto até a pequena cozinha para procurar uma máquina de café enquanto o resto do grupo foi para a sala de jantar e começou a se servir de bebidas do bar. Olhei através das janelas, que iam do chão ao teto, para o brilhante arranha-céu à nossa frente. Já escurecera, e as luzes iam surgindo como distantes fogos de artifício.

Encontrei a máquina e estava colocando o café moído no filtro quando ouvi Angela se aproximando por trás de mim. Congelei ao ouvir o som de seus saltos sobre o carpete. Fez-me lembrar de quando nos conhecemos.

Quando Angela me colocou sob suas asas, eu tinha vinte e três anos. Eu não era uma pessoa muito cuidadosa. Na verdade, nem era muito bem uma pessoa. Não passava de um garoto de Las Vegas que não queria mais lidar com a sociedade. Não tinha qualquer personalidade ou talento particular. Passara alguns anos no St.

John's College, em Annapolis, Maryland, mas nunca fizera nenhuma amizade. Fora meu trabalho, não tinha qualquer ambição. Nenhum objetivo. Quando eu a conheci, sonhava com assaltos em bancos de praças e dormia na traseira do meu carro. Cometi um monte de erros amadores. Angela me treinou de modo a me livrar de tudo isso. Ela me ensinou a ser cuidadoso e a cortar meus últimos laços com o mundo normal e viver feito um fantasma. Certa noite, esquentou a frigideira no fogão até ficar cor de laranja, então me disse para colocar meu cinto na boca e morder o couro. Com sua ajuda, pressionei meus dedos contra o metal ardente diversas vezes, até formar cicatrizes e as impressões digitais nunca mais voltarem a se formar.

— Você está preparando café a esta hora? — perguntou.

— Não consigo dormir — respondi.

— Dois saquinhos de açúcar para mim, então.

Ela se sentou no sofá do outro lado da cozinha tipo quitinete. Mesmo com a cabeça voltada para o outro lado, eu podia sentir que Angela olhava para mim. Tirei o excesso de água do balão de vidro. Enchi a máquina com água e apertei o botão. A máquina ferveu e começou a pingar. Angela ficou sentada em silêncio enquanto eu observava o café pingar até a luz se apagar. Abri dois saquinhos de açúcar para ela e, em seguida, servi o café quente em duas xícaras de cerâmica. Mexi delicadamente com a colher.

— Você anda calado — disse ela.

— Nunca estive nesta cidade.

— Não. É mais do que isso — acrescentou.

Entreguei-lhe a xícara e sentei-me a seu lado em uma cadeira em frente à mesa perto da janela. Eu a vi mexer o café e olhar para a xícara, como se estivesse lendo folhas de chá.

— O que você sabe sobre Marcus? — perguntou ela.

— Sei que seus trabalhos são grandes. Sei que todo mundo sai rico deles.

— Mas você sabe alguma coisa sobre ele? Qualquer coisa?

— Não — respondi. — Mas eu sei quase nada sobre você, e eu a conheço há quase oito anos. Você sabe algo que eu não saiba?

— Sei que ele é muito inteligente — disse ela.

Assenti.

— Ele parece ter tudo planejado. Gosto disso. Parece que ele sabe o que está fazendo.

— Mas você não *sabe* se ele sabe o que está fazendo.

— Você está certa, eu não sei.

Ela franziu os lábios e pousou o café sobre uma sólida escrivaninha ao nosso lado. Ela cruzou as pernas e mordeu o lábio enquanto pensava. Angela demorou a falar, como se não estivesse completamente certa do que dizer, ou de como dizê-lo.

— Falei para ele sobre você — disse ela após um instante.

Fiquei calado.

— Marcus me disse que queria opções, então eu lhe passei seu e-mail anônimo. Achei que você não viria. Achei que você nem mesmo pensaria a respeito. O modo como você escolhe seus trabalhos não é normal. Eu vi você recusar trabalhos que outros homens esperariam a vida inteira para conseguir. Eu pensei que ele lhe mandaria uma mensagem e você nem mesmo *responderia*. Você estaria em algum lugar do Mediterrâneo, lendo um de seus livros, esperando surgir algo mais interessante. Copiando antigos murais romanos ou algo assim.

— Eu estou aqui.

— Você está — disse ela. — E eu não sei como me sinto a respeito disso.

Olhei para meu café e não disse nada. Angela afundou os pés no tapete, como se estivesse pensando em algo grande demais para ser

expresso em palavras. Ficamos em silêncio por um instante. Ela estava perdida em algum lugar de seus pensamentos.

Então ela disse:

— Quero que você me desenhe uma nota de um dólar.

— O quê?

— Agora mesmo, desenhe a melhor nota de um dólar americano que você conseguir.

— Isso é uma coisa hipotética, ou você realmente quer que eu desenhe?

— Não. Eu realmente quero que você desenhe. Provavelmente você vê notas de um dólar dezenas de vezes por dia. Você certamente já passou mais tempo olhando para uma nota de um dólar do que olhando para seus próprios dedos dos pés. Não precisa ser perfeito. Eu só quero que você desenhe.

— Para quê?

— Considere isso parte de sua educação.

— Realmente não sou bom com falsificações.

— Eu não pedi para você *copiar* uma nota de um dólar, pedi para me desenhar uma.

— Qual é a diferença?

— Trata-se da nota de um dólar em sua cabeça — disse ela. — Não dessa que está na sua frente. Pense nisso como um exercício de percepção. Eu quero ver do que você se lembra, não o que você vê. Eu posso olhar para um mapa e memorizá-lo em um instante. Não nasci assim. Aprendi a fazer isso sozinha. Estudei labirintos até poder copiá-los tendo-os visto apenas de relance. Parece fácil, mas não é. Eu quero que você faça a mesma coisa, começando com a frente de uma nota de dólar. Veja, tenho até mesmo uma caneta na cor apropriada.

Ela abriu a bolsa e tirou uma caneta hidrográfica verde de ponta fina. Ela a pousou sobre a mesa ao lado do bloco de papel timbrado

do hotel. Olhei para ela. Ela me olhou de volta.

— Tudo bem — respondi.

Peguei a caneta e comecei com um retângulo cerca de duas vezes e meia maior no comprimento do que na largura. No começo, pensei que seria fácil. Quem não sabe como é uma nota de um dólar? Mas, ao tentar colocar tudo junto em minha cabeça, a coisa começou a desandar. Havia muitos detalhes. Eu me lembrava do layout geral. Desenhei o número 1 nos quatro cantos. Lembrei-me de que o número superior esquerdo era cercado por um desenho floral, então eu o circulei. Lembrei-me de que o número no canto superior direito era envolvido por uma coisa em forma de escudo, de modo que adicionei algo parecido. Desenhei uma elipse no centro e fiz um retrato de Washington muito simplificado. Em seguida, escrevi as palavras *The United States of America* em cima. Sob o retrato, escrevi *One Dollar*. Virei o pedaço de papel e mostrei para ela.

— Não — disse Angela. — Tente outra vez.

Dei outra olhada para avaliar o que eu fizera de errado, então peguei uma nova folha de papel.

Comecei com o mesmo retângulo, porque sabia que aquilo estava mais ou menos certo. Escrevi os números em todos os quatro cantos e desenhei um círculo em torno do canto superior esquerdo e um quadrado ao redor do canto superior direito. Desenhei a elipse com o retrato no lugar certo e também o *The United States of America* e o *One Dollar*. Desta vez, lembrei-me de que no topo da nota havia as palavras *Federal Reserve Note*, então escrevi aquilo. Daí me lembrei que havia selos oficiais em ambos os lados, de modo que desenhei círculos à esquerda e à direita do retrato. Escrevi uma fileira de números aleatórios sob a palavra *America* e as palavras *This note is legal tender for all debts, public and private* debaixo da palavra *United*. Desenhei uma pequena linha ondulada sob cada selo, onde deveriam ficar as assinaturas.

Ela me interrompeu antes que eu terminasse.

— Não, também não é assim.

Amassei a folha e comecei um terceiro desenho.

Desenhei o retângulo. Escrevi os números em todos os quatro cantos. Ela me deteve nesse ponto.

— Não — disse ela.

Joguei o bloco de papel do outro lado da escrivaninha.

— O que você quer de mim? — perguntei.

— Quero lhe ensinar algo.

— O que você acha que isso pode me ensinar?

— Quero ensiná-lo a pensar a respeito daquilo que você acha que já sabe.

Olhei feio para ela por um segundo. Mordi o lábio.

Angela tirou do bolso uma nota de um dólar e pousou-a, voltada para cima, sobre a mesa diante de mim. Nova em folha. Não poderia ser mais recente, mais fresca ou mais nítida se tivesse acabado de ser impressa e cortada na véspera.

Olhei para a nota.

Era em preto e branco. Somente os números de série e o selo do tesouro eram verdes. Meus olhos se detiveram ali, perdidos no preto e branco da nota.

— A memória é uma coisa engraçada — disse ela. — Nossa lembrança é de que o dinheiro americano é verde, embora a frente das notas não seja. Mas essa não é a lição aqui.

Eu não conseguia tirar os olhos da nota.

Ela disse:

— Esta lição é sobre confiança.

Então ela pegou a caneta verde, levantou-se e foi embora. Seu café esfriava sobre a mesa e ficou ali até a manhã seguinte, quando finalmente tive coragem de jogá-lo fora. A nota de um dólar ficou mais tempo. Eu ainda a tenho guardada em algum lugar. Eu a

mantenho como um lembrete de alguma coisa. Não estou certo de quê.

No dia seguinte, começamos a trabalhar.

14

ATLANTIC CITY

Segui o curto e sinuoso trajeto através do coração da cidade, reconstruindo a fuga de Ribbons em minha mente. Eu podia vê-lo dirigindo à minha frente, forçando o surrado carro de fuga ao limite até que o chassi estremecesse e a fumaça começasse a sair do capô. Ele lutava contra o veículo. Os aros de suas rodas erguiam uma chuva de faíscas. Líquido de arrefecimento e óleo vazavam. Mas Ribbons continuava dirigindo. Tinha de fazê-lo. Era isso ou voltar para a prisão.

Deixar o bairro dos cassinos era como cair pela borda da Terra. Lá, junto ao calçadão, a cidade fervilhava com o comércio. Cinco quarteirões mais adiante, as imediações pareciam um país de Terceiro Mundo. Em apenas três minutos, passei de coberturas de cem milhões de dólares para cortiços arruinados. Aquele bairro que não era bairro assemelhava-se à boca de um viciado em crack: casas geminadas destacando-se como dentes podres, tortos, com enormes vazios entre eles.

Passei por uma cerca quebrada que a cidade colocara ao redor da pista de pouso abandonada para manter as pessoas do lado de fora. Na verdade, o lugar não parecia grandes coisas. Eu poderia ter passado direto caso não o estivesse procurando. O motor do Civic era o único som audível. Ali perto, vi um estádio de beisebol completo, com placas de compensado sobre as janelas e as portas.

Passei por outra cerca enferrujada que separava as pistas de pouso daquilo que fora o estacionamento do aeroporto. Em outra época, teria havido verificações de segurança, holofotes e câmeras de circuito fechado a cada quinze metros. Agora, os únicos refletores eram vistos à noite através da estreita enseada de água salgada ao fim da pista, na qual os cassinos projetavam longas sombras sobre os pedaços de canos e blocos de concreto no lugar onde ficava a torre de controle. Grama marrom brotava por entre as rachaduras.

O motor estalava enquanto resfriava. Saí e inalei o ar.

O lugar era menor do que se poderia imaginar. Uma parte fora reaproveitada, outra, não. Alguns lugares quase pareciam um parque público, outros, uma simples ruína urbana. Pilhas de lixo. Restos industriais. Carros incendiados e móveis encharcados. Havia hectares de prédios vazios e blocos de concreto pintados com spray, arrancados por equipes de restauração, mas nunca removidos dali. Vi alguns buracos na cerca por onde uma pessoa poderia entrar de carro, mas não entrei. Em vez disso, abaixei-me através de um deles e segui a pé. A natureza começara a recuperar a terra. O que costumava ser pistas para caminhões de bagagem e vãos para as luzes da pista eram agora caminhos de terra batida e buracos no concreto. A pista de pouso se tornara um campo novamente, e a pintura rachara havia muito tempo. Imaginei haver patrulhas periódicas, mas não vi sinais de atividade recente. As placas de *Não ultrapasse* estavam gastas e cobertas de pichações indecifráveis. Era como um ferro-velho sem dono. Atravessei aquilo até chegar perto do centro, onde havia um aglomerado de prédios abandonados. Duas caçambas de lixo vermelhas e uma trave de futebol, inexplicavelmente tombadas de lado sobre a terra, guardavam a pista distante.

O primeiro edifício, que supus ter sido um hangar, estava trancado pelo lado de fora com uma corrente que resistira a muitos

arruaceiros. Era unida por um cadeado com combinação de quatro dígitos, ligando dois elos marrons. O cadeado e a corrente enferrujaram juntos.

O segundo hangar parecia ser igual ao primeiro. Havia uma pilha de lixo entre eles, e eu sentia cheiro de podre e fezes de animais.

Caminhei em direção ao terceiro hangar.

Foi quando ouvi.

Era um som agudo, algo entre um som de metal roçando contra metal e o retinir de um sino. Era tão baixo que eu quase não conseguia ouvi-lo acima do rumor do vento.

Esperei um instante, escutando, mas ouvi apenas a batida do meu coração. Então, o vento aumentou e o fedor do lixo me atingiu com maior intensidade. Olhei em volta, no caso de haver mais alguém ali. Eu me movi lentamente, muito lentamente, na direção em que pensei ter ouvido o som. Dobrei a esquina, voltando em direção ao segundo hangar, que tinha portas duplas corrediças, tipo as de um celeiro, projetadas para serem abertas a partir do centro. Quando o aeroporto ainda funcionava, aquele edifício teria abrigado meia dúzia de aviões particulares. Agora cheirava como qualquer outro armazém enferrujado. Olhei para a corrente que unia as portas.

Fora partida em dois lugares.

As portas estavam abertas apenas alguns centímetros. O interior do hangar estava escuro como breu. No chão, vi dois grupos de rastros que levavam ao interior. Caminhei cuidadosamente ao redor deles. Marcas de pneus. Frescas. Naquele momento, preendi a respiração.

Sangue.

Havia, na maçaneta da porta direita do hangar, uma pequena mancha vermelha endurecida que tinha a forma de uma impressão digital. O sangue estava espalhado de forma desigual sobre a

maçaneta, em coágulos espessos e ressecados que começavam a descascar.

Deslizei as portas do hangar para abri-las.

15

Lá dentro estava o carro de fuga.

Era um Dodge Spirit 92 branco. Ao menos fora branco, antes de ter batido algumas vezes e ter sido alvejado por um rifle. Havia rachaduras em forma de teias de aranha no para-brisa por onde as balas passaram, deixando pequenos círculos perfeitos. As manchas de ferrugem na carroceria eram tão profundas que a tinta começara a descascar, e os quatro pneus estavam tão vazios quanto tiras de papel enroladas ao redor dos cubos das rodas.

O antigo hangar parecia uma caverna. Na época em que o aeroporto ainda funcionava, um hangar daquele tamanho poderia ter abrigado quatro aviões a hélice, ou um único Cessna de cinco janelas com metade do tamanho do Sovereign de Marcus. Agora, o piso de aço estava encardido de sujeira, repleto de vidro quebrado, e o fino isolamento das paredes apodrecia de dentro para fora. A água estagnada se acumulava sob as claraboias vazias. Quando o aeroporto fechou seus portões, a cidade deve ter retirado dali tudo o que tinha valor. Até mesmo o acrílico. Aquele teria sido o lugar perfeito para Ribbons abandonar o velho carro de fuga e esconder o que usaria a seguir. Era um lugar sujo e esquecido, mas que ficava a cerca de cinco minutos de carro do Regency. E eu fizera o percurso em meio ao trânsito.

Antes de fazer qualquer coisa, coloquei meu par de luvas de couro. Posso não ter impressões digitais, mas as mãos de alguém têm mais características de identificação do que você possa imaginar. Minha pele ainda produz óleos que meus dedos deixam

para trás em um padrão único. Só um especialista poderia reconhecê-los, mas ainda assim é possível. Também há o DNA que um sujeito inteligente pode isolar. Eu não esperava ser pego por algo assim, mas não estava disposto a correr riscos que não fossem absolutamente necessários.

Caminhei cuidadosamente, evitando as marcas na poeira, onde os rastros de dois carros trouxeram lama do campo. Imaginei que um conjunto de marcas era de Ribbons dirigindo o Dodge, e outro, do segundo carro saindo dali. Olhei através do para-brisa parcialmente destruído. Buracos de bala por toda parte. Buracos grandes, de rifle. Havia profundas manchas de sangue no estofamento do lado do motorista que iam até o chão. O sangue se unira às fibras e secara ali como uma tintura permanente. Estava líquido em sua maior parte, mas muito espesso e escuro por causa da coagulação. Você ficaria surpreso ao ver quão rapidamente aquilo entranha e coagula. É difícil remover. Precisa ser lavado com água fria e cloro. Certa vez, tive de fazer isso após um trabalho. Debrucei-me sobre a janela do lado do motorista. Ossos e massa encefálica se espalhavam pelo interior. Em certos lugares, eram tão espessos que quase não pareciam reais.

Gotas de sangue contam uma história — e não são difíceis de decifrar se você souber o que procura. Moreno devia estar no carro quando foi baleado. As gotas no para-brisa eram finas, com menos de um milímetro de largura, e começavam a solidificar, o que sugeria que sua cabeça estava perto do volante e que o impacto viera por trás. Segui os ângulos do borrifo até a área de convergência. A bala entrara no crânio na parte de trás de sua cabeça, passara pelo mesencéfalo e saíra pela testa. Havia respingos de alto impacto, mas nada que sugerisse um sangramento secundário. O tiro o matara instantaneamente. Alto calibre. Certo.

Dei uma olhada no sangue de Ribbons. Mesmo naquela bagunça, dava para distinguir de quem era o sangue. O de Ribbons tinha uma característica diferente. As gotas eram maiores. Os respingos de sangue de Ribbons mediam sete milímetros de largura e estavam densamente agrupados. Produziram uma mancha no lado esquerdo do banco do motorista, da altura do ombro para baixo. Aqueles não eram respingos de um tiro. De modo algum. Eram uma hemorragia secundária, que deve ter ocorrido após o impacto inicial da bala. Gotas grandes como aquelas indicam respingos passivos, o que me dizia que Ribbons se livrara do corpo de Moreno, mas só se sentara no banco do motorista após ser baleado. Olhei em volta, mas não consegui encontrar respingos de alto impacto do ferimento inicial de Ribbons, de modo que ele deve ter sido baleado fora do carro.

Coloquei-me no lugar dele por um minuto. Fechei os olhos e senti seu pânico e sua dor caindo sobre mim como uma onda gigantesca. Ele estava fugindo por puro instinto. O plano de fuga era a única coisa de que ele sabia. Era a única coisa na qual ele confiava.

Pisquei e dei uma olhada no carro mais de perto. Havia marcas de ferramentas entre a janela e a faixa de calafetagem, onde um deles arrombara a trava. O carro fora roubado, porque eles sabiam que precisariam abandoná-lo imediatamente. Junto às manchas de sangue, no porta-copos, havia um litro vazio de bourbon de segunda.

Precisei levar a manga da camisa ao nariz. O carro fedia muito.

O cheiro era como o de um ar-condicionado, embora podre. Havia algo tanto sulfúrico quanto químico naquele cheiro, feito gasolina misturada com removedor de esmalte. Sangue e massa encefálica não cheiram assim. Direcionei a luz de meu celular através das janelas do carro. Entre os bancos dianteiros, havia um pequeno estojo de couro. Moreno usava aquele estojo debaixo do braço quando nos conhecemos em Dubai. Eu nunca perguntei, porque

sabia que lá dentro haveria uma colher dobrada, um isqueiro, um pedaço de papel-alumínio e um cachimbo de vidro. Era um estojo para cocaína e metanfetamina. Moreno, eu ouvira dizer, preferia vaporizar a droga e sugá-la através de uma nota de dinheiro enrolada. Quando ele não estava fumando ou bebendo, coçava a ferida no rosto. Quando eu o conheci, ele coçava, coçava e coçava.

Mas o cheiro não vinha dali.

Metanfetamina tem um cheiro adstringente e ligeiramente metálico. Eu estivera com bandidos e viciados suficientes para saber disso, embora sempre recusasse a me juntar a eles quando me ofereciam. O carro não cheirava a nada parecido. Era muito pior.

Dei a volta até o outro lado. O fedor parecia piorar perto do porta-malas. Havia sangue salpicado na calota esquerda, com pequenos pedaços de crânio ensanguentados alojados nas ranhuras das rodas. Meu Deus. Por um instante, consegui visualizar Ribbons em pânico, empurrando o corpo de Moreno no chão e dando marcha a ré. O carro passara sobre sua cabeça e a esmagara. O porta-malas estava trancado. Demorou um minuto até eu encontrar a trava. Lá dentro havia uma mochila preta com caixas vazias de munição de rifle barata e importada. As caixas haviam sido abertas, aparentemente com um abridor de cartas. Havia apenas uma bala não disparada e eu a examinei: 7,62x39mm com núcleo de aço, certamente para a AK-47 de Ribbons. Ele pode tê-la deixado para trás durante a histeria, ou a deixou cair enquanto estava carregando os pentes. Guardei a bala no bolso e, em seguida, abri o compartimento do estepe, para o caso de o cheiro estar vindo dali. Não estava. Abri uma porta traseira.

Sob o assento, havia uma pasta de couro macio com mais munição. Corri um único dedo enluvado sobre a janela do passageiro e senti as rachaduras de estresse. Minha luva ficou manchada com terra e resíduos de sangue. As duas balas perfuraram o

estofamento. Estavam em algum lugar sob os assentos, a menos que tivessem atravessado por completo.

Saí dali, fechei a porta, fui até a frente do carro e abri a porta do lado do passageiro. Estava destrancada. Verifiquei o porta-luvas, onde encontrei um saco plástico contendo mais de meia dúzia de frascos de comprimidos cor de laranja. Hemostabil, ibuprofeno, dextrometorfano, diazepam, fenobarbital. Reconheci alguns. Ibuprofeno era o ingrediente principal de diversos analgésicos populares comprados na farmácia. Dextrometorfano era um supressor da tosse. Diazepam e fenobarbital eram sedativos, provavelmente para acalmar os nervos e dar uma segurada na onda da metanfetamina. Todos juntos pareciam o coquetel de combate que ouvi dizer que soldados rebeldes costumavam tomar na América do Sul. Atrás das drogas, havia uma lata de aerossol com o rótulo QuikClot. Reconheci a marca, porque ouvira falar a respeito daquilo no noticiário havia alguns anos, durante a Segunda Guerra do Golfo. Soldados pulverizavam aquilo em suas feridas para formar coágulos e estancar o sangramento durante algum tempo. O produto salvou algumas centenas de vidas, de modo que o trouxeram aos Estados Unidos para ser usado por hemofílicos. Agora, qualquer um poderia consegui-lo se soubesse onde procurar. É o Band-Aid do futuro. Vem em uma lata de spray.

Imaginei Ribbons estacionando o carro e esforçando-se para proteger seu ferimento. Mas ferimentos a bala são complicados. Sangram muito. Se ele fosse esperto, teria pressionado algo macio para estancar a hemorragia, algo como um pedaço de tecido ou até mesmo um pedaço de pão de hambúrguer, e, em seguida, amarrado com uma tira de sua camisa ou algum pedaço de plástico. Após ter sido ferido, Ribbons poderia ter se mantido consciente durante horas com o QuikClot e alguns primeiros socorros básicos.

Abri o estojo de couro entre os bancos e não fiquei surpreso com o que encontrei. Havia uma colher curvada que cheirava a vinagre e um par de agulhas novas. Tinha uma quantidade de metanfetamina com uma coloração rosada. Levei o dedo à metanfetamina e a provei. Fora adulterada com algum tipo de aroma de morango. Provavelmente estavam muito loucos quando ocorreu o assalto.

Vi uma pistola Colt 1911 no chão da traseira do veículo. Ergui-me parcialmente no banco do passageiro e olhei pela janela traseira estilhaçada. Ribbons deve ter disparado o Colt em algo atrás dele, voltando-se em seu assento e atirando através do vidro. Quem estaria atrás dele? Será que os policiais o estavam perseguindo, o terceiro atirador, ou tudo isso aconteceu nos dez segundos ou menos antes que ele pudesse ligar o motor?

Eu mal conseguia pensar por causa daquele cheiro horrível. O ruído que eu ouvira soou outra vez, agora muito mais perto.

Peguei meu celular e digitei o número de Ribbons, dígito por dígito. Um segundo depois de apertar o botão de chamada, ouvi um som alto, misto de sino e metal arranhado, vindo da porta do lado do motorista e ecoando pelas paredes do hangar.

Achei o telefone, um velho celular encaixado sob a almofada do banco manchado de sangue. Vinte chamadas não atendidas de um número bloqueado. A última chamada fora respondida às cinco da manhã. Houve uma chamada rejeitada às cinco e cinquenta e oito, e depois mais outra, dois minutos depois das seis. Também havia dezenas de mensagens de texto oriundas de números bloqueados. Todas diziam: *Seu pai precisa de você*. A lista de contatos estava vazia.

A última chamada era minha.

Saí do carro novamente e fui até o porta-malas. O cheiro tanto era nojento quanto perturbador. Agachei-me sobre um joelho e iluminei a parte de baixo da carroceria. Cobri a boca e o nariz com a manga

da camisa. Quando olhei sob o porta-malas, minha visão ficou desfocada. Então eu vi a fonte do cheiro.

Meu Deus.

16

Sob o carro, havia uma lata prata amarronzada com cinco galões de combustível. A válvula estava quebrada, e o líquido vazava aos poucos, acumulando-se em uma grande poça. Na lateral do recipiente, havia um símbolo amarelo de perigo. Soube de imediato o que era. Nafta, também conhecido como combustível Coleman. Feito de petróleo e alcatrão de carvão. Muito inflamável. Extremamente. Evaporava lentamente sob o Dodge.

Pior, aquilo estava ali havia mais de doze horas.

Quando eu estava apenas começando, fazia meus primeiros assaltos a banco com quem podia. Conheci um piloto que era um sujeito limpo e metódico. Sempre mantinha o cabelo no lugar usando aquela brilhantina que vendiam em pequenas latas redondas. Ele era o tipo do cara que gostava da palavra *brilhante*. Carro brilhante, aparência brilhante, movimentos brilhantes. Dirigia um Shelby GT500 prateado que era tão bem preservado que parecia que ele o tinha trazido em uma máquina do tempo. Tinha um motor tão brilhante quanto uma aliança de casamento e uma camada de tinta tão fresca quanto um recruta do Exército. Ele amava aquele carro. Depois de um assalto a um banco em Baltimore, do qual participei fingindo ser um cliente rico, estávamos fugindo da polícia com seiscentos mil em títulos ao portador e, de alguma forma, eles descobriram aonde estávamos indo para trocar nosso carro descartável pelo GT. Quando chegamos ao 500, o piloto não hesitou. Estacionou no primeiro lugar que julgou seguro e foi até uma mercearia, enquanto eu roubava um terceiro carro de fuga de um

estacionamento de hotel. Ele comprou cinco litros de nafta com um cartão de crédito pré-pago, sem que a garota atrás do balcão sorrisse para ele. Jogou a lata pela janela do lado do motorista, acendeu um fósforo e deixou a única coisa que ele já amara queimar atrás dele. Aquele Shelby era a sua vida. O combustível queimou o carro até o chassi. Até o bloco do motor. Seu carro clássico estava completamente carbonizado quando os policiais chegaram. Seu toca-fitas novo. Seus para-choques *vintage*. Seus assentos de couro personalizados — tudo torrado. Ambos saímos daquele assalto com dinheiro suficiente para comprar uma frota de GT500, mas o outro que ele comprou não era a mesma coisa, confessou. O combustível Coleman também queimara sua alma.

Dei três passos para trás, lembrando como meu piloto chamava aquilo.

Maçarico.

Recuei rapidamente, afastando-me dos vapores tóxicos. Quando saí do hangar, suspirei longa e profundamente. Eu sabia que aquela merda podia transformar cartuchos de espingarda em poças de plástico, revólveres de bronze, em poças de metal carbonizados, além de queimar partes do corpo humano até os ossos virarem cinzas.

Pensei em voltar e terminar o que Ribbons começara. Uma pequena faísca carbonizaria cada fragmento de evidência. Explodiria tudo como no Quatro de Julho. As drogas seriam vaporizadas. As balas derreteriam como solda no chassi. Todo o hangar pegaria fogo.

Mas esse era o problema.

Havia pistas ali que eu não decifrara. Para um especialista, aquele carro poderia contar uma história. Até agora, ele me falara sobre o estado mental de Ribbons, sua saúde e seus planos de fuga. Mas havia mais. E quanto às marcas de pneu do carro que saíra do

hangar? A que tipo de carro pertenciam? Além disso, no momento em que eu jogasse o fósforo naquele carro, a polícia estaria a caminho, e eu ainda tinha negócios a tratar por ali.

Para começo de conversa, por que Ribbons não incendiara o carro? Ele chegara tão longe no processo ao despejar a nafta, por que não terminara o serviço? Tudo estava pronto para explodir, portanto não teria sido difícil. Tudo o que ele tinha a fazer era acender um fósforo. Fósforos podem ser difíceis de acender quando você está usando luvas, ainda mais passando por um choque séptico devido a um ferimento a bala. Isso para não mencionar os tremores de um quarto de grama de cristal de metanfetamina, mas não poderia ter sido tão difícil. Talvez ele tivesse tentado atear fogo à coisa, pensei. Os fósforos não são tão confiáveis quanto as pessoas pensam. Oito em cada dez vezes, um fósforo aceso se apaga antes de chegar ao chão. E, às vezes, mesmo quando fica aceso tempo suficiente para atingir o combustível, nada acontece. Certa vez, vi um sujeito jogar um cigarro aceso em um balde de gasolina. O cigarro se apagou, como ele me disse que aconteceria. Fogo precisa de combustível e oxigênio. Combustíveis líquidos, especialmente dentro de recipientes, muitas vezes não têm oxigênio suficiente para pegar fogo a partir de uma pequena chama. Mas aquilo não parecia certo. Se Ribbons estava suficientemente consciente para chegar até ali, ele teria feito qualquer coisa para atear fogo àquele Dodge. Aquelas evidências poderiam condená-lo. Droga, mesmo que estivesse sem fósforos, poderia ter ateadado fogo em tudo com um disparo de seu rifle de assalto. Deve ter acontecido alguma outra coisa que estava me escapando.

Peguei o telefone de novo e olhei para os números durante alguns segundos. Atlantic City. O número voltou a mim, como uma memória muscular.

Serviços de Concierge Executivo.

A chamada foi atendida um segundo depois.

— Aqui é Alexander Lakes.

— Preciso de um piloto.

— Perdão?

— Estou procurando uma pessoa que conheça carros. Vocês fazem serviços ou apenas fornecem material?

— Trabalhamos com vários mecânicos na cidade. Onde é que eu devo...

— Eu não preciso de um mecânico. Eu preciso de um piloto. Alguém que possa consertar uma transmissão quebrada não é bom o bastante. Estou procurando alguém que possa dar uma olhada em algumas marcas na lama e dizer o tipo de carro que as produziu. Alguém discreto, que não faça perguntas e goste de ser pago em dinheiro. Preciso de alguém que conheça carros como eu sei respirar.

Lakes ficou em silêncio por um segundo. Pensando.

Ele disse em seguida:

— Podemos arranjar isso.

Ouvi enquanto Lakes caminhava com seu telefone até outra sala. Devido à natureza do meu trabalho, todos os nomes e números de telefone em minha cabeça poderiam caber em um único cartão de fichário. Confio em receptadores e cérebros para conhecerem as pessoas para mim. É mais seguro, na maioria das vezes. Ouvi grilos ao longe até Alexander voltar a falar.

— Há um sujeito chamado Spencer Randall com quem já trabalhei. Ele fez alguns serviços como motorista de emergência para nossos clientes. Muito profissional, muito discreto. É um dos melhores motoristas que já conheci.

— Ele conhece carros?

— Melhor do que ninguém.

— Ele está na cidade?

— Ele tem uma loja de automóveis em Delaware.

— Você não tem nada mais perto? Delaware é muito longe.

— Senhor, como já disse, não mantemos uma lista de clientes.

Apenas valores.

Balancei a cabeça.

— Randall é realmente tudo o que vocês têm?

— Sinto muito, senhor. Se me der algumas horas...

— Diga o número.

Ao fundo, pude ouvir o zumbido de um computador e o som de uma televisão com o volume baixo no outro lado da sala. Achei ter ouvido crianças brincando. Ele disse o número devagar, e eu só precisei ouvi-lo uma vez. Desliguei e digitei o novo número.

O telefone tocou sete vezes.

Quando alguém atendeu, deu para perceber claramente que estava em uma oficina mecânica. O homem do outro lado pigarreou e disse:

— Aqui é Spencer Randall. Quem fala?

Ele tinha uma voz macia e ligeiramente nasalada.

— Meu nome é Jack — respondi.

— Como posso ajudá-lo, Jack?

— Preciso de um piloto.

O telefone ficou mudo por um instante. *Piloto* era quase exclusivamente um termo de criminosos. Remonta aos primeiros tempos do assalto a banco profissional, antes de John Dillinger e do Sindicato de Chicago. Foi cunhado por um alemão chamado Herman Lamm, que foi o primeiro cérebro do crime. Ex-militar, ele foi a primeira pessoa a planejar assaltos como se fossem operações táticas. Antes dele, os assaltos a bancos eram desorganizados, sangrentos, improvisados. Ele escolheu esse termo para definir o condutor encarregado da fuga, pensando em como um capitão da Marinha chamaria o sujeito que dirigia seu navio, porque, na época, condutor ainda era uma palavra associada a cavalos e a carroças.

— Quem lhe deu esse número? — perguntou Spencer.

— Um sujeito chamado Lakes. Você o conhece?

— Sim, eu o conheço — disse ele.

— Ouvi dizer que você está em Delaware — falei.

— Wilmington. Tenho uma oficina.

— Estou em Atlantic City. Eu lhe darei mil dólares por uma hora de seu tempo. Mas tem que ser agora.

— Primeiro preciso saber as circunstâncias.

Parei para pensar no que eu deveria dizer.

— Creio que seria melhor se você visse pessoalmente.

— Então, a minha resposta é não. Eu não faço qualquer trabalho sem ter informação antecipada. Eu nem deveria estar falando com você. Meu Deus, eu não o conheço. Eu não reconheço a sua voz. Para mim, você bem poderia estar me levando para algum tipo de cilada.

— Não é nada disso.

— Então, o que é?

— Só quero que você olhe para algo e diga para mim o que é. Você não estará em perigo.

— Quero mais do que mil dólares. Quanto você está recebendo por este trabalho?

— Nada.

— Mentira. Ninguém trabalha por nada.

— Então, que legal, eu sou ninguém. É agora ou nunca, Spencer.

— Quero cinco mil. E não fujo da polícia. Quando vejo luzes piscando, estaciono. Quero tudo às claras.

— Três mil.

— Feito. Onde devo encontrá-lo?

Olhei para o relógio.

— No cinema perto do aeroporto. Saída para Pleasantville. Não tem como errar. Em uma hora.

— Estou a três horas de distância.

— Você é um piloto. Não quero um motorista de domingo.

Desliguei o telefone. Eu não sentira antes, mas, mesmo ao ar livre, estava começando a sentir o cheiro do combustível. A nafta evapora por completo. Algumas pessoas usam aquilo como solvente de tinta. Mas demora algum tempo. Especialmente uma lata de cinco galões cheia. Voltei à caçamba de lixo e esmaguei o telefone com o pé. Ele quebrou ao meio e esguichou ácido de bateria como se fosse um pacote de ketchup.

Hora de sair outra vez. Uma hora, três mil dólares e um telefonema para um piloto. Nada mal, pensei.

Caminhei em direção ao Civic e olhei para o relógio ao passar pela cerca: eram nove da noite, restavam trinta e três horas.

Então, vi um Suburban preto esperando por mim.

17

Estava estacionado do outro lado da rua, perto do antigo estádio de beisebol, a frente sobressaindo-se de detrás de uma caçamba de lixo, como se fosse um elefante escondido atrás de uma árvore. As janelas eram escuras, e a grade do motor parecia dentes rosnando com um logotipo Chevrolet grudado neles. Não estava ali antes.

Era oficial.

Eu estava sendo observado.

Não estou acostumado com isso. Perseguido, sim. Caçado, certamente. Mas não observado. Ninguém deveria saber quem eu era. Esse era o problema. Não deveria haver nada a ser rastreado. Sem telefones, sem casas, sem namoradas, sem hipotecas, sem conexões. A polícia poderia perseguir um homem fantasma durante alguns quarteirões nos trinta segundos imediatamente após um assalto, ou um agente da Interpol poderia perseguir uma ou várias de suas identidades de cidade em cidade durante algum tempo, mas nunca deixamos pistas. Simplesmente, não é assim que funciona.

Então, como diabo aquela gente me encontrou?

Ao entrar no carro, ajustei o espelho retrovisor para ver melhor. O Suburban estava uns cinquenta metros mais atrás. Não tinha placa da frente, e havia vestígios de lama nos pneus. Por um momento, fiquei ali sentado, pensando. Eu não conhecia nenhuma técnica de despiste. Eu já vira pilotos de fuga despistarem policiais de cinquenta maneiras distintas, e até me lembrava de algumas, mas aquilo era completamente diferente. Despistar é algo lento e espontâneo, não é rápido e coreografado. Quando você está sendo

perseguido após um assalto, você teve tempo de se preparar para aquilo. Você conhece cada rua da cidade e cruzou aquela rota uma centena de vezes. Você saiu e sentou-se à beira da estrada em uma cadeira dobrável, verificando os intervalos entre os carros com um cronômetro. Quando você está sendo seguido, precisa improvisar.

Saí com o Civic casualmente, como se não os tivesse visto, e virei à esquerda, de volta à rua. Tentei dirigir normalmente, mas era mais difícil do que eu pensava. Eu não parava de olhar para o espelho. O Suburban saiu de trás da caçamba de lixo e entrou no tráfego atrás de mim. Ficou a dois carros de distância, o que foi uma jogada muito inteligente. Quantas vezes você presta atenção a um carro tão atrás de você? Eu só via seu rack de teto em meus espelhos.

Cruzei a ponte e atravessei o parque de volta ao Regency. Quanto mais eu me aproximava do centro da cidade, mais intenso era o tráfego. Escurecia na praia, o que significa muito tráfego. As pessoas estavam se preparando para ir para casa ou para algum outro lugar. Havia filas de oito carros a cada semáforo. O Suburban diminuiu a distância entre nós e pegou a faixa exclusiva para conversões, a fim de furar a fila. Os caras eram bons, pensei. O motorista estava preocupado que eu chegasse à frente da fila em um dos cruzamentos e, em seguida, passasse por um semáforo que ficasse vermelho antes que pudessem passar. Se ficassem dois carros mais atrás no trânsito, não conseguiriam continuar me seguindo. Se estivessem mais perto, poderiam pisar no acelerador e vir logo atrás de mim, caso eu atravessasse um sinal vermelho.

Continuei dirigindo. Segui as placas rumo à Atlantic City Expressway, o que me fez atravessar toda a cidade passando pelo Regency. Cheguei à entrada da autoestrada e subi a rampa em direção à Filadélfia. O SUV se manteve um pouco mais atrás, misturando-se com o tráfego, deixando a distância aumentar novamente. Dois carros entre nós. Peguei a faixa da esquerda. Ele

pegou a faixa da esquerda. Aumentei a velocidade. Ele aumentou a velocidade.

Peguei meu último telefone e disquei o número de Lakes.

— Serviços de Concierge Executivo — disse Lakes.

— Sou eu. Vou precisar de um carro novo.

— Há algo de errado com o Civic?

— Não — respondi. — Só preciso mudar de carro. Algo diferente.

Quanto mais cedo, melhor.

— Por quê?

— Pensei que você não era do tipo que faz perguntas.

— Desculpe. Posso conseguir isso para o senhor imediatamente.

— Quero um Chevrolet Suburban preto. Modelo novo. Você pode me arranjar um desses?

— Sim, senhor — disse ele. — Onde gostaria de me encontrar?

— Não — falei. — Apenas deixe-o na garagem do Chelsea. E certifique-se de que seja preto. Tem que ser preto, entendeu? Coloque a chave com o resto das coisas que arranjou para mim. Vou buscá-lo quando estiver pronto.

— Terei de devolver o Civic, é claro.

— Você pode pegá-lo atrás do cinema em Pleasantville. Eu o estacionarei perto das saídas de emergência. Você saberá onde encontrar a chave. E, quando se livrar dele, nunca mais quero vê-lo novamente. Devolva-o à locadora e apague o registro. Consiga o novo carro em outro lugar, com uma identidade diferente. Entendeu?

Lakes disse:

— Seria muito mais fácil para mim se o senhor me dissesse o que está acontecendo.

— Você entendeu errado. Você está aqui para facilitar as coisas para mim, não o contrário.

Desliguei o telefone.

Olhei para os meus espelhos. O Suburban me seguia lentamente. Eu estava trabalhando em outro plano para despistá-lo. Era algo que eu fizera certa vez, enquanto fugia da polícia em Las Vegas. Funcionara na época, mas quase morrera no processo. Valia a pena tentar.

Diminui a velocidade para oitenta quilômetros por hora, mudando para a pista externa. O Suburban fez o mesmo. Atravessamos os pântanos salgados e continuamos assim por alguns quilômetros até Pleasantville e, em seguida, entramos nos pinheirais. A saída para o aeroporto ficava bem à frente. Esperei até poder ver a placa. *Vamos lá, vamos lá, vamos lá.*

A placa de saída surgiu no horizonte.

Então, sem sinalizar, girei o volante para a direita. Perigosamente, meu carro atravessou as quatro pistas de uma só vez. Ao mesmo tempo, pisei fundo até o motor reclamar, atravessando quatro faixas de tráfego até o outro lado, em direção à saída. Carros atrás de mim buzinaaram. Freios cantaram. Um Mazda verde derrapou e perdeu o controle. Bateu na mureta e foi arrastado, soltando faíscas por alguns metros. O Suburban saiu de sua pista e, então, passou direto.

Peguei a saída do aeroporto em alta velocidade.

Atravessei o trevo como uma bola de pinball. A rua ao fim da rampa estava totalmente vazia, de modo que atravessei o viaduto e voltei à estrada na direção oposta. Eu nem sequer toquei no freio.

Fiquei olhando pelo retrovisor e, quando o Suburban não reapareceu ao longo de dois minutos seguros, voltei a respirar e baixei a velocidade. Saí da estrada duas saídas depois e segui pelas ruas secundárias antes de parar em um posto de gasolina na periferia da cidade. Estacionei nos fundos e esperei com as luzes apagadas, observando a estrada enquanto os carros passavam.

Devo ter ficado ali por uns dez minutos, esperando que o Suburban preto passasse a todo vapor. Não passou.

Girei a chave na ignição e dirigi em direção ao cinema.

18

O cinema era um grande complexo, o tipo de lugar que faz pipoca ao atacado. Tinha dezesseis telas e acabamento vermelho no exterior de alvenaria. Parecia mais um armazém do que um cinema. Ficava do outro lado da rua, diante do estacionamento lotado de um shopping center, a menos de vinte quilômetros de Atlantic City através dos pântanos salgados.

Eu não via o Suburban que me seguira havia meia hora.

No momento em que cheguei, o sol estava baixando. Iluminava as nuvens a oeste com vivas tonalidades de rosa e roxos. Mesmo ali, nas florestas de pinheiros, dava para ouvir o vento marinho. No mapa da cidade que eu tinha em minha mente, aquela era a única grande sala de cinema comercial naquela parte de Nova Jersey. Dirigi ao redor do estacionamento por algum tempo, atento a qualquer veículo que pudesse reconhecer. Quando fiquei satisfeito, estacionei o Civic nos fundos, junto às saídas de emergência. Era um lugar tranquilo, apenas eu e algumas caçambas de lixo. À minha esquerda, o asfalto cedia lugar a uma terra de ninguém repleta de lixo e pinheiros selvagens. A iluminação ambiente era intensa o bastante para sombrear meu rosto de azul. Desliguei o motor e esperei.

Angela me apresentou ao meu primeiro piloto quando eu tinha vinte e três anos. Eu falara para ela a respeito do sujeito brilhante do Shelby, e ela me disse que eu jamais teria de passar por algo parecido outra vez. Nenhum profissional que se preze usaria o próprio carro em uma fuga. Poucos dias depois, ela me levou para

conhecer Salvatore Carbone. Ele tinha cerca de setenta anos quando eu o conheci, mas a constituição física de um bate-estaca. Tinha por volta de 1,70m, bem mais de noventa quilos e nem um grama de gordura. Seu peito era largo como uma porta, e seus braços eram do tamanho de uma peça de presunto. Ele parecia poder atravessar uma parede se quisesse, ou fazer supinos com uma motocicleta. Nós nos cumprimentamos nos fundos de sua loja de autopeças na 53 Oeste. Ele acendeu um charuto e me levou até a oficina. Bem no centro, havia um automóvel velho e enferrujado, e ele me mandou entrar no veículo. Sentou-se ao meu lado no banco do passageiro e disse que eu deveria nos levar para dar uma volta. Quando falei que ele esquecera de me dar as chaves, ele me deu um tapa na cabeça. Então, pegou uma pequena faca, enfiou-a no soquete da ignição e girou até quebrar as seis travas e o carro ligar com um rugido. A partir de então, ele me ensinou tudo o que um piloto de verdade deve saber. Ensinou como planejar rotas de fuga. Como roubar carros de fuga. Como identificar carros de polícia não oficiais e escapar de uma blitz de trânsito. Eu nunca fui bom o bastante para me tornar um piloto de fuga, mas não era isso que importava. Aprendi quais habilidades eu deveria procurar em um piloto.

Se tivesse muita sorte, Spencer poderia tê-las.

Esperei ali, na escuridão, com um olho no relógio e outro na rua. O sol se pôs, e os holofotes se acenderam, projetando sombras profundas nos pinheiros. Dez minutos depois, um Camaro preto último modelo entrou no estacionamento. Era um carro que andava rente ao solo feito uma lesma e que se movia com o silêncio de um gato caçando. Estava tão limpo que alguém poderia jantar em suas calotas. As janelas eram tão escuras quanto podiam ser, e o carro não tinha placa dianteira. Observei o Camaro cruzar o estacionamento uma vez antes de parar junto à calçada diante de mim. Ele piscou os faróis.

Liguei o motor para que o motorista visse minhas lanternas. Olhei para o relógio. Ele levava sessenta e sete minutos para percorrer cento e vinte quilômetros até a costa do Atlântico. Estava atrasado.

Eram dez e quinze da noite. Restavam trinta e duas horas.

O Camaro se aproximou mais um pouco e parou a uns cinquenta metros de distância, sob a luz de um holofote. Um sujeito magro com um terno preto caro saiu do automóvel. Era alto e delgado, com cerca de 1,90m. Tinha nariz grande e usava luvas de couro preto que não cobriam os nós de seus dedos. Também era bonito, talvez até um pouco bonito demais. Quando sorriu, vi que seus dentes eram brancos e tão brilhantes quanto os frisos prateados de seu carro. Tinha ombros largos e parecia um pouco com James Dean.

Saí do carro e posicionei-me diante de meu Civic.

O homem me olhou como se eu não fosse exatamente o que ele esperava.

— Você é o cara com quem falei pelo telefone, certo?

— Sim — respondi. — Esperava que você chegasse em uma hora.

— Parei para comer um hambúrguer.

— Verdade?

— Não. Peguei trânsito na ponte. Tive de manter quase cento e trinta quilômetros ao longo de todo o percurso até aqui, seu babaca exigente.

Ele estava brincando, creio eu.

— Você tem algo para mim, ou acabei de transgredir as leis de trânsito de três estados sem motivo?

Tirei o maço de dinheiro de Marcus do bolso e contei três mil dólares. Dei dois passos à frente e coloquei o dinheiro na mão dele, como se o estivesse cumprimentando.

Ele contou as notas rapidamente. Quando ficou satisfeito, colocou-as no bolso de trás da calça, olhou para meu carro e fez uma careta.

— Diga que você está brincando — falou.

— É alugado.

— Você não quer que eu trabalhe com isto, certo?

— Você vai trabalhar em algo que encontrei a alguns quilômetros adiante, na estrada. Você não poderá falar com ninguém a respeito do que vai ver, certo? Estou pagando pelo seu tempo e pelo seu silêncio.

— Sou um mestre do silêncio. Não há necessidade de me instruir a esse respeito.

— Tenho certeza de que não.

Spencer fez que sim com a cabeça, como se já tivesse ouvido isso antes.

— Quero que você diga que entende — falei.

— Entendo, entendo.

— Ótimo — falei. — Iremos no seu carro.

— Você vai deixar este pedaço de bosta aqui?

Fui até o Civic e peguei minha mochila. Fechei as portas, inclinei-me e introduzi a chave sob o pneu dianteiro direito até que a parte prateada desaparecesse entre os sulcos.

— Essa é a ideia — respondi.

Spencer assentiu. O interior de seu carro cheirava a aromatizador de ambientes e bebidas energéticas. No chão havia uma pilha de latas amassadas. Tive de chutá-las para o lado a fim de entrar. Spencer saiu do estacionamento do cinema lenta e metodicamente, como se achasse que a qualquer momento teria que fugir. Quando voltamos à estrada, ele pegou a pista da esquerda e ali permaneceu. A aceleração me empurrava contra o assento, mas a emoção como passageiro não é a mesma de quando estou dirigindo. Meu reflexo brilhava no para-brisa enquanto as luzes da cidade passavam.

— Você foi seguido? — perguntei.

— Não. Por que pergunta?

Não respondi.

O trajeto demorou cerca de quinze minutos, e só abri a boca para indicar o caminho. Pleasantville até a Rota 30. Descer a Pacific de volta ao campo de pouso abandonado. Estacionamos atrás das árvores do outro lado da cerca, onde não podíamos ser vistos da rua. Spencer saiu primeiro. Pegou uma caixa de ferramentas no porta-malas, esquadrinhou a área com um olhar de repulsa, então caminhou até parar do meu lado e disse:

— E agora?

— Há duas coisas que eu quero que faça. Quero que você me diga o que puder sobre um carro que foi abandonado aqui. Quero que dê uma olhada em algumas marcas de pneu e me diga o tipo de carro que as fez.

— Que tipo de lixo terei que analisar?

— Um Dodge Spirit 92. Carregado de gás de maçarico.

— Divertido. Alguma outra coisa que eu deva saber?

— Sim. O carro está todo ensanguentado.

Atravessamos a cerca e a pista, caminhando em direção aos hangares em ruínas. Já estava escuro, escuro o bastante para que eu mal conseguisse encontrar o caminho. Spencer resolveu o problema pegando seu BlackBerry e sacudindo-o até a tela se acender e iluminar o chão diante de nós com um brilho verde pálido. Abri as portas do hangar para ele. O cheiro de sangue e nafta atingiu-o em cheio. Havia uma estranha mistura de horror e reconhecimento em seu rosto. Sangue e octano.

— Meu Deus! — exclamou.

— Vê o que eu quero dizer?

— Este é o carro do tiroteio no Regency.

— Apenas dê uma olhada e diga para mim o que vê.

— Só o fato de eu olhar para esse negócio me torna um cúmplice.

— O que você esperava?

— Esta merda é séria.

— Não reclame. Além do mais, você se tornou cúmplice no momento em que aceitou meu dinheiro. O máximo que pode pegar agora é uma acusação de contravenção por não ter relatado a descoberta, o que não é nada.

Spencer olhou para mim, balançou a cabeça e, em seguida, preparou-se para entrar. Ele me entregou o BlackBerry, tirou o cinto, baixou as ferramentas e amarrou firmemente um lenço ao redor do nariz e da boca, como se fosse um grafiteiro.

— Para que tudo isso?

— Alguma vez você já deixou a tampa de um tanque de gasolina aberta em um dia quente? — perguntou Spencer.

— Não.

— O calor faz com que a gasolina e diversos outros produtos químicos inflamáveis evaporem. Os gases se misturam com o ar e, se estiver quente o bastante, podem pegar fogo. Chama-se ponto de combustão. Se deixado numa garagem num dia quente, mesmo que o lugar seja aberto, um balde de gasolina é um perigo real. Qualquer coisa pode explodi-lo. Já ouviu falar de uma mulher que explodiu um posto de gasolina porque estava falando ao telefone celular? Essa merda não é verdade, mas não serei eu o sujeito que vai descobrir por quê.

Spencer terminou de amarrar a máscara e começou a respirar através do tecido. Ele parou por um segundo e olhou mais atentamente para a carnificina no interior do veículo. Todos fazem o mesmo, ao menos por um instante. Uma pessoa tem um bocado de sangue dentro do corpo, e aquilo não é muito bonito quando sai. Ele se movia devagar, como um artista. Era um bom piloto, já dava para notar.

Ele caminhou lentamente ao redor das finas marcas na lama e examinou as ranhuras nos pneus. Passou o dedo sobre a superfície da janela do lado do passageiro só para ter a sensação de como era

aquele toque. Era como dizer “olá”, mesmo com os vapores se acumulando ao seu redor. Ele estava construindo um relacionamento com o carro, assim como outro homem faria com um cavalo, uma arma ou um computador. Quando se sentiu pronto, ajoelhou-se e olhou debaixo da carroceria. Trabalhava rápido, embora meticulosamente. Ele prendeu a respiração quando se aproximou.

Pilotos pensam de modo diferente das pessoas normais. Eles pensam em termos de carros. Para eles, um carro é uma unidade de moeda: comprar uma casa custa dois carros, ou seis, ou dez. Alimento para um ano é o custo de uma restauração. Uma refeição custa um quarto de tanque de gasolina. Então, quando Spencer se agachou no lado do hangar, deu uma olhada embaixo do carro e disse:

— Você deveria deixar essa coisa queimar.

Eu sabia exatamente o que ele queria dizer. O Spirit estava tão comprometido quanto um carro poderia estar: sangue, provas materiais e, claro, um número de modelo e placa facilmente rastreável. Fiquei observando enquanto Spencer desenhava linhas em sua cabeça e traçava a trajetória das balas que estilhaçaram o para-brisa dianteiro e das que atingiram a traseira do veículo. Enquanto eu olhava para as manchas de sangue, ele olhava para o dano material. Ele bateu duas vezes no bloco do motor com os nós dos dedos. Não gostou do som.

Ele se voltou para mim e perguntou:

— O que você quer que eu diga?

— Quero saber onde está o motorista.

— Com todo esse sangue, não foi muito longe.

— Eu sei disso.

Spencer apontou para as marcas de pneu.

— Há marcas de lama do Dodge chegando, mas não há marcas do carro saindo. Isso significa que esse foi um negócio de uma etapa.

Há também um pequeno filete de sangue que vai da porta do lado do motorista até este lado do hangar. Com isso, parece que o motorista saiu dirigindo um cupê de médio porte, talvez um sedã, carga moderada, com pneus ligeiramente carecas.

— Você consegue descobrir tudo isso a partir dessas marcas?

— Sim, consigo.

Spencer deu dois passos em minha direção e estalou os dedos como se estivesse pedindo uma cerveja. Ele queria seu BlackBerry. Na tela, havia uma foto de uma mulher nua deitada sobre o capô de uma Ferrari Enzo amarela. Ele abriu o telefone e tirou uma foto dos sulcos na terra junto à entrada do hangar. Ele examinou a foto por um longo segundo. Então, ampliou-a tanto quanto pôde, até eu não ser capaz de distinguir entre as marcas e a lama ao redor. Em dois minutos, usando apenas uma foto, sua memória e sua conexão com a internet, ele reduziu o leque de pneus a três hipóteses. Após cinco minutos, conseguiu setenta por cento de certeza. Depois de dez minutos, noventa por cento. Ele era uma máquina.

Pilotos pensam de forma diferente das pessoas normais. Eles veem os detalhes.

— O cara saiu daqui em um Mazda MX-5 — disse Spencer. — Certamente são pneus de concessionária.

Assenti com um movimento de cabeça. Um MX-5, o Miata, é um carro de fuga padrão. Tem uma aceleração decente e espaço para duas pessoas, mas o Miata tem uma coisa que carros inferiores não possuem. É extremamente manobrável. Pode fazer uma curva a uma velocidade que arremessaria todos os passageiros contra o vidro da janela sem nem mesmo cantar pneus. Pode atravessar atalhos e costurar em meio ao tráfego melhor do que carros que custam oitenta mil dólares a mais. É um ótimo carro de fuga. Em uma fuga, a velocidade não é tão importante quanto a capacidade de manobra.

Spencer se afastou das marcas de pneus e tirou as luvas.

— O problema com o Miata é que existem centenas de milhares deles. Saem novos modelos a toda hora, e isso sabe-se lá há quantos anos. Deve haver milhares de Miatas registrados apenas nesta metade de Jersey. É um dos carros esportivos mais populares de todos os tempos.

— Existe algo mais específico que você possa me dizer?

— Isso é tudo o que posso fazer, cara.

— Então, o que acha do sujeito que dirigia o Dodge? Acredita que ele estava sendo perseguido?

— Ele certamente disparou várias vezes através do para-brisa traseiro. Mas não há nada que eu possa dizer com certeza, exceto que há danos severos causados por diversas batidas e meia dúzia de tiros. Quando você chegou aqui, encontrou as portas do hangar abertas ou fechadas?

— Fechadas.

— Então ele não estava sendo perseguido. Ele só estava ficando desleixado.

— Então, por que não incendiou o carro? — perguntei. — Se ele conseguiu colocar o combustível Coleman embaixo do carro, por que não o acendeu?

— Ele acendeu — disse Spencer. — Dê uma olhada.

Ele me chamou para dentro do hangar, agachou-se, e eu o acompanhei. Spencer aumentou o brilho de seu telefone e iluminou o fundo do Dodge. Dei uma boa olhada no recipiente com nafta. Ali perto havia uma cordinha, quase um fio, submerso no combustível. Spencer a iluminou. Apesar de ser relativamente comprida, não chegava a nenhuma das extremidades do carro.

— Viu isso? — perguntou. — É um pavio. Não é exatamente um pavio de dinamite, mas é similar. Caseiro. Parece ter sido feito de papel higiênico e aquelas coisas que as pessoas põem em fogos de artifício. Vê como a extremidade está queimada? Seu garoto

certamente acendeu esse negócio, mas o pavio apagou antes de atingir o combustível. Meu palpite é que ele estava tentando ganhar alguns minutos antes que as chamas se erguessem, para o caso de alguém notar a fumaça.

— Há algo mais que você possa me dizer?

Spencer balançou a cabeça, trincou os dentes e apontou para o carro. Não havia muito a dizer.

— Tudo bem — concordei. — Se não pode me dizer mais nada, então me dê uma carona até o calçadão e, aí, estará dispensado.

— Só isso?

— Não, há mais uma coisa.

— Sim?

— Você tem um cigarro?

Ele me lançou um olhar estranho quando puxou um maço de Parliaments do bolso da camisa e me deu um. Eu o coloquei entre meus lábios. Ele pegou uma caixa de fósforos e acendeu o cigarro.

Dei uma longa tragada.

— Obrigado — agradei. — Posso ficar com os fósforos também?

— Claro.

Ele me entregou os fósforos e ficou ali por um segundo, olhando para mim com uma expressão estranha. Eu não conseguia defini-la. Pouco depois, disse:

— Jack não é o seu nome verdadeiro, certo?

— O que é um nome verdadeiro?

Spencer assentiu, como se entendesse. Ele se deteve mais um instante, tentando encontrar alguma coisa para dizer e, em seguida, começou a atravessar a pista de volta para seu carro. Observei-o se afastar até seu corpo desaparecer na escuridão.

Cedo ou tarde, alguém passaria por ali, encontraria aquele Dodge, e o lugar ficaria repleto de policiais. Eles encontrariam as mesmas coisas que encontrei: impressões, sangue, drogas, cápsulas de

balas. Olhei para tudo aquilo uma última vez. Quando o cigarro estava pela metade, abri a caixa de fósforos e introduzi-o entre o papelão da embalagem e as cabeças de fósforo. O cigarro queimaria por mais alguns minutos, então a brasa atingiria os fósforos, e tudo pegaria fogo. Entrei cuidadosamente no hangar e coloquei os fósforos no limiar da poça de nafta. Eu estava a quase cem metros de distância no momento em que a brasa atingiu as cabeças dos fósforos. Um estrondo ecoou pelo canal quando começaram os fogos de artifício.

Olhei meu relógio. Onze da noite.

Faltavam trinta e uma horas.

19

O Chelsea Hotel ficava no centro da cidade, na orla marítima. Spencer me deixou a quatro quarteirões de distância, e eu percorri o resto do caminho, atento ao Suburban preto que me seguia mais cedo. As luzes traseiras dos carros que passavam pareciam se mesclar em um borrão. Peguei atalhos através de outros hotéis e cassinos, apenas para ter certeza. Não havia ninguém atrás de mim.

O Chelsea parecia ter saído diretamente da década de 1960. O letreiro na torre era iluminado por holofotes roxos, e lá dentro havia bares e mesas de sinuca com o mesmo esquema de cores. A mobília do saguão era elegantemente surrada. Gostei dali. Era um lugar que meu pai teria apreciado, caso ainda estivesse por perto.

Examinei o saguão em busca de câmeras de segurança por puro instinto. Estavam lá, mas sem sofisticação. Dava para ver a bancada de monitores mal escondida sob a fachada de mármore. Sua qualidade era mínima: nenhum banco de dados de imagens, nenhuma vigilância vinte e quatro horas. Provavelmente, as câmeras estavam ali apenas para fins de seguro. Fui até o balcão. O homem que estava atendendo era um asiático velho o bastante para andar de bengala. Eu disse que meu nome era Alexander Lakes. O velho olhou para a tela do computador por um segundo e depois se voltou para mim. Ele me entregou um cartão magnético com o número de um quarto no terceiro andar. Então, enfiou a mão debaixo da mesa e pegou uma chave de frigobar. Ele sorriu. Eu sorri de volta e não disse uma palavra.

Quando cheguei ao quarto, encontrei ao pé da cama um grande saco de papel marrom, com um cartão onde se lia *Serviços de Concierge Executivo*. Antes de fazer qualquer coisa, fechei as persianas da janela. Em alguns casos, é melhor deixá-las abertas. Dessa forma, você pode ver o que está por vir. Outras vezes, é melhor fechá-las. Uma pessoa com binóculos pode espiar através de uma janela à mesma altura, e as pessoas do lado de fora sempre têm a vantagem. Eles veem o interior, você olha para fora. Ver e olhar não são a mesma coisa. A solução é usar cortinas blackout com frestas estreitas nas laterais. As frestas são muito estreitas para alguém do lado de fora poder olhar para dentro, mas largas o bastante para que alguém do lado de dentro possa olhar para o lado de fora, como um esconderijo de caçar patos. Alguém no interior pode espiar o exterior, mas o inverso não é possível. Não que um quarto de hotel seja particularmente seguro. O interior é um sarcófago de concreto de vinte e oito metros quadrados com uma única saída. Eu estava no andar de quartos mais baixo, três andares acima do térreo. Bom lugar. Angela me ensinou a nunca me hospedar em um quarto acima do décimo andar ou abaixo do segundo. Dez andares é muito alto para um caminhão de bombeiros, e dois andares é baixo o suficiente para ser devassado por um escalador.

Liguei a televisão e sintonizei no noticiário, que transmitia matérias internacionais. Liguei para o serviço de quarto, pedi um filé grelhado e uma jarra de café. Coloquei a televisão no mudo e abri o saco ao pé da cama. Olhei para o cartão novamente e joguei-o no lixo.

Havia um terno Hugo Boss preto, duas camisas brancas e uma gravata azul. Sob a roupa, havia um jogo de gazuas em um estojo de couro. Embaixo, encontrei uma *slim jim*, uma faca Microtech Halo e uma grande chave eletrônica preta com o logotipo da Chevrolet. No fundo, havia uma pilha de telefones celulares pré-pagos e seus

respectivos carregadores. Tudo o que eu pedira, nada que não tivesse solicitado.

Guardei tudo em minha mochila e sentei-me na cama enquanto esperava a comida chegar. Assisti às notícias sobre o assalto. A fotografia de Ribbons não apareceu desta vez, mas mostraram a imagem de Moreno e o número do telefone para denúncias. Havia imagens aéreas da área do cassino e até mesmo um trecho de imagens das câmeras de segurança. Em preto e branco e tão granuladas quanto poderiam ser. Não era muito, mas consegui o que estava procurando: uma imagem de Ribbons usando uma máscara e disparando a arma e outra do atirador da garagem. Aquilo confirmava a minha teoria. O atirador estava esperando por Ribbons e Moreno. O vídeo mostrava alguém dentro do que parecia ser um Nissan com vidros escurecidos. Pude ver o brilho do cano da arma na janela do motorista. Eu aumentei o volume e ouvi. Segundo o repórter, o veículo do terceiro atirador fora recuperado a quatro quarteirões da cena do crime, em um estacionamento de aluguel mensal. Fora roubado alguns dias antes e estava limpo.

Nenhuma palavra sobre o suspeito.

Meu filé e meu café chegaram. Virei a conta de cabeça para baixo e, usando a mão esquerda, assinei *Alexander Lakes*, naquela caligrafia perfeita que me lembrava do aeroporto. É mais fácil copiar uma assinatura de cabeça para baixo. Não sei por quê.

Comi o filé e bebi o café assistindo ao noticiário em um canal diferente, mas não havia nada de novo. Coloquei a bandeja no corredor, depois voltei a entrar e bati à porta que separava meu quarto do quarto ao lado, o 317. Bati com mais força. Nenhum som. Liguei para a recepção.

Quando um homem respondeu, eu disse:

— Minha mulher está ouvindo um som estranho.

— Em qual quarto você está?

— No 316.

— De onde está vindo o som?

— Do quarto ao lado, diz ela.

— Para a esquerda?

— Não, o da direita, o 317. Ela disse que era algum tipo de arranhar.

— Ela tem certeza? Posso mandar alguém até aí, se quiser.

— Você poderia me dizer se há alguém lá? Eu mesmo posso ir falar com a pessoa.

Houve uma breve pausa. Pude ouvi-lo digitando em um teclado.

— Sinto muito, senhor, mas o quarto não está ocupado. Você tem certeza de que não é o 315?

— Foi o que ela me disse, mas não é nada de mais. Obrigado de qualquer modo.

Desliguei o telefone. Peguei minha gazua e abri a fechadura da porta entre os dois quartos. O interior do 317 estava escuro, e a cama king-size estava arrumada. Trouxe todas as minhas coisas para aquele quarto e fechei a porta. Peguei um de meus telefones celulares e ajustei o despertador para me acordar em quatro horas, então abri a mochila e peguei a minha arma. Rodei o tambor para me certificar de que estava carregada e pronta. O tambor rodou e emitiu cliques suaves, à medida que o pino do retém do ferrolho passava por cada câmara. Tirei a nova muda de roupas e guardei as antigas e todo o resto em minha bolsa.

Alguns assaltantes tomam uma série de precauções antes de irem dormir. Conheci sujeitos que cobriam o chão ao redor da cama com jornais, para poderem ouvir os passos de alguém que se esgueirasse em sua direção. Cheguei a conhecer sujeitos que só dormiam sentados em uma cadeira. Eu tenho minhas próprias regras, mas nada tão drástico. Minha arma fica sob o travesseiro, carregada e travada. Meus sapatos ficam ao lado da cama, com os cordões

solto, para que eu possa calçá-los rapidamente. As roupas que usarei no dia seguinte ficam ao meu lado, no chão. Minha bolsa fica junto à porta, e a luz do banheiro permanece acesa, para que o ambiente não fique completamente às escuras. Eu não tiro a maquiagem e, ao menos quando estou trabalhando, não tiro o relógio. Quero estar pronto para partir, e alguns borrões não importam muito.

Se alguém vier me matar durante o sono, eu não serei capaz de impor muita resistência. No entanto, se eu tiver de correr, posso estar porta afora em dez segundos. Essas são as minhas prioridades. Claro, alguém já *tentou* me matar durante o sono. Certa vez, em Bogotá, acordei com um sujeito em cima de mim com uma faca. Eu o baleei duas vezes antes que ele pudesse cortar minha garganta. Tive muita sorte daquela vez, mas você não pode contar com isso. Duvido que eu tenha a mesma sorte de novo.

Eu ainda estava um pouco ligado por causa do café, de modo que peguei o exemplar de *Metamorfoses* na bolsa e passei alguns minutos lendo para desanuviar a mente. Não preciso de tradução para o latim, mas gosto de ler novas traduções de qualquer maneira, para ver como o tradutor lidou com o texto. Há uma sutileza na tradução que me lembra um pouco meu trabalho. Tradutores pegam a história de outra pessoa e a escrevem com as próprias palavras. De certa forma, faço a mesma coisa. Angela nunca entendeu isso muito bem. Tentei explicar, mas ela era muito perspicaz para realmente compreender. Para ela, assumir uma nova identidade era como respirar. Para mim, era um trabalho de tradução.

Guardei o livro na bolsa e escondi a arma debaixo do travesseiro.

Entrei sob as cobertas e fechei os olhos. Mal me lembro de quando adormeci. Angela costumava debochar de mim por eu dormir tão facilmente. Meus últimos pensamentos foram sobre nós dois juntos

naquele hotel no Oregon, ouvindo o som da floresta e o crepitar da fogueira lá embaixo. Se sonhei, não me lembro de nada.

Mas nunca me esquecerei do som que me despertou.

K U A L A L U M P U R

Na primeira manhã do Negócio Asiático, Angela saiu de seu quarto, atravessou o corredor de nossa suíte compartilhada, entrou em meu quarto e me acordou. Ela pegou o despertador na mesa de cabeceira e segurou-o junto ao meu ouvido. O despertador tocou, e eu pulei da cama. Ela costumava me criticar por dormir tão profundamente. Quando ela dormia, era em curtos períodos de uma hora, pontuados por caminhadas insones e um cigarro ocasional. Quando eu dormia, era como entrar em coma.

— Reunião em uma hora — disse ela.

Levei um momento, piscando e tentando me orientar. Angela usava um terninho azul com um crachá dourado que trazia o símbolo do hotel, *Mandarin Oriental, Kuala Lumpur* e o nome Mary. Eu não sei como ela conseguiu aquele uniforme, mas parecia convincente, mesmo sendo uma mulher branca em uma cidade asiática. Sua maquiagem estava perfeita. Tinha as profundas olheiras de uma exausta funcionária de hotel. Seus sapatos eram sapatilhas gastas. Olhei para fora da janela. O sol já refletia nos arranha-céus perto de nós.

Desliguei o despertador.

Angela tinha uma beleza enérgica — ela era uma atriz e treinara para isso na faculdade. Tudo o que eu fizera na faculdade fora ler e traduzir latim e grego antigo. Eu nunca assistira a nenhuma peça de

teatro porque, na época, todo o conceito de atuar estava fora de meu radar. Eu não almejava atenção, eu desejava o anonimato. Tudo que eu queria era fazer minhas traduções e ficar sossegado. Angela mudou tudo isso. Ela me mostrou como, não sendo ninguém, eu poderia ser quem eu quisesse. Ela forneceu minha verdadeira educação. Copiei assinaturas de outras pessoas até conseguir escrever com a letra de qualquer um. Aprendi a transformar os músculos em minha laringe até conseguir falar com a voz de qualquer um. Estudei diferenças de postura e sintaxe. Mas, acima de tudo, Angela me ensinou que eu não precisava ser perfeito, eu precisava ser convincente. Certa vez, ela me entregou um distintivo de polícia de brinquedo e me disse para obter uma evidência de uma cena de crime. Passei pela fita amarela, peguei uma cápsula de bala com uma pinça e fui embora com aquilo em um saco plástico. Esse foi um de meus testes finais. Foi assim que ela se certificou de que eu estava pronto.

Naquela manhã, sentei-me na beirada da cama. Ela olhou para mim de braços cruzados, disse que estava preparando café e foi embora em seguida. Quando saí do banho, ela me entregou uma xícara de café fresco, sem creme, sem açúcar, e disse para eu me apressar.

Ela nunca gostou de esperar.

A videoconferência com Marcus aconteceu na sala de estar de nossa suíte. No centro da mesa, havia doze pequenas chaves douradas, duas para cada um de nós, exceto para o piloto, Alton Hill, que nada faria além de dirigir. Nós ainda não sabíamos para que serviam as chaves, mas descobriríamos em breve. Tudo o que sabíamos era que deveríamos cuidar delas e levá-las conosco para toda parte durante o assalto. O quarto também tinha uma televisão de tela plana com uma câmera verde brilhante ligada a um fio. Naquela época, videoconferências pela internet eram menos comuns

do que são atualmente. Eu me lembro de ter ficado fascinado com a forma como o rosto de Marcus se movia e parava na tela. Era meio da tarde onde ele estava, a quase treze mil quilômetros de distância, mas parecia que ele estava ali na sala conosco. Nós nos reunimos em torno da mesa, enquanto ele descrevia o trabalho. Para conseguirmos fazer tudo, teríamos de começar imediatamente. Sem perguntas, sem adivinhações. Sua voz era pragmática. Falava lentamente, para que não perdêssemos nada.

— Em duas semanas — disse ele —, cada um de vocês estará dois milhões e meio de dólares mais rico.

O objetivo do roubo era uma partida de moedas estrangeiras para o mercado de câmbio cujo valor dependia de quem você consultasse e em qual momento do dia. Ao serem trocadas, dariam algo em torno de dezessete ou dezoito milhões de dólares. Yens, bahts, yuans, ringgits, você escolhe o quê. Mesmo com os cheques de viagem e os cartões de crédito, enormes somas dessas moedas estrangeiras iam para o exterior a cada mês.

Uma empresa de câmbio sediada na Alemanha era o alvo. A empresa enviava todo o dinheiro asiático recolhido até lá, para o equivalente financeiro de um posto de pesagem, antes de distribuí-lo de volta para as economias locais.

O cenário era o Bank of Wales, um banco de investimentos localizado em uma torre comercial na Jalan Ampang. O dinheiro era contado e guardado no cofre temporariamente e, em seguida, embalado e enviado por carros-fortes até o aeroporto, para enfim ser enviado de volta a seus países de origem. Os carros-fortes nunca transportavam mais de um milhão e meio de dólares americanos em moeda local de cada vez e jamais faziam mais de uma entrega por hora. O cofre era topo de linha. Possuía temporizador, abertura retardada e custódia tripla. Teríamos que ser criativos para retirar toda a carga. Teríamos que fazer o que ladrões armados

profissionais costumam considerar suicídio. Teríamos que perfurar o cofre, o que significava que precisávamos ocupar o banco.

Durante pelo menos uma hora.

Assaltos assim são muito arriscados. E muito raros também. A maioria dos assaltos a bancos é tão simples quanto você pode imaginar. Uma pessoa entra em um banco vestindo capuz e óculos de sol e entrega para o caixa um pedaço de papel pedindo todo o dinheiro. O caixa recolhe todo o dinheiro das gavetas, e o ladrão vai embora. Não há mais guardas, por isso é tão fácil. O problema é que não dá para conseguir muito dinheiro dessa maneira. Pode haver de dez a quinze mil dólares naquelas gavetas, e só. Para conseguir dinheiro *de verdade*, você tem que tomar o banco de assalto, com máscaras, armas e sincronia perfeita. O resultado é dez ou vinte vezes maior, porque você também leva todo o dinheiro do cofre. Mas o risco é muito maior. Você entra armado e tem apenas dois minutos para sair. Mesmo que você não tenha conseguido nenhum dinheiro, tem que sair após dois minutos, porque esse é o mínimo de tempo que demora para alguém acionar um alarme silencioso e a polícia enviar uma resposta. Depois disso, suas chances de ser preso aumentam dez vezes a cada segundo. Se você ficar lá por cinco minutos, o assalto deu errado. Se você ficar lá por dez minutos, o assalto deu irremediavelmente errado. Se você ficar lá por trinta minutos ou mais, aquele assalto será a última coisa que fará na vida.

E era isso que estávamos planejando: para perfurar o cofre, teríamos que ficar dentro do banco ao menos uma hora, talvez mais.

Haveria diversos problemas. O primeiro era o controle de danos. Um assalto assim envolve reféns. Reféns significam vigilância. Precisávamos de alguém para vigiá-los todo o tempo. Caso contrário, alguém poderia dar uma de herói. Nesse caso, alguém poderia se ferir. Se alguém se ferisse, mais pessoas tentariam dar uma de herói. Mais uma vez, repetindo: as pessoas começariam a morrer.

Nenhum de nós gostava da perspectiva de matar alguém cujo único erro fora estar no lugar errado na hora errada. Precisávamos de uma pessoa, talvez duas, para agirem como babás.

A localização era outro problema. O banco ficava em um arranha-céu de trinta e cinco andares. Quando soubesse do assalto, a segurança no nível do solo desligaria todos os elevadores, impedindo efetivamente nossa saída. Mesmo que conseguíssemos subir até lá usando máscaras e portando armas de fogo, tínhamos uma boa chance de sermos presos.

O terceiro problema era a fuga. Jalan Ampang, uma das artérias mais importantes da cidade, tem nove faixas de rodagem e atravessa quatrocentos metros de arranha-céus, restaurantes e hotéis. No meio da manhã, a avenida estaria lotada de carros e pedestres, o que significava que também haveria muitos policiais. Havia uma autoestrada a um quarteirão ao norte de nosso alvo, mas a rampa de acesso mais próxima ficava a quatro quarteirões a oeste. Isso sem mencionar que, caso os alarmes disparassem, uma hora seria tempo suficiente para que a Polícia Real da Malásia montasse uma barreira e os militares enviassem helicópteros.

E, finalmente, mesmo que de alguma forma conseguíssemos sair do banco e fugir dos policiais, teríamos de levar o dinheiro para fora do país. Dezessete a dezoito milhões de dólares em moeda estrangeira relativamente de baixo valor podem pesar de dez a vinte toneladas. Estou falando de tijolos de dinheiro do tamanho de fardos de feno que poderiam encher uma carreta. Se carregássemos tudo em um jato, este ficaria pesado demais para decolar.

A voz de Marcus soava seca como pedra quando ele expôs a coisa toda, passo a passo. Ele apresentou todos os problemas, então as soluções, uma a uma. Angela estava errada a respeito dele. Marcus não era inteligente. Um cão pode ser inteligente. Uma criança que

joga xadrez pode ser inteligente. Um cara preenchendo a declaração de Imposto de Renda pode ser inteligente.

Marcus era um *gênio*.

Vincent, o falastrão do grupo, disse muito claramente, para que todos pudessem ouvir:

— Como vamos transportar tanto dinheiro?

— Vocês não transportarão — disse Marcus. — O dinheiro nunca sairá do prédio.

21

ATLANTIC CITY

Fui despertado por um som que vinha do quarto que Lakes reservara para mim.

Ao ouvir aquilo, meus olhos se arregalaram, e meu coração disparou. Sentei-me subitamente e fiquei imóvel, concentrando toda a energia do corpo em ouvir. Prendi a respiração e peguei a arma que estava sob o travesseiro. Olhei para o relógio. Faltavam alguns minutos para as duas da manhã.

Era um som alto que sugeria algum tipo de movimento pesado, semelhante ao ruído de uma grande caixa de papelão sendo arrastada no chão. Hotéis modernos têm paredes grossas, com isolamento térmico. Longe vão os dias em que era preciso bater contra a cabeceira da cama, tentando fazer calar o casal apaixonado no quarto ao lado. Agora as portas são sólidas, e as paredes, muito espessas, com duas camadas de enchimento de espuma entre elas. Todos os sons feitos em um quarto são absorvidos pela espuma, como em um estúdio de gravação. Isso significava que, se eu estava escutando um som vindo dali, este deveria estar cinco ou seis vezes mais alto do outro lado.

Movi-me devagar até a beirada da cama e vesti a calça. Guardei a arma no bolso só por garantia e peguei um dos copos do armário. Esgueirei-me lentamente até a porta que dava para o quarto 316 e pressionei com cuidado o copo contra a madeira, como se fosse um

dispositivo de escuta. As paredes podem ser à prova de som, mas as portas internas são apenas de madeira. Houve um momento de silêncio tenso, em que ouvi apenas o grave pulsar de meu coração e o tique-taque quase imperceptível do meu relógio de pulso. Esperei o som acontecer de novo, só para provar a mim mesmo que não sonhara com aquilo.

Aconteceu de novo.

Alguém estava movendo os móveis. Dava para ouvir a pessoa grunhir com o esforço e o ruído da estrutura da cama sendo arrastada sobre o carpete. O grunhido soava distintamente feminino. Eu a ouvi amaldiçoar uma vez enquanto empurrava. Tinha uma voz profunda, uma bela voz, como a de uma cantora. Ouvi o farfalhar dos lençóis quando ela os puxou e o barulho do colchão quando ela o virou. A mulher murmurava para si mesma enquanto trabalhava, mas suas palavras eram truncadas e ininteligíveis.

Eu apostava qualquer coisa que era a agente do FBI.

Eu sabia exatamente o que ela estava fazendo.

Ela estava revistando o quarto.

Rebecca Blacker estava revistando cada parte do quarto, do chão ao teto, de modo a não deixar passar nenhum lugar que servisse de esconderijo. Eu a ouvi tirar o grande quadro genérico da parede e arremessá-lo sobre a cama. Um momento depois, ela abriu o armário e afastou todos os cabides de metal. Esperei para ouvir o que ela faria em seguida, mas nada aconteceu durante um minuto de silêncio. Dava para ouvi-la falar, mas eu não conseguia identificar as palavras. Perguntei-me se havia mais alguém no quarto, mas depois concluí que não. Se ela estivesse falando com alguém, a pessoa responderia.

Ela devia ter conseguido um cartão magnético com o gerente do hotel. A polícia só precisa de um mandado de busca para revistar um quarto de hotel se o gerente não autorizar a entrada. Gerentes

raramente dizem não. Batidas policiais são ruins para os negócios, com certeza, mas não tão ruins quanto a reputação de abrigar criminosos. Pelo menos, não em um lugar tão bom assim.

Cuidando para não fazer nenhum som, pousei o copo na mesa, caminhei até a porta do corredor com uma lentidão quase glacial e, em seguida, olhei pelo olho mágico. Olhei para a esquerda e para a direita, tanto quanto a lente olho de peixe permitia.

Federais tendem a trabalhar em grupo — mesmo quando há apenas um agente encarregado de um caso, às vezes a polícia local dá suporte. Eu meio que esperava olhar pelo olho mágico e ver um policial uniformizado vigiando lá fora, ou um sujeito vestindo um casaco amarrotado com distintivo de detetive, ou um cara de guarda usando um terno barato e um distintivo do FBI. Mas eu estava com sorte.

Ela estava sozinha.

Do outro lado do corredor, havia um carrinho de serviço com tampas de metal viradas de cabeça para baixo e alguns pratos sujos empilhados sobre elas. Fora isso, porém, parecia que estávamos completamente sozinhos. Pelo que eu podia ver, o corredor estava vazio.

Eu sabia o que deveria fazer. Se Angela estivesse ali, ela teria jogado a mochila em minhas mãos e mandado eu dar o fora imediatamente. Ela teria me dito para caminhar em silêncio até a saída de emergência e descer de imediato para o porão. De lá, eu atravessaria a cozinha, iria até a garagem e entraria no meu carro. Se estivesse no comando, ela teria gritado comigo por ser tão estúpido a ponto de confiar em um serviço de concierge para reservar meu quarto de hotel. Ela teria entrado em ação no exato momento em que tivesse ouvido o som.

Mas Angela não estava por perto.

E eu estava curioso.

Com calma, vesti a camisa, a gravata e o paletó novos, o que foi difícil, porque eu não queria acender nenhuma das luzes. Corri os dedos pelo cabelo algumas vezes, a fim de me certificar de que não parecia ter acabado de sair da cama, então peguei a mochila e saí pela porta.

O corredor estava completamente vazio, e a porta do quarto que Lakes reservara para mim estava fechada. Fui até lá e tentei olhar pelo olho mágico, mas aquilo não era projetado para funcionar desse jeito. Tudo o que consegui ver foi uma mancha fora de foco com a cor das cortinas do quarto.

Voltei ao 317 e peguei uma página do bloco de papel timbrado do hotel. Escrevi *Cortesia de J. Morton* no papel, juntamente com um de meus novos números de telefone celular pré-pago. Voltei ao corredor e coloquei o bilhete sobre a conta no carrinho de serviço vazio. Coloquei as tampas de metal sobre os pratos, para parecer que o carro estava cheio, e, em seguida, rolei o carrinho lentamente até a porta do 316. Se ela abrisse a porta agora, não poderia deixar de vê-lo.

Caminhei pelo corredor em direção aos elevadores, peguei a chave magnética que estava em meu bolso e quebrei-a em duas partes. Abri a porta da escada e desci pulando dois degraus de cada vez. Pensei na mulher durante todo o trajeto. Ela certamente conhecia meu rosto, mas eu também conhecia o dela. Melhor ainda, eu sabia seu nome e o número de seu distintivo. Se eu pudesse acessar um computador, poderia investigar tudo a seu respeito. Algo em mim queria descobrir.

Gostaria de saber quanto tempo levaria para ela fazer o mesmo quanto a mim. Eu sabia que era apenas questão de tempo antes que ela verificasse as câmeras de vigilância e descobrisse o que eu fizera. Como ela chegara até ali era o que me incomodava. Alexander Lakes me dissera que tudo o que ele fizesse por mim

ficaria em segredo. Obviamente, aquilo não era verdade. De alguma forma, ela descobrira onde eu estava hospedado, o que significava que Lakes tinha um grave problema de segurança.

Peguei um telefone e disquei o número de Lakes. Tocou três vezes. Ele finalmente atendeu no quarto toque.

— Alô — dava para ouvir o farfalhar dos lençóis. Sua voz estava sonolenta.

— Você me deu um quarto queimado — falei.

— Quem é?

— Quem você pensa que é? Você me deu um quarto queimado no Chelsea. O FBI está lá agora, derrubando as paredes.

— *Ulisses.*

Cheguei ao fim da escada e encontrei a saída para o porão, que estava armada para acionar o alarme de incêndio caso fosse aberta por dentro. Imprensei o telefone entre o rosto e o ombro, peguei a faca e a enfiei entre os contatos do alarme. Abri a porta aos poucos, com o quadril, e mantive a faca ali até a porta se fechar outra vez.

— Estamos no meio da noite, senhor — disse ele. — Como tem certeza de que é um federal?

— Eu a conheci mais cedo. Ela me disse que interrompi as suas férias.

— Uma mulher? Qual o nome dela?

— Ela é uma federal. Não importa o nome.

Naquela hora da noite, as luzes da garagem estavam desligadas e só acendiam se fossem acionadas por sensores de movimento. A única luz permanente vinha de um fraco holofote na base da escada. Atravessei a garagem, peguei a chave que Lakes me deixara e pressionei o botão para destravar as portas. Enquanto eu caminhava, as luzes começaram a tremelicar ao meu redor. Eu estava no meio da garagem quando ouvi o som das portas sendo destravadas e vi as luzes do carro piscando. O Suburban preto que

Lakes me prometera estava estacionado junto à saída. Era exatamente o tipo de carro que eu estava procurando. Novo em folha, preto meia-noite, três quartos de tonelada com 300cv e calotas cromadas.

— Senhor, eu não tenho como me desculpar o bastante. Posso conseguir outro quarto no Caesars, desta vez mais limpo do que você possa imaginar.

— Não.

— Tenho contatos em um motel na periferia da cidade. Conheço um indiano ótimo que trabalha ali. Tenho certeza de que ele fará tudo o que o senhor pedir, com total discrição.

— Escolherei meus próprios quartos de agora em diante.

— Tem certeza?

— Pareço confuso?

— Não, senhor. Existe algo mais que eu possa fazer?

— Encontre-me no restaurante na esquina de Maryland com Artic em vinte minutos. Precisamos conversar.

Entrei no carro. Olhei para a esquerda e para a direita. Verifiquei os espelhos retrovisores. Dei uma olhada para a fila de carros atrás de mim, de modo a me certificar de que não bateria em nada. Levei a mão à alavanca de marcha.

Subitamente, porém, congelei e desliguei o telefone na cara de Lakes sem dizer mais nada. Voltei a ajustar o retrovisor.

Havia outro Suburban preto, estacionado a dois carros de distância, uma fileira atrás da que eu estava.

22

Era o mesmo veículo que eu vira anteriormente. Vidros escurecidos, suspensão rebaixada. Para-choque dianteiro e calotas de cromo maciço. Pisquei e tentei dar uma boa olhada. Sim, certamente o mesmo carro que me seguira a partir do antigo campo de pouso. Sem placa frontal.

Filho da puta.

Em meio à penumbra da garagem, identifiquei duas pessoas no interior do veículo. Nas sombras, não passavam de silhuetas negras contra um fundo ainda mais negro. Apenas o pálido brilho branco das luzes com sensores de movimento acima deles sugeria que estavam ali. Ficavam visíveis aos poucos: a luz refletindo o cabelo de alguém, a massa escura de um torso, a forma de um braço. Misturavam-se como se fossem feitos de fumaça. Quem quer que fossem, deviam estar esperando ali havia horas. Devem ter descoberto onde eu estava hospedado e estacionaram no porão, ouvindo o som de seu motor estalar e esfriar. Observando a saída. Não estavam ouvindo rádio, bebendo café ou provocando um ao outro. Estavam apenas sentados ali, em silêncio, esperando que eu aparecesse.

Apertei o volante. Como diabo me encontraram? Tomei precauções contra aqueles caras. Eu os despistara na estrada. Troquei de carro. Passei boa parte da noite sentindo cheiro de aromatizador de ambientes com fragrância de pinho no banco do passageiro do Camaro de Spencer. Mesmo que tivessem me rastreado outra vez, quando voltei ao hangar, andei vários quarteirões a pé antes de me

hospedar no Chelsea. Esquivei-me através de cassinos lotados e outros hotéis. Não havia a possibilidade de eles terem me encontrado. Minha mandíbula se contraiu como se eu tivesse levado um soco.

Quem diabo *eram* aqueles caras?

Ficaram quase perfeitamente imóveis por cerca de um minuto, como caçadores que identificaram a presa. Fiquei parado no mesmo lugar, olhos voltados para o espelho. Desta vez, seria muito mais difícil despistá-los, isso era certo. Seria muito mais difícil em uma garagem, no meio da noite, com quase nenhum outro carro ao redor. Se não houvesse mais ninguém na rua, seria preciso um ato de Deus para eu conseguir escapar. Cada movimento que eu fizesse seria evidente. Eles tinham me encurralado e sabiam disso. Em um lugar apertado como aquele, não teriam que se esforçar muito. Bastava que bloqueassem a saída, e pronto.

Fiquei imóvel e observei. Uma gota de água caiu dos canos no teto e riscou uma trilha para-brisa abaixo.

Diversas alternativas passaram pela minha cabeça. Eu poderia ligar o motor, pisar no acelerador e fugir. Poderia voltar ao hotel e tentar escapar a pé. Eu poderia sair lentamente, como se não os tivesse notado e, depois, fazer o melhor possível na estrada. Cada alternativa parecia errada. Olhei para meu relógio. Observei o ponteiro dos minutos fazer o lento e compassado trajeto ao longo do mostrador.

Eram duas da manhã. Faltavam vinte e oito horas.

Quando entrei na garagem, as luzes se acenderam. Onde quer que eu fosse, pequenos holofotes se acendiam. Detectores de movimento. Se funcionassem do modo como eu pensava que funcionavam, desligariam após um curto período de inatividade. Sem eles, o estacionamento ficaria quase às escuras. Apenas o brilho do letreiro que indicava a saída forneceria alguma iluminação. Isso me

daria mais alguns segundos. Eu poderia dar a partida no motor e sair com o carro antes que eles conseguissem reagir. Claro que, assim que eu avançasse três metros, as luzes se acenderiam, e novamente estaríamos na penumbra. Mas poderia ser o bastante.

Estiquei a mão lentamente, enfiei a chave na ignição e a girei até a segunda posição. O painel se iluminou por um instante, e a tela do computador no console passou de preto para um brilho azul pálido. Com um movimento brusco, movi o interruptor que controlava os faróis. Desliguei tudo que poderia ser desligado. O pisca-pisca, as lanternas, a tela do computador, tudo. Olhei para o relógio.

Qualquer segundo agora.

A primeira luz junto à escada no fundo da garagem começou a piscar e se apagou. Outra desligou um segundo depois, e então mais duas. Em seguida, outras duas, depois mais três. Imaginei que todo o processo levaria cerca de vinte segundos, porque esse fora o tempo que eu levava para chegar ao carro. Contei no relógio.

Dez segundos. A garagem voltava à quase escuridão.

Cinco segundos.

Três.

Dois.

A luz sobre o SUV atrás de mim clicou e se apagou.

Um.

Escuridão. Minha respiração estava lenta e profunda. Girei a chave na ignição. As luzes vermelhas na traseira de meu carro devem ter parecido um sinalizador subindo ao céu.

Engatei a ré e acelerei. Os pneus cantaram quando fiz uma volta suicida em marcha a ré, coloquei novamente no "drive" e acelerei. As luzes ativadas por movimento reagiram com lentidão. Avancei cerca de seis metros antes que elas voltassem a acender. Acelerei fundo pela rampa e fiz duas curvas muito fechadas. Não havia ninguém na cabine do garagista, o que foi bom, porque eu não tinha

intenção de parar. Atravessei a saída a cinquenta quilômetros por hora.

Ainda assim, meu plano não me deu a dianteira que eu esperava. Os outros sujeitos deviam estar a postos. As luzes de advertência foram sua pistola de partida. Assim que derrapei na rua, ouvi o rugido do Suburban passando pela cabine atrás de mim. Não havia mais o que fingir. Eles não se importavam mais em permanecer invisíveis. Queriam me pegar. Seus freios guincharam quando passaram por cima do meio-fio.

Eu estava a uns quinze metros mais à frente. *Vamos lá.*

Pisei fundo no acelerador. O câmbio automático mudou de marcha e, em seguida, mudou outra vez quando atravessei um farol vermelho na esquina da Pacific com a Chelsea. Foi uma curva muito fechada que me projetou através de três faixas de tráfego leve. O outro Suburban corrigiu o curso e manteve-se atrás de mim.

Aqueles caras não eram policiais, isso era certo. E estavam atrás de mim.

Segui o mapa em minha cabeça. Se eu fosse para o sul pela Pacific, chegaria a oeste na Providence. Havia um estacionamento que eu poderia atravessar, como um atalho para a Atlantic. Da Atlantic para a Albany. Da Albany para o O'Donnell Park. Mais alguns quarteirões e, então, a rampa de acesso para a rodovia. Havia mais de três centenas de ruas na cidade, e eu memorizara cada uma delas.

Agora, todos os meus sentidos estavam aguçados ao máximo. Eu podia ouvir o som das rodas no asfalto. Eu podia sentir as ranhuras dos pneus aderindo às pequenas saliências na estrada. Eu podia sentir o cheiro do cano de descarga.

Derrapei na Atlantic e mudei de direção. A princípio, a ausência de tráfego parecia ser um problema, mas, agora que aquilo se tornara uma perseguição flagrante, era uma vantagem. Percorremos quase

dez quarteirões, ultrapassando todos os sinais vermelhos no caminho.

Atravessei um trevo diante de um cartaz do Atlantic Regency e peguei o viaduto para a rodovia. O motor abafava as buzinas dos carros que eu ultrapassava a quase duas vezes acima da velocidade permitida, o que é uma loucura no sul de Nova Jersey. Eu desviava dos outros carros como se eles estivessem parados.

Ainda assim, o Suburban estava me superando. Bateu no para-choque traseiro do meu carro, e senti minhas rodas derraparem inutilmente no asfalto. Oscilei entre duas pistas por um instante, quase atingindo outro carro enquanto passávamos em grande velocidade.

Considerarei por um breve momento engatar a marcha mais alta e tentar despistá-los, mas mudei de ideia rapidamente. Nossos motores eram idênticos, e eles estavam mais familiarizados com o SUV do que eu. Eles poderiam me alcançar em questão de minutos.

O Suburban aproximou-se até emparelhar comigo, o motorista buzinou e desviou para a minha pista, tentando bater no meu carro. Passei por cima dos sonorizadores e quase entrei no acostamento. O Suburban passou rugindo e, em seguida, diminuiu a velocidade, o motorista ainda buzinando. Eu podia ver a pessoa no banco do passageiro gesticulando para mim. Ele acenava com a mão para o lado da estrada. *Encoste*. O toque seguinte quase me lançou contra a mureta.

A próxima saída ficava a mais de oito quilômetros e, sem dúvida, aqueles babacas não estavam interessados em me seguir. Eu realmente não tinha escolha. Ou eu parava, ou eles passavam por cima de mim. Era simples assim.

Liguei a seta, reduzi a velocidade e comecei a encostar. O Suburban seguiu atrás de mim, por talvez um quilômetro, no

acostamento. Então reduziu a velocidade até ficar uns vinte metros mais atrás. Quando meu carro parou, eles também pararam.

Silêncio.

Nada aconteceu durante um momento. Fiquei ali, sentado, sem desligar o motor nem tirar o pé do acelerador. Eles ligaram o farol alto, de modo que eu não podia olhar pelos espelhos e ver o que estavam fazendo. Ouvi o suave murmúrio dos carros passando por nós na estrada e grilos na floresta de pinheiros à minha direita. Agora era um jogo de paciência.

Tirei a arma do coldre e coloquei-a sob a coxa.

Algum tempo depois, a porta do motorista se abriu, e um homem saiu do carro. Suas botas rangiam de tal forma contra o cascalho, que ele poderia muito bem estar usando esporas. Ele ficou visível a uns três metros de distância. Era um homem baixo, de cabelos louros platinados e pele cor de porcelana. Andava com um ar de superioridade, como se estivesse chegando para me dizer que meus pneus estavam baixos. Dava para ver o número oitenta e oito tatuado em seu pescoço. De onde eu venho, oitenta e oito é um código, o equivalente numerológico de HH, porque *H* é a oitava letra do alfabeto. HH era o próprio código. Uma abreviação de uma frase comum em prisões de todo o país: *Heil Hitler*.

O louro bateu em minha janela com os nós dos dedos e fez um sinal para que eu baixasse o vidro.

— Gostaríamos de conversar — disse ele.

Eu não falei nada, apenas mantive as mãos no volante.

Em um rápido movimento, ele sacou uma pequena arma de um coldre em sua cintura e apontou-a diretamente para mim através da janela. Ele meteria uma bala na minha cabeça antes que eu tivesse tempo de pensar em pegar minha arma.

— Uma palavra, por favor — disse ele.

Se eu quisesse, poderia pisar no acelerador e sair como um foguete. Poderia atropelar o dedão do pé do louro antes que os reflexos de seu cérebro de ervilha conseguissem apertar o gatilho. O Suburban tem uma boa arrancada para um carro grande, eu ainda estava com a marcha engatada, e o motor estava aquecido. Quando ele se desse conta do que estava acontecendo, suas balas não atingiriam nada além de ar e vidro. Ele talvez conseguisse disparar três tiros em minha direção, sem pontaria, sem a probabilidade de me atingir, e eu estaria na estrada com bastante vantagem para despistá-los. Se eu quisesse, poderia ir embora agora. Mas o que conseguiria com isso?

Eu *ainda* não fazia ideia de quem eram aqueles caras.

Baixei o vidro, e ele gesticulou para que eu saísse. Lentamente, estendi a mão, tirei a chave da ignição e abri a porta do carro. Escorreguei o revólver coxa acima e meti-o no bolso em um único movimento. Um gesto sutil, pensei. E deve ter sido mesmo, porque o louro não disse nada nem me revistou. Ele ficou cerca de um metro mais atrás e manteve a arma apontada para mim. Depois que eu saí, ele fechou a porta e acenou em direção ao seu Suburban com o cano da arma. Eu podia sentir seu hálito. Alho e cigarros mentolados. Ele me seguiu até o carro, abriu a porta traseira do lado do passageiro e acenou com a cabeça para que eu entrasse.

Assim que entrei, o sujeito no banco dianteiro voltou-se e apontou uma escopeta para a minha cara. Tinha o dobro do tamanho do louro e a mesma tatuagem no pescoço. Uma carga de chumbo de nove milímetros a essa distância explodiria minha cabeça.

— Vocês pegaram o cara errado — falei.

O louro fechou a porta e entrou.

— Não — disse ele. — Não pegamos.

— Estou aqui de férias. Sou um investigador de seguros.

— Nós sabemos quem você é.

— Duvido seriamente disso.

— Você esteve no depósito de Ribbons ontem à tarde. Você não é um investigador de seguros. Você nem mesmo é um policial.

Fiquei em silêncio.

— Você é um homem de Marcus — disse o louro.

— Eu não sou homem de ninguém.

O louro ficou em silêncio. Vi quando ele engatou a marcha do Suburban e ganhou a estrada. Ele dirigia com cuidado e precisão, de modo que eu não me sentisse tentado a me dar bem em cima deles. A arma pesava em meu bolso.

— Para onde estão me levando? — perguntei.

O louro riu de mim como se eu fosse idiota.

— Você tem um compromisso — respondeu.

23

O trajeto do SUV foi misericordiosamente curto. Levaram-me ao longo da estrada através dos pântanos salgados. Observei meus sequestradores enquanto andávamos no carro. Os faróis dos veículos que passavam e a luz fraca da tela do computador no console central iluminavam a cabine, emprestando a tudo um brilho estranho. O louro tinha olhos cor de ferrugem envelhecida, e seus braços pareciam esculpido em madeira. Os olhos do outro sujeito eram azul-claros, seu cabelo era ruivo, e ele era talvez uns dez anos mais jovem do que o louro. Não parou de olhar para mim durante todo o trajeto. Nem sequer piscava. Nos nós de seus dedos, havia uma tatuagem que dizia *Quatorze Palavras*. Certa vez alguém me dissera o que significava aquilo. Tinha algo a ver com os brancos e seus filhos, tipo: *Devemos garantir a existência das pessoas brancas e um futuro para as crianças brancas*. A formulação exata difere conforme a prisão na qual você cresceu.

O cara com a escopeta pegou um velho telefone celular pré-pago. Eu o vi digitando números, mas não consegui identificar quais. Ele aproximou o telefone do rosto, mas não tirou os olhos de mim. Não disse muito e, quando o fez, falou à meia-voz, para que eu não pudesse ouvir. Mesmo assim, dava para ver o que ele estava fazendo. Estava informando a seu patrão que tinham me encontrado. Estava pedindo orientações.

— O que querem comigo? — perguntei.

— Cale a boca — disse o louro.

Em seguida, ele saiu da rodovia e pegou uma velha estrada de terra batida que atravessava o grande pântano vazio. Seguimos por ali talvez durante uns dez minutos até estarmos no meio do nada. Os pneus afundavam no solo arenoso, e o SUV chacoalhava para cima e para baixo. O trajeto foi dolorosamente lento. Estávamos no meio do nada, perto da entrada da baía de Absecon. Ainda podia ver a torre do Regency brilhando ao longe, mas os sons da estrada e o rumor da civilização estavam desaparecendo. Tudo o que eu podia ouvir agora era o vento soprando através do pântano.

Paramos lentamente.

Esperamos ali alguns minutos com o motor ligado. A escuridão que nos rodeava era inquietante. Ouvi o som dos dois homens respirando à minha frente, fechei os olhos e perguntei a mim mesmo o que aconteceria em seguida.

Estariam à espera de ordens para me matar?

Afastei o pensamento assim que me ocorreu. Se tivessem isso em mente, não teriam me colocado no banco de trás. Exigiria muita limpeza. Não, eles teriam me jogado na traseira do veículo, porque é mais fácil limpar. O louro teria enfiado uma faca nas minhas costelas tão logo eu saísse do carro. Então, quando eu começasse a cair, ele me pegaria e me arrastaria pelo resto do caminho até seu Suburban. Aí jogaria o corpo na traseira, e pronto. Àquela altura, eu já estaria em quatro pedaços, separado ao longo da espinha e através do estômago, e embrulhado em sacos de lixo ou algo do gênero. Se quisessem me matar, não teriam tido tanto trabalho. Eles não teriam assumido o risco de me deixar vivo. Cada minuto que eu continuasse respirando aumentaria as chances de eu virar o jogo.

Subitamente, faróis iluminaram a janela traseira. Eu me volvei, protegendo os olhos dos faróis altos, e olhei melhor. Outro Suburban preto roncava através do pântano. Demorou uns bons cinco minutos

até se aproximar, mas, quando o fez, estacionou à nossa frente, do outro lado da pista.

O louro nem me olhou. Ele apertou o botão que abria minha porta e disse:

— Fora.

Puxei a maçaneta da porta e saí. O caminho entre os carros estava sulcado por profundas marcas de pneus. Em todas as direções, havia quilômetros de pântano vazio com nada maior do que um arbusto entre aquele lugar e a estrada. Vi meu reflexo crescer nos vidros escurecidos e, em seguida, abri a porta traseira do segundo veículo pelo lado do passageiro.

O homem que me esperava lá dentro tinha as feições muito escuras. Cabelos escuros, pele escura, olhos escuros. Sobrancelhas como lagartas. Parecia um daqueles caras que você vê no noticiário andando no palácio de algum emirado do petróleo, fazendo negócios com os sauditas ou comprando tanques russos, não um traficante de metanfetamina. Seu terno cor de carvão custava, provavelmente, uns vinte mil dólares. Mas a coisa mais impressionante a respeito dele eram os olhos. Mesmo sob o brilho intenso da luz da cabine, ele tinha olhos cor de gelo negro.

Eu sabia exatamente quem ele era.

Ouvi inúmeras histórias a seu respeito ao longo dos anos. De acordo com algumas, era um bárbaro. Segundo outras, um sujeito sofisticado. Mas guardei uma história em particular. Eu a ouvi do próprio Marcus, quando nos encontramos pela primeira vez naquele hotel no Oregon, havia cinco anos. Após fazer suas escolhas no cardápio, ele se inclinou sobre a mesa onde se sentavam alguns de nós e nos contou tudo sobre um homem que ele conhecera. Haviam sido amigos de infância, disse Marcus. Colegas desde o jardim de infância. Saíam com as mesmas garotas, frequentavam os mesmos restaurantes. Quando ainda estavam na escola, o homem que ele

conhecia começou a vender cocaína e logo capturou o vendedor e levou-o a um armazém abandonado. Em plena luz do dia, sem máscara. Ele bateu no sujeito com uma chave inglesa e, em seguida, enfiou um saco plástico na sua cabeça e fixou-o com fita adesiva. Mas ele não pretendia asfixiá-lo. O saco tinha alguns furos para a entrada do ar. O rapaz esperou o sujeito voltar a si. Quando isso aconteceu, enfiou o bico de uma lata de tinta spray roxa em um dos buracos. Ele pulverizou, pulverizou e pulverizou até poder ouvir a bola de metal chacoalhar no fundo da lata vazia. A tinta entrou no saco, e os gases invadiram os pulmões do traficante até ele não poder mais gritar. Há uma quantidade de coisas desagradáveis na tinta: butano, propano, solventes industriais, metais pesados. Ele absorveu tudo aquilo em sua corrente sanguínea. O garoto removeu o saco plástico e foi embora. De algum modo, o homem sobreviveu, mas o solvente na tinta atravessou a barreira sangue-cérebro. Quando saiu do hospital, ele só conseguia ficar sentado, babar e respirar com dificuldade. Ficou cego e começou a precisar de hemodiálise. Para os superiores no cartel, foi uma mensagem simples e brutal. Se o rapaz quisesse, ele poderia administrar um império com uma lata de tinta roxa.

Ao longo dos quarenta anos seguintes, foi o que ele fez. Ele nasceu com o nome de Harrihar Turner, mas ninguém o chamava assim. Ele tinha outro nome, aquele que apenas alguns traficantes se atreviam a dizer em voz alta. Um nome que, uma vez ouvido, ninguém nunca esquecia.

O Lobo.

24

— Eu estava me perguntando quando nos encontraríamos — disse o Lobo assim que me sentei do seu lado, no banco traseiro. Mesmo no calor do verão, o couro estava frio como o inverno. O ar-condicionado devia estar programado para o ártico. O Lobo não estava armado, porque não precisava estar. Os *skinheads* com a escopeta estavam estacionados ao nosso lado, e não havia para onde eu correr. O motorista provavelmente também tinha uma arma. Olhei para o Lobo como se não tivesse nada a dizer.

— Você não é exatamente o que eu esperava — disse o Lobo. — Pelo que me contaram, pensei que você fosse um homem muito mais jovem.

— Eu não sei o que você estava esperando — falei. — Eu sou quem eu sou.

O Lobo assentiu.

— De fato. E você também sabe quem sou eu, certo?

— Sei — respondi. — Seu nome é Harry Turner.

Houve um silêncio repentino. Ele também não estava esperando por aquela resposta.

— Quem lhe disse isso? — perguntou ele, afinal.

— Pessoas — respondi.

— Marcus.

— Apenas pessoas.

— As pessoas estão certas, esse é um dos meus nomes. Mas eu nunca gostei do nome *Harry*. É uma corruptela do meu nome verdadeiro, *Harrihar*. Sabe o que significa *Harrihar*?

— Não faço ideia.

— É um nome indiano. É um dos nomes de Krishna, um avatar de Vishnu, que, de acordo com algumas seitas, é o deus supremo da religião hindu. Vishnu é o preservador, o protetor onisciente e todopoderoso do universo. Harry não chega a captar o significado pleno do nome, você não acha?

— Acho — respondi.

— Mas talvez você me conheça por outro nome. Algo um pouco mais memorável.

— Eles o chamam de o Lobo.

— Bom. — O Lobo se inclinou para a frente em seu assento. — Então, ao menos você entende quem eu sou.

— Como você me encontrou?

— Ora, vamos, eu não posso lhe responder isso. Você poderia tentar me deter. Basta dizer, entretanto, que posso segui-lo em qualquer lugar.

Soprei o ar pelo nariz.

— Você é o fantasma de Marcus, não é mesmo? Dá para ver em suas mãos. As pontas de seus dedos são tão macias quanto a pele de seu nariz.

— Eu não trabalho para Marcus — falei.

Ele sorriu.

— Estou certo disso. Você é um autônomo. Você só trabalha para si mesmo, certo?

Eu não disse nada.

— Você assiste aos noticiários? — perguntou o Lobo. — Na minha casa, há sempre uma televisão ligada. Minha mulher não para de reclamar. Em cada quarto que entro, ligo uma televisão e, às vezes, esqueço-me de desligá-la. É quase um hábito inconsciente. Tomo meu café da manhã e assisto aos noticiários. Vou trabalhar e assisto aos noticiários. Falo ao telefone e assisto aos noticiários. Quase não

me dou conta disso, mas ela, sim. Nós conversamos, e eu a ouço, mas também escuto as notícias. Ela fica aborrecida. Mas preciso assistir, entende? A gente nunca sabe o que mostrarão em seguida. Em um momento pode ser uma matéria sobre uma menina que desapareceu em algum lugar, e eu posso tirar isso da cabeça, como se nunca tivesse sido mencionado. No momento seguinte, será outra coisa. Pode ser uma matéria capaz de mudar todo o curso do meu dia, ou mesmo de minha vida.

“Sabe, já apareci no noticiário certa vez. Eles não mostraram meu rosto nem disseram meu nome, mas uma emissora local estava fazendo uma matéria que envolvia uma de minhas empresas. Uma menina se afastou de seus pais e desapareceu durante alguns dias. Eles a encontraram após algum tempo, desmaiada em um terreno baldio ao lado de uma das minhas oficinas mecânicas. A princípio, não parecia estar ferida, mas, quando a examinaram, viram que algo estava errado. Sua visão estava embaçada. Eles fizeram exames de sangue e descobriram que ela fora exposta a grandes quantidades de gás de fosfina. Era um mistério, porque não havia grânulos de fosfeto de alumínio — você sabe, veneno de rato — no lugar onde a encontraram. Apenas fedor de peixe podre. Os repórteres ficaram confusos. O que eles não sabiam era que aquela oficina mecânica tinha um laboratório de metanfetamina no porão. Os gases foram emanados de um cano no terreno baldio na noite anterior. A menina estava brincando ali e, acidentalmente, respirou uma enorme golfada, o suficiente para fazê-la desmaiar. Os cozinheiros da droga não perceberam o que tinha acontecido, então terminaram o lote. Os gases se dissiparam, mas a menina ainda estava ali, caída, a uns cinco metros do duto de ventilação. Se os repórteres descobrissem aquilo, minha operação perderia quase duzentos e cinquenta mil dólares.

“Assim, logo que ouvi falar a respeito, entrei no meu carro e dirigi até o terreno baldio. De lá, circulei pelo bairro até encontrar a casa da menina. Então, estacionei na rua, dei a volta na casa e entrei por uma das janelas. Fui até o quarto dos pais e os atingi com uma arma de choque, para que não acordassem. Então fui até o quarto da menina e disse-lhe para não gritar. Ela chorou e chorou, mas depois me obedeceu e não emitiu nenhum som. Ela estava tão assustada que mal conseguia se mover. Só conseguia respirar de maneira ofegante e chorar lágrimas silenciosas. Levei-a até a cozinha em meus braços e sentei-a sobre o balcão ao lado da pia. Servi a ela um copo de leite. O copo seguinte tinha desentupidor de pia misturado. Com o leite, ficava na textura certa. Ela bebeu metade do copo antes de precisar parar. Aquilo provocou bolhas em sua língua, então eu segurei seu narizinho e a obriguei a engolir o resto. Levou mais de vinte minutos para ela morrer. Sufocando e vomitando sangue, com o desentupidor de pia dissolvendo suas entranhas. Ela parou de chorar após algum tempo. Apenas ficou ali sentada, olhando para mim com aqueles enormes olhos castanhos, respirando com dificuldade. Ela se recostou e não acordou mais. Seu rosto estava coberto de sangue, os olhos sangrando, seu cérebro se dissolvendo. Deixei o corpo dela ali mesmo, ao lado do armário de produtos de limpeza aberto. Depois disso, os repórteres não disseram mais uma palavra sobre a oficina mecânica.

— Por que está me contando isso?

— Porque fui eu quem mandou matar Moreno — disse o Lobo. — E, se você não me trazer o dinheiro do assalto desta manhã, precisarei mandar matar você também.

25

O carro ficou em silêncio exceto pelo vento marinho que açoitava o para-brisa. As luzes da estrada projetavam longas sombras por entre os pinheiros a oeste. Atlantic City murmurava ao longe.

Minha garganta estava seca.

O Lobo disse:

— Atlantic City é minha, Fantasma. Sei de cada grama de maconha e de cada décimo de metanfetamina que é vendido aqui. Eu sabia sobre Ribbons e Moreno há meses. Eles conversaram com as mesmas pessoas com quem falei. Gastaram dinheiro em meus cassinos. Tinham quartos em meus complexos de apartamentos. Estacionaram seus carros em minhas esquinas. Marcus deve ser um idiota por pensar que poderia fazer um trabalho na minha cidade sem o meu conhecimento.

— Você devia saber que Marcus o pagaria com o dinheiro de um trabalho — falei. — Ele é o cabeça há quase vinte anos.

— Eu sei. Mas eu também sabia o que eles roubariam. Como você acha que Marcus soube da carga federal? Acha que isso apareceu para ele em um sonho, ou até por meio de fofocas ouvidas em bares? Não. Ele falou com gente que falou com pessoas que sabiam. E, acredite em mim, todas as pessoas que sabiam disso também me conheciam.

— Mas, se você sabia do negócio de Marcus com antecedência, por que deixou Moreno e Ribbons o levarem adiante? Por que matá-los depois de terem roubado o dinheiro?

O Lobo suspirou.

— Esse é o problema de vocês, assaltantes. Vocês não toleram a complexidade.

Ficamos em silêncio um instante.

— Diga-me exatamente o que você quer — falei, afinal.

— Eu quero lhe oferecer um acordo — respondeu o Lobo. — Uma barganha. Você vai pegar todo o dinheiro que Marcus roubou do cassino e colocá-lo no avião dele na segunda-feira pela manhã. Você o deixará fazer a sincronia com os rastreadores via satélite e, então, explodir.

— Isso levará Marcus para a prisão por cinquenta anos — falei. — Uma sentença de morte para um homem da idade dele.

— Agora você está começando a entender. Se Marcus podia usar o dinheiro como uma arma, eu também posso.

Pigarreei.

— Você disse que ia me oferecer um acordo.

Ele fez um gesto para o pântano salgado.

— Eu não vou enterrá-lo aqui.

— Isso não é bem uma oferta. Se você não me matar, Marcus o fará, mesmo estando na prisão. Há pessoas que investiram alto em sua operação. Posso não trabalhar para ele, mas não sou idiota.

— Sim, ele poderá tentar matá-lo, mas você deve considerar a sua situação a curto prazo. Os ventos marinhos podem fazer muito barulho. À noite, às vezes começam a uivar por entre os juncos do pântano em grandes rajadas. Soam exatamente como gritos, dizem os moradores locais. Algumas pessoas na periferia da cidade juram que há alguém no pântano gritando em desespero. O efeito é tão convincente que alguns turistas chamam a polícia. Quando a polícia lhes diz que é apenas o vento, eles não acreditam. Saem no meio da noite trajando suas calças jeans e camisas de praia, procurando a pessoa que está gritando. Mas nunca a encontram. É apenas o

vento. Gritos de verdade não chegam tão longe. Mal chegam a quinze metros.

Eu não disse nada. O vento soprava contra o para-brisa e misturava-se ao som do ar-condicionado.

— De uma forma ou de outra — disse o Lobo —, você vai me ajudar. Faça o que eu digo, e eu o colocarei na folha de pagamento. Faremos muito dinheiro juntos. Se você optar por ignorar o que estou dizendo, esta será a última conversa que você terá com alguém. Eu o matarei apenas para enviar uma mensagem. Eu o enterrarei aqui, em uma duna de areia, de modo que, quando o tempo mudar, tudo o que restará serão seus dentes e esse relógio caro em seu pulso.

Olhei através da janela para o outro Suburban preto, onde os dois homens olhavam para o nada. Talvez estivessem ouvindo o vento.

— Eu ainda não tenho o dinheiro — disse.

O Lobo voltou a cabeça uma fração de um grau em minha direção.

— Ah, claro que não. Se você tivesse, não estaria mais aqui. O que eu não entendo é por que Marcus enviou um fantasma para encontrá-lo em vez de um exército de seus capangas.

— Eu posso conseguir o dinheiro para você, mas você precisa me deixar ir embora.

— Para você sair da cidade e desaparecer? Não, Fantasma. Você foi treinado para desaparecer. É praticamente tudo o que você sabe fazer. Se vai trabalhar para mim, você não sairá de minha vista nas próximas trinta horas. Pegaremos o dinheiro roubado juntos, em companhia de meus homens. É a única maneira de você sair inteiro deste pântano.

— Como eu vou saber que você não vai me dar um tiro na cabeça assim que eu lhe mostrar onde está o dinheiro?

— Porque eu reconheço um bom fantasma quando o vejo — disse ele. — E já derramei sangue suficiente por um dia.

— Por alguma razão, não acredito nisso.

— Então, pense da seguinte forma: você faz o que eu peço e, no mínimo, viverá mais algum tempo. Podem ser algumas horas, alguns dias ou alguns anos. Mas será mais tempo. Se você não fizer o que eu peço, morrerá na próxima meia hora, logo após terminar de cavar seu próprio túmulo.

— Acredite em mim — respondi —, isso me parece um bom negócio. Mas eu não tenho o que você está procurando, e não há nenhuma chance de eu encontrar com você respirando na minha nuca.

— Não revisarei a minha oferta.

— Isso é muito ruim, porque eu não posso aceitá-la. Se você me oferecer um prazo de doze horas, negócio fechado. Acredite em mim, eu odeio Marcus tanto quanto você. Mas não posso lhe dar algo que ainda não tenho.

— Eu ainda não acredito em você.

— E tem boas razões para não acreditar. Sou um mentiroso de marca maior. Mas não me importo se você acredita ou não em mim. Toda a sua operação me aborrece.

— *Aborrece*. Estou ameaçando a sua vida, e você está preocupado em ficar aborrecido?

— Você não? — perguntei. Abri uma fresta da porta do carro.

— Você entende o que significa sair deste carro, Fantasma?

Balancei a cabeça e disse:

— Eu vou me arriscar com as dunas de areia. Me procure quando tiver algo mais interessante.

O Lobo não disse nada quando saí e bati a porta. Ele olhou para mim através da janela, como se eu fosse algum tipo de quebra-cabeça que ele não conseguia decifrar. Talvez tenha pensado que eu estava blefando. Talvez ele estivesse blefando e não esperasse que eu pagasse para ver. De qualquer modo, gesticulou para que o

motorista ligasse o carro. Eles fizeram o retorno e voltaram lentamente para a estrada, deixando-me para trás com seus dois *skinheads*.

Olhei para o relógio. Eram três e quinze.

Faltavam vinte e sete horas.

26

Observei o Suburban sacolejar pela trilha, erguendo lama aqui e ali. As planícies estavam repletas de lamaçais. O vento marinho ficou mais intenso. A grama do pântano gritava.

Eu sabia que era melhor não correr.

Você não pode fugir de uma escopeta. Uma Magnum calibre .12 com cartuchos de três polegadas e meia lança de oito a doze esferas de chumbo a cerca de mil e quinhentos quilômetros por hora. Após alguns metros, as esferas começam a se espalhar em uma pequena nuvem mortal. Cada uma tem oito milímetros e meio de largura e pesa tanto quanto uma moeda de cinco centavos. Uma única esfera é capaz de explodir o crânio de um homem. Correr não adiantaria porcaria nenhuma.

E eu não tinha onde me esconder. Havia uma floresta de pinheiros a uns oito quilômetros a oeste e alguns cata-ventos gigantes a uns dezesseis quilômetros a leste, mas tudo no intervalo era tão plano quanto o deserto. Além disso, eles tinham um carro. Se eu conseguisse sair do alcance da escopeta, eles simplesmente ligariam o motor, iriam atrás de mim e me executariam. Mesmo naquele tipo de terreno, eu não conseguiria escapar.

Observei o Suburban do Lobo desaparecer ao longe. O ar tinha gosto de água salgada. Inspirei e expirei lentamente.

Ouvi a porta do carro se abrir atrás de mim e vi o louro sair. Ele ficou ali parado, piscando. Sua expressão vazia sugeria que não estava disposto a cavar um metro e oitenta de terra úmida e pantanosa para enterrar meu corpo depois de me matar. O ruivo

saiu logo em seguida, mas parecia diferente. Seus olhos estavam bem abertos, e sua testa, pegajosa. Suava. Ele ergueu a escopeta junto ao rosto e apontou para mim.

— Desculpe por isso — disse o louro.

Não falei. Não me movi.

O louro foi até a traseira do SUV e abriu a porta com um simples toque em um botão. Tinham todo tipo de ferramentas ali dentro. Fita adesiva, arame, serra, facas. Ele voltou com uma pá. Era uma coisa longa de madeira com a cabeça enferrujada. Devia ter cerca de um metro e meio de comprimento e estava coberta de terra seca da última vez em que foi usada. O louro parou alguns metros à minha frente e jogou a pá no chão, entre nós dois.

Olhei para ele e disse:

— Eu não vou pegar isso.

Eu não queria nem tocar naquilo. Uma pá não é uma boa arma. Certamente pode matar se você conseguir atingir alguém, mas esse é o problema. Não dá para bater em alguém com uma pá. É algo muito pesado e desajeitado. Demora muito tempo para erguê-la e desferir o golpe. Então, se você errar, estará no meio do movimento. É preciso ainda mais tempo e esforço para deter o impulso e tentar outra vez. Qualquer um é capaz de prever o golpe. Algumas pessoas podem ficar imóveis à espera da pancada, mas não aqueles caras. O louro sacaria sua arma, e ambos atirariam em mim antes que eu voltasse a erguer a pá.

Olhei para eles.

— Você fez a sua escolha, cara — argumentou o louro.

Ouvi o uivo do vento e lancei outro longo olhar para as distantes torres do cassino.

— Pense da seguinte forma — disse o louro. — Você cava e vive mais um pouco. Se você levar duas horas para cavar uma sepultura, terá duas horas a mais. Não vou mentir. Você não tem chance de

escapar. Mas, se você cavar, terá ao menos algum tempo para pensar. Fazer as pazes com Deus ou algo assim.

— Como é o seu nome? — perguntei.

O louro e o outro sujeito trocaram olhares. O ruivo agarrou a escopeta com força, como se estivesse com medo de que ela lhe escapasse.

— Se eu vou morrer — disse —, deveria ao menos saber os seus nomes.

O louro estava relutante. Depois de um instante, respondeu:

— Meu nome é Aleksei.

— Martin — disse o outro cara.

— Aleksei. Martin. Eu tenho dinheiro.

— Você realmente acha que vai conseguir se livrar dessa?

— Ao menos me livro de cavar — falei.

Enfiei a mão no bolso da calça. Contudo, antes que eu tocasse no dinheiro, Aleksei levou a mão à cintura, de onde sacou uma pequena arma. Era uma Ruger LCP compacta. Feita daquele metal leve que usam para fabricar aviões. Era tão pequena que ele poderia guardá-la no bolso da camisa.

— Devagar — advertiu.

Tirei dois mil em notas novas, unidas com tiras de papel cor de mostarda. Ergui o maço para que pudessem ver, então joguei-o no chão, entre nós.

— Deixem-me ir — sugeri — e posso lhes dar dez vezes mais. Estão na mochila, no meu carro. Também tenho uma pilha de telefones celulares. São seus.

— Você não vai nos comprar — disse Aleksei.

Estendi a mão esquerda.

— Apenas olhem para o meu relógio.

Aleksei e Martin deram um passo adiante. Ergui ambos os braços.

Aleksei estendeu a palma da mão, indicando que eu deveria tirar o relógio do pulso e entregá-lo a ele. Então, ele deu mais um passo à frente, como se achasse que eu estava dificultando as coisas.

Foi aí que cometeu seu grande erro. Agora estávamos a menos de um metro de distância.

E havia aquela pá entre nós.

Pisei na cabeça da pá com tanta força quanto podia, e a alça subiu como uma alavanca. Eu a agarrei com as mãos e desferi o golpe como se estivesse usando uma marreta. A lâmina atingiu a parte inferior do maxilar de Aleksei, que se fechou e arrancou parte de sua língua. Larguei a pá, dei mais um passo à frente e agarrei seu braço direito, torcendo-lhe o pulso e levando-o à altura dos nervos na base de seu braço. Ele urrou de dor. No mesmo movimento, tirei a arma do bolso, envolvi meu braço em torno do seu pescoço e pressionei o cano contra sua têmpora. Quase não deu trabalho. Quando terminei, ele era meu escudo humano.

Virei-me para Martin e disse:

— Largue a arma.

Ele olhou espantado para mim por um instante, como se realmente não tivesse visto o que acontecera. Ajustou a escopeta em suas mãos. Alguns segundos se passaram. Aleksei se contorcendo contra mim, sangue escorrendo de sua boca e por seu queixo. Dei um passo para a esquerda, e a escopeta me seguiu.

— Largue você — disse Martin.

— Não vai rolar.

Martin olhou para mim, então para meu revólver e, em seguida, para o amigo.

— Eu sou muito bom nisso — disse. — Se você não baixar logo a arma, atirarei em Aleksei através da mandíbula. A esta distância, eu o matarei e depois matarei você antes que consiga o tiro certo

que pretende. É isso que você está fazendo, certo? Tentando um tiro certo?

Dava para ver que o pequeno cérebro neonazista de Martin estava fazendo hora extra. Ele acomodava e reacomodava os dedinhos rechonchudos em torno da coronha emborrachada da escopeta. Suas mãos estavam tão úmidas quanto o pântano. Uma linha de suor se formava ao longo das *Catorze Palavras* sobre os nós de seus dedos.

Aleksei engasgou. Agora, o sangue escorria por sua garganta.

Soprou outra rajada de vento.

— Descarregue a arma — exigi. — Agora.

Ele desviou a arma de mim e moveu a telha. A abertura de ejeção se abriu e cuspiu um cartucho vermelho. Ele moveu a telha outra vez, e outro cartucho saiu. Continuou bombeando até que todos os seis cartuchos estivessem no chão. Ele ergueu a arma aberta, para que eu pudesse ver que a câmara estava vazia, então, jogou-a à beira da estrada. Olhou para mim com as mãos pendendo junto ao corpo. Dava para ouvi-lo respirar.

— Bom! — exclamei.

Então, apontei a pistola para sua cabeça e estourei seus miolos.

A bala atingiu Martin na face esquerda, logo abaixo do olho. Atravessou o céu da boca e saiu pela base do crânio, onde todos os nervos se encontram. Sangue, massa encefálica e fragmentos de ossos salpicaram a areia atrás dele. Seu corpo caiu como se fosse feito de chumbo.

Soltei Aleksei. Ele cambaleou para a frente, tentando recuperar o equilíbrio. Contudo, antes que pudesse dar dois passos, dei-lhe um golpe na base de seu crânio com o punho de meu revólver, e ele caiu de bruços na lama. Aquilo deve ter feito seu cérebro chacoalhar, porque ele se contorceu no chão por alguns segundos até parar e apagar como uma lâmpada.

Respirei um instante.

Nenhum ser humano são gosta de matar, mas não é tão ruim quanto as pessoas pensam. Dizem que matar é o pior sentimento que um homem pode ter, que é como morrer um pouco por dentro. Comigo, nunca foi assim. Na verdade, não sinto muita coisa, apenas uma pressão no peito, como um caso grave de azia. A respiração fica subitamente um pouco mais difícil, e as cores, um pouco mais brilhantes. Meus problemas parecem um pouco mais simples, e meus pensamentos, um pouco mais rápidos, por causa da adrenalina. Tudo isso passaria em alguns minutos. Bastava pensar em outra coisa e me concentrar na tarefa que tinha em mãos. Não havia nenhuma vergonha naquilo.

Aqueles homens eram armas.

Nunca considerei deixá-los vivos. A clemência seria um erro. Enquanto estivessem vivos e fossem capazes de empunhar armas, o Lobo os mandaria atrás de mim. Droga, mesmo que o Lobo não os mandasse, aqueles caras viriam atrás de mim por conta própria, porque eu me dera bem às suas custas. Alguns caras não sabem como esquecer e seguir em frente quando perdem. A ideia de vingança rodopia em suas mentes como uma bala subsônica calibre .22, muito lenta para sair. Eles viriam atrás de mim até que eu ou eles morressem. Enquanto estivessem vivos e tivessem todos os membros, seriam armas.

Revistei Aleksei. Tirei a Ruger de seu cinto e verifiquei a arma. Retirei o pente de balas e puxei o ferrolho para trás apenas o suficiente para ver a bala nove milímetros na câmara. Joguei a arma no pântano. Seu passaporte estava no bolso do peito. *Aleksei Gavlik*. Carteira e celular. As chaves do Suburban. Peguei as chaves e chequei a lista de contatos em seu telefone. Nenhum dos números tinha sido nomeado, mas havia mais de quinze chamadas nas últimas dez horas para um número com um código de área de

Atlantic City. O Lobo. Memorizei o número, então quebrei o telefone ao meio e também o atirei no pântano.

Fui até Martin e fiz o mesmo. Ele tinha uma carteira de motorista que indicava um endereço em Ocean City. Além da escopeta e de outro chaveiro, portava uma pequena faca dobrável presa ao cinto. Joguei-a no pântano também. Peguei os dois mil que eu deixara cair no chão, tirei a poeira e voltei a guardá-los no bolso. Limpei o cabo da pá com a barra da camisa e joguei-a o mais longe possível.

Aleksei gemeu e começou a se mover novamente. Suas pernas se debatiam inutilmente em meio à lama.

Cheguei mais perto e atirei em sua nuca. Limpei uma mancha de sangue na minha gravata e me afastei.

Abri o tambor do meu revólver e joguei as balas e as cápsulas vazias em uma vala. Então, desparafusei e removi o punho emborrachado. Voltei a engatilhar a arma e soltei a mola do cão, aí tirei o cão e o percussor e atirei-os o mais longe que consegui. Toda a arma estava dividida em oito pequenas peças em menos de um minuto. Joguei o resto das peças ao longo do acostamento da estrada. Demoraria vários meses até uma equipe encontrar e montar aquilo outra vez.

Fechei a traseira do Suburban, entrei, voltei de ré ao longo do caminho até encontrar um retorno e, então, dirigi até a rodovia. Ao sair, ouvi o tranquilo murmúrio dos insetos.

K U A L A L U M P U R

Todo assalto começa do mesmo jeito. Depois que Marcus nos disse o que roubar, e de que maneira, tivemos que visitar o lugar. Isso, no entanto, pode ser quase tão arriscado quanto o próprio assalto. Leva dezenas de horas até alguém estar preparado para um bom trabalho. Você precisa conhecer cada centímetro do banco-alvo, desde a porta até os fundos do cofre. Você precisa memorizar o nome de cada caixa, o número do crachá de cada guarda de segurança e todos os esconderijos em cada andar do edifício. Será que as portas de vidro têm travas eletrônicas? Será que o cofre tem um temporizador? Quando o gerente do banco sai para tomar um café, e como ele, ou ela, gosta de tomá-lo?

Você precisa saber de tudo.

Por isso, você precisa ir até o banco e dar uma boa olhada ao redor. Vinte minutos não são suficientes. Dois dias é um tempo mais adequado. Esse período de observação proporciona um conjunto único de problemas para um assaltante profissional. Para começo de conversa, você precisa ter algum motivo para estar lá. Os bancários geralmente percebem quando alguém entra, olha ao redor por uma hora e, em seguida, deixa o lugar sem fazer qualquer negócio. E, pior, mesmo que você consiga observar o lugar sem que nenhum dos funcionários perceba, há as câmeras. Claro que não são uma ameaça imediata, porque ninguém é preso por entrar pela porta da

frente e não fazer nada, mas as câmeras podem se tornar um sério problema. Depois que você roubar o lugar, os investigadores poderão verificar imagens antigas para ver se alguém com altura e peso semelhantes aos dos assaltantes já esteve ali antes. Cada pessoa que entrou nos últimos seis meses é investigada. Se conseguirem associá-la ao assaltante, poderão exibir sua imagem no noticiário e estarão a um passo de pegá-lo. Então, se queríamos conhecer bem o funcionamento interno de nosso banco, tínhamos que ir até lá fingindo ser outras pessoas.

Aí entram os fantasmas.

Hsiu Mei era nossa controladora. Ela ficaria na van, conectada por uma ligação sem fio aos nossos fones de ouvido. Ela poderia fazer a tradução, se necessário, mas, na verdade, agiria como guia. Hsiu Mei tinha estudado bastante as plantas do prédio, enquanto bebia vários e vários bules de chá verde quente de um copo de isopor.

Angela e eu íamos entrar.

Pela manhã, passamos várias horas preparando nossos disfarces. Angela estava absolutamente radiante. Ela usava um vestido de verão vermelho Gucci, uma pulseira de platina com pedras caríssimas, sapatos de salto e uma bolsa combinando. Não se parecia em nada com a mulher que eu conhecia havia anos. Aquela Angela era uns vinte anos mais jovem e alguns milhões de dólares mais rica. Suas lentes de contato eram de um verde quase fosforescente, e seu cabelo era comprido, preto e perfeitamente liso. Os lábios eram cor de sangue, e ela parecia ter saído de uma revista. Não era mais a Angela. Era Elizabeth Ridgewater, uma herdeira da Nova Inglaterra.

Eu estava um pouco diferente. Usava um terno preto simples e uma gravata escura em um estilo que saíra de moda havia alguns anos. Minha maquiagem me fazia parecer uns dez anos mais velho, e meu cabelo era de um castanho profundo que dava uma

impressão ameaçadora. Trabalhei minha expressão facial até assumir uma carranca quase permanente. Eu era William Gold, o guarda-costas pessoal da Sra. Ridgewater.

Angela algemara uma maleta Halliburton ao meu pulso. A maleta era feita de alumínio leve, com camadas de espuma no interior para proteção adicional. Ouvi algo pequeno, embora pesado, chacoalhando ali dentro quando a ergui.

— Vamos — disse Angela.

Sáímos da van, atravessamos as portas giratórias e entramos no saguão. Ela caminhava na frente, é claro, andando com a confiança e a graça de uma mulher que poderia se dar o luxo de comprar qualquer coisa que lhe aparecesse. Eu caminhava atrás dela de cabeça baixa e usando óculos escuros Ray-Ban. As pessoas nos olhavam, o que fez eu me sentir desconfortável, mesmo disfarçado. Sinto-me melhor fingindo ser apenas um João-ninguém.

O edifício-alvo chamava-se National Exchange Tower, um arranha-céu de trinta e cinco andares com um heliporto no topo. Ao atravessarmos o saguão, fiz uma rápida avaliação do andar térreo. Nenhuma das portas exigia qualquer tipo de chave ou cartão de acesso, e não havia um detector de metal na portaria, como alguns edifícios têm atualmente. Os recepcionistas nem sequer falaram conosco quando fomos em direção aos elevadores. Um deles olhou para nós e meneou a cabeça, mas nada além disso.

Apenas o topo do edifício pertencia ao banco. Enquanto andava, dei uma olhada na lista de inquilinos listados junto às portas do elevador. O saguão ocupava o andar térreo. O segundo piso era ocupado pelos escritórios dos administradores, supervisores, pessoal de limpeza e de segurança particular do edifício. Um escritório de advocacia ocupava o terceiro e o quarto, e os oito seguintes abrigavam uma indústria de grande porte. Não havia um décimo terceiro piso, mas os andares de catorze a vinte e um pertenciam a

uma empresa de petróleo. O vigésimo segundo e o vigésimo quarto passavam por reformas, e o vigésimo quinto era ocupado por uma nova empresa de aparelhos eletrônicos. Apenas os andares superiores, do vinte e seis ao trinta e cinco, pertenciam ao banco.

E apenas um daqueles andares abrigava o cofre.

A maioria dos andares do banco não nos interessava. Dois deles eram apenas centros de atendimento ao cliente, e os outros cinco abrigavam escritórios de gerentes de contas. O cofre ficava no topo. O trigésimo quinto era o principal depósito de moeda estrangeira do banco, e era esse andar que tínhamos que ocupar. De acordo com os esquemas, não havia muito lá em cima além de alguns gerentes, algumas caixas de depósito de segurança e cerca de dezoito milhões em dinheiro.

Quando ficamos sozinhos dentro do elevador, apertei um botão em meu relógio que acionou um cronômetro. Com uma planta exata do edifício e o tempo do trajeto, poderíamos calcular a velocidade dos elevadores. Com a velocidade dos elevadores, poderíamos estimar os tempos de atraso e de cancelamento de chamada.

Assim que o elevador se pôs em movimento, Angela me lançou um olhar preocupado.

— Ansioso? — perguntou.

Balancei a cabeça.

— Nunca me diverti tanto.

Demorou dois minutos para chegarmos ao topo. Observamos os números mudarem em silêncio. Quando as portas finalmente se abriram, um gerente de banco estava ali para nos cumprimentar. Lancei um olhar para Angela, mas ela não o retribuiu. Devia haver algum tipo de sensor que alertava o pessoal do último andar sempre que um elevador estava a caminho. A posição daquele sujeito e sua prontidão em nos cumprimentar era boa demais para ser coincidência.

O último andar se assemelhava a um banco comum, exceto que ficava a uma altura de trinta e cinco andares. Os elevadores se abriam para uma sala de recepção de seis por nove metros mobiliada apenas com alguns sofás voltados para a janela. No lado oposto, separados por divisórias de acrílico, ficavam as baias dos caixas e algumas portas de trava dupla nos fundos. Dava para ver alguns cubículos atrás das baias dos caixas e, mais atrás, bem no fundo, um elevador de segurança e a enorme porta redonda do cofre. O vazio fazia parte da estética, pensei. Sem frescuras, apenas negócios.

O gerente apertou a mão de Angela e cumprimentou-nos em malaio. Angela respondeu em inglês.

— Estou interessada em uma caixa de depósito de cofre.

Não foi preciso mais do que isso para atrair sua atenção. Ele sorriu e cumprimentou-nos em inglês e, em seguida, convidou-nos a ir até seu escritório. Angela parecia ser o tipo de mulher que não gostava de perder tempo, e o gerente podia ver isso claramente. Ele nos levou através de uma das portas de trava dupla e ao longo de uma fileira de escritórios até chegar ao seu. Assim que nos acomodamos, ergui a maleta de alumínio, e Angela abriu a algema de meu pulso. Fiquei sentado em silêncio. Quanto menos falasse, melhor. Parecia que poderíamos realizar toda a transação sem dizer uma única palavra.

— Enquanto eu estiver aqui, precisarei de uma pequena caixa de depósito de cofre para guardar um objeto de valor especial para mim — anunciou Angela. — Se possível, gostaria de ver que tipo de segurança vocês têm a oferecer.

— Eu lhe garanto, você veio ao lugar certo. Oferecemos uma variedade de caixas de depósito de segurança com uma das melhores tecnologias antifurto da Ásia.

— Ouvi dizer que também oferecem caixas de depósito de cofre.

— Sim, mas nossas caixas de depósito de cofre são reservadas para clientes corporativos que desejem proteger ativos no valor de cinco milhões de libras esterlinas ou mais. Nossas caixas de depósito de segurança particulares, localizadas em uma sala à parte, do outro lado do cofre, mais do que satisfariam as suas necessidades, posso lhe assegurar.

— Creio que, no meu caso, você estaria disposto a abrir uma exceção.

Angela destravou a outra parte da algema, levou a maleta ao colo e abriu-a para mostrar ao gerente do que ela estava falando. Ali dentro havia uma pedra do tamanho da ponta do dedo de um homem. Era quase da cor de um rubi, embora um pouco mais clara. Era um diamante vermelho, a cor mais rara do mundo. Aquele diamante fora encontrado havia quase trezentos anos, em algum lugar da Índia, e, logo depois, fora propriedade de dois reis europeus, três princesas, dois xeques e três bilionários. Em leilão, seria vendido por mais de catorze milhões de dólares. Parecia uma gota de sangue congelado.

Aquele era o Diamante da Coroa do Cazaquistão.

É claro que não era o verdadeiro Diamante da Coroa do Cazaquistão, que na realidade estava atrás de cinco centímetros de vidros à prova de bala em Abu Dhabi. Aquilo era uma excelente falsificação, feita com zircônia cúbica tratada com uma pequena quantidade de cério para dar-lhe a mesma rara tonalidade vermelha do original. Qualquer pessoa com alguns anos de experiência e uma lupa de ourives perceberia que não era o verdadeiro, mas aquilo não seria problema. A pedra vinha acompanhada de documentos falsos: seguro, proveniência, avaliações. A joia simplesmente tinha de parecer valiosa e, cá entre nós, cumpria o papel com perfeição.

Os olhos do gerente se arregalaram por um instante, mas ele imediatamente conteve a reação. Fazia parte de seu trabalho, creio

eu, mostrar pouco apreço pelos valores que estava encarregado de proteger. O menor sinal de cobiça poderia despertar a desconfiança de um cliente em potencial. Era importante fazer tudo de acordo com o manual, com pouca variação. Ele olhou para nós e recostou-se na cadeira.

— Estou disposta a pagar qualquer valor extra para mantê-lo em segurança — disse Angela. — Desde que você possa me oferecer o nível de segurança com o qual estou acostumada. Já tive problemas com bancos malaios no passado.

Ela estava jogando um jogo muito delicado. Tinha que convencer o gerente a deixar-nos ver o cofre, sem realmente comprar uma caixa ali. Queríamos que ele finalmente recusasse nosso pedido, de modo que não seríamos tão memoráveis. Se ele aceitasse a oferta e nós desistíssemos no último minuto, ele certamente se lembraria de nossa visita e poderia voltar para nos assombrar. A voz de Angela era suave e pretensiosa ao mesmo tempo, desesperada o suficiente para suscitar consideração, mas arrogante o bastante para merecer rejeição.

Enquanto Angela e o gerente conversaram sobre o cofre, eu decorava as posições das câmeras de segurança. Todo o banco possuía cúpulas de segurança pretas instaladas no teto, para dar cobertura excessiva a cada centímetro quadrado do lugar. Havia uma acima de cada caixa, outra mais atrás, uma em cada cubículo e mais quatro de frente para o cofre. O único lugar que não era coberto eram os banheiros dos empregados na parede oposta.

Educadamente pedi licença para visitar as instalações, com o intuito de poder investigar um pouco melhor. Quando saí do escritório, murmurei:

— Câmeras.

Hsiu Mei sussurrou de volta para mim pelo transmissor em meu ouvido:

— Dê uma boa olhada no elevador de segurança na sala dos fundos, ao lado do cofre e das caixas de depósito.

O elevador de segurança a que ela se referia ficava ao lado do cofre e era totalmente diferente daquele que tínhamos usado. Aquele elevador possuía pesadas portas de aço sólido e um sofisticado sistema de chamada. A pessoa em uma extremidade podia conversar com outra na extremidade oposta, por meio de um circuito fechado de televisão. Dei uma boa olhada quando passei por lá.

— Dupla custódia, trava com cartão — sussurrei.

— Meu Deus — disse Hsiu. — E o cofre?

— Tripla custódia — falei. — Temporizador, abertura retardada, disco misto de três partes.

Hsiu xingou em chinês. O cofre era um monstro total. Tinha características de segurança de diversos fabricantes topo de linha empilhadas umas por cima das outras. Segui em frente, antes de despertar qualquer suspeita. Quando voltei ao escritório, Angela estava guardando suas coisas. Conseguimos mais do que queríamos. O ideal era que ele nos mostrasse o cofre, mas sabíamos que isso não aconteceria. Um gerente de andar como ele poderia aprovar, mas um gerente de cofre o desautorizaria em um segundo. Nós não chegaríamos perto do cofre, a menos que já tivéssemos uma conta, e abrir uma agora seria muito arriscado. Angela agradeceu ao sujeito, algemou a maleta em torno de meu pulso, tomou-me pelo braço e levou-me silenciosamente porta afora. Ela parecia desapontada, frustrada.

Essa parte, como acabou se revelando, não era encenação.

Quando voltamos ao elevador, Angela apertou o botão para que as portas se fechassem e, em seguida, caminhou pela cabine, olhando atentamente para cada uma das luminárias. Havia câmeras escondidas, é claro, mas não havia microfones. A maioria dos

elevadores não tem segurança de áudio; ela, porém, verificou de qualquer forma. Quando teve certeza de que não estávamos sendo gravados, ela se recostou na barra de bronze nos fundos da cabine e sussurrou em meu ouvido:

— Este banco é uma maldita armadilha mortal.

— Adoro isso — respondi. — Você viu o cofre?

— O cofre é Diebold Classe II, com uma trava de retardo de tempo específico de custódia tripla, o que significa que três gerentes têm que digitar simultaneamente três diferentes códigos conhecidos apenas por eles — e, em certos momentos do dia, conhecidos apenas por cada um deles — e uma vez que o fazem, o cofre não se abre imediatamente. Em vez disso, inicia um temporizador e só abre meia hora depois. Sim, eu vi o maldito cofre.

— Vou adorar arrombá-lo — falei.

— Não, você não vai, porque vamos embora. Não bastasse o problema do cofre, estamos a apenas um quarteirão de uma delegacia de polícia e a apenas cinco minutos de carro da sede da PGK, a unidade de elite contraterrorismo da Malásia. Isso significa helicópteros e equipes de assalto. Podemos esperar homens com máscaras negras e armaduras despencando de tirolesa, como vemos nos filmes. Estaremos algemados antes de tocarmos na porta do cofre. Ou estaremos mortos.

— Você achava que roubar mais de dezessete milhões de dólares seria fácil?

— Eu esperava que fosse algo a que se pudesse sobreviver. O que não é o caso.

Balancei a cabeça.

— Devemos largar esse trabalho — disse Angela. — Desaparecer. Ir para Praga. Reservar uma suíte no Boscolo e ficar um mês por lá.

— E qual a graça nisso?

— Não estou fazendo isso porque é divertido — disse Angela. —
Eu quero ficar rica e ter uma vida normal.

— Você sabe quão entediado eu estou sendo *normal*? —
perguntei. — Vivo para desafios como esse.

— Isso vai nos matar.

Balancei a cabeça e disse:

— Então é assim que tem que ser.

ATLANTIC CITY

Dirigi em silêncio durante algum tempo. Estava a meio caminho de Hammonton quando vi meu Suburban abandonado no acostamento da estrada. Tive sorte que a polícia estadual não o tivesse visto e rebocado. Quando estacionei atrás do SUV, ouvi um único carro passando na direção oposta. A estrada estava vazia àquela hora da noite.

Angela costumava dizer que existia uma lista de regras para sobreviver como um fantasma. Entre essas regras, havia apenas três que ela nunca quebrara e nunca alterara. Eu costumava chamá-las de As Três Grandes, como se fossem algum catecismo sagrado que nos fora transmitido por Deus em pessoa. A primeira: nunca matar a menos que você não tenha escolha. A segunda: não confie em ninguém, a não ser que seja absolutamente necessário. A terceira: nunca faça um acordo com a polícia.

A última era estritamente prática. A polícia não está no negócio de deixar criminosos escaparem. Não importa quão corrupto seja um policial, ele ainda está sob um juramento de proteger e servir as pessoas e as leis de sua jurisdição. Você pode me chamar de cínico, mas um juramento é um juramento. Você não pode fazer um acordo com alguém que jurou derrubá-lo. Simplificando, a polícia é o inimigo, e nenhuma conversa, dinheiro ou droga poderá mudar isso. E a polícia nem sempre é o problema.

Às vezes, são os sujeitos de sua própria equipe.

Há uma palavra para definir um assaltante que fala com a polícia. Várias, na verdade. *Traidor, rato, bosta, dedo-duro*. Em alguns lugares do mundo, apenas informar as horas para um policial é o suficiente para você ganhar um passeio ao hospital, cortesia de seus cúmplices. Ninguém é mais odiado do que um cara que dá uma dica para um agente da lei. Um sujeito que desaparece em meio a um trabalho tem a chance de ser perdoado, caso trabalhe duro o bastante, mas um informante pode assinar um depoimento policial, ir para casa e beijar uma Beretta. Um acordo de proteção à testemunha não vale o papel em que foi impresso.

Cérebros criminosos são notórios por se vingarem das pessoas que os denunciam. Alguns não matam os informantes imediatamente. Primeiro, matam toda a sua família, apenas para chamar a atenção. Mandam alguém com uma caixa de facas para usar na mãe do informante. Em seguida, matam a namorada. Depois, os irmãos. As irmãs. Os filhos.

E aí o tempo se esgota.

Não conseguia parar de pensar em Rebecca Blacker. Eu podia ver o delineador preto escorrendo por suas pálpebras inferiores e seu cabelo embaraçado caindo sobre seus ombros. Lembrei-me de seu distintivo. A mulher na foto era muito mais jovem. Cheia de entusiasmo juvenil, ansiedade, terror. A que eu conheci era fria, calma e exausta. Era uma pessoa diferente agora. Gostaria de saber quanto tempo demoraria antes que ela tentasse me prender, ou se já estava tentando.

Usei a manga de meu terno para limpar o volante do SUV, a alavanca de marcha e a maçaneta da porta, tanto por dentro quanto por fora. Também me lembrei de limpar as portas do passageiro e as traseiras. Tirei o paletó, a gravata e a camisa manchados de sangue

e joguei-os no banco de trás, junto com as duas últimas peças do meu revólver.

Voltei ao meu SUV, peguei a mochila, vesti uma camisa nova e meu velho paletó. Em seguida, voltei ao SUV de Aleksei e Martin e abri a porta traseira só para ver se havia alguma coisa útil ali dentro. Além de uma segunda pá, encontrei um pedaço de mangueira de jardim, dois moletons, um isqueiro maçarico, um carretel de arame fino, cortadores de fio, alicates, três facas, uma caixa de grandes sacos pretos de lixo, uma serra, silver tape e um martelo. Para um observador ingênuo, aquilo podia parecer uma coleção de acessórios caseiros. Mas o arame fino é duas vezes mais eficiente que uma corda se você quiser amarrar alguém. Os sacos de lixo reforçados podem conter cerca de vinte e cinco quilos de carne humana sem vazar. Uma mangueira de jardim pode doer muito mais do que um taco de beisebol se você souber como usá-la. Uma serra pode fazer muitas coisas.

Aquilo era um jogo de tortura.

Peguei um moletom, rasguei-o ao meio e rasguei novamente uma das metades. Peguei um pedaço de arame com cerca de setenta e cinco centímetros de comprimento e enrolei o tecido ao redor dele.

Se quisesse, eu poderia ter limpado aquele SUV ali nos pinheirais para que a polícia o encontrasse. Limpo como ficaria, provavelmente seria devolvido ao proprietário. Droga, se eu quisesse ganhar alguns dólares, Alexander Lakes poderia recomendar uma meia dúzia de oficinas de desmanche que pagariam um bom dinheiro pelo veículo, sem fazer perguntas, e o carro estaria completamente desmontado pela manhã. Mas eu não queria jogar em segurança.

Eu queria mandar uma mensagem.

Fui até a lateral do SUV, abri a tampa do tanque de combustível, enfiei o arame e o pano ali dentro até sentir que atingiram o fundo. Não havia muita gasolina no tanque, o que era bom. Menos gasolina

significava mais oxigênio. Certifiquei-me de que o fim do pano ficasse encharcado de combustível antes de puxá-lo para fora. Em seguida, empurrei a outra extremidade do fio para dentro do tanque até tocar o fundo, de modo que todo o pano ficasse ensopado de gasolina, inclusive um pequeno tufo de cinco centímetros que se projetava para fora da tampa. Eu me afastei um pouco do carro, levei o isqueiro maçarico até o tecido encharcado de gasolina e esperei que escurecesse e murchasse. Joguei o isqueiro pela janela do carro e me afastei.

Abri o outro Suburban com a chave eletrônica, entrei, liguei o motor e voltei à estrada, correndo o risco de alguém na pista da direita me ver saindo. Olhei para o relógio. Eram quatro horas em ponto. Ainda era muito cedo para as empresas de locação de carros estarem funcionando, e eu precisava trocar de veículo caso quisesse passar despercebido. O Lobo teria gente por toda a cidade à procura de um Suburban preto com aquela placa. E eu acreditava que a agente federal também soubesse a marca e o modelo do veículo. Se ela fora capaz de encontrar o quarto de hotel, certamente era inteligente o bastante para descobrir isso também. Quantos veículos de aluguel poderiam estar estacionados na garagem do Chelsea? Dez? Vinte, no máximo?

Atrás de mim, o tecido queimava lentamente, como o algodão costuma queimar, até que as chamas desceram pelo tubo de combustível. Vapores não costumam se inflamar por si só, mas a gasolina líquida misturada com oxigênio, sim. O pano tinha que queimar até chegar ao combustível no tanque.

Eu estava a uns cem metros quando aconteceu. O motor explodiu, e três quartos de tonelada saltaram sessenta centímetros para a esquerda. Um segundo depois, o fogo inflamou o plástico, o tecido e o couro da cabine e tomou conta de todo o carro. Queimaria durante horas, se deixassem. O Suburban devia valer uns oitenta mil dólares

com todos os acessórios que tinha, mas já teria virado sucata quando eu fosse embora. As chamas iluminaram os pinheiros como uma fogueira gigante e lançaram fumaça até o outro lado da estrada. Dirigi até que as labaredas oscilantes se tornassem um pontinho ao longe e a única coisa que eu pudesse sentir fosse o cheiro de sal vindo do mar.

Eu precisava me tornar um traidor.

29

Na volta para a cidade, a estrada estava tão vazia quanto o Saara, com os faróis do Suburban revelando apenas o asfalto e as linhas amarelas desbotadas no meio da pista. No acostamento, havia cartazes de cassinos. Com o SUV a cem quilômetros por hora, os cartazes pareciam se misturar, como se tivessem sido capturados por uma câmera de lapso de tempo. O vento soprava com força contra o para-brisa, carregando pedaços de lixo e areia.

Eu avançara menos de seis quilômetros na estrada quando um de meus celulares tocou. Ainda estava na mochila que eu deixara no banco do passageiro. Peguei-o e vi que o número era o que Rebecca Blacker me dera em seu cartão. Abri o telefone e o apertei entre o rosto e o ombro para poder falar e dirigir ao mesmo tempo.

— Demorou muito — falei.

— Jack Morton é um grande babaca, sabia? — disse ela. — Revistei aquele quarto por duas horas antes de encontrar seu maldito bilhete.

— Eu estava começando a achar que você não tinha encontrado. Você não dorme nunca? Eu não esperava que você me ligasse antes do amanhecer.

— Dormirei quando voltar às férias.

— Posso perguntar por que você estava revistando aquele quarto?

— Encontrei o carro de fuga — disse ela. — Pensei que você soubesse algo a respeito e que eu pudesse encontrar algo que o ligasse à cena.

— Eu não sei nada sobre isso.

— Claro que não — resmungou ela.

— O que aconteceu?

— O DPAC o encontrou há duas horas. Ao menos o que sobrou dele. Foi queimado dentro de um prédio junto ao antigo campo de pouso. Alguém o cobriu com combustível suficiente para destruir todo o maldito lugar. Tudo o que resta é um monte de metal retorcido e algumas peças feitas de material temperado que não derreteram. Levou só uma hora para identificar a marca e o modelo.

— Que dureza.

— Sabe, Jack, já vi um monte de carros de fuga incendiarem, mas nunca vi um carro explodir sozinho dezessete horas depois de o trabalho dar errado.

— Você acha que alguém chegou lá antes de você.

— Duas pessoas. Encontramos pegadas no local. Frescas. Você por acaso não usa sapatos tamanho quarenta e três, certo?

— Prefiro botas. Dão melhor apoio aos tornozelos.

— Se você decidir apenas brincar comigo, vou expedir um mandado.

— Não, você não vai — falei. — Você não tem nada contra mim.

— Então me dê algo — disse Rebecca. — Foi você quem me deu este número, e eu me recuso a acreditar que você fez isso apenas para me sacanear. Você queria que eu ligasse. Ao menos me diga por quê.

— Você está rastreando esta chamada?

— Perdão?

— Este telefone tem GPS — falei. — Todos têm atualmente. O chip na parte de trás envia um sinal a cada quinze segundos com sua localização exata. Coordenadas até cerca de dez metros. Latitude e longitude. Isso significa que você deve ser capaz de descobrir onde estou. Vamos lá, você é uma federal. Você deve saber de tudo isso.

— Você quer que eu saiba onde você está?

— Eu quero que você saiba onde eu estive. Especificamente, onde o telefone esteve na última hora. Se o fizer, estou certo de que verá que eu não estive perto do seu carro de fuga incendiado.

— Você poderia simplesmente me dizer onde esteve.

— Estive na estrada. Mas você vai querer as coordenadas.

— E o que você estava fazendo na estrada?

— Apenas passeando.

— Às três da manhã.

— Gosto do ar noturno. Faz bem para os pulmões.

— Você topou com algo interessante?

— Apenas faça isso, está bem?

— Você está me ajudando ou apenas tentando me irritar? — perguntou Rebecca.

— Nem uma coisa nem outra. Estou lhe dizendo que saí para um passeio noturno e deixei o telefone ligado.

— Você é tão cheio de si.

— Você quer saber onde eu estive ou não?

— Honestamente? Eu quero saber o tamanho de seu sapato.

— Quarenta e dois. Bico largo.

Uma pausa. Dava para ouvir a respiração da agente, uma cadência simples e rápida, como se ela não tivesse tido tempo para respirar profundamente havia meses, talvez anos. Dava para ouvir seus dedos sobre um teclado de computador.

Então ela disse:

— Devemos nos encontrar.

— Falar comigo ao telefone é um problema?

— Eu prefiro falar pessoalmente.

— Você acabou de dizer que pode expedir um mandado contra mim. Acho que prefiro um pouco de distância no momento.

— Eu não estou atrás de você. Marcus Hayes pode roubar o Fort Knox que eu estou me lixando. Ele não é meu caso. Tudo o que

quero são as pessoas que transformaram a cidade em uma carnificina esta manhã, para que eu possa voltar até Cape May e salvar o que me resta dessas duas semanas de merda. E considerando aquele Dodge branco incendiado, acho que você me deve isso.

— Já disse que não sei de nada.

— Você quer que eu vá para a estrada ou não?

— Tudo bem. Obviamente ambos estamos acordados, então vamos nos encontrar na cafeteria do hotel em uma hora. Um lugar como aquele nunca fecha.

— Que hotel?

— Você sabe qual — respondi. — Você passou metade da noite arrastando móveis por lá.

— Inutilmente, eu poderia acrescentar. Você nem mesmo tirou os chocolates dos travesseiros.

— Como você encontrou aquele quarto, afinal de contas?

— Eu já disse — respondeu Rebecca. — Sou muito boa no que faço.

— Uma hora.

— Até lá.

Desliguei o telefone e, em seguida, retirei a tampa de plástico e removi a bateria. Embaixo dela estava o cartão SIM, que dava um número para aquele telefone e registrava todas as chamadas recebidas e efetuadas. Peguei o cartão, parti-o ao meio entre os dedos e joguei os pedaços pela janela. Olhei meu relógio. Eram quatro e quinze.

Faltavam vinte e seis horas.

30

Quando passei por May's Landing, digitei o número de Marcus em outro telefone e esperei que a tela mudasse de preto para verde. O telefone tocou e o homem de Marcus atendeu antes do terceiro toque, como se estivesse sentado à espera da chamada. Olhei para o relógio. Eram quase uma e meia da manhã em Seattle, de modo que Marcus deveria estar dormindo. Mas seu homem estava pronto e desperto. A conexão estava ruim.

— Five Dine Star — disse ele.

— Ponha-o na linha.

— Quem fala?

— Ninguém.

Fez-se silêncio enquanto ele levava o telefone até outro cômodo. Pessoas como Marcus podem se dar ao luxo de terem um sujeito com um sotaque do Meio-Oeste para filtrar suas chamadas. A voz dele soava como xarope para tosse. O restaurante tinha três linhas que eu conhecia, e todas sempre foram atendidas da mesma forma. O cara dizia o nome do restaurante e, caso você não o convencesse em trinta segundos ou menos de que você era importante, ele desligava, e você nunca conseguia falar com o chefe.

Marcus atendeu poucos segundos depois. Ele suspirou e parecia estar cansado, mas havia algo mais em seu suspiro. Parecia estar com medo.

— Alô?

— Marcus, sou eu.

— Jack. Estou tentando entrar em contato com você há horas. O que aconteceu?

— Diga você, Marcus — respondeu. — Ou pensa que eu não sei que você armou para mim?

Ele ficou em silêncio. Peguei a saída que me levaria de volta aos pinheirais.

Marcus parou de respirar por um ou dois segundos, então expirou e disse:

— Eu não sei do que você está falando.

— O Lobo. Ele sabia de seu plano muito antes de Ribbons e Moreno se aproximarem do cassino. Agora, você é muito inteligente para subestimar um sujeito como ele, por isso ou você está planejando algo que eu não estou entendendo, ou é muito mais estúpido do que eu pensava.

— Isso não é possível — disse ele. — Não havia como o Lobo saber do plano.

— Conversei com ele pessoalmente. Ele tentou me matar.

— Jack, ele devia estar blefando. Tinha que estar. Se o Lobo realmente soubesse que eu pretendia pagá-lo com uma carga federal, por que concordaria com o negócio? Por que deixou Moreno e Ribbons entrarem na cidade? Ele teria metido umas balas na cabeça dos dois antes mesmo que passassem pelos pinheirais.

— Ele disse que estava pensando em traí-lo. Pretendia deixar o dinheiro explodir em sua mão, para você ser culpado pelo assalto. Ele me pediu para colocar o dinheiro no seu avião e deixar que explodisse. Mas você sabia que ele tentaria isso, não é mesmo? Você estava tramando outra coisa.

— O que diabo ele fez?

— Você está assistindo ao noticiário? Já sabe do terceiro atirador? O Lobo me disse que foi coisa dele.

Houve um silêncio na linha por um segundo.

— Você se encontrou com o Lobo — disse Marcus.

— Sim, encontrei.

— Meu Deus! — exclamou ele. — Você está trabalhando para ele. Funguei.

— Para mim, o Lobo está ouvindo esta nossa conversa, orientando-o palavra por palavra — disse Marcus. — O que ele lhe ofereceu?

— A sua cabeça em uma bandeja. Mas eu recusei.

— Eu deveria desligar.

— Ouça — falei. — Haverá um duplo homicídio no noticiário matinal. Dois homens do Lobo foram baleados na cabeça no pântano salgado. Isso deve ser prova suficiente de minha lealdade. Pelo que sei, esta linha está limpa. Só você e eu. Mas, se você não começar a falar, eu não posso prometer que nosso relacionamento permanecerá amigável. Se você não me contar tudo, eu não tenho qualquer razão para continuar a pensar no que for melhor para você, certo? Você não pode dever um favor a um morto.

Marcus não respondeu nada.

— Você é um homem morto — afirmei. — Você entende isso, certo? Aposto que, se o Lobo não conseguir incriminá-lo com o dinheiro e mandá-lo para a prisão, ele tentará matá-lo sem rodeios. Ele certamente quer matá-lo, Marcus. E eu sou a sua melhor chance de detê-lo. Então fale.

— Eu não o traí, Jack.

Marcus inspirou e expirou profundamente, respirando em rajadas ofegantes, como se estivesse tendo um ataque de pânico. Eu o ouvi hiperventilar por algum tempo e lembrei-me do quanto ele gostava de jogar. Ele não era o tipo do cara que se apavorava quando era pego em uma mentira. Era um mentiroso calmo e reservado, um jogador de pôquer de nível mundial. Ele fazia isso se realmente achasse que poderia perder algo, ou apenas para causar efeito. Até

mesmo a maneira como estava respirando poderia fazer parte da encenação.

— Eis o meu problema — disse. — Se o Lobo está por trás do terceiro atirador, por que ele matou Moreno e tentou matar Ribbons naquele momento? Por que não esperou até que Moreno e Ribbons escapassem do cassino antes de roubá-los? Se tivesse esperado uns vinte minutos, teria dobrado as chances de sucesso e limitado sua exposição para a polícia. Então, ou ele está mentindo para mim ou é você que está.

— Eu não sei o que você quer que eu diga — respondeu Marcus. — Eu realmente não sei.

Bati o telefone contra a lateral de minha cabeça, frustrado. Marcus estava me enrolando, e nós dois sabíamos disso. Toda aquela conversa parecia um tijolo pesando em meu estômago.

— Tudo bem — disse. — Mas você vai me dizer antes que essa coisa acabe.

— Ao menos você está com o dinheiro?

— Não. Ribbons ainda está desaparecido.

— Como isso é possível?

— Acho que ele está morto.

— O quê?

— Ele foi baleado — falei. — Encontrei o Dodge branco que eles usaram. As partes que não estavam batidas ou com buracos de bala estavam cobertas de sangue. Não sou especialista em lesões por arma de fogo, mas eu não posso imaginar alguém perder todo aquele sangue e continuar vivo por muito tempo. Considerando que não ouvimos falar dele, suponho que esteja morto. E, mesmo que ainda esteja vivo, não deve lhe restar muito tempo. Temos que começar a procurar nos hospitais e necrotérios.

— Ribbons não iria para um hospital.

— Ele está morrendo.

— Ele não se importa. Ele é reincidente. Se for detido, pegará prisão perpétua. Sem liberdade condicional após vinte anos, sem delação premiada, sem redução da pena por bom comportamento. Prisão perpétua. Sujeitos como ele preferem sangrar nas ruas a morrer na prisão. — Marcus fez uma pausa. — O que você tem em mente?

— Acho que Ribbons deve estar entocado. Ele deve estar escondido em algum lugar, achando que pode lidar com isso, e, no momento em que passar o efeito das drogas e ele perceber quão graves são os ferimentos, já será tarde demais. Como um cachorro velho se enfiando debaixo da escada para poder morrer em paz. Mas eu não estou certo de que ele não chamará uma ambulância. Conheci um monte de gente que me disse que preferia morrer do que voltar para a prisão, e cada um deles estava mentindo.

Marcus não disse nada.

— Preciso saber se você tem alguma ideia de para onde ele poderia ter ido. Lugares que eram importantes para ele. Onde ele pudesse se esconder por algum tempo. E não me fale de motéis. Uma pessoa sangrando daquele jeito não pode se hospedar em lugar nenhum.

— Talvez ele tenha voltado para a dispersão.

A dispersão é o lugar onde um assaltante dorme na noite anterior a um trabalho. É diferente do lugar onde o trabalho é planejado. Você não caga onde você come. Os assaltantes nunca trabalham na dispersão. Eles não falam, não bebem, não comem, não limpam as armas. Eles não fazem nada além de dormir ali. A dispersão é planejada de modo que você possa sair de lá em exatos trinta segundos se for preciso. Assaltantes não brincam na dispersão. Eles a respeitam. Você nunca deve voltar lá. Mas, enfim, você também não deve ser baleado.

— Você tem o endereço? — perguntei.

Marcus falou devagar, como se pensasse que eu precisava escrever. Repeti o nome do lugar, só para ter certeza de que ouvira direito.

— O que faço quanto ao Lobo? — perguntei.

— Não morra.

— Não é isso o que quero dizer. Vocês dois estão em guerra agora. Você se dá conta disso, não é mesmo? Você terá que matá-lo, ou então ele o matará.

— Apenas certifique-se de encontrar esse dinheiro — disse Marcus. — Se a carga explodir e o GPS sincronizar, não haverá como deter tudo isso. Cuidarei do meu negócio. Você cuida do seu.

— Entendi.

Ficamos em silêncio por um segundo.

— Marcus — disse, enfim —, se eu descobrir que você está armando para cima de mim, seja o que for, ou que chegou a pensar em me trair, eu o encontrarei e o matarei. Espero que você entenda isso.

Desliguei a chamada e atirei o telefone pela janela. O aparelho foi sugado pelo vento que soprava ao longo do carro e atingiu a janela do passageiro de trás antes de ser projetado para o acostamento da estrada e explodir em uma dúzia de peças.

31

O lugar era um típico restaurante americano com um letreiro de neon em forma de uma xícara de café fumegante, localizado em um pátio de concreto em frente a um centro comercial. Através das grandes vitrines dava para ver tudo o que acontecia lá dentro. Um homem com um chapéu branco passava gordura na chapa, e a única garçonete estava reabastecendo a máquina de café atrás do bar. Havia dois clientes ficando sóbrios em um reservado junto à porta, e um jovem auxiliar esfregava o chão ao redor deles. Usava fones de ouvido.

Alexander Lakes estava sentado em um reservado voltado para os fundos.

Tentava parecer tranquilo, mas obviamente estava nervoso. Suas costas estavam tão retas quanto uma tábua, e ele olhava ao redor, como se estivesse esperando algo pular em cima dele. Havia diversas manchas de café na mesa à sua frente. Embora parecesse muito alerta, ele não me notou. Quando entrei pela porta e a campainha tocou, ele não ergueu o olhar. Aproximei-me por trás, e ele se sobressaltou quando pousei uma das mãos em seu ombro.

— Você estava me esperando há muito tempo? — perguntei.

— Mais de duas horas — respondeu. — Onde você estava?

— Tive alguns problemas.

Ele olhou para a minha camisa com curiosidade.

— O que aconteceu com o seu terno?

— Eu o estraguei.

Sentei-me na frente dele. Ele pousou a mão direita sobre a xícara de café e baixou a outra sobre o colo. Seus olhos brilhavam.

— O que há de errado? — perguntei.

— Eu estava preocupado que você tentasse me matar por causa daquele quarto queimado.

— É por isso que está apontando uma arma para mim debaixo da mesa?

Lakes pareceu não saber o que dizer. O rapaz que esfregava o chão se aproximou de nós. O som grave em seus fones de ouvido soava como se alguém estivesse arranhando um chão de linóleo. Sob as luzes fluorescentes, cada pequena imperfeição em seu uniforme parecia tão clara quanto o dia.

Lakes esperou o rapaz passar. Assim que passou, ouvi o cão de sua pistola deslocar-se para a frente e a arma ser travada. Discretamente, Lakes tirou uma pequena automática de debaixo da mesa e guardou-a de volta em seu casaco.

— Como descobriu? — perguntou Lakes.

— Assim que me sentei, você deslizou a mão esquerda para baixo da mesa e começou a beber café com a direita. No aeroporto, eu o vi escrever com a mão esquerda. Portanto, se você estivesse ali apenas bebendo café, estaria segurando a xícara com a mão esquerda. A maioria das pessoas usa a mão dominante para beber caso não estejam comendo. Em vez disso, sua mão esquerda estava debaixo da mesa, e não havia nenhuma protuberância sob sua axila. Você me viu entrar, mas fingiu que não viu. Também parecia nervoso, então supus que você tinha uma arma.

— Foi apenas uma precaução — disse Lakes.

— Você ainda está do meu lado?

— Depende — disse ele. — Ainda vai me pagar?

— Planejava pagar — eu disse. — Mas a arma foi uma verdadeira surpresa.

— Fui obrigado, se considerar a minha posição. Ouvi coisas, sabe. Marcus Hayes não tem fama de perdoar ou esquecer. Eu estava com medo de ser forçado a tomar este café com um frasco inteiro de noz-moscada, e eu não estava disposto a deixar que isso acontecesse.

— Isso é coisa do Marcus — falei. — Não minha.

— Como eu poderia saber? Não conheço você nem a sua reputação. Eu sequer sei seu nome.

— Então, agora você sabe algo a meu respeito. Eu não mato pessoas, a menos que tenha uma boa razão para isso. Seu deslize no hotel não justificaria sua morte.

— Em dez anos — disse ele —, nunca aconteceu nada parecido.

— O quê?

— Em dez anos, nunca ninguém descobriu um de meus esconderijos. Tínhamos um histórico impecável.

— O que aconteceu desta vez?

— O sujeito na recepção do hotel ficou nervoso. Disse que o FBI apareceu com a descrição de um homem branco, 1,82m, noventa quilos, cerca de cinquenta e cinco anos. Sugeriram que poderiam deportá-lo caso não falasse. Ele estava com medo de que levassem seus filhos.

— Essa descrição se ajustaria a qualquer um. Ele poderia negar.

— Como eu disse, ele ficou nervoso.

Peguei os dois mil dólares e coloquei-os sobre a mesa ao lado da caixa de guardanapos e um frasco de ketchup. As notas de cem dólares ainda estavam um pouco sujas da terra dos pinheirais.

Lakes deu uma olhada para o dinheiro, então voltou a olhar para mim.

— Você não é tão velho quanto parece, certo?

— Quantos anos você acha que eu tenho?

— É difícil dizer. Você parece mais jovem agora.

Aponte para cima.

— São as luzes fluorescentes.

Lakes não disse nada.

— Você vai fazer assim — expliquei. — Vai pegar esse dinheiro e conseguir alguns registros policiais para mim. Então, vai pegar o Suburban que estacionei aqui em frente e se livrará dele. Vai me alugar um carro novo, algo discreto, como antes. Você vai me comprar uma roupa nova: terno, camisas, sapatos, o que for, além de um revólver pequeno, confiável, com um número de série limpo. Ou sem número. Nada que possa ser associado a você, certo? Liguei em algumas horas e, até lá, quero tudo pronto. Entendeu?

— Para que precisa dos registros?

— Você não precisa saber. Apenas consiga os registros policiais de uma semana para cá ou algo assim. Roubos relatados, furtos, assassinatos, tudo isso. Qualquer policial corrupto ou advogado conseguiria o que preciso em trinta segundos. Quero saber tudo o que sabem.

— Alguma coisa em particular?

— Sim — respondi. — Mas não vou lhe dizer. Não confio em você.

Lakes meneou um pouco a cabeça e olhou de novo para o dinheiro. O rosto de Ben Franklin lhe sorria. Nenhuma nota impressa nos Estados Unidos possui um rosto sorridente. Todos parecem muito sérios. Apenas Franklin parece olhar diretamente para você. Seus olhos o seguem por toda parte, como a Mona Lisa.

— Isso não está nem perto de ser o suficiente — disse Lakes.

— O dinheiro é para os registros, não para você. Dá para comprar qualquer policial com dois mil.

— Compreendo, mas você precisa considerar o quanto já gastei. Após o problema no hotel, pelo qual eu não cobrarei, esta operação está me dando um prejuízo considerável. Quatrocentos aqui, seiscentos acolá. Faça a soma. E, para ser honesto, eu não estou

seguro de que serei pago no final. Você pode simplesmente desaparecer.

— Tenho bom crédito — falei. — Você será pago.

Lakes balançou a cabeça.

— Você não tem nenhum crédito. Você nem mesmo tem um nome.

— Então, se eu desaparecer, cobre de Marcus. Você pode não confiar nele, também, mas ao menos sabe quem ele é. Isso deve bastar.

Lakes meneou a cabeça, olhando para a pilha de dinheiro sobre a mesa.

— Eu preciso de suas chaves — anunciei.

— Eu não vou lhe dar meu carro. Você ainda não devolveu meu telefone.

— Eu destruí seu telefone — respondi, erguendo a mão estendida.

— Você pediu um carro — disse Lakes. — Eu lhe darei um carro. Dê-me duas horas. Qualquer modelo que você quiser. Acessórios também. Mas não vou lhe dar o meu.

— Eu não tenho duas horas. Preciso de um carro novo, aqui e agora. Ou você me deixa levar o seu ou vou roubá-lo.

— Não. De jeito nenhum.

— Não é uma escolha, Lakes. As chaves. Agora.

— Você não vai roubá-lo. Você não pode.

— Então, vamos ligar para Marcus e falar sobre isso.

Lakes pensou um segundo e, em seguida, pegou um chaveiro do bolso. Ele o colocou sobre a mesa, tirou uma das chaves e deslizou-a para mim. Na base da chave, havia um B alado estilizado. Bentley.

— Mais cedo você estava com um Mercedes — disse.

— Um é para negócios, o outro, para lazer.

— Esse é qual?

— Tente adivinhar, porra.

— Eu lhe devolverei inteiro.

Comecei a me levantar.

Lakes tocou meu braço e disse:

— Sabe, encontraram um dos carros de fuga do assalto desta manhã.

— Onde ouviu isso?

— No noticiário. O carro estava pegando fogo. Achrom que era um Dodge. Foram necessários dois caminhões de bombeiros para apagar o fogo. Dizem que alguém o encontrou antes dos policiais. Não os ladrões, outra pessoa. Eles encontraram pegadas frescas que não correspondem às do cassino.

— É mesmo?

— Se eu fosse você, ficaria na encolha por algum tempo — aconselhou Lakes. — Eu me hospedaria em um motel fora da cidade. Dormiria um pouco. Esperaria passar esse sufoco. Não sei no que você está envolvido, mas é o que eu faria.

Tirei do bolso a chave do Suburban e deixei-a sobre a mesa ao lado do café de Lakes. Ele lançou um olhar atravessado para a chave e me olhou em seguida.

— Liguei para você dentro de algumas horas — falei. — Consiga esses registros. E livre-se do Suburban. Não quero vê-lo outra vez.

Lakes não disse mais nada. Ele manteve os olhos sobre mim até que eu saísse pela porta. Olhei para o relógio. Eram cinco da manhã.

Faltavam vinte e cinco horas.

TERRAS ALTAS DE GENTING, MAL
ÁSIA

Então, deixe-me explicar como me meti nessa confusão. Deixe-me falar sobre o erro que cometi, que acabou com a carreira de Marcus como gênio do crime, fez com que eu ficasse devendo a ele por quase cinco anos e por pouco não me matou.

Devemos começar com as escopetas.

Nossos capangas, Vincent e Mancini, não trabalhavam sem elas. E também não havia como convencê-los do contrário. Se iam entrar em um banco, disseram, queriam escopetas calibre .12 carregadas com cartuchos de chumbo SG debaixo de seus casacos. Marcus tentou explicar-lhes que, na Malásia, era muito mais fácil encontrar um par de velhos fuzis russos do que escopetas calibre .12, mas não havia como convencê-los. Então, precisávamos de um contrabandista de armas.

Liam Harrison era o nosso cara.

Ele era um homem gordo, de origem australiana e cabeça raspada, mas com densos pelos em outras partes do corpo. Tinha uma reputação medíocre: já aparecera um par de vezes antes, mas era conhecido no circuito como um sujeito mais problemático do que alguém que valesse a pena. Foi recomendado por amigos de amigos, e existiam alguns boatos havia alguns anos.

Encontramo-nos nas Terras Altas de Genting, a uns cinquenta quilômetros de Kuala Lumpur, poucos minutos após o amanhecer. Três de nós estavam cuidando dessa parte do trabalho. Hsiu Mei era a tradutora, eu estava lá para conferir as armas e negociar, e Mancini guardaria o saco de papel com nosso dinheiro, caso algo desse errado. Portar um saco de papel pode parecer um trabalho de pouca importância, mas, acredite, não é. Diversos ladrões já morreram porque alguém não estava segurando o dinheiro durante uma negociação tensa.

Vi Harrison pela primeira vez quando fizemos uma curva na estrada da montanha. Estava encostado em um velho MG Montego branco atrás de um grupo de árvores, como se estivesse nos esperando por muito tempo. Suava por todos os poros. Usava uma bermuda até os joelhos, sandálias repletas de lama e uma camiseta do AC/DC que não era lavada havia dias. Segurava um saco de salgadinhos de soja verde. Dava para ver o volume de uma grande arma enfiada na cinta elástica de sua cintura.

Estacionamos e saímos lentamente do carro. Deixei minha porta aberta e olhei para a esquerda e para a direita, no caso de Liam ter trazido alguém. Ficamos a alguns metros dele durante certo tempo, cuidando para não nos aproximarmos demais caso tivéssemos que atacá-lo. Enquanto isso, Harrison não se moveu um centímetro.

— Vocês se perderam ou algo assim? — perguntou.

— Todas as estradas parecem iguais por aqui — respondeu Hsiu.

— Vocês estão dez minutos atrasados.

— Obviamente você tinha planos para o café da manhã — disse Hsiu. — Eu odeio esses salgadinhos de soja.

— Um gosto adquirido. Querem começar a falar de negócios?

— Aqui é um bom lugar?

— Não se preocupem com isso. A polícia raramente vem tão longe nessas estradas rurais. As únicas pessoas que vêm até aqui são os

moradores e alguns turistas fazendo passeios de um dia. Não há um posto de gasolina ou restaurante em um raio de dez quilômetros. Se alguém passar e vir alguma coisa, não vai falar. Ou, se falar, quando a polícia chegar, estaremos longe.

— Tudo bem — disse Hsiu. — Como você quer fazer isso?

— Vou abrir meu porta-malas, e vocês olharão lá dentro. As armas não estão carregadas, e a munição está escondida. Depois de escolherem o que querem, poderemos discutir o preço. Algum de vocês está armado?

Hsiu olhou para mim, e eu olhei para Mancini. Balancei a cabeça. Sem armas.

— Achei que vocês fossem bandidos — disse Harrison. — Vocês se importam se eu estiver armado?

— Apenas não faça movimentos bruscos — respondeu Hsiu. — E mantenha a arma em sua calça.

Harrison sorriu para Hsiu. Em seguida, deu a volta em seu velho Montego e inseriu a chave na fechadura do porta-malas. Ele abriu a tampa e afastou-se para que pudéssemos dar uma olhada.

A coleção de Harrison não era a melhor que eu já tinha visto, embora também não fosse a pior. Ele possuía um monte de velhas espingardas de plástico com telhas deslizantes, com arranhões no metal ao redor da massa de mira e na abertura do carregador.

— A oferta especial do dia — disse Harrison. — É uma Benelli Supernova com telha deslizante e coronha preta de pistola tática. É quase toda de plástico, mas tem esse esqueleto de aço por dentro, certo? Isso a torna superleve e muito durável. Você pode jogá-la no chão, chutá-la e esfregar areia em cima, que ainda vai disparar.

Ergui a mão para calá-lo e, em seguida, peguei uma espingarda que pesava cerca de quatro quilos e era do comprimento do meu braço estendido, do ombro até a ponta dos dedos. Desloquei a telha e dei uma olhada lá dentro. A arma tinha um carregador de quatro

tiros, o que era bom, mas não era ótimo. Algumas espingardas podem conter até oito. Eram umas coisas pretas e volumosas, feitas de um plástico sintético que parecia borracha. Lembro-me de ter pensado no quão grande eram. Tão grandes que Harrison teve que dispor as armas de lado dentro do porta-malas. Claro que não permaneceriam assim tão grandes por muito tempo. Mancini usaria uma serra de ourives para serrar o cano e a coronha acima do apoio do antebraço. Quando terminássemos, aquelas armas caberiam em uma maleta. Ouvi o *chunk-chunk* da telha.

Hsiu olhou para mim, depois para Mancini. Ele acenou com a cabeça em sinal de aprovação, e eu fiz o mesmo.

— Quanto é? — perguntou ela.

— Três mil e quinhentos cada uma.

Mancini abriu o saco de papel que ele trouxera e tirou um maço de notas de ringgit malaio. Ele começou a contar as notas. Separou dez mil e quinhentos e entregou para Hsiu, que passou para Harrison. Tudo fora orquestrado para que Harrison não chegasse a menos de um metro e meio do nosso dinheiro.

— Munição? — perguntou Hsiu.

— Tenho cartuchos Magnum com chumbo SG de duas polegadas e meia de alta compressão prensados em fábrica. Caixa de vinte e cinco por quinhentos.

— Vamos querer duas caixas.

— Antes, quero que guardem as armas no seu porta-malas. Depois disso, entrego a munição. Entenderam?

Hsiu olhou para mim. Assenti com um aceno de cabeça, passei por Harrison, escolhi as três espingardas de melhor aparência da pilha e levei-as como um feixe de lenha até o nosso carro. Coloquei-as de lado no porta-malas, que fechei em seguida. Durante todo o tempo, senti todos os olhares voltados para mim.

Algo estava errado.

Não sou vidente, mas posso sentir o perigo. Todo bom fantasma tem esse instinto, porque grande parte do nosso trabalho consiste em saber quando cair fora. Já abandonei trabalhos porque percebi algo errado e tive a mesma sensação naquela ocasião. Eu sabia que Harrison estava tramando algo contra nós. Só não sabia ainda o que era e não tinha a confiança necessária para dizer a Hsiu e Mancini que deveríamos ir embora quando tudo parecia estar indo tão bem. Então, em vez disso, encostei-me no porta-malas e esperei, tentando me acalmar. Fechei a mão em punho.

Mancini contou mais dinheiro para a munição e passou-o para Hsiu, como fizera antes. Harrison pegou o dinheiro de suas mãos e enfiou as notas no bolso da calça, sem contar. Em seguida, abriu a porta do passageiro de seu Montego e voltou com duas grandes caixas marrons de cartuchos de espingarda. Ele me jogou uma caixa, depois, a outra. Eu as peguei e coloquei-as no banco de trás. Abri uma delas para verificar se ele nos vendera o tipo certo de munição e, em seguida, ergui o polegar.

Harrison apontou um dedo para mim.

— Você é o fantasma, não é mesmo?

— Não — eu disse. — Sou apenas o intermediário.

— Tem certeza? Os intermediários que conheço não fazem muitos assaltos.

— O que faz você pensar que estamos planejando um assalto?

— Ouvi dizer que você é o homem com quem falar sobre passaportes.

— Então ouviu errado — respondi.

— É isso mesmo? Disseram que você tem alguns dos melhores disponíveis. Hologramas de verdade e tudo o mais. Ouvi dizer que vocês têm passaportes que poderiam enganar uma agência de passaporte verdadeira.

— Não — falei. — Não são tão bons assim.

— Vamos lá — disse Harrison. — Deixe-me ao menos ver um.

Eu só queria fazer com que ele se calasse. Eu não gostara de conversar com ele mais do que eu gostara de negociar com o homem. Tudo naquele sujeito me enojava: sua atividade, sua aparência, seu hálito, seu maldito sotaque. Eu só queria voltar para a cidade e continuar o trabalho. Em suma, eu não estava pensando. Estava distraído com a estranha sensação no fundo do estômago.

Tirei o passaporte com o nome de Jack Delton do bolso do casaco e entreguei-o para ele. Ele esfregou o laminado com os dedos para verificar a textura, então foi até a página com a minha fotografia. Examinou-a de perto, olhou para mim para comparar com a foto e depois voltou a olhar para o passaporte.

— Belo trabalho — disse ele. — Pronuncia-se *Dalton* ou *Delton*?

— Delton. Jack Delton.

— Onde você conseguiu isso?

— De um gênio do crime — respondi. — Terminou?

Harrison me devolveu o passaporte, então piscou e sorriu como se tivéssemos acabado de nos tornar grandes amigos.

— Sim — disse ele. — Terminamos. Se quiser me vender um desses, ligue para mim, certo?

— Sim, com certeza.

Mantive o olho em Harrison ao voltar para o carro. Mancini entrou em seguida, e Hsiu, por último. Antes de fechar a porta, Hsiu acenou para Harrison, como se dissesse: *Foi um prazer fazer negócio com você*. Ele retribuiu e, em seguida, fez um L com o indicador e o polegar e apontou para nós, como se fosse uma arma. Ele baixou o polegar e murmurou:

— Pou.

Eu não conseguia afastar a sensação estranha de que tínhamos feito algo bastante errado, embora não conseguisse identificar o quê. Ligamos o motor. Hsiu deu um longo suspiro, como se estivesse

feliz pelo negócio estar concluído. Mancini abriu e fechou os punhos até conseguir se acalmar. Respirei profundamente e preendi o ar. Eu também estava contente por ter acabado. Talvez um pouco contente demais.

Porque, então, aquilo me atingiu.

Foi um sentimento desolador. Naquele exato momento eu soube precisamente o que estava errado. Ao me dar conta, foi como se uma bala calibre .50 rasgasse minha cabeça e saísse do outro lado do meu crânio. Amaldiçoei a mim mesmo. Se eu fosse mais inteligente, teria descoberto o que estava errado muito mais cedo. Merda. Era tão óbvio agora. Tentei manter a calma.

— Espere um pouco — falei, batendo no ombro de Hsiu. — Já volto.

Saí do carro e ergui uma das mãos para proteger os olhos do sol. Ao me ver voltando, Harrison saiu do carro e olhou para mim. Ele gritou do outro lado da estrada:

— Algum problema?

— Não — gritei de volta. — Só quero lhe perguntar uma coisa.

Caminhei rapidamente para diminuir a distância entre nós. Harrison deu alguns passos e encostou-se no porta-malas de seu Montego. Ele pousou o saco de salgadinhos sobre o capô e sorriu quando me aproximei.

— O que foi? — perguntou.

— Quero que você me esclareça uma coisa.

— Eu não devolvo dinheiro, se é o que pretende.

— Nada disso.

Continuei andando até estar desconfortavelmente perto dele. Ele não recuou.

— Ei, cara, pensei que estivéssemos na boa.

— Só uma pergunta.

— Tudo bem — disse ele. — O que é?

— Como sabia que eu tinha um passaporte?

Não esperei pela resposta. Antes que ele pudesse pensar, avancei e puxei o revólver de seu cinto. Nesse momento, estávamos a cerca de trinta centímetros um do outro, de modo que eu podia ver a expressão em seus olhos quando apontei a arma para ele. Ele tentou recuperá-la, mas já era tarde demais. Puxei o cão, apontei para o lugar onde seu intestino se encontrava com as costelas e apertei o gatilho. Ele estava perto o bastante para eu sentir seu hálito quando atirei.

Pou.

A bala o derrubou. Seu corpo tombou e rolou para longe até a pequena vala ao lado da estrada. Eu podia sentir o cheiro da pólvora e a fumaça subindo do cano da arma. Aves revoaram das árvores mais próximas.

Aconteceu exatamente assim. Num segundo Harrison estava encostado em seu carro e, no seguinte, estava de bruços no riacho com uma bala no estômago. Ele se debateu um pouco, depois parou. Dava para ver a água ficando vermelha em volta do corpo.

Não demorou para meus parceiros responderem. Mancini abriu o porta-malas e pegou uma espingarda com um movimento fluido. Uma das mãos retirou um cartucho de uma das caixas e o introduziu na abertura do carregador, enquanto a outra mão acionava a telha. No momento em que recuperei minha audição, ele estava três metros mais atrás, com a espingarda no ombro, em posição de guarda, mirando meu exato centro de massa.

Hsiu levou mais tempo. Ela saiu do carro e parou mais alguns centímetros atrás de Mancini.

— Que diabo foi isso? — perguntou.

Deixei a Magnum .44 pender do meu dedo pela guarda do gatilho, de modo que soubessem que eu não enlouquecera. Com a outra

mão, peguei o saco de salgadinhos de soja do capô do carro de Harrison, voltei-me devagar e levei um dedo aos lábios.

Não digam uma maldita palavra.

Então, enquanto observavam, puxei um microfone sem fio do pacote de salgadinhos.

Eu fiquei pensando por que ele não colocara nenhum salgadinho na boca, e agora eu sabia. Ali dentro, havia um dispositivo de gravação do tamanho de uma carteira, fixado ao interior do saco com uma fita adesiva. Não era o dispositivo mais sofisticado do mundo, mas era bom o bastante. Àquela distância, provavelmente chegou a transmitir cada palavra que havíamos falado. Joguei o aparelho no chão e esmaguei-o com o pé. Hsiu e Mancini me olharam com crescente preocupação.

— Acabamos de ser enganados por um policial disfarçado.

ATLANTIC CITY

Enquanto dirigia, eu podia ver os primeiros raios de sol espreitando sobre os arranha-céus. O nascer do sol não era tão majestoso quanto aqueles mostrados nos folhetos de viagem. Era como um farol no meio do mar, cujo feixe de luz se tornava cada vez mais brilhante. O nevoeiro matinal se dissipara e cobrira tudo com orvalho salgado.

Minha pele estava começando a cheirar a sangue seco.

O Bentley de Lakes era um Continental novo todo preto com a parte interna de couro cor de creme. Era um brinquedo caro e rápido, com uma tela de computador no centro do console que controlava tudo. A música que Lakes ouvia começou a tocar quando girei a chave na ignição. *As quatro estações*, de Vivaldi. O motor soava como um gato doméstico ronronando.

Retoquei a maquiagem no estacionamento do Chelsea Hotel. Se Lakes notara a diferença, Blacker a perceberia em um segundo. Mas isso não costuma demorar muito quando você já está disfarçado. Todas as grandes mudanças ainda estavam ali desde o dia anterior. O cabelo, a cor dos olhos, os óculos, o caminhar, a voz. Eu só precisava retocar as rugas e a cor do meu rosto. Quando terminei, parecia bom como novo. Não era tão convincente sem o terno, mas fiz o melhor que pude.

Dez minutos depois, estacionei na rua em frente ao hotel e paguei por meia hora com moedas de vinte e cinco centavos. O café no saguão do Chelsea se preparava para a grande movimentação matinal. Rebecca Blacker esperava por mim no bar, em uma daquelas elegantes poltronas de couro, com as pernas cruzadas, olhando para a porta do hotel como se esperasse que eu chegasse atrasado, o que, de fato, aconteceu. O cigarro em sua mão queimara até o filtro. Ela me viu imediatamente e ergueu o braço, como se achasse que eu não fosse vê-la.

Ela deixou cair a ponta do cigarro dentro da xícara de café.

— Devo dizer, Jack, estou surpresa que você tenha vindo.

Eu não disse nada, apenas me sentei na cadeira à sua frente.

Ela disse:

— Sem terno desta vez?

— Está na lavanderia — respondi. — Não há uma lei contra fumar em ambientes fechados?

— Também há uma lei contra assalto à mão armada, mas isso não impede as pessoas de praticá-lo.

Ela me lançou um olhar e pegou outro cigarro. Se eu não soubesse que ela estivera acordada a noite inteira, jamais teria imaginado. Seu casaco estava amassado em torno dos cotovelos, e sua camisa estava aberta até o segundo botão, mas seus olhos estavam afiados como nunca, e seu delineador estava fresco, como se ela tivesse acabado de passá-lo. As ondas de seu cabelo cascadeavam suavemente sobre seus ombros. O homem que trabalhava no balcão fez menção de se aproximar, mas ela o dispensou com um gesto.

— Fui até o ponto da estrada que você mencionou — disse ela. — Você tem o péssimo hábito de topiar com pessoas ruins, sabia? Aquele carro que você queimou pertencia a Harrihar Turner.

Dei de ombros.

— Eu não sei do que você está falando.

— Estou ficando cansada de ouvir você dizer isso.

Balancei a cabeça. Ela não conseguiria uma resposta de mim.

Blacker suspirou.

— Você tem alguma ideia de quem é Harrihar Turner?

— É aquele que é chamado de o Lobo, certo?

— Sim — disse ela. — *O Lobo*, como se fosse algum título de nobreza. O sujeito gosta de fingir que comanda esta cidade, e bem que poderia. Volta e meia o indicamos por assassinato, comércio de metanfetamina e heroína, prostituição infantil e uma dúzia de outros crimes, mas nada o atinge. Ele desfila pela cidade como se fosse o prefeito.

— Escória, ao que me soa.

— Sim, mas uma escória endinheirada. Perdi testemunhas para esse cara.

— O sistema judiciário em ação.

Ela resmungou.

— Você deveria verificar se ele não está envolvido nesse assalto que mencionou — sugeri a ela. — Um sujeito como ele poderia facilmente ter tentado assaltar um cassino.

— Você tem alguma base para tal afirmação?

— Apenas a opinião amadora de um cidadão interessado.

— Ora, vamos.

— Não lhe prometi nada — disse. — Se você acha que vou lhe entregar esse negócio em uma bandeja de prata com um laço em cima, vai se decepcionar. Só estou dizendo o que eu faria se fosse você. Estou lhe dando um motivo para me manter por perto.

— Você está tentando me dar uma razão para não prendê-lo.

Assenti com um aceno de cabeça.

— Isso também.

Blacker recostou-se na cadeira.

— Para mim, parece que você está tentando desviar o foco. Você está me dando esse lixo a respeito de Harry Turner para eu não ir atrás de Marcus Hayes, mas você sabe que eu vou.

Balancei a cabeça.

— Você entendeu tudo errado. Espero que você pegue os dois. Espero que você pegue todos os envolvidos nesse assalto e tranque-os na cadeia para sempre. Se esse cara, o Lobo, é tão ruim quanto parece, a prisão perpétua é melhor do que aquilo que ele merece.

Ela fungou.

— Claro.

— Mas você precisa procurar no lugar certo. Antes você me disse que não se importava se Marcus Hayes tivesse roubado o Fort Knox. Agora, o Lobo é alguém com quem você se *preocupa*. Se conseguir prendê-lo por isso, será uma grande vitória para você.

— Então, onde eu deveria estar procurando, Senhor Mistério?

— Encontre o terceiro atirador — respondi. — Isso deve nos dar algo para conversar.

Ficamos em silêncio por um instante. Blacker me encarou e exalou a fumaça. Ela sabia que não conseguiria tirar muito mais de mim. Afinal, eu caminhava sobre uma linha muito tênue. Ela sabia que eu estava envolvido, mas eu não diria nada que pudesse me incriminar. Eu precisava ficar na minha. Ela entendia. Se quisesse minha ajuda, teria que jogar o jogo. Mas não tinha que se contentar com isso. Ela me olhava do jeito como as mães olham quando querem que os filhos se calem.

Então, perguntou:

— Quem é você, de verdade?

— Nós já passamos por isso.

— Claro que passamos.

— Eu já disse.

— Não, você me contou uma história — disse ela. — Que, a propósito, era mentira.

— Sou quem disse que sou. Apenas um sujeito de férias.

— Eu não tenho que aceitar isso de você, sabia?

— Não, você não tem. Mas eu estou aqui, você também, e isso deve significar algo.

— De fato. Significa que eu sei o que você está tentando fazer — disse ela. — E isso não é tudo o que eu sei.

— O que mais isso incluiria?

— Eu sei que você tem um propósito oculto aqui. Algo que você não está me dizendo. Que talvez não tenha dito nem mesmo para Marcus. Você sabe mais do que deixa transparecer. Acho que sabe muito mais.

— Eu já lhe disse quem eu sou.

Ela balançou a cabeça como se já tivesse escutado aquilo vezes o suficiente para uma vida. Eu a estava usando, sem dúvida, e vice-versa. Por um breve instante, vi o cansaço em seus olhos.

Ela jogou o cigarro dentro da xícara de café.

— Sei que você não é Jack Morton e posso provar.

34

Seu olhar — fixado diretamente em mim — lembrava o de um jogador de pôquer desesperado por uma dica. Ela queria me encurralar, saber se eu estava mentindo. A máquina de café apitou, e um grupo de pessoas carregando malas saiu de um elevador. O hotel estava começando a despertar. Um sujeito com roupas de couro ocupou uma mesa à nossa frente e abriu um exemplar do *The Wall Street Journal*. A equipe da manhã trocava os arranjos florais na recepção.

— Você não sabe o que está dizendo — afirmei.

— O escritório de Seattle enviou mais algumas fotos do homem que viram reunindo-se com Marcus Hayes ontem — disse Rebecca. — Ele se parecia com você. Na verdade, era muito parecido com você. Talvez um pouco velho demais para ser seu filho, mas poderia ser um sobrinho ou irmão mais novo. Verifiquei, então, o número de sua carteira de motorista para ver se você tinha um parente dessa idade. Não encontrei nenhum. Na realidade, não encontrei *você*. O Estado de Washington nunca emitiu uma licença para um homem com seu nome e sua foto. Já o endereço da sua casa que consta na carteira é um terreno baldio perto de Tacoma. Portanto, é uma farsa. Eu acho que toda a sua identidade é uma farsa.

— Você devia estar com a carteira errada.

— Sei que era a certa — disse ela. — E você tem uma identidade falsa. Isso é crime em alguns estados. Pior, você usou essa identidade falsa para enganar uma agente federal. As pessoas pegam vinte anos por esse tipo de crime.

— Sim, mas não eu.

— O que o faz pensar assim?

— Porque você ainda não tem nada contra mim.

Ela sequer piscou.

— É assim que você se lembra — falei. — Eu lhe mostrei minha carteira. Mas não é assim que eu me lembro. Não me recordo de ter lhe mostrado nada. Na verdade, não acredito que a carteira de motorista a que você se refere exista. Você pode me revistar. Não a encontrará em parte alguma. Você está louca se pensa que serei pego por isso.

Rebecca ficou em silêncio. Ela pegou o maço sobre a mesa e puxou outro cigarro. Olhei para sua xícara de café. Devia haver já uma meia dúzia de pontas ali dentro.

— Então, suponho que não exista razão para eu perguntar quem você realmente é — disse ela.

— Se eu lhe dissesse meu nome, você jamais acreditaria.

— Tente.

Balancei a cabeça.

— Você queria me ver pessoalmente por um motivo, e não foi só para me falar sobre um carro incendiado.

— Eu quero lhe propor um acordo — disse ela.

Eu me inclinei para a frente.

— Vou me arriscar aqui e dizer que acredito que você esteja atrás do dinheiro. E, quer saber? Até agora, você é o que está mais perto de encontrá-lo. Mas, se encontrar, não há nada que possa fazer. E sabe por quê? Esse dinheiro está conectado a explosivos suficientes para matar qualquer um que tente abrir o pacote. Será que Marcus não lhe disse isso?

Não respondi.

— O dinheiro é inútil, Jack. A menos que você tenha os códigos certos, você não tem a menor chance de ficar com uma única nota

sem arruinar toda a carga. Então, você pode até ser a pessoa que está mais perto de encontrar o dinheiro, mas isso não vai adiantar nada. Se você tentar usá-lo, estará ferrado. Então, vamos fazer um acordo. Se você encontrar o dinheiro, ligue para mim e me diga onde ele está. Quando eu o tiver recuperado, você poderá desaparecer, como se nunca houvesse estado aqui. Eu o deixarei fora da investigação. Direi que encontrei o dinheiro a partir de uma denúncia anônima. Você nem mesmo será mencionado. Dessa forma, eu consigo as provas de que preciso, e você tem a chance de sair com sua vida e sua reputação intactas.

— Eu não tenho uma reputação — falei. — Alguém acabou de me dizer isso.

— Na sua idade, com a sua habilidade? Aposto qualquer coisa que você tem.

Balancei a cabeça. Este era o principal paradoxo da minha profissão. Eu era conhecido como o melhor no ramo, mas também não era. Sorri e deixei-a pensar o que quisesse.

— Tem outra coisa — disse Rebecca. — Algo em que não paro de pensar desde que você chegou ontem, mas toda vez que tento raciocinar, não chego a lugar algum.

— Sim?

— Por que você pegou o jato de Marcus no aeroporto?

Fiquei em silêncio.

— Após um assalto de alto nível como esse, você devia saber que haveria hordas de policiais verificando todos os voos. Se você quisesse chegar anonimamente, teria pedido ao piloto para levá-lo à Filadélfia ou, droga, até mesmo a Newark. De lá, então, você viria de carro ou pegaria um trem. Teria levado algumas horas a mais, com certeza, mas ninguém teria percebido quando você chegasse aqui. Você estaria totalmente sozinho e anônimo. Em vez disso,

pegou um avião e se meteu no meio dessa confusão. Por que fez isso?

Continuei em silêncio.

— Eu acho que você *queria* ser visto. Você queria que alguém soubesse que estava aqui. E não uma pessoa qualquer, você queria que *o FBI* soubesse que estava aqui. Você queria que soubéssemos de sua presença. Eu só não consigo entender por quê. O que você ganharia com isso?

— Você — falei.

Ela me lançou um olhar confuso.

— Eu ganhei *você* — repeti. — Fiz você pensar em Marcus. Assim que aquele avião pousou, você começou a pensar em como Marcus estaria envolvido. Agora você está pensando no Lobo. Você está ligando os pontos.

— Por que você desejaria isso?

— Já lhe disse por quê — respondi. — Não estou aqui por causa de Marcus.

— Então por que veio?

— Pelo mesmo motivo que todo mundo vem até aqui — falei. — Adoro jogar.

35

Fiquei ofuscado pela luminosidade ao sair do Chelsea. O sol quente subira rápido, e a neblina estava se dissipando. Todo o calçadão voltava à vida, e os turistas começavam a chegar à praia. Caminhei pelo calçadão até encontrar um lugar que estivesse aberto e servisse café da manhã. Era um cubículo com as especialidades rabiscadas nas janelas e na porta. Pedi quatro ovos e um café e sentei-me do lado de fora, observando as pessoas passarem. Bebi quatro xícaras e tentei pensar.

Angela e eu costumávamos ir a cafés em ruas movimentadas para observar as pessoas. Sentávamos ali, perto de algum cruzamento agitado, e as víamos atravessar a faixa de pedestres. Às vezes, fazíamos anotações, para que pudéssemos conversar mais tarde sobre o que tínhamos percebido. Terminávamos com listas de coisas que observávamos. Prestávamos atenção em como as pessoas gesticulavam quando falavam. Como caminhavam. Como usavam suas roupas. O objetivo era vê-las como realmente eram, quando não sabiam que estavam sendo observadas.

— Uma pessoa em um café é invisível — ela costumava dizer. — Todo mundo olha, mas ninguém realmente vê.

Eu estava procurando por homens do Lobo.

Era apenas questão de tempo antes que me encontrassem outra vez. O Lobo não era idiota. E, àquela altura, até mesmo um idiota teria descoberto o que acontecera com Aleksei e Martin e teria enviado uma equipe para me pegar. Dei uma olhada em volta para me certificar de que não havia ninguém ao alcance da voz. O

calçadão estava repleto de sons que anulariam qualquer vigilância sonora. Riquixás faziam estalar as tábuas de madeira. Sirenes soavam num parque de diversões. As lojas deixavam escapar pela porta da frente os sons de seus rádios no volume máximo.

Abri um novo telefone e liguei para Alexander Lakes. Ele atendeu ao primeiro toque.

— Consegui seu acesso — falou, em vez de dizer “alô”.

— Sim?

— Tenho um número de telefone que o colocará em contato com alguém no departamento de polícia. Sujo como o inferno, tão cauteloso quanto possível. Esse cara gosta de se encontrar com os outros do seu jeito. E é tão cuidadoso quanto você.

— Será que esse contato tem um nome?

— Não.

— Nem mesmo um apelido?

— Você parece surpreso. Metade das pessoas com quem trabalho não usa nomes verdadeiros, inclusive você. Este não só usa um nome falso, como não usa nome algum. Do modo como trabalha, não precisa de um apelido. Ele é muito rápido e limpo para precisar disso.

— Então, como você sabe que ele é um policial? Como você sabe que ele realmente tem acesso às coisas que afirma ter?

— Já funcionou antes. Você precisa confiar nele.

— Nunca fui de confiar em ninguém. Como ele é pago?

— Já paguei adiantado há meia hora. Ele irá procurá-lo quando estiver pronto.

Olhei para o relógio. Devo ter tomado um café da manhã mais demorado do que pensei, porque já eram quase sete da manhã. Definitivamente, tarde o bastante para ligar para um policial no turno da manhã. Eu disse:

— Então, como ele quer fazer isso?

— Você vai ligar para um número. Ele o deixará no correio de voz. Assim que o verificar, enviará uma mensagem de texto. Essa mensagem lhe dará outro número para telefonar, que o ligará ao seu protocolo de telefone via internet. Muito difícil de rastrear. Ele lhe dirá o que você quiser nesse momento. Vocês só se falarão por telefone. Não peça para encontrá-lo. Pelo dinheiro que paguei, ele lhe dará uns cinco minutos. Depois disso, ele desligará, esteja você satisfeito ou não.

— Ele é cuidadoso.

— Ele é um policial corrupto. Sabe todas as formas como pode ser pego.

Lakes me deu o número. Eu o memorizei e disse que voltaria a ligar enquanto puxava uma nota de vinte dólares da carteira e a deixava sobre a mesa.

— Esse sujeito estará pronto para fazer negócio? — perguntei. — Ele não me será útil se estiver dormindo.

— Ele está acordado. Está sempre acordado. Esse cara é o policial corrupto mais trabalhador que já vi na vida.

— Vamos esperar que ele não decida ser honesto conosco.

— Tenho um Honda Accord para você — disse Lakes.

— De que cor?

— Vermelho.

— Vermelho está longe de ser discreto.

— Comparado ao cupê esportivo de cem mil dólares com pintura na cor preta personalizada, no qual você está voando agora, este é uma maldita capa de invisibilidade.

— Em que momento você parou de me chamar de "senhor"?

— No momento em que você roubou o meu carro.

Voltei até onde estacionara o Bentley e peguei um celular diferente, sem finalizar a ligação para Lakes. Digitei o número que ele me dera. O telefone tocou enquanto eu caminhava. A mensagem

de correio de voz não era personalizada, apenas uma voz pré-gravada genérica dizendo que eu deveria deixar uma mensagem após o bipe. Desliguei antes de a gravação começar. Levei o outro telefone ao ouvido e disse:

— Lakes, eu liguei para o sujeito. Quanto tempo terei que esperar pela mensagem de texto?

— Não deve demorar. Ele precisa encontrar um computador.

— Certo.

— Encontre-me no restaurante. Vamos trocar de carros outra vez.

— Posso demorar um pouco — falei. — Preciso verificar um apartamento em um conjunto residencial.

— Não deixe ninguém roubar meu carro.

Desliguei.

Dois segundos depois, meu segundo telefone tocou, e eu o abri. O número do remetente era restrito, e a mensagem tinha oito letras maiúsculas com dois traços entre elas. Digitei os números que correspondiam às letras no teclado numérico, colocando zeros no lugar dos traços. Soaram dois toques antes da ligação ser atendida.

— Alô? — A voz era grave, lenta, alta e robótica. Ele estava usando um modificador de voz.

— Ouvi dizer que você está bem informado — falei.

— Correto.

— Estou investigando o roubo de um Mazda Miata em Atlantic City. Caso não resolvido, dado como desaparecido em algum momento nas últimas duas semanas.

Houve silêncio durante algum tempo, quase como se a ligação tivesse caído, o que não aconteceu. Resultado do modificador de voz, imaginei. Um modificador de voz altera o tom da voz humana em diversas oitavas. Os mais baratos também aumentam os ruídos de fundo, levando a uma estática indecifrável na outra extremidade

da linha. Modificadores de voz caros como aquele eliminam todo o ruído de fundo e transmitem um silêncio mortal.

A voz do outro lado disse:

— Há duas ocorrências.

— Fale.

— Um Miata verde 2009 e um branco 1992 foram roubados; o primeiro, há oito dias em Margate, e o segundo, ontem no centro de Borgata.

O Miata branco 1992 não era o que eu procurava. Era velho demais para estar associado às marcas de pneus no campo de pouso. E a data estava errada.

— Fale-me sobre o primeiro carro — pedi.

— Mazda Miata 2009, verde caçador, placa de Nova Jersey, X-Zulu-Victor-nove-três-Hotel. Dado como desaparecido de um estacionamento perto da Jerome Avenue Park há oito dias, às onze horas. Visto pela última vez na noite anterior, por volta da meia-noite.

— Certo — falei. — Você pode apagar o registro?

— Feito. Mas ainda há uma cópia nos autos, caso procurem. Algo mais?

— Sim, mais uma coisa.

— Manda.

— Você pode me dar o nome do cara que registrou a queixa?

— Ah, sim — disse a voz. — Um sujeito chamado Harry Turner.

36

Merda.

Moreno e Ribbons roubaram um dos carros do Lobo e usaram o veículo no assalto. Por que diabo fariam isso? Não fazia sentido para mim. Minha mente buscou explicações, mas nada fazia sentido. Moreno e Ribbons estariam tentando despistar a polícia ou algo assim? Nesse caso, era um plano muito estúpido. Será que Marcus deu ordens para que fizessem aquilo? Não acredito. Ele não conseguiria nada além de enfurecer ainda mais o Lobo.

Hum.

Dirigi sem rumo por algum tempo para arejar minha cabeça antes de seguir na direção da dispersão de Ribbons. Eu mastigava a nova informação como se fosse um pedaço de cartilagem. Não conseguia entender aquilo.

Estava perdido em meus pensamentos quando avistei um Mercedes branco em meu espelho retrovisor. Os vidros eram escuros, mas, através da luz quente do sol, dava para ver a sutil silhueta de um único motorista que mantinha a cabeça estranhamente baixa junto ao painel e as mãos sobre o volante, num ângulo equivalente aos ponteiros de um relógio analógico marcando onze e três. Eu não podia ver seu rosto, mas não era necessário. Sabia que era um dos homens do Lobo.

Foi rápido. Não esperava que o Lobo me encontrasse nas próximas duas horas. De certa forma, porém, eu estava feliz por seus homens não terem me alcançado novamente. Enquanto ele continuasse a

mandar gente atrás de mim, eu sabia que estava fazendo alguma coisa certa.

Deixei o sujeito me seguir dois carros mais atrás, de um a outro extremo da cidade. Fui para o sul. Ele foi para o sul. Dobrei à esquerda. Ele dobrou à esquerda. Facilitei as coisas para ele. Dirigi devagar e sinalizei todas as minhas manobras. Ao chegar à periferia da cidade, continuei ao longo da costa, entrando em uma estrada estreita de duas pistas, que serpenteava através de uma região pantanosa e inabitável pontuada por estreitos canais intercostais. Embora houvesse poucos carros na estrada, o Mercedes branco continuava a me seguir. Após alguns minutos, estávamos no meio do nada, e o resto do tráfego desaparecera. Éramos só eu e ele. Agora, estávamos a uns cento e cinquenta metros um do outro, com nada além do mar ao nosso lado. Deixei que ele me visse e me seguisse. Eu não queria me livrar daquela perseguição. Não mesmo.

Querida fazer algumas perguntas.

Claro que teria sido muito mais fácil se eu ainda tivesse uma arma, e mais fácil ainda se não estivéssemos em plena luz do dia e alguém que dirigisse por ali despreocupado pudesse nos ver. Não havia outros carros naquele trecho da estrada, mas, àquela hora do dia, alguém poderia passar por ali a qualquer momento. Isso era um problema. Eu tinha um plano, e esse plano tinha certas necessidades. Se o plano desse errado, a última coisa que eu queria era que algum bom samaritano ligasse para a emergência e tudo acabasse com uma perseguição policial. Droga, mesmo que o plano corresse perfeitamente bem, o truque que eu tinha em mente era muito perigoso. Eu não queria que alguém se ferisse. Ao menos, alguém que não precisasse ser ferido.

Olhei para o relógio. Sete e quarenta e cinco. Meu Deus. Estávamos naquilo havia quase uma hora.

Tirei o pé do acelerador e fui encostando devagar.

O truque que eu tinha em mente era simples. Agora que éramos os dois únicos carros na estrada, se eu parasse de repente por causa de um defeito no motor, por exemplo, o motorista do Mercedes branco precisaria fazer uma escolha. Ele teria que continuar e passar por mim, o que significaria me deixar para trás, e talvez me perder de vista, ou parar também, o que significaria que teríamos um encontro ali, no meio do nada. De uma forma ou de outra, eu teria uma conversa com o motorista daquele Mercedes.

Deixei o carro correr por cerca de um minuto. A estrada era lisa e plana. Quando eu estava a menos de vinte quilômetros por hora, desviei diretamente para o meio da estrada, pisei no freio e parei. O motor estalou e esfriou.

Mantive os olhos no carro atrás de mim. O Mercedes vacilou ao fazer a curva e ter uma vista completa de mim. Aquele era o momento da verdade. O motorista estava fazendo a sua escolha entre acelerar ou desacelerar. O Mercedes diminuiu a distância entre nós, e eu o vi crescer nos espelhos. Ele definitivamente não pararia. Desviou para a pista da direita, a fim de me dar algum espaço, mas, em vez de reduzir, acelerou. Ao passar por mim, buzinou como se quisesse dizer: *Foda-se, cara*.

Então eu enfiei o pé no acelerador.

Um Bentley Continental tem 560cv, um motor duplo turbo e uma velocidade máxima em torno de trezentos e vinte quilômetros por hora. Não preciso dizer que, quando acelerei, o carro decolou. Avancei como se fosse abalroá-lo. O motorista entrou em pânico. Ele desviou para a esquerda para evitar ser atingido, e bateu na mureta da pista oposta, de frente para o mar. Seu carro equilibrou-se sobre duas rodas por um segundo antes de o metal finalmente ceder e o Mercedes ultrapassar a borda. O veículo capotou uma vez e caiu na água.

Parei no acostamento e saí do carro.

K U A L A L U M P U R

Os primeiros dias depois que matei Harrison foram difíceis. Matar um policial é uma das piores coisas que podem acontecer durante um assalto. A lei tem um talento especial para levar assassinos de policiais à justiça. Não poupam despesas. Homicídios geralmente são desvendados, ainda mais homicídios envolvendo policiais. Assassínatos assim são resolvidos. Ponto final. Todo criminoso com metade de um cérebro sabe disso.

Claro que não sabíamos com certeza se o sujeito que eu matara era um policial de verdade. Harrison era branco, o que significava ser menos provável que estivesse trabalhando disfarçado para a Polícia Real da Malásia, mas isso não significava que não estivesse trabalhando disfarçado para outras pessoas. Ele poderia ser um agente da Interpol, ou um informante pago, ou até mesmo um adido do FBI. Se fosse qualquer uma dessas coisas, poderíamos estar encrencados. Assim que um corpo com um distintivo é abatido, a única coisa inteligente a fazer é fugir e esconder-se pelo tempo necessário.

Daí que foi exatamente isso que fizemos.

Fugimos.

Menos de quatro horas depois do tiroteio, toda a equipe já mantinha silêncio no rádio. Tínhamos permissão de ficar com um telefone cada um, no caso de Marcus ligar, mas não podíamos fazer

contato com ninguém por motivo algum. Havia um protocolo com que todos concordamos caso algo assim acontecesse. Ficaríamos escondidos na cidade durante seis dias. Se Marcus entrasse em contato conosco para retomarmos o trabalho, prosseguiríamos. Se Marcus não nos procurasse, consideraríamos o trabalho perdido e sairíamos do país. Nesses seis dias, entretanto, teríamos que ficar completamente fora do circuito. Deixaríamos nossas dispersões apenas para conseguir comida e água, nada mais. Sem telefonemas, sem internet, sem compras, sem conversas. Não falaríamos com ninguém, não escreveríamos para ninguém e não deixaríamos qualquer rastro de nossa existência. Se você se esquecesse de trazer um aparelho de barba para a dispersão, você não faria a barba. Nos reunimos no Mandarin Oriental pela última vez na tarde após o tiroteio. Embora ainda fosse dia, estava chovendo e parecia noite. Alton Hill estava sentado em um sofá no canto, enchendo a mochila de fuga com maços de notas de cinquenta dólares. O resto de nós ficou sentado ao redor da mesa de videoconferência, discutindo o que faríamos. Houve um monte de acenos de cabeça em sinal de simpatia quando descrevi os eventos nas Terras Altas. Em geral, concordamos que eu fizera a coisa certa, embora um pouco precipitadamente, de modo que mantivemos a mente aberta sobre prosseguir com o plano. Dali a seis dias, ou voltaríamos a trabalhar no planejamento do assalto, ou estaríamos a meio caminho do outro lado do mundo em jatos separados e nunca mais voltaríamos a nos ver.

Quando a reunião terminou, demorei menos de trinta segundos para recolher minhas coisas e sair do hotel. Minha arma estava debaixo do travesseiro e minha bolsa, pronta junto à porta. Pendurei a bolsa no ombro e saí sem olhar para trás. Angela pegou o mesmo elevador que eu, e observamos a contagem regressiva dos andares. Eu estava nervoso porque não fôramos capazes de entrar em

contato com Marcus. Não conseguia parar de pensar na história do frasco de noz-moscada. Angela tocou minha mão. Olhamos um para o outro. Quando o elevador chegasse ao térreo, seríamos estranhos outra vez, mas, ao menos por um momento, éramos simplesmente nós mesmos. Ela sorriu para mim e disse:

— Este trabalho significa tanto assim para você?

— Significa tudo — respondi.

— Então, estou com você — disse ela. — Eu lhe darei cobertura, não importa o que aconteça.

Não precisamos dizer nada depois disso. O silêncio era tudo de que precisávamos. Quando chegamos ao saguão, ouvimos um sinal sonoro, e a porta se abriu.

Segui para minha dispersão pelo caminho mais longo, descendo de táxi a Jalan Ampang até o centro da cidade, onde a avenida desembocava na Jalan Gereja. Meu quarto ficava em um lugar pequeno, atrás de uma lavanderia com uma placa pintada à mão. Quando cheguei, joguei a bolsa junto à porta e guardei a arma debaixo do travesseiro. Então, sentei-me na ponta da cama e fiquei encarando a parede por cerca de uma hora. Observei a luz do sol se esvaír até o quarto ficar escuro. Escutei a água se acumulando na borda do chuveiro até formar uma gota grande e cair. Minha dispersão era vazia, simples, barata e pobre. Era tudo o que eu queria e nada que eu não quisesse. Fechei os olhos e me permiti dormir.

Uma dispersão é mais do que apenas um lugar onde se esconder. É um lugar onde um sujeito organiza as ideias antes do assalto. Cada um tem uma abordagem diferente. Alguns caras são tão estressados que ficam doentes. Passam toda a noite tossindo, vomitando e jurando por Deus que nunca mais aceitarão outro trabalho, mas, quando acordam na manhã seguinte, subitamente se acalmam. Outros ficam frenéticos. Passam a noite inteira pensando

em seus pais abusivos ou em suas ex-mulheres infiéis ou em alguma outra coisa que os deixe furiosos. Dessa forma, quando o trabalho começa, eles estão com tanta raiva que não se importam se tiverem que ferir alguém para conseguirem o que querem. Alguns enchem cadernos inteiros com listas de coisas que irão comprar, de modo que sua ganância assume o controle. Outros meditam. O resultado é sempre o mesmo. Todo mundo dá um jeito de lidar com o medo, de maneira que, quando saem dali, estão prontos para o trabalho. A dispersão é uma salvaguarda tanto mental quanto física.

Naqueles seis dias, traduzi a *Ars Amatoria* de Ovídio em um bloco amarelo tamanho ofício. Quando terminei, li minha tradução algumas vezes. Estava forçada e deselegante. Levei o isqueiro até o canto do bloco, observei o fogo consumir as palavras e, em seguida, joguei as cinzas fumegantes na lata de lixo. Minhas traduções nunca fluíam tão bem quanto eu gostaria. Por mais que eu tentasse, nunca conseguia fazer as palavras soarem como se fossem minhas. Elas viviam apenas no momento em que eu as traduzia e morriam assim que eu as escrevia no papel.

No sexto dia, recebi uma mensagem de texto de Marcus. *Apenas um contratempo*, dizia. *Esteja pronto para agir na sexta-feira*.

Lembro-me de ter me sentido aliviado. Estava envergonhado com o que acontecera nas Terras Altas de Genting, e saber que o assalto ainda estava de pé fez com que eu me sentisse melhor. Eu fizera a coisa certa, disse para mim mesmo. E me apeguei àquilo. Matar Harrison fora a coisa certa a ser feita.

Mas esse não foi meu erro.

Meu erro foi não ter me certificado de que ele estava morto.

ATLANTIC CITY

Não havia muito o que ver no Mercedes acidentado — apenas uma pilha de metal fumegante com o teto amassado alguns metros mar adentro. As rodas traseiras giravam preguiçosamente no ar em ângulos desajeitados. Não fosse o cheiro acre de óleo de motor e borracha queimada, teria sido difícil dizer há quanto tempo estava ali. O carro já começava a parecer fazer parte da praia. A fina faixa de areia entre a estrada e a arrebentação era repleta de pedregulhos e outros detritos inóspitos. Garrafas de Coca-Cola. Maços de cigarros. Sacos plásticos. As ondas colidiam contra o carro, arrastando pedaços de lixo e espuma branca.

Ergui a mão acima dos olhos para bloquear o brilho do mar e olhei ao redor, seguindo a fina linha do horizonte desde os pilares do calçadão distante até a costa enevoadada mais ao norte. Ninguém passeava por aquela praia havia muito tempo. Dava para sentir o gosto do sal erguido pela arrebentação. Se eu quisesse, poderia simplesmente ir embora de carro. Se o motorista não voltasse a si, poderiam se passar dias antes que alguém topasse com os destroços.

Mas o cara do Mercedes voltou a si. E começou a gritar.

No entanto, não como você imagina. Ele não tinha ar suficiente. O som que fazia parecia mais com um desesperado gorgolejar. Uma vez que o carro caíra de cabeça para baixo, a face do sujeito estava

voltada para a arrebentação, e cada nova onda inundava o interior. Ele estava gritando porque não conseguia respirar. Se eu o deixasse assim, ele se afogaria em questão de minutos.

Caminhei devagar em sua direção e entrei na água. A porta do motorista estava muito emperrada, de modo que tive que usar o pé como alavanca. Firmei um pé na areia e puxei a maçaneta. A porta se abriu parcialmente até ficar presa na areia.

O sujeito estava quase inconsciente. Tinha ficado preso de cabeça para baixo e seu cinto de segurança o impedia de tirar a cabeça de dentro da água. Estendi a mão através da porta e soltei o cinto. Ele tombou para a frente, sobre o volante, e começou a se debater como um peixe fisgado. Agarrei-o pelo colarinho e puxei sua cabeça para fora da água. O sangue de um corte no olho esquerdo escorria por seu rosto. Algum vidro se quebrara e o cortara profundamente. Achei que seu tornozelo também estava quebrado, porque estava estranhamente engastado entre o acelerador e o fundo do carro. Firmei o pé em busca de melhor apoio e arrastei-o até a praia.

Foi quando vi a arma.

Sob o casaco, ele portava uma Beretta 9mm com silenciador. Assim que eu o soltei, o homem fez menção de sacá-la. Ele traçou um grande arco com o braço e segurou a coronha que se projetava de seu coldre de ombro. Chegou a segurá-la, mas não conseguiu sacar. O silenciador de seis polegadas era um pouco longo demais, e era difícil retirar a arma do coldre deitado de costas como ele estava.

Eu o atingi com ambos os punhos no plexo solar. Seus braços ficaram flácidos como gelatina, e ele engasgou e se curvou. A arma caiu em seguida, mas eu a chutei para longe. Ele tentou alcançá-la, de modo que pisei em seu tornozelo quebrado.

Seu berro foi primitivo.

Caminhei ao redor dele, peguei a Beretta da areia, apontei para um ponto perto de seu rosto e disparei. A bala fez um som

semelhante ao do estalo de um chicote, e a arma emitiu um ruído quando o ferrolho abriu a fenda e ejetou a cápsula vazia.

O homem parou de se debater. Ele tombou de costas outra vez, contorcendo-se de dor. Então tossiu e tossiu até a água salgada e o cuspe ensanguentado borbulharem de sua boca e ele poder voltar a respirar. Mas não conseguia falar. Um caco de vidro devia ter cortado o centro de sua língua. Dava para ver um filete de sangue espumoso no canto de sua boca e sobre seus lábios.

O capanga do Lobo era branco e corpulento e tinha uma aparência comum. Não parecia ser um sujeito durão. Vestia uma jaqueta de couro, mas seus olhos azul-bebê e seu rosto pálido e redondo pertenciam a um homem que era frouxo por dentro. Parecia mais um sujeito de férias do que um membro de uma gangue de drogas da pesada. Agarrei-o pelo colarinho, mas o casaco rasgou ao meio. Sob o couro caro havia tatuagens de prisão. Marcas azuis e pretas desbotadas. Ele estava coberto de marcas de gangues que adquiriu a preço de sangue em Marienville, Bayside ou em algum outro lugar. Em seu ombro esquerdo havia uma suástica preta do tamanho de uma moeda de um dólar de prata. Próximo à suástica, um coração sangrando com quatro lágrimas despontando. Desisti de tentar movê-lo e deixei-o cair de costas sobre a areia.

Ficamos em silêncio por um segundo. A brisa soprava do mar ao som das gaivotas. O capanga do Lobo chorava sangue. Escorria de sua sobrancelha, por sua face e seu pescoço, e se espalhava por sua camisa. Ele cuspiu um dente e um bolo de catarro sangrento.

— Sabe — falei. — Adoro momentos assim.

Ele fechou os olhos. Eu me agachei ao lado dele para que pudéssemos conversar. Peguei seu rosto e volvei-o para mim. Ele poderia estar chorando, mas era difícil dizer. Havia muito sangue.

— Você está me ouvindo? — perguntei. — Adoro momentos assim. Está na sua cara. Agora você está me olhando com mais intensidade

do que, provavelmente, já olhou para qualquer outra coisa em toda a sua vida. Você está totalmente ligado neste momento, porque está com medo que eu o mate. Você sabe quão raro isso é para mim? Você não está preocupado com o extrato do seu cartão de crédito, com a sua hipoteca ou com quantos cigarros você ainda tem antes de precisar comprar outro maço. Não. Neste momento, todas as fibras do seu ser estão concentradas em mim e nesta arma.

Bati a ponta do silenciador contra seu peito. O homem respirava como uma máquina, praticamente hiperventilando. Seu olho bom estava tão aberto quanto poderia estar, focado em meu rosto feito um laser. Acho que ele não conseguiria parar de olhar para mim caso tentasse.

Olhei para o carro destruído e, em seguida, para o mar. O ar cheirava a água salgada e a gasolina. Eu respirava pelo nariz, com prazer. Aquilo me lembrava algo, embora eu não tivesse certeza do quê. Expirei, olhei de volta para o homem do Lobo e disse:

— Eu só tenho uma pergunta. E acho que você sabe qual é.

— Dispositivo de rastreamento — disse ele, o sangue jorrando entre seus dentes.

Ele levou a mão a um de seus bolsos. Quando vi que não pretendia sacar outra arma, deixei que prosseguisse. Ele puxou um telefone celular preto simples, ainda ligado. Na tela, havia uma parte destacada de um mapa com uma seta azul que indicava nossa exata localização.

— De onde está vindo o sinal?

— De você — disse ele.

— É um dos meus telefones?

— Eles colocaram um grampo em você.

Peguei o telefone de suas mãos e movi o aparelho em nosso entorno. A localização do ponto não se alterou. Devia ser algum tipo de rastreador GPS, o que significava que o sinal poderia estar vindo

de qualquer coisa. O Lobo devia tê-lo colocado dentro das minhas roupas ou em um dos meus telefones celulares. Eu já vira rastreadores de GPS pequenos como botões. Os rastreadores profissionais não precisavam nem mesmo de uma fonte de alimentação própria. Podiam funcionar durante semanas com uma bateria de aparelho auditivo e acompanhar a localização de um ponto do tamanho de uma poltrona grande. Suspirei e voltei a apontar a arma para o peito do sujeito.

— Não vou matá-lo — falei. — Não me entenda mal. Pessoalmente não me importo em matar sujeitos como você. Já fiz isso antes. Mas você vai sair vivo dessa. Considere isso minha maneira de agradecê-lo. Sabe, quando cheguei ontem, estava com medo de que este trabalho fosse muito fácil. Antes de sair do avião, estava com medo de encontrar o dinheiro do assalto imediatamente e não conseguir fazer nada divertido no processo. Foi bom vocês aparecerem. Sem você em particular, eu jamais poderia aproveitar este momento. Todas as cores estão um pouco mais brilhantes. O ar tem um cheiro melhor. Até mesmo a areia está agradável. Não há droga que se iguale a isso.

Eu pressionei a arma contra seu esterno com uma das mãos e revistei seus bolsos com a outra. Achei uma carteira de couro preta no bolso esquerdo da calça. A carteira de motorista informava que seu nome era John Grimaldi. Tinha 1,82m de altura e um endereço em Ventnor. Pouco mais de trinta anos. A carteira fora emitida alguns anos antes. Na foto, ele era quase bonito. Peguei a habilitação e joguei a carteira sobre seu peito.

— Eles estão me ouvindo agora? — perguntei.

— Não sei.

— Espero que sim — falei. — Mesmo que não estejam, espero que você esteja, John. Há uma razão para eu lhe dizer isso. O Lobo acabará encontrando você. Quando isso acontecer, ele vai querer

saber o que eu disse. Quero que você lhe diga algumas coisas, certo? Quero que deixe claro para ele que eu não pertencço a ninguém. Não sou nem serei um homem de Marcus. Só estou aqui porque passei os últimos seis meses olhando para uma parede vazia no meu apartamento e esperando algo interessante acontecer. *Isto é interessante.* Eu existo para viver momentos como este. Portanto, se o Lobo quiser parar de perder seus homens um a um, deverá me deixar em paz ou me fazer outra proposta. Desta vez, porém, é bom que seja uma proposta interessante.

O sujeito voltou o olho bom para mim, aterrorizado. Ele assentiu com desesperada ansiedade.

— Espero que você se lembre disso, John — falei.

Então, olhei para meu relógio, pressionei o cano da arma contra o joelho dele e apertei o gatilho. O silenciador emitiu um baque surdo que ecoou sobre a água. Seus olhos se agitaram por um segundo antes de ele desmaiar de dor. Peguei seu telefone, joguei-o no mar e voltei ao Bentley, trazendo a pistola comigo.

Olhei para o relógio. Eram oito da manhã.

Eu tinha vinte e duas horas.

39

Hospedei-me em um pequeno motel na periferia da cidade. O recepcionista mal olhou para mim. Ainda era de manhã, muito antes de qualquer horário razoável para se hospedar em um motel, quando ele me entregou a chave. Serviria para algumas horas de privacidade.

Depois de alguns anos nesta profissão, motéis baratos são como seu segundo lar. Você se acostuma com certas coisas. A Bíblia está sempre no mesmo lugar. Os lençóis têm a mesma qualidade. Todos os quartos têm um cheiro fresco e limpo de pinho, a princípio, mas que logo se dissipa e assume seu odor natural de sujeira almiscarada. Aquele cheirava a amônia. Inspirei longamente pelo nariz, fechei as cortinas e coloquei a corrente na porta. Era como voltar para casa.

Assim que tive certeza de que estava sozinho, peguei meus telefones celulares. É fácil verificar se um celular tem um rastreador GPS agregado. Se for um hardware, é fácil de encontrar. Não há muito espaço extra nesses aparelhos. Se for um software, é fácil desligar. Basta retirar a bateria, e tudo se apaga. Primeiro verifiquei o menu da interface para me certificar de que o transmissor GPS embutido de cada telefone estava desligado. Todos estavam. Então, abri os telefones para ver se haviam sido adulterados. Um por um, tirei as baterias, os cartões SIM, as antenas fractais e os cartões de memória digital. Nada parecia fora do normal, de modo que voltei a montá-los. Ao terminar, deitei-me na cama por algum tempo e

pensei a respeito. Obviamente não estavam me rastreando daquela maneira. Hum.

Liguei o chuveiro para fazer algum barulho. A água saiu lentamente dos canos com um baixo gemido. Na outra sala, liguei a televisão no volume máximo. Eu realmente não achava que o grampo tinha áudio, mas não queria correr esse risco. Depois do que acontecera com Harrison nas Terras Altas de Genting havia tantos anos, eu tinha pesadelos com microfones ocultos.

Em seguida, revistei minha bolsa e minhas roupas. Não seria muito difícil um dos operadores do Lobo introduzir um transmissor ali. Fiquei diante do espelho do banheiro e cuidadosamente revistei meu corpo. Puxei todos os bolsos para fora. Esvaziei minha bolsa e folheei meu exemplar de *Metamorfoses*. Nada.

Olhei-me por um bom tempo no espelho. Depois de dois dias com pouca comida e nenhum descanso, eu estava realmente começando a me sentir tão velho quanto parecia. Jack Morton tinha visto muita ação recentemente. Era hora de mudar. Limpei a condensação do espelho. Minha maquiagem escorria por causa do calor.

Tirei a roupa e entrei no chuveiro por um bom tempo. Havia uma fileira de contusões no meu braço provocadas por Aleksei ao tentar se libertar durante nossa luta. Já estavam ficando pretas no centro.

Depois de me enxugar, peguei o estojo de maquiagem e coloquei a carteira de identidade que tirara do homem do Mercedes no canto do espelho do banheiro. Concentrei-me no rosto dele durante algum tempo e tentei reproduzir sua expressão assustada, embora confiante. Ele tinha olhos fundos e uma palidez vazia. Ainda que morasse em uma cidade de praia, não apresentava o menor indício de estar bronzeado. Parecia perdido de algum modo.

— Eles colocaram um grampo em você — disse, imitando a voz dele.

Repeti a frase duas vezes, com perfeição. Após alguns segundos, senti a idade esvaindo-se de mim. Inspirei e minha respiração pareceu mais completa. Meus ombros se endireitaram e meus olhos se tornaram um pouco mais brilhantes. Minhas articulações se livraram do tremor da artrite e meu sorriso perdeu seu caráter ensaiado. Flexionei as mãos até elas se sentirem jovens outra vez. Quando falei, usei o suave sotaque de Atlantic City.

— Meu nome é John Grimaldi.

A paleta de John era preta. Aquela jaqueta de couro preto dava a impressão de que ele estava a caminho de um clube. Ele era um rapaz elegante, que não se importava em se esforçar para isso. Usei um pouco de tintura e muito gel para deixar meu cabelo preto e liso. Desenhei um bico de viúva com um pequeno lápis de maquiagem.

— Meu nome é John Grimaldi — falei. — Mas pode me chamar de Jack. Sou de Atlantic City, Nova Jersey. Faço um bocado de coisas diferentes, sabia?

Ao voltar a vestir minhas roupas, não conseguia parar de pensar naquele grampo que ele dissera que tinham colocado em mim. Enquanto estivesse ativo, eu estaria em perigo. Os próximos homens enviados pelo Lobo não teriam ordens para me seguir a uma distância segura. Eles teriam ordens para me matar. Não importava quão anônimo fosse o motel. Se eles me seguissem até aqui, eu seria um homem morto.

Eu só conseguia pensar em mais um lugar onde o grampo poderia estar escondido.

Arrumei minhas coisas na mala e alisei os vincos de minhas roupas. Deixei a chave do quarto sob o tapete de boas-vindas e caminhei até o Bentley.

É fácil rastrear um carro. A maioria tem dispositivos GPS embutidos para que o proprietário possa acompanhar a localização remotamente caso o veículo seja roubado. No entanto, mesmo que

esse recurso esteja desativado, um rastreador suplementar como o LoJack pode ser muito difícil de ser encontrado. São pequenos o bastante para caberem em quase qualquer lugar, e existem centenas de lugares nos quais você poderia escondê-lo em um carro. Antes de entrar no Bentley, dei a volta no veículo e passei a mão sob os para-choques e ao longo da grade. Verifiquei sob os bancos, no porta-luvas e no porta-malas.

Só achei o dispositivo de rastreamento quando me ajoelhei e olhei para o suporte da carroceria do carro. Era uma caixa branca de seis por nove centímetros presa ao chassi com algum tipo de fita adesiva de alta fixação entre o vão da roda e o pneu esquerdo. Tinha um exterior emborrachado e uma luz verde brilhante. Droga.

Alexander Lakes me traía. Amaldiçoei e balancei a cabeça. Ele devia estar monitorando todos os carros que me dera. Era a única maneira de o Lobo ter conseguido me encontrar tão depressa. Quanto mais eu pensava naquilo, mais sentido fazia. Claro que ele trabalhava para o Lobo. Ele e todo mundo naquela maldita cidade.

Arranquei o dispositivo com a faca. Era muito leve. Enfiei a faca através do vão no plástico e empurrei até a luz no aparelho apagar e o sinal morrer. Olhei para o relógio. Eram onze da manhã. Tinha passado três horas no motel.

Faltavam dezenove horas.

40

K U A L A L U M P U R

Eu não tinha ideia de quão ruim seria aquele assalto. Não me lembro muito bem do que aconteceu nos dias anteriores ao trabalho, mas lembro de ter me sentido tão confiante quanto amedrontado. O medo faz parte do trabalho, é claro. Quem não tem medo de entrar armado em um banco é louco. Mas todos já tínhamos feito isso antes, de modo que pensei que sabia no que estava me metendo. Eu achava que conhecia a rotina. Achava que conhecia o banco. Achava que conhecia as pessoas com quem estava trabalhando. Achava que sabia o erro que cometera e pensei que conhecia os riscos envolvidos.

Eu não fazia ideia.

Às sete horas na manhã do assalto, o piloto veio me buscar em um lugar previamente combinado, não muito longe da minha dispersão, em um antigo utilitário comercial. O anúncio na lateral estava escrito em uma mistura de malaio, inglês e árabe e tinha o endereço de uma empresa de limpeza de janelas em Subang Jaya. Empresas de limpeza de janelas têm uma espécie de passe livre em centros urbanos. Os caras que administram estacionamentos e fazem a segurança de edifícios tendem a ser mais tolerantes do que eles provavelmente mereçam, porque ninguém quer um trabalho que envolva ficar pendurado em um cabo a quarenta andares de altura, limpando merda o dia inteiro. No assento do motorista, Alton

meneou a cabeça para mim, com um cigarro entre os lábios, quando abri as portas traseiras e entrei. Suas luvas pretas soaram como se estivessem se esticando contra o volante.

Este era o plano: o piloto nos recolheria em lugares diferentes da cidade, faríamos o trabalho e, em seguida, deixaríamos imediatamente o país. Era muito mais arriscado agora, depois do que acontecera nas Terras Altas, mas todos estávamos dispostos a correr o risco. Demorou uma hora para pegar todo mundo. Buscamos Angela na doca de carga atrás do Crown Plaza. Vincent e Mancini, em um ponto de ônibus no centro comercial, sob um cartaz anunciando telefones celulares. Joe Landis e Hsiu Mei estavam tomando café da manhã em uma cafeteria junto à floresta.

Todos se sentiam bem com relação ao trabalho, exceto Angela. Normalmente, ela borbulhava de energia louca antes de um trabalho, mas não desta vez. Agora ela estava fria e distante, olhando pelo para-brisa do utilitário enquanto mascava um chiclete de nicotina. Eu queria falar com ela mais do que tudo, mas sabia que não era o momento certo. Ela precisava do silêncio.

Quando todos estavam no carro, estacionamos em um terreno baldio na rua do prédio do Bank of Wales e começamos a nos disfarçar. Vincent, Mancini e eu entraríamos como guardas de segurança. Tínhamos chapéus com o logotipo de uma empresa de carros-fortes e óculos escuros para esconder nossos olhos. Vestíamos largos uniformes sobre nossas roupas para que pudéssemos rasgá-los no elevador em vinte segundos cravados e usar um traje diferente no andar do banco. Mancini vestiu um colete de náilon. Vi quando ele tirou uma das escopetas do saco, carregou quatro cartuchos vermelhos de chumbo SG na abertura do carregador e encaixou a arma no aparato. Ao lado, havia uma bandoleira com pequenas e poderosas granadas de gás lacrimogêneo. Ao vestir o uniforme, entretanto, não parecia estar

portando nada demais. Ele pegou uma caixa de munição e guardou cartuchos extras em cada um de seus seis bolsos.

— Quanto tempo mais teremos que esperar aqui? — perguntou Hsiu.

— Você não tem um relógio?

— Quero dizer, o que exatamente estamos esperando?

Angela se esticou para a frente e apontou para o telefone via satélite no painel.

Não sei ao certo por quanto tempo ficamos ali sentados, mas provavelmente pareceu mais do que realmente foi. Todos podíamos sentir o cheiro um do outro. Graxa, gasolina, cigarros, álcool, cravo, coentro e pimenta-do-reino. Cada pequeno som era amplificado pelo local apertado. Alton pegou um cigarro, mas Joe Landis baixou na mesma hora uma das mãos sobre seu isqueiro.

— Você faz ideia de quanta nitroglicerina tenho na minha bolsa?

O piloto fez uma careta, jogou o cigarro apagado pela janela e perguntou:

— Você quer dizer que eu não posso fumar um cigarro até tudo isso acabar?

— Aqui — disse Vincent. — Temos algo para você.

Mancini tirou um pequeno frasco do bolso e derramou cerca de um quarto de grama de cocaína sobre a caixa de papelão de cartuchos de espingarda. Ele bateu a cocaína em carreiras desleixadas com a ponta do dedo mínimo e cheirou a primeira. Vincent foi o próximo, seguido de Joe e Alton. Fiquei ali sentado, ouvindo-os cheirar, até o frasco ficar vazio.

O telefone via satélite sobre o painel tocou e vibrou. Ninguém atendeu, apenas deixamos tocar. Todos sabíamos que era Marcus, para nos informar exatamente que horas eram e precisamente quanto tempo tínhamos antes do ponto de não retorno. Se houvesse algum problema, poderíamos atender o telefone e avisá-lo. Se

estivéssemos atrasados, ele ajustaria o horário. Quando o telefone parou de tocar, sabíamos ao certo quanto tempo nos restava.

Dois minutos.

Alton ligou o motor e pôs o veículo em movimento. O banco ficava a menos de quinhentos metros dali. Após analisarmos o lugar, Angela e eu decidíamos entrar pelo elevador de segurança. Trinta segundos depois, nosso velho utilitário descia a íngreme ladeira da garagem subterrânea do arranha-céu. O cara no portão nos deixou passar sem pensar duas vezes. Como já disse, limpadores de janelas sempre têm passe livre.

Entramos no nível mais baixo do estacionamento do subsolo e estacionamos em uma vaga escura a menos de cinquenta metros de distância do elevador de segurança. Desligamos todas as luzes, e ficou muito escuro dentro da van. Agora, bastava esperar o primeiro carro-forte do dia chegar. Os ponteiros do meu relógio de trítio brilhavam um azul misterioso.

Um minuto.

Eu fizera minha pesquisa. Aquele elevador tinha algo de especial. Como o cofre ficava no trigésimo quinto andar, os banqueiros não tinham outra maneira de levar o dinheiro lá para cima. O elevador era a solução. Em vez de estacionar os carros-fortes na rua, levar o dinheiro através do saguão e usar os elevadores comuns, que qualquer um poderia usar, as remessas entravam pela garagem e eram transportadas até aquele elevador especial de dois pontos. Era mais do que seguro, é claro. O poço possuía detectores de movimento, de modo que ninguém podia subir por ali, e só parava naquele subsolo e no trigésimo quinto andar, com acesso rigorosamente restrito. A própria cabine tinha paredes de aço temperado e um telefone via satélite de emergência, que ligaria automaticamente para a Polícia Real da Malásia caso o elevador parasse de repente. O sistema de elevação tinha dois cabos de

cromo de alta resistência, um bloqueio de segurança magnético e quatro freios de emergência manuais, de maneira que ninguém poderia invadir a cabine e pegar o dinheiro. E, o melhor de tudo, para que a coisa funcionasse, um gerente de banco, no topo, e um motorista de carro-forte, no subsolo, tinham que olhar um para o outro por meio de um circuito fechado de televisão e passar seus cartões de identificação exatamente no mesmo instante. Ninguém que não fosse o gerente do cofre ou a equipe de entrega conheceria o interior daquele elevador. Eu vira os esquemas. Era um dos elevadores mais seguros do mundo.

Naquele dia, porém, era o nosso bilhete de entrada.

A van estava escura e abafada. Joe bateu com as unhas sobre seu estojo de gazuas. Ele estava nervoso. Todos nós estávamos.

Trinta segundos.

Ouvimos o carro-forte chegando. Ergui a cabeça e olhei para fora pela janela de vinte centímetros quadrados na traseira do nosso veículo.

Era um modelo mais antigo e mais barato, montado sobre o chassi de uma picape Ford F550. O para-brisa era dividido em duas superfícies planas de vidro à prova de balas com três centímetros de espessura, e toda a carroceria era coberta por cerca de dois centímetros de blindagem de aço. Havia janelas de tiro nas paredes e portas, mas não mais do que o de costume, e os pneus eram à prova de perfuração, com certeza, mas não eram fortes o bastante para deterem um tiro de espingarda. Nos Estados Unidos, nenhum banco que se preze usaria um veículo daquele tipo, mas, na Malásia, era o melhor que podiam conseguir. Naquela época, tais entregas não possuíam a alta tecnologia de hoje em dia. Muita coisa pode mudar em cinco anos. Não havia placas magnéticas nem rastreadores GPS, ou câmeras coloridas que tornam os carros-fortes modernos tão impenetráveis. A única tecnologia de que aquele

carro-forte dispunha era um simples rádio CB na cabine, de modo que podia desaparecer por cerca de trinta minutos sem levantar qualquer suspeita.

Dentro do veículo, havia três homens: um motorista, um manipulador de dinheiro e um guarda. O motorista ficaria na cabine e manteria o motor ligado caso tivessem que fugir depressa. O manipulador descarregaria o dinheiro em um carrinho, e o guarda ficaria do lado de fora ao seu lado, com uma arma na mão, para garantir que ninguém tentaria nada. Fizéramos uma pesquisa sobre aqueles caras. O motorista era o mais novo da equipe. Ocupava o cargo havia menos de seis meses e nunca disparara sua arma, exceto no estande de tiro. Tinha o cabelo curto como o de um recruta. O manipulador de dinheiro, no entanto, era profissional. Fazia aquilo havia cinco anos e, aparentemente, não muito mais do que isso. Não tinha esposa nem namorada e não visitava a família regularmente. Nada fazia além de levar e trazer dinheiro para bancos e empresas. Tinha um rosto triste e olhos pequenos. O guarda que lhe dava cobertura era vários anos mais novo, embora fosse mais experiente do que o motorista.

Quando o veículo parou por completo, o motorista puxou o freio de mão e deixou o motor em marcha lenta. O guarda abriu a porta do passageiro, saiu e se dirigiu às portas traseiras do veículo. Ele bateu duas vezes com os nós dos dedos. O manipulador de dinheiro abriu as portas pelo lado de dentro e entregou-lhe um grande saco de náilon azul.

Dez segundos.

Eu podia ouvir o tempo passando em meu relógio. Angela estava ofegante ao meu lado. Ela não estava nervosa ou algo assim. Respirava como se para inundar o corpo de oxigênio, para estar pronta quando chegasse a hora. Eu mantive os olhos fixos no carro-forte e no elevador.

O manipulador passou mais dois pacotes de dinheiro para o guarda, que os empilhou aos seus pés. O manipulador de dinheiro desapareceu de vista rapidamente e voltou em seguida puxando um carrinho para fora do carro-forte. O motorista acendeu um cigarro, inclinou-se para a frente a fim de ajustar o ar-condicionado e entreabriu a porta, erguendo a cabeça para ver como as coisas estavam indo. Um segundo depois, o manipulador de dinheiro saiu de dentro do carro-forte com algo que eu não esperava pendurado às costas: um grande rifle de assalto preto com mira reflex. Não esperávamos por aquilo.

Cinco segundos.

Era um maldito G36. Exceto por uma esquadrilha de helicópteros da polícia, aquela arma era a última coisa que queríamos ver. Podia cuspir trinta balas da OTAN em pouco mais de dois segundos. Cada bala podia atravessar nossas armaduras de segunda mão e sair do outro lado, sem esforço. Se não fizéssemos tudo perfeitamente, alguém morreria. Prendi a respiração.

Tempo esgotado.

Angela deu o sinal.

Vincent e Mancini pularam para fora da traseira da van com suas escopetas em punho. Atacaram o carro-forte como jogadores de futebol e gritaram ordens para os guardas. Mancini correu até o encarregado do dinheiro, e Vincent, em direção ao motorista. Antes que pudessem registrar o que estava acontecendo, nossos capangas empurravam escopetas em seus rostos.

— Não se movam! — gritou Vincent em inglês e, em seguida, em malaio capenga, para ter certeza de que fora entendido. Ele pressionou o cano da espingarda contra a têmpora do motorista. O homem deixou cair o cigarro e imediatamente ergueu as mãos em sinal de rendição.

Os outros dois não desistiram tão facilmente. Mancini tinha dois alvos e apenas uma arma, e o encarregado do dinheiro trazia aquele rifle às costas. Ao se aproximar do carro-forte, ele apontou a escopeta para o guarda. Em resposta, o outro sujeito tentou pegar o rifle de assalto. Mas antes que pudesse alcançá-lo, Mancini se meteu no meio da confusão e bateu com a coronha da escopeta na cabeça dele. O nariz do encarregado do dinheiro explodiu em uma torrente de sangue, e ele cambaleou para trás. O rifle de assalto escorregou para debaixo do caminhão. O outro guarda ergueu as mãos.

Hsiu e eu pulamos para fora do veículo.

O trabalho de Hsiu era fácil. Ela tinha que manter os homens como reféns. No entanto, quando as pessoas pensam em reféns, geralmente imaginam cordas e algemas, embora essas não sejam maneiras eficientes de se imobilizar alguém. Sabe de quanta corda precisaríamos para amarrar trinta pessoas, ou apenas três? Não sei. Hsiu tinha uma solução elegante: uma pistola de contato. Uma pistola de contato é um dispositivo médico em forma de arma, que, em vez de disparar balas, usa um poderoso jato de pressão para introduzir medicamentos através da pele de um paciente, sem rompê-la. Não há sangue ou agulha. O medicamento atravessa a derme e entra instantaneamente na corrente sanguínea. Nada de trocar de agulha, nenhum risco de transmissão de HIV, nenhuma necessidade de limpeza entre os usos. A pistola de contato simplesmente *funciona*.

Hsiu correu até onde Vincent imobilizava o motorista e pressionou o cano de sua pistola sob o queixo do sujeito. A arma emitiu um suave som pneumático. O tranquilizante demorou dois segundos para fazer efeito. O motorista ficou flácido como se tivesse levado um tiro na cabeça. Em um segundo, ele estava consciente, no seguinte, estava em coma. Seu corpo pendeu para fora da porta do carro-forte.

Hsiu jogou a pistola para Mancini, que a pressionou contra a testa do sujeito com o nariz quebrado. Ele a disparou bem entre os olhos. O rapaz cambaleou por um segundo e, em seguida, caiu no chão. Mancini jogou a pistola para mim enquanto eu agarrava o terceiro guarda pelo pescoço. Eu o arremessei contra a lateral do carro-forte, tirei a arma de sua cintura com a mão livre e joguei-a fora.

Tudo isso aconteceu nos primeiros quinze segundos.

Pressionei a ponta da pistola contra o ponto mais macio de seu pescoço, perto da jugular, e disse:

— Não estou aqui para feri-lo, mas o farei, se for preciso. Só estou aqui pelo dinheiro do banco, que está no seguro. Você não sofrerá mal algum se fizer tudo o que eu disser, entendeu?

Ele olhou para mim, inexpressivo.

— Qual é o nome do gerente que está de plantão hoje? — perguntei.

Ele começou a balbuciar algo em malaio que eu não consegui entender. Sua voz estava ligeiramente esganiçada, o que o fazia soar como uma foca. Bati a cabeça dele com força contra a traseira do carro-forte. Ele estremeceu e suas pálpebras tremularam.

— Eu sei que você fala inglês.

— Ele disse que não quer morrer — traduziu Hsiu.

— Então deveria fazer por onde — respondi. — O nome do gerente do banco. Agora.

O rapaz ficou mole em minhas mãos. Estava congelado de pavor. Dava para ver nos seus olhos quando ele me encarou. Não se parecia com alguém que achava que ia morrer. Parecia mais um homem que não entendia exatamente o que estava acontecendo. Ele olhou para a pistola de contato em minha mão como se a estivesse vendo em um sonho.

Tirei a pistola de seu pescoço e levei-a até o ponto macio entre as suas sobrancelhas.

— Mais uma chance — falei.

— O nome dele é Deng Onpang — murmurou o rapaz.

— Qual é a cor do cartão de código de hoje?

— Vermelho.

— Obrigado.

Então, apertei o gatilho, produzindo outro suave ruído pneumático, e disparei uma carga de drogas entre seus olhos. O jovem guarda cambaleou para a frente e tocou a testa. Parecia surpreso por não estar morto. Um segundo depois, seus joelhos se dobraram, e ele tombou. Eu o amparei em meus braços, para que não batesse a cabeça, e baixei-o no chão. O homem entrou em coma no momento em que deitou.

Tirei os cartões de acesso de seu cinto e procurei o vermelho. Não tínhamos apenas a mesma idade, como também altura e peso semelhantes. Peguei seu boné de beisebol com o logotipo da empresa e levei-o à cabeça. Com o uniforme, eu me parecia muito com ele. A maquiagem fora fácil, a maior parte concentrada nos olhos. Eu usara delineador e fita para reproduzir a forma geral e agora ajustava a aba do boné, de modo a esconder as imperfeições. Eu usara um spray bronzeador para que minha cor de pele combinasse quase perfeitamente com a dele. Pinteí meu cabelo de preto. Alguém teria que estar muito atento para perceber a diferença. Agora, eu só precisava enganar o gerente na outra extremidade daquele circuito fechado de televisão.

Aquele era o meu momento, afinal de contas. Para conseguir que as portas do elevador se abrissem, eu tinha que convencer Deng Onpang de que eu era o mesmo guarda que ele via praticamente todos os dias havia quase três anos. Tentei mentalizar o som da voz do rapaz, para não me atrapalhar na hora. Um chapéu e um uniforme podiam me deixar parecido, mas agora eu precisava soar e agir como ele. Inspirei profundamente.

Apertei o botão de chamada. A pequena tela ao lado do elevador se iluminou com o rosto de um senhor mais velho que vestia um terno caro. Cumprimentei-o com uma frase em malaio que eu praticara milhares de vezes até poder pronunciar-la com um sotaque perfeito.

— *Kantung-kantung* — falei. Significa “malotes”.

— Quanto desta vez? — perguntou alegremente, em inglês.

— Não sei. Está lacrado, e o motorista está com o manifesto de carga.

— Como vai sua mulher?

— As coisas têm melhorado — respondi.

Ergui o cartão de código vermelho. Deng Onpang fez o mesmo, e o passamos na leitora simultaneamente.

Deng disse:

— O elevador está a caminho. Vejo você em breve.

— Bom — falei. — Estaremos prontos.

41

ATLANTIC CITY

Eu dirigia rumo ao endereço que Marcus me dera quando um dos telefones começou a tocar. Estendi a mão até o banco do passageiro, peguei o aparelho e olhei para o identificador de chamadas. Em vez de um número, vi na tela a sigla *FBI* em grandes letras azuis. Abri o telefone e segurei-o entre o rosto e o ombro.

— Sim — falei. — Você está aí?

— Alô? Quem fala? — perguntou Rebecca Blacker.

Merda. Eu me esquecera de que mudara para John Grimaldi.

— Sou eu — respondi rapidamente, voltando à voz de Jack Morton.

— Sua voz estava diferente.

— Você sabe o que um bom banho pode fazer.

— Melhor do que ninguém — disse ela. — Mas você está em apuros, Jack.

Ela não soava ameaçadora, nem aflita, porém. Na verdade, dissera aquilo com alegria e animação, como se tivesse acabado de fazer uma jogada de xadrez particularmente inteligente. E, pela forma como o dissera, dava para ver que *ela* era a causa do problema sobre o qual estava me alertando. Sua voz já não tinha aquele rosnado baixo provocado pelo hábito de fumar.

— A boa notícia é que você vai voltar a me ver — disse ela. — A má notícia é que, bem, o Departamento de Polícia de Atlantic City

acaba de emitir um mandado para a sua prisão.

— Sério? E qual é a acusação?

— Você está sendo procurado por ter ligação com um duplo homicídio que ocorreu na noite passada. Dois corpos com ferimentos à bala foram encontrados nos pântanos salgados esta manhã. Ambos levaram tiros na cabeça, um deles quase à queima-roupa. O carro que você me indicou ontem à noite pertencia a uma das vítimas, de modo que eles o associaram aos assassinatos.

Funguei.

— Isso é tudo de que vocês precisam para conseguir um mandado atualmente? Eu não estive nos pântanos.

— Isso é sério, Jack. Você matou aqueles caras?

— Eu não gosto de matar — respondi.

Rebecca suspirou e bateu o telefone contra algo duro.

— Não importa se o mandado não for mantido — disse ela. — Se eu quiser encontrá-lo, eu o encontrarei. Haverá gente procurando por você em todos os aeroportos e em todas as rodovias. Em uma hora, haverá uma foto sua em todas as viaturas. Três horas depois, cada policial de seis estados conhecerá seu rosto.

— De onde diabo tiraram uma foto minha?

— Câmeras de segurança do aeroporto.

Abri um sorriso. Rebecca Blacker estava me pegando de jeito. Provavelmente fora ela quem solicitara o mandado. Nos Estados Unidos, a polícia precisa ter um depoimento assinado que forneça uma causa plausível para poder emitir um mandado de prisão. Ela era a única pessoa que poderia ter escrito tal declaração, sugerido a foto de segurança do aeroporto, associado-me aos assassinatos, ou, inclusive, saber que eu estava em Atlantic City. Blacker me colocara na lista de procurados, de modo que eu não tinha escolha, a não ser jogar seu jogo. Era inteligente, eu precisava admitir. Ela tinha algo para usar contra mim caso eu não cooperasse com sua investigação.

— Você está sem sorte, então — respondi. — Jack Morton já saiu da cidade.

— Conversa fiada.

— Muito bem, então você tem a mim — falei. — O que você quer?

— Preciso perguntar onde você está.

— Nem pensar.

— Também tenho que lhe aconselhar a se entregar.

— Gosto ainda menos dessa ideia. Chega de atuação, certo? Você tem um mandado contra mim. Parabéns. Agora você tem uma moeda de troca. No entanto, se você realmente quisesse me pegar, teria rastreado este número em vez de digitá-lo em seu telefone. Você é uma mulher inteligente. Não teria me ligado a menos que quisesse fazer um acordo. Então faça.

— Como você sabe se eu já não rastreei seu telefone?

Olhei para o céu através do para-brisa.

— Não ouço nem vejo nenhum helicóptero.

— Eu poderia ter chamado uma viatura.

— Então eu saberia que você realmente não está tentando me pegar.

— Muito bem, o negócio é o seguinte: quero que você venha até o escritório de campo agora mesmo. Você precisa se entregar para o FBI. Se me der todo o suporte necessário para solucionar o tiroteio do Regency, eu me certificarei de que os dois homicídios no pântano sejam considerados legítima defesa. Se você não cooperar, eu lhe arranjarei duas acusações de assassinato em primeiro grau.

— Você nunca me verá em uma cela — afirmei. Não pretendia soar arrogante, mas saiu assim, e me arrependi imediatamente. Falei apenas como um fato pragmático. Eu nunca fora preso e certamente não seria pego por conta de um mandado infundado e uma batida policial. Se Rebecca me queria algemado, ela teria que fazê-lo pessoalmente.

— Espero que você saiba no que está se metendo — disse ela.

— A polícia não me assusta.

— Não estou falando da polícia. Essas vítimas de assassinato pertenciam à quadrilha de tráfico de drogas de Harrihar Turner. Acho que você incendiou um de seus carros esta manhã. Agora os homens dele estão morrendo feito moscas. Você tem alguma ideia do que esse cara fez no passado?

— Ouvi algumas histórias — respondi. — Por que você me livraria por legítima defesa?

— Não é a primeira vez que esses dois são suspeitos de enterrar gente nos pântanos salgados.

— Então, afinal de contas, acho que não lhe devo nada.

— Se você vier, posso protegê-lo.

— Estou lisonjeado, mas fico bem por conta própria. Ligarei mais tarde e poderemos nos encontrar. Mas não irei até um prédio do FBI, nem estou me entregando. Ainda sou apenas um cidadão interessado.

— Não mais. Agora você é um homem procurado.

— E tenho que lhe agradecer por isso — falei. — Você emite mandados de prisão para cada homem com quem se encontra?

— Só os que eu quero pegar.

— Muito bem — concordei. — Nós nos falamos mais tarde.

— Se não fizer isso, eu o verei em seu julgamento.

Atirei o telefone pela janela, e o aparelho voou por cima da mureta. Droga, Rebecca Blacker era boa. Olhei para o relógio. Meio-dia.

Faltavam dezoito horas.

42

Conjuntos habitacionais não são projetados para se parecerem com conjuntos habitacionais. São projetados para se parecerem com qualquer outra coisa: subúrbios, áreas em desenvolvimento, prédios de apartamentos, o que for. Projetar residências é um bom negócio, considerando que a alternativa é uma favela, mas um conjunto habitacional ainda é um conjunto habitacional. Dê uma boa olhada, e é possível sentir seu cheiro. O bloco uniforme de residências governamentais era separado do resto da rua por uma fileira de pinheirinhos e um parquinho com chão coberto de lascas de madeira. Mais adiante, um cartaz de uma empresa de empréstimos rápidos sobre uma fileira de caçambas de lixo. Alguém quebrara todas as lâmpadas dos postes. Uma má vizinhança só parece normal durante o dia, mas as pessoas que moram ali sabem onde vivem. O parquinho estava vazio como um cemitério.

A dispersão de Ribbons ficava em um hotel barato próximo a uma pizzaria. Havia uma placa na fachada, voltada para as lixeiras, escrita à mão pelo mesmo sujeito que fizera o cartaz da pizzaria. Hotel Cassandra, televisão em cores, taxas semanais. Não havia nenhum escritório de gerente à vista. A porta da frente tinha caixas de correio com nomes escritos à mão. As pichações nas paredes de estuque pareciam arte moderna de baixa qualidade. As janelas do andar térreo eram protegidas com grades.

Até mesmo os bandidos ricos têm dispersões baratas. Os pobres vivem melhor do que os ricos no que diz respeito ao anonimato. Os todo-poderosos das favelas não pedem recibos de pagamento,

referências ou dois formulários de identificação com fotos. Tudo o que querem é o dinheiro de duas semanas com antecedência.

Entrei.

O quarto de Ribbons ficava no primeiro andar, após um pequeno lance de escadas e abaixo de um corredor empoeirado sob uma luz queimada. O número da porta estava pregado um pouco acima do olho mágico. Havia pequenas fissuras perto da maçaneta, onde alguém, de posse de uma longa chave de fenda e uma força considerável com a parte superior do corpo, fizera uma alavanca para arrombar a fechadura. A madeira ao redor da tranca cedeu primeiro, e a força empurrara o parafuso de aço através da moldura até que esse saísse pelo outro lado. Tudo se rompe com a devida pressão. Dei um passo atrás.

Policiais não abrem portas com chaves de fenda de noventa centímetros. Quando cumprem um mandado de busca contra alguém que não está em casa, geralmente entram com uma chave mestra que pegam de um vizinho ou proprietário. Quando isso não funciona, usam uma gazua. Quando nada disso dá certo, às vezes usam uma ferramenta de bombeiro ou um aríete para entrar, mas esses são últimos recursos e deixam um padrão de ruptura muito diferente. Não, não fora a polícia que fizera aquilo. Alguém chegara ali antes de mim.

Olhei para os dois lados do corredor. Abrir uma fechadura usando uma chave de fenda como alavanca faz muito barulho. Teria sido alto o bastante para chamar a atenção dos inquilinos dos cômodos mais próximos, mas, ainda que tivessem ouvido algo, provavelmente nada fariam. Dava para escutar uma televisão ligada em um quarto no outro lado do corredor. Ninguém mais chama a polícia. Não adianta.

Peguei a arma de Grimaldi, verifiquei o silenciador e empurrei a porta devagar, com o pé esquerdo. A dobradiça se abriu

preguiçosamente e fez um som semelhante ao de unhas arranhando um quadro-negro. Examinei o lugar com os olhos antes de entrar. Verifiquei a sala principal e, em seguida, o banheiro e a cozinha. Não havia nenhum quarto. A sala principal possuía uma cama dobrável em frente a uma antiga televisão em cores. As barras verticais acima das janelas projetavam longas sombras sobre o chão. Chequei o armário e a geladeira.

Ninguém em casa.

Guardei a arma e fechei a porta.

Ribbons fora caprichoso. Eu esperava que a sua dispersão estivesse uma bagunça de papéis de embrulho, caixas de pizza e latas de cerveja, mas, em vez disso, o lugar estava tão vazio e limpo quanto uma cela de prisão. As paredes eram nuas, e suas roupas estavam guardadas em uma maleta Samsonite preta sobre o chão. Havia lençóis embolados ao pé do catre, e o lixo estava amarrado em sacos perto da porta. Todo o lugar cheirava a amônia e Lysol, como se tivesse acabado de ser limpo.

Comecei a revistar as coisas dele. Tirei os lençóis do catre. Puxei as gavetas do armário. Revistei a cozinha. Havia uma chapa ao lado da geladeira, além de uma única panela, uma colher, um garfo e uma faca na pia. No lixo, havia duas latas vazias de sopa de galinha com macarrão. Examinei cada gaveta da cozinha. Estavam todas vazias. Verifiquei o banheiro. Ao lado da pia, havia uma caixa de lâminas de barbear, mas nenhum aparelho ou creme de barbear. No chuveiro, havia uma única barra de sabão, ainda na embalagem. Sob a pia, encontrei um frasco de produto de limpeza e um par de rolos de papel higiênico. No espelho, presa entre o vidro e a moldura, havia uma foto de uma senhora negra que imaginei ser a mãe de Ribbons, além do cartão de visita de um agente imobiliário com um número escrito em tinta azul. Peguei o cartão e olhei o verso, onde se lia: *Azul Vitoriano, Virgínia.*

Os usuários de drogas sabem esconder coisas. Lojinhas para viciados vendem recipientes que parecem produtos domésticos normais, mas que contêm compartimentos secretos para esconder drogas. Já vi tubos de creme de barbear que realmente têm creme de barbear dentro, mas que também têm um fundo falso para esconder cocaína. Um quarto de motel é uma mina de ouro. Atrás da geladeira. Sob o compartimento de verduras. No tanque da descarga. Dentro de uma luminária no teto. Fiz um levantamento e verifiquei cada local. Voltei à sala principal e dei outra olhada na bagagem de Ribbons. Não me incomodei em tentar adivinhar a combinação do cadeado do zíper. Coloquei a maleta em cima da cama e forcei o zíper até arrebentar.

Lá dentro, havia um revólver barato Colt .38 Saturday Night-Special. Era um velho modelo, preto fosco, com a alça do cão serrada. Eles o chamam de "revólver de travesseiro". A alça do cão é serrada daquele jeito para não agarrar no tecido do travesseiro, engatilhar e estourar seus miolos. A coronha fora enrolada com duas camadas de fita adesiva. Havia ferrugem sob o acabamento por causa dos anos de desleixo. Os números de registro eram uma lembrança distante. Chequei o tambor: seis balas velhas, que joguei no lixo. Ao lado da arma, um cilindro preto, da grossura de uma lata de refrigerante, só que duas vezes mais comprido. Era pesado e tinha quatro grandes furos nas extremidades, sendo três de um lado e um do outro. Reconheci-o de imediato.

Era um supressor de Uzi.

Não existe esse negócio de silenciador no sentido literal. A arma sempre faz barulho, porque os gases em expansão que impulsionam a bala rompem a barreira do som quando saem do cano. O supressor esfria e absorve alguns desses gases, de modo que o tiro não soa tão alto. Entretanto, até mesmo um bom supressor não soa como aquelas pequenas e educadas cuspidelas que ouvimos no

cinema e, sim, como o estalar de um chicote ou uma lista telefônica caindo sobre um chão de cimento. O propósito de um supressor não é matar silenciosamente. O propósito de um supressor é evitar que o atirador fique surdo enquanto usa a arma.

Embaixo do supressor havia várias peças de roupa. Uma blusa de moletom. Um par de calças de moletom. Um gorro. Uma camiseta de basquete estilo regata. Um par de tênis desbotados. Duas calças jeans. Fechei a bolsa e dei outra olhada ao redor da sala. Nenhum telefone. Nenhum computador. Nenhum dinheiro. Nenhuma bolsa de objetos pessoais. Verifiquei os bolsos das roupas e estavam todos vazios.

Ribbons realmente respeitava a dispersão.

Mas não ficara ali muito tempo. Até os criminosos mais experientes penduram cartazes de cinema nas paredes e mantêm escovas de dente em um copo junto à pia. Ribbons não havia sequer tirado as roupas da mala. Ele as deixara ali, ao lado da cama, ainda dobradas, pronto para partir a qualquer momento.

O apartamento dele parecia muito com o meu.

Peguei o celular no bolso e digitei alguns números. Apertei o botão verde, mas a chamada não completou. Em vez disso, apenas o símbolo intermitente de número desconectado. Verifiquei o número para ter certeza de que eu digitara o correto. Obviamente, aquele corretor de imóveis não queria ser encontrado. Eu estava prestes a guardar o telefone quando me ocorreu um pensamento.

É difícil descrever. Em um momento, eu estava saindo pela porta da dispersão de Ribbons sem nada nas mãos e, no instante seguinte, comecei a visualizar mentalmente uma apresentação de slides das coisas que eu vira. Fragmentos de informação apareciam e desapareciam tão depressa que eu mal conseguia apreendê-los. O mapa da cidade que eu memorizara. As pílulas e o dinheiro no pacote de fuga de Ribbons. A colher de heroína dobrada no Dodge

perfurado de balas. Os números escritos no verso do cartão do corretor. A Uzi e o silenciador deixados em lugares estranhamente diferentes. A enigmática história do Lobo sobre a menina. *Virgínia*.

— Digitei o número de Marcus.

O telefone tocou e, em seguida, atendeu a mesma voz com sotaque do Meio-Oeste.

— Five Star.

— Estou procurando Marcus. É o fantasma.

Houve uma pausa enquanto ele levava o telefone até Marcus. Dava para ouvir cada passo e cada retinir dos apetrechos de cozinha.

Quando Marcus finalmente falou, sua voz estava à beira do colapso.

— Jack? — disse ele.

— Marcus, sei onde está o dinheiro.

43

Foi assim que expliquei para ele: toda casa à venda nos Estados Unidos tem um número. Não apenas um endereço, mas um outro número também. Um tipo de código chamado SLM, abreviação para Serviço de Listagem Múltipla. Quando um corretor de imóveis põe uma casa no mercado, o imóvel recebe um número de seis ou sete dígitos, o qual permite que qualquer corretor no país a procure em um banco de dados para que, por exemplo, um corretor que more na Filadélfia possa buscar casas à venda em Atlantic City sem ter que dirigir até lá.

Contudo, desde que a economia entrou pelo cano, tem havido centenas de milhares de casas no mercado que ninguém quer. Todos querem vender, mas ninguém quer comprar. Isso vale especialmente para casas hipotecadas. Ficam ali com placas de *Vende-se* durante algumas dezenas de meses e, então, começam a apodrecer. E uma casa abandonada é o lugar perfeito para se esconder após um assalto. As pessoas que viviam ali se foram há muito tempo, e não existe qualquer chance de alguém vir dar uma olhada no lugar após um período tão longo. Pode ser difícil encontrar uma ao acaso, mas é muito mais fácil se você conhecer um corretor de imóveis desonesto ou o administrador de propriedades de algum banco disposto a "alugar" o imóvel por baixo dos panos durante um curto período de tempo.

Os sete dígitos no verso daquele cartão de visita não eram um número de telefone. Eram o número de uma casa. E Virgínia não é

apenas um estado dos Estados Unidos. É também o nome de uma avenida em Atlantic City.

— Mas você tem alguma coisa para fundamentar essa sua teoria?
— perguntou Marcus.

— Vou até lá agora mesmo.

— Não quero promessas. Quero ouvir que você está com o dinheiro e, então, que você o enterrou tão profundamente que precisará de uma escavadeira para tirá-lo de onde está.

— Não vai demorar — falei. — Este é o tipo de lugar para onde eu iria se estivesse fugindo.

— Mas você não é Ribbons. Você é bom nisso.

— Não precisa me lembrar.

Dava para imaginar Marcus mordendo o lábio.

— O Lobo tem lhe dado mais trabalho?

— Não nas últimas horas.

— Se algo acontecer, me avise. Quero terminar meus assuntos na Costa Leste o mais depressa possível.

— Entendi.

Desliguei, tirei a bateria do telefone e joguei-a em uma lata de lixo no corredor. Um pouco mais adiante, quebrei ao meio o resto do aparelho e, em seguida, atirei as peças em um bueiro.

Voltei para o carro. Acionei o motor e liguei o GPS no painel. Eu queria ter certeza absoluta de para onde estava indo. Apertei os botões e esquadrinhei a cidade. Acompanhei toda a extensão da Virginia Avenue e, em seguida, peguei outro celular em minha mochila e o liguei. Assim que a tela ficou branca, digitei o número do Lobo. O telefone tocou uma. Duas. Três vezes.

— Alô?

— Alô? — respondi — Quem fala?

Não era o Lobo. A voz do outro lado da linha era grossa e rouca. A conexão estava ruim. Esperei melhorar, mas isso não aconteceu.

Tudo o que eu conseguia ouvir era o rumor do carro e uma voz masculina grave.

— Ninguém. Quem diabo é você?

— Aqui é o fantasma. Quero falar com o Lobo.

— Ele não quer falar com você. Na verdade, quando ele o encontrar, vai esmagar cada um dos seus dedos com um martelo.

— acredite, ele quer falar comigo.

— Você é um homem morto, sabia?

— É. Mas sou um homem morto muito rico.

Houve uma pausa.

O sujeito estava pensando, ofegante. Após um instante, ouvi o telefone sendo friccionado contra algum tecido. Segundos depois, ouvi o aparelho sendo passado para outra pessoa e alguém mais contendo a respiração.

— O que você quer? — perguntou o Lobo.

— Quero fazer um acordo.

44

A linha ficou em silêncio por um instante, e eu consegui ouvir pessoas falando em voz baixa ao fundo. A conexão ainda estava ruim, e eu não era capaz de distinguir as palavras, mas parecia que o Lobo conversava com uma ou duas outras pessoas, com a mão sobre o telefone para abafar a conversa.

Pouco depois, o Lobo voltou e disse:

— Você deve ter um último desejo, Fantasma.

— Posso lhe dizer o que tenho em mente?

— Não, seu merda. Você acha que pode matar dois dos meus homens, hospitalizar outro, destruir dois dos meus carros e sair vivo dessa? Você cometeu seu último erro, Fantasma. Vou jogar você no pântano salgado pessoalmente.

— Como já disse, quero fazer um acordo.

— Você tem dez segundos antes de eu desligar e dizer para cada um dos meus homens que quero o seu coração dentro de um jarro.

— Mas tenho algo que você deseja, e quero lhe oferecer a chance de obter essa coisa. Acho que você devia fazer um acordo comigo, porque senão enfrentará consequências terríveis. Se trabalhar comigo, vai ganhar. Caso contrário, vai perder.

— O que o leva a pensar que eu faria um acordo com você depois do que fez comigo?

— Porque eu sei onde está o dinheiro, e você é um homem inteligente.

— Um homem inteligente colocaria uma bala entre os seus olhos assim que o visse — disse o Lobo. — Um homem inteligente saberia

exatamente quão perigoso você realmente é, e o eliminaria antes que matasse mais alguém.

— Então vou dar um outro motivo.

— Qual?

— Você quer destruir Marcus mais do que quer me punir, e eu sou sua melhor chance de fazer isso acontecer.

— Você é muito presunçoso, Fantasma.

— Mas não estou errado.

Houve um breve momento de silêncio. Apesar de toda a bravata, Lobo era um homem inteligente, racional. As ameaças só lhe davam mais tempo para pensar. Ele sabia que eu estava certo. Eu não era seu maior problema. Se ele conseguisse tornar Marcus meu inimigo, esqueceria os três corpos e os dois carros em um segundo novaiorquino.

— Sua voz está diferente — disse o Lobo.

— Eu a mudei.

— Então, o que quer?

— Quero duzentos mil dólares em dinheiro ou em títulos ao portador.

Ele bufou.

— Você está maluco, porra.

— Essa é minha oferta.

— Você se acha o máximo. Eu poderia estar disposto a lhe oferecer sua vida em troca da cabeça de Marcus em uma bandeja, mas nada além disso.

— Ameaçar me matar não o levará a parte alguma. Eu me livrei dos seus homens no pântano salgado com a maior facilidade. Não acho que você vai conseguir me pegar mesmo que coloque todos os homens da sua organização atrás de mim. Então, se quiser Marcus fora do caminho, terá que me pagar duzentos mil. Caso contrário, enterrarei o dinheiro, deixarei que exploda no fundo de um buraco

em algum lugar e irei embora como se nada tivesse acontecido. Essa é minha oferta.

— Eu prefiro vê-lo morto.

— Então esta é a última vez que você vai ouvir falar de mim — avisei. — Quando estiver preso, mande minhas lembranças para Marcus. Vou incriminá-lo pelo assalto.

— Como você acha que fará isso?

— Posso esconder o dinheiro em um lugar muito importante para você. Assim, quando explodir, os policiais vão ocupar suas instalações como anjos no dia do Juízo Final.

— Você acha que pode me chantagear?

— Sim — respondi. — Acho que posso.

Lobo ficou em silêncio por um instante, o que era estranho. Ele não apenas parou de falar. Também parou de respirar.

— Alô? — chamei.

— Eu lhe darei cem mil — disse o Lobo.

— Quero duzentos. É menos de um quinto do que está na carga federal. Não me obrigue a pegar pesado, Harry. Estou pouco me lixando. Já tenho o dinheiro. Você não devia tentar forçar a barra comigo.

— Isso é uma ameaça?

— Depende da sua contraproposta.

— Posso lhe dar cinquenta mil hoje à noite, e mais cem na segunda-feira. Qualquer centavo a mais seria loucura.

— Nada feito — interrompi. — Não vou ficar nesta merda até segunda-feira. Quero duzentos mil hoje à noite, ou vou embora.

— Os bancos estão fechados, Fantasma. Não tenho como conseguir tanto dinheiro até abrirem. Meus fundos não têm liquidez. Não costumo guardar grandes somas de dinheiro comigo.

— É mesmo? Isso o torna o primeiro traficante de drogas da história que não tem problemas de caixa. Sabe que os colombianos

têm que construir casas só para guardar dinheiro? Você ouviu meu preço. Agora chega de conversa fiada.

— Ofereço cento e cinquenta hoje à noite, mas não mais do que isso. Se quiser mais, vejo você no inferno.

Fiquei em silêncio por um instante, então respondi:

— Tudo bem, dá para o gasto.

Lobo emitiu um som que soou como algo entre um suspiro e um gemido.

— Venha até minha suíte no Atlantic Regency daqui a algumas horas. Estarei com seu dinheiro.

— Você tem uma suíte no Regency? Que coincidência.

— Parece que você não confia em mim.

— Seu homem acaba de dizer que você esmagaria todos os meus dedos com um martelo. Não, claro que não. Eu não confio em você.

— Tenho um clube de striptease abandonado na esquina da Kentucky Avenue com o North Martin Luther King Boulevard. Podemos nos encontrar lá.

— Eu escolho o lugar — falei.

— Você negociou tudo o que podia hoje, Fantasma — disse o Lobo. — Vamos parar com este jogo, certo? Ou você faz a coisa do meu jeito, ou não teremos um acordo. Se você acha que estou intimidado, está completamente errado. Você trará a carga federal até meu clube, sozinho, ou da próxima vez me verá através de uma nuvem de tinta e um saco plástico. Então, vai topar ou não?

Fiquei em silêncio, só para fazê-lo esperar.

— Fechado — respondi.

45

A casa de Ribbons tinha um único pavimento e ficava na North Virginia Avenue, a quinze quadras do calçadão. Não demorei muito até encontrá-la. O lugar devia ficar a menos de vinte quarteirões do Regency, e eu sabia onde procurar. A vizinhança era estranhamente agradável. Se eu passasse por aquela rua, jamais imaginaria que Ribbons acabaria ali. A rua era larga e lisa, e os pinheirinhos perfilados na calçada farfalhavam ao sabor da brisa marítima. Pessoas com empregos de verdade viviam naquele bairro. Gente que morava em bairros como aquele tinha seguro-saúde, contas de aposentadoria e crianças brincando em seus quintais. Ribbons se escondera à vista de todos. Ele escolhera um lugar onde ninguém pensaria em procurar um usuário de drogas alucinado com uma ou mais balas no corpo.

Depois de subir e descer a rua durante algum tempo, vi a casa pintada de azul-vitoriano. Estacionei em frente, do outro lado da rua, e semicerrei os olhos diante da claridade ao sair do carro. A casa era horrível. Parecia ter sido uma luxuosa casa de veraneio, mas quase nada sobrevivera de sua antiga beleza. A porta da frente tinha placas de compensado pregadas, assim como a maioria das janelas. Havia uma grande placa de madeira onde se lia *Vende-se* cravada no gramado atrás da caixa de correio, mas a placa apodrecia aos poucos, devido à erosão do sal, e estava toda pichada, de modo que não dava para ver o nome do corretor de imóveis. A pintura da casa se reduzira a quase nada, e as janelas do segundo andar estavam quebradas e abertas às intempéries. Olhei para cima e assobieei.

Sou um perito em esconderijos, e aquele era ótimo. Em primeiro lugar, porque residências domésticas são maravilhosas, e não apenas porque, por lei constitucional, não podem ser revistadas pela polícia. Ribbons poderia ficar ali durante dias sem muito desconforto, e ninguém desconfiaria de nada. Segundo, porque ele não deixara uma papelada como rastro. A única pessoa que poderia definitivamente associá-lo à casa seria o agente imobiliário que ele subornara para conseguir o endereço. Terceiro, o lugar não se encaixava no perfil. Ficava em um bairro bom demais para atrair o tipo de escrutínio policial que poderia arruinar todo o esquema, mas não tão bom ao ponto de as pessoas se darem conta de que ele estava morando ali. O lugar era *perfeito*.

E o Mazda Miata 2009 verde-caçador que Ribbons roubara estava estacionado bem ali.

O carro passara pelo diabo. Os faróis dianteiros estavam quebrados e havia um amassado em cima da porta do lado esquerdo do tamanho de uma pequena mesa. O veículo estava estacionado atrás de alguns arbustos, e a placa não era visível da rua. Dava para notar manchas de sangue e terra na janela do lado do motorista. O carro estava ali, mas Ribbons não estava a bordo, é claro. Ao menos ele conseguira entrar. Eu odiaria morrer em um carro japonês.

Caminhei até a porta da frente e chutei-a com força suficiente para arrombar a fechadura. A porta foi praticamente arrancada das dobradiças. Então, dei alguns chutes no compensado e a coisa toda cedeu.

Como disse, o lugar já fora bonito. O caro papel de parede era um padrão floral repleto de folhas exuberantes e frutas maduras. Ao longo dos forros, havia frisos ornamentados em forma de ramos de ameixeiras retorcendo-se em todas as direções. Era muito bonito, mas as paredes estavam escurecidas, com manchas marrons de infiltração, e as luzes estavam todas quebradas. Em um dos cantos,

alguém escrevera com tinta em spray: *Nada é mais forte do que o hábito.*

O interior da casa era escuro, quente, úmido e podre. Grossas partículas de poeira pairavam no ar, e demorou um pouco até que meus olhos se adaptassem à escuridão. Acionei o interruptor de luz mais próximo, mas nada aconteceu.

Havia um rastro de sangue enegrecido e ressecado no tapete.

Logo depois de ver o sangue, o cheiro me atingiu de uma só vez: algo como peixe podre, fezes e pólvora. As gotas de sangue ficavam mais frequentes em direção ao centro da casa, através de um curto corredor e além de um closet e um banheiro. Parecia que alguém pintara uma faixa preta contínua ao longo do tapete.

Ribbons.

Seu rifle Kalashnikov estava encostado no batente da porta. O ferrolho estava encrostado de sangue e coberto de resíduos de pólvora. Havia outras coisas espalhadas ao longo do rastro de sangue. Uma luva de látex. Um pente de Colt 1911. Uma bala de 7,62x39mm. Uma máscara de esqui preta.

Ele estava ali, com certeza.

E ainda estava vivo.

46

Quando eu o encontrei, Ribbons mais parecia um cadáver do que um ser humano. Seus olhos estavam vidrados, e sua respiração era rasa. O subir e descer de seu peito era o único sinal de que ele ainda estava vivo. Sua voz se resumia a um rouco e ressecado sussurro.

— Água — pediu.

Ele estava caído contra uma parede na sala de estar, sobre uma poça de sangue. Seu colete de Kevlar e seu moletom estavam encharcados. O rosto estava pálido, e os pés, inchados. Parecia calmo, com exceção de seus olhos, que supuravam um pus verde nos cantos. A bala o atingira a cerca de dez centímetros acima do umbigo e fizera um buraco através do colete. Duas outras balas que não atravessaram estavam alojadas no colete. Dava para ver os pontos de chumbo amassado despontando das placas de cerâmica. Havia um extenso rastro de sangue ao longo da parede contra a qual ele tombara e deslizara até a posição atual. O sangue estava tão velho que começava a ficar preto.

A maioria das pessoas com um tiro na barriga não dura quinze minutos. Geralmente, o ácido clorídrico do estômago vaza no sangue. Isso provoca algum tipo de choque, que mata rapidamente. A vítima entra em coma e morre minutos depois. Aquela bala, porém, não alcançara o estômago. O colete a desacelerara. Deve ter reduzido a velocidade lentamente e parado na gordura de Ribbons, sem jamais atingir seus intestinos. Ainda estava alojada em seu

abdome, penetrando pouco a pouco em seu corpo, à medida que ele respirava.

Umás vinte horas antes, um cirurgião, um dos bons, talvez pudesse salvá-lo. Agora não. Seu rosto já perdera a cor. O pus que se acumulava em seus olhos era um sinal de infecção. Assim como o som de seus pulmões. Agora, ele estava só esperando para morrer.

— Tira? — murmurou.

— Não — falei. — O Pai me enviou.

— Água — disse ele. — Por favor.

Não respondi. Apenas fiquei ali, de pé.

— Água.

Olhei para o corredor. Disse para mim mesmo que estava procurando o dinheiro, mas não era verdade. Se o dinheiro estivesse no corredor, eu já o teria notado.

— Por favor — pediu ele. — Água.

O rosto de Ribbons estava manchado, e suas mãos, encrostadas de sangue coagulado. Seus lábios pareciam tão secos quanto areia. Ele fez contato visual, e seu olhar não vacilou.

— Por favor, cara — disse ele.

— Onde você escondeu o dinheiro, Ribbons?

— Por favor.

— Primeiro eu preciso do dinheiro.

Ribbons não disse nada. Seus dedos estremeceram, e ele apontou para o corredor. Virei a cabeça e segui a linha de seu gesto para fora do quarto, pelo corredor, então me levantei e fui na direção do interior da casa silenciosa. O quarto ainda tinha uma antiga armação de cama e uma cômoda, mas parecia vazio, e suas sombras me causavam uma sensação de mal-estar. Ribbons não tivera a oportunidade de viver ali. O local nunca tivera uma alma.

Tateei através da escuridão. A luz de fora entrava pelas rachaduras na madeira como feixes de laser vermelho. Ao longe, dava para

ouvir os carros correndo pela rodovia.

O dinheiro estava no armário.

Eu sabia que estava ali sem nem mesmo precisar abrir o saco de Kevlar azul manchado de sangue. Apanhei-o e encaminhei-me até a porta da frente, mas parei antes de alcançá-la. Ribbons mal conseguia erguer a cabeça e olhar para mim, de pé sob o batente da porta. Era como se ele estivesse sob o peso de milhares de tijolos, e cada pequeno movimento exigisse um esforço descomunal para ser concluído. Seus lábios se moviam, mas as palavras não saíam. Talvez estivesse rezando.

— Água — disse ele.

— Sim, tudo bem — concordei. — Vou lhe dar água.

Deixei-o sozinho na sala, mas apenas por um minuto. A cozinha ficava duas portas corredor abaixo, junto à sala de jantar, e tinha uma pequena copa. Entrei em meio à escuridão e abri a torneira, que gorgolejou um pouco, mas, logo em seguida, começou a verter água. Abri as gavetas, mas estavam todas vazias. Improvisei uma concha com as mãos e a enchi de água. Voltei através das sombras até a sala de estar. Os dedos de Ribbons estremeceram quando viu o que eu estava fazendo.

— Por favor — disse ele.

Jurei e ajoelhei-me na piscina de sangue e vômito ao lado dele. Levei minhas mãos aos seus lábios até a água escorrer para dentro de sua boca e por seu queixo. Ele bebeu com sofreguidão. Pediu mais. Fiz outra viagem até a cozinha e voltei a lhe dar água. Não disse nada. Apenas observei-o beber. Quando terminou, ficamos em silêncio durante algum tempo. A velha casa rangia e murmurava. Ajoelhei-me ao lado dele, e Ribbons tentou manter os olhos em mim. Fez-se silêncio.

Então, ele disse:

— Tiro.

— Sim — falei. — Um deles atravessou. Você está morrendo.

Ele balançou levemente a cabeça, e seus dedos voltaram a tremer. Segui seu olhar até uma bolsa preta de náilon no canto da sala, que estava fora do alcance de Ribbons.

— Tiro — murmurou.

Puxei a bolsa para perto de nós. Dentro dela havia uma caixa de luvas descartáveis, um isqueiro e uma seringa. Lenta e dolorosamente, ele apontou para o bolso lateral. Ali havia um saco plástico do tamanho de um sanduíche contendo alguns farelos de uma substância marrom com textura de massa de panqueca.

— Tiro — gaguejou Ribbons.

Eu estava olhando para meio grama de heroína.

— Por favor — disse ele. — Tiro.

Há poucas coisas no mundo que eu odeie mais do que heroína. Odeio mais do que pessoas que vendem crianças para fins sexuais. Odeio mais do que matar uma mulher. Odeio mais do que a sensação que tenho quando estou sozinho há tanto tempo que preciso me olhar no espelho e treinar a fala, até minhas palavras soarem humanas outra vez. Há poucas coisas neste mundo que estimulam este meu lado, mas lá estava. Em minhas mãos.

Ribbons estava me pedindo para matá-lo.

Uma dose de heroína seria fatal. Ribbons perdera muito sangue, e seu organismo não seria capaz de lidar com aquilo. Uma dose normal o atingiria com o dobro da intensidade, algo como tomar uma garrafa de tequila inteira após doar sangue. Até mesmo a menor quantidade de heroína poderia lhe provocar uma overdose, ou, se isso não acontecesse, ao menos dificultar sua respiração. Naquela situação, ele poderia sufocar sob o próprio peso. Se eu o deixasse sozinho, sangrando no chão, ele poderia durar mais seis ou sete horas. Se eu lhe desse uma dose de heroína, ele estaria morto

em questão de minutos. Segundos, se eu errasse a dose. E eu certamente erraria. Eu jamais medira heroína em toda a minha vida.

Ribbons não tirava os olhos mortíços e injetados de mim. Ele respirava com dificuldade. Dava para ouvir o som doentio do fluido acumulando-se na base de seus pulmões.

— Se eu lhe der isso, a dor não vai passar — expliquei. — Você perdeu muito sangue. Você estará morto antes mesmo de eu retirar a agulha.

Sua voz era apenas um sussurro.

— Por favor, cara.

Tirei a Beretta com silenciador e apontei para a cabeça dele.

Àquela distância, uma única bala acabaria com seu sofrimento antes que ele se desse conta do que estava acontecendo. Ele estaria morto instantaneamente. Pressionei o cano no ponto macio entre seus olhos até estar certo de que ele entendera o que eu estava lhe oferecendo.

Ribbons balançou a cabeça.

— Por favor — sussurrou ele. — Tiro.

Hesitei. Eu seria capaz de colocar uma bala na cabeça dele, mas não assim. Eu já atirara em pessoas. Eu sabia como seria. O gatilho resistiria um pouco e então cederia, o cão seria acionado, o cano dispararia a bala, e o cérebro de Ribbons se espalharia pela parede. Seria como apertar um botão. Ele não sentiria nada. Já uma overdose fatal seria algo totalmente diferente. Eu não sabia quanto tempo levaria. Não sabia a quantidade de droga necessária. Não estava pronto para aquilo. Disse para mim mesmo que não queria lidar com o problema, mas essa não era a verdadeira razão para eu não querer fazer aquilo. Não mesmo.

Minha mãe morreria de overdose de heroína.

Ribbons murmurou algo, mas sua voz estava muito fraca para eu conseguir ouvi-lo. O som me tirou de meus pensamentos. A poça de

sangue em volta dele estava crescendo. Não era perceptível antes, mas dava para ver agora. Em alguns minutos, aumentara alguns milímetros, como a água de uma goteira em um cano de drenagem. Seus lábios se moviam, mas ele não emitia som algum. Talvez estivesse falando com alguém que não estava ali. Talvez estivesse se despedindo, mesmo que fosse apenas de si mesmo.

Sua respiração estava rápida e ofegante.

Catei a heroína do chão.

Havia uma colher de sopa no saco de náilon ao lado da munição e um pacote de cotonetes. Coloquei a seringa, a heroína e os cotonetes no chão, ao lado de Ribbons. Peguei uma pequena quantidade da substância marrom e depusitei-a sobre a colher. Em seguida, levei a colher até a cozinha e pinguei um pouco de água da torneira. Acendi o isqueiro e coloquei a colher em cima da chama. Não demorou muito até que a água fervesse e espumasse e a heroína se dissolvesse. Tirei a colher do calor, arranquei um pouco de algodão de um dos cotonetes e coloquei-o na colher. Cravei a agulha no algodão e cuidadosamente suguei a solução de heroína para dentro da seringa, usando o algodão como filtro. Tirei as bolhas de ar da agulha e olhei para Ribbons. Sua boca abria e fechava como se ele fosse um peixe agonizante.

Tirei o cinto e me arrastei até o lado dele.

Ele pousou o braço direito entre as minhas pernas. O sangue em suas mãos manchou minha calça e encharcou meus joelhos. Arregacei a manga de sua roupa e, lentamente, envolvi seu braço com meu cinto, como um torniquete. Dei uns tapinhas na dobra do braço até as veias ficarem visíveis sob a pele. Ele tinha marcas de agulhas que subiam até o ombro. Demorei quase um minuto para encontrar uma veia utilizável. Se eu errasse, poderia injetar acidentalmente em algum músculo, e sua morte seria ainda mais

lenta e dolorosa, porque a injeção arderia até o momento em que a overdose o matasse.

Cravei a seringa em seu braço. A agulha entrou de lado, ao longo do comprimento da veia, até atingir a ruga marrom escura onde se notava que ele se aplicara antes. Puxei o êmbolo ligeiramente para trás. Um pouco de sangue entrou pela agulha e dissipou-se no líquido marrom como uma flor.

— Por favor — murmurou Ribbons.

Eu não conseguia pensar em nada para dizer.

Pressionei o êmbolo. Dava para ver a superfície de sua pele começando a ficar vermelha. Quando a seringa esvaziou, eu a retirei, deixei-a no chão e desatei o cinto de seu braço. Estava feito.

É difícil ver um homem morrer. Alguns segundos depois de eu ter injetado a dose, Ribbons começou a senti-la. A dor esvaiu-se de seu rosto. Seus olhos se arregalaram, como se estivesse acordando, e ele emitiu um som que me soou como um suspiro de alívio. Por um instante, apenas um instante, a dor desapareceu. Suas pupilas se retraíram, e sua cabeça tombou para trás. Ele olhou para o teto com tamanha intensidade que parecia estar vendo o próprio Deus ali em cima. Mas o momento passou. O rosto de Ribbons ficou vermelho, e as pálpebras voltaram a cair. Gotas de suor formaram-se sobre todo o seu corpo. Alguns minutos depois, ele ficou mole de encontro à parede. Logo começaram as convulsões. Seus olhos se fecharam, e sua cabeça caiu de encontro ao peito. Sua boca espumava. Eu vi sua respiração ficar cada vez mais lenta até os tremores pararem e ele morrer.

Eu estava ajoelhado em uma poça de sangue.

Voltei até a porta e peguei o saco de Kevlar azul revestido de chumbo. Ali dentro havia um pouco mais de um milhão e duzentos mil dólares, quarenta rastreadores GPS e setenta pacotes explosivos de tinta. Saí pela porta e fui até o Mazda Miata verde na garagem.

Olhei para o relógio. Eram quatro da tarde.
Faltavam catorze horas.

K U A L A L U M P U R

As portas do elevador de segurança se abriram. Quando entramos, Hsiu pegou uma lata de tinta preta dentro da bolsa e disparou um longo jato contra a cúpula da câmera. Não importava que a segurança percebesse o apagão, porque nada poderia parar o elevador após os cartões terem sido passados. Uma vez que entrássemos, estaríamos dentro.

Não perdemos tempo. Terminado o trabalho com a câmera, eu, Vincent e Mancini nos ajoelhamos e começamos a vestir nossas fantasias bancárias. Cada um de nós tinha um disfarce diferente. Mancini usava uma velha e larga jaqueta militar verde-oliva e uma balaclava preta de microfibras de alta densidade para cobrir o rosto. Vincent usava uma basta peruca azul-clara, um moletom com capuz e uma máscara de Ronald Reagan. Eu usava uma camiseta preta, uma jaqueta bege e uma máscara de Guy Fawkes. Angela vestia um terninho azul-claro e uma máscara de hóquei. Joe Landis usava uma máscara de soldador de rosto inteiro, com espaço suficiente para seus óculos, e Hsiu, um negócio de plástico claro que obscurecia todos os seus traços faciais. Quando avaliamos o lugar, calculamos que o elevador de segurança demoraria um minuto e vinte segundos para chegar ao último andar. Poderíamos vestir nossas fantasias na metade desse tempo.

Toda essa merda de Halloween tinha um objetivo. Assaltantes que vestem fantasias espalhafatosas tendem a ser menos lembrados do que bandidos que usam roupas simples e facilmente esquecíveis. As máscaras e as jaquetas dão aos reféns algo para olhar. Se o assaltante usar algo brilhante e chamativo, os reféns não se lembrarão de mais nada. Assim, quando a fantasia for descartada, não haverá nada mais para ser lembrado. Sem a fantasia, o assaltante é apenas mais um rosto na multidão.

Calcei um par de luvas de látex brancas. Todos nós tínhamos que usar luvas, apesar de Angela e eu nem mesmo termos impressões digitais. Não queríamos deixar qualquer vestígio de evidência biológica para trás, incluindo manchas disformes. A única exceção era Joe Landis, nosso homem do cofre, porque ele não podia fazer seu trabalho usando luvas. Abrir um cofre de banco requer muita sensibilidade, e nós não tínhamos a menor intenção de colocá-lo em uma posição desvantajosa. Em vez disso, ele portava um garrafão de cinco litros de amônia. Ele a derramaria em tudo que tocasse e seria o bastante. Enquanto calçávamos nossas luvas, Landis estava na parte de trás do elevador, conectando um tubo de oxigênio a uma lança térmica de 1,80m.

Vincent cutucou meu braço e me estendeu a coronha do rifle de assalto G36 do manipulador de dinheiro que pegamos embaixo do carro-forte, bem como um pequeno cinto repleto de pentes de bala. Olhei para ele e pendurei o rifle nas costas. Dava para vê-lo sorrindo para mim através de sua máscara de Reagan quando engatilhou sua arma de cano serrado. Mancini ergueu o polegar e resmungou com o mesmo entusiasmo. Eles estavam mais do que preparados para aquilo. Estavam prontos para *entrar em ação*.

Virei o rosto para o outro lado e mordi o lábio, observando a progressão dos andares em um mostrador acima do painel do

elevador. Vinte e cinco. Vinte e seis. Ouvia-se um *ping* suave toda vez que o número mudava. Vinte e sete. Vinte e oito. Vinte e nove.

Minhas mãos suavam sob as luvas. Eu sempre fico nervoso antes de entrar em um banco. Fechei os olhos e tentei concentrar toda a minha raiva. Estávamos quase lá.

Ping.

O elevador parou subitamente, e as portas se abriram. Uma jovem gerente de cofre esperava por nós. Ela ergueu a cabeça e, em seguida, congelou de medo, deixando cair os papéis que segurava. Não me lembro de muita coisa sobre ela, mas nunca me esquecerei de seu grito. E nem mesmo foi um grito particularmente memorável. Como a maioria, começou como um guinchar agudo e terminou com um soluço histérico. O que me impressionou foi a sincronia. Na maior parte dos assaltos, leva alguns segundos até alguém gritar. Às vezes, paira até mesmo aquele estranho e significativo silêncio, porque todo mundo está em choque e com medo de se mexer. Mas não daquela vez. Assim que as portas do elevador se abriram, a mulher começou a berrar.

Agarrei-a pelos cabelos e joguei-a para dentro de uma das janelas de caixa.

Na verdade, foi bom ela ter gritado. A Malásia tem diversos idiomas principais, mas seu grito os transcendeu. Todos que estavam no banco souberam imediatamente o que se passava, mesmo que não conseguissem entender uma palavra do que eu estava prestes a dizer. Girei o fuzil de assalto e perfurei o teto com uma rajada de fogo automático.

— Ninguém se move! — gritei. — Isto é um assalto!

A seguir, muitas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Vincent pulou os escudos de plástico à prova de balas sobre o balcão e apontou a arma para os caixas. Disse para eles se afastarem de seus postos e não tocarem no dinheiro. Havia botões de alarme silencioso

sob o balcão e, mesmo que os caixas não tivessem coragem de tocá-los, havia alarmes passivos ligados ao dinheiro nas gavetas. Se a última nota fosse retirada de uma gaveta, o alarme soaria.

Ao mesmo tempo, Mancini tomou conta do andar principal. Ele caminhou dos fundos até a frente do banco, apontando a arma para quem encontrasse no caminho e encaminhando todos até o saguão de entrada. Ao chegar à porta da saída de emergência, ele a abriu, pegou uma granada de gás lacrimogêneo de sua bandoleira e jogou-a ali dentro. Em vinte segundos, o gás ocuparia ao menos dois andares de escadaria. Sem ventilação, o material ficaria concentrado ali por uma hora, de modo que seria quase impossível para qualquer um subir as escadas sem uma máscara de gás. Como precaução extra, Mancini trancou a porta com um pesado cadeado de bicicleta. Ninguém entrava, ninguém saía.

Hsiu foi até o saguão e apertou os botões de chamada dos outros quatro elevadores. Dois deles se abriram imediatamente. Quando as portas se abriram, ela fixou um pequeno pedaço de fita adesiva sobre aqueles sensores a laser que impedem que as portas se fechem na mão de alguém. Enquanto a fita permanecesse ali, aqueles elevadores não se moveriam, a menos que fossem liberados por uma chave do corpo de bombeiros. Também não seriam desligados, o que significava que seria difícil para a segurança do edifício tirá-los de funcionamento ou dar início a um cancelamento. Ela cobriu as câmeras sobre os painéis dos elevadores com um longo jato de tinta spray. Nos minutos seguintes, ela esperaria a chegada dos outros dois elevadores e os tiraria de funcionamento da mesma forma.

Angela já se encontrava nos fundos. Deng Onpang, o gerente, estava em seu escritório atrás dos cubículos de vidro. Ela o agarrou pelo colarinho, antes que ele tivesse a chance de se levantar, e prontamente bateu a cabeça do sujeito contra a borda da mesa. O

gerente cambaleou e caiu no chão, atordoado. Chamamos esse tipo de tratamento de “tranco de cabeça”. Se achamos que é provável que alguém vá nos dar trabalho ou tentar acionar um alarme, iniciamos com uma porrada na cabeça. Isso não só permite que o sujeito saiba que estamos falando sério, como também o deixa emocionalmente perturbado, dificultando que ele aja de maneira racional. Um cara com uma pequena concussão não fará merda nenhuma. Quando ele estava no chão, Angela abriu a camisa de Deng e arrancou as chaves do cofre e das caixas de depósito de segurança de seu pescoço. Sabendo que havia um botão de pânico sob a mesa, ela o arrastou para fora do escritório pelo colarinho e atirou-o no chão do saguão.

Joe também não perdeu tempo. Foi direto para a porta do cofre no canto sudeste, perto do coração do arranha-céu. Em menos de vinte segundos, ele estava de joelhos, tirando seu equipamento de perfuração de dentro da bolsa. Havia um outro gerente de cofre a menos de dois metros dele, mas o homem se encontrava imóvel contra a parede, em pânico total. Mancini fez um gesto com o cano da escopeta para ele se afastar.

Pulei em cima da mesa mais próxima e gritei:

— Nós não estamos aqui pelo seu dinheiro. Só queremos o dinheiro do cofre. Está no seguro, assim vocês não perderão nada. Se seguirem as minhas instruções, não sairão feridos. Agora deem na porra do chão.

Hsiu repetiu o que eu dissera em malaio, embora não fosse estritamente necessário. Para muitos propósitos, inclusive bancários, o inglês ainda era a língua vigente. Nós sabíamos que todos os gerentes entendiam ao menos alguma coisa. A tradução era apenas para garantir que nada de importante se perderia no calor do momento.

Apontei a arma para as pessoas no saguão. Quando você está segurando um rifle automático, não precisa ser particularmente ameaçador. A arma se encarrega disso. Eles me olharam totalmente amedrontados, ergueram as mãos e se ajoelharam devagar. Quando a maioria deles estava no chão, tive que lidar com apenas alguns retardatários. Fui até os cubículos de vidro onde os funcionários do banco trabalhavam e arrastei os últimos três gerentes de debaixo de suas escrivaninhas. Dois eram asiáticos, um, britânico. Esses caras eram gerentes de recepção, por isso eu sabia que não tinham botões de pânico ou chaves de caixas de depósito de segurança. Joguei-os no chão, junto com os outros. Voltei aos escritórios para verificar mais uma vez, no caso de alguém ainda estar escondido por lá. Arranquei das paredes os fios dos telefones de mesa. Quando fiz o sinal de "tudo limpo", Vincent desceu do balcão e levou os caixas e a chorosa gerente do cofre até a multidão que começava a se amontoar no canto mais distante dos elevadores. Mancini examinou um por um. Ele não precisava fazer outra coisa além de ficar ali e parecer sério. Os reféns eram tão complacentes quanto ovelhas.

Revistei cada um deles em busca de armas escondidas, começando por Deng Onpang. Bati em seus bolsos, ombros e tornozelos com a ponta do pé. Em seguida, movi-me rapidamente até o próximo refém, então até o próximo. O tempo era essencial. O processo todo demorou menos de meio minuto. No total, tínhamos treze reféns: dois caixas, outros seis funcionários do banco, dois clientes e os três rapazes do carro-forte que mais tarde teríamos que trazer para cima. Nenhum deles estava armado, embora a maioria tivesse carteiras e telefones celulares.

— Peguem os seus telefones celulares e removam as baterias — ordenei. — Então, deslizem as peças no chão até o canto oposto da sala. Não tentem ligar para alguém ou enviar mensagens de

qualquer espécie. Estamos bloqueando o sinal, de modo que não vai funcionar e só nos deixará furiosos. Façam isso agora.

Hsiu repetiu o que eu dissera em malaio, para certificar-se de que todos haviam compreendido.

Mantive um olhar atento sobre os reféns enquanto pegavam seus telefones celulares. Na verdade, não tínhamos um bloqueador de sinal, mas, ao dizê-lo, aumentávamos as chances de sermos mais facilmente atendidos. De modo geral, tudo correu bem. Um dos gerentes disse algo em malaio, que Hsiu traduziu como: "Eu não tenho celular." Desconfiei e fui verificar os bolsos do sujeito, mas nada encontrei, de modo que o deixei e disse para Mancini apagá-lo com tranquilizante. Não queria correr nenhum risco. Esmaguei com o pé cada um dos telefones celulares.

— Tudo limpo — falei.

— Tudo limpo — disse Angela.

Hsiu e Vincent estavam por trás das janelas dos caixas.

— Tudo limpo.

Joe disparava sua lança térmica na frente do cofre.

— Tudo limpo.

Mancini olhou para mim e ergueu o polegar. *Tudo limpo.*

Eu sorri. Simples assim, o banco era nosso. Respirei fundo e olhei para fora da janela. As Petronas Towers brilhavam a distância. Olhei para o relógio. Estávamos dentro do banco havia exatos sessenta e cinco segundos. A parte fácil terminara. Inspirei fundo e expirei lentamente. Meu pulso estava acelerado, e eu precisava mantê-lo sob controle.

Então, a mulher começou a gritar outra vez.

Ela estava agachada no centro do grupo, apoiada sobre as mãos e os joelhos. As lágrimas rolavam por seu rosto e misturavam-se à sua maquiagem em densos glóbulos negros que lhe escorriam pelo queixo e manchavam seu terno. Seus braços tremiam, e seu rosto se

contorcia em uma terrível expressão de pura dor. Dava para ver um filete de sangue escorrendo de seu couro cabeludo, acompanhando as curvas de seu rosto até o queixo. Tive pena dela. Tentei não sentir, mas, apesar disso, uma parte de mim subitamente começou a queimar de culpa. Desviei o olhar e tentei bloquear seus gritos, mas não conseguia. Ela estava tirando minha concentração. Parecia que gritava diretamente para mim, quase berrando meu nome. Perguntei se Mancini poderia me passar a pistola de contato, para que eu pudesse disparar uma carga de drogas em seu pescoço. Dez segundos depois, ela estava dormindo, mas aquilo não mudou nada.

Eu me sentia culpado. Porém, mais do que isso, eu me sentia poderoso.

ATLANTIC CITY

Eu me perguntei quanto tempo levaria até que alguém descobrisse o cadáver. O fedor já era atroz, mas as pessoas podiam ignorar um cheiro vindo de uma casa como aquela. O corretor que lhe vendera o endereço poderia encontrá-lo em uma visita de rotina, mas isso levaria semanas. A essa altura, os tecidos moles em seu corpo teriam começado a apodrecer. Seu rosto estaria irreconhecível.

Pensei por alguns instantes no último pedido de Ribbons. Tudo o que ele queria no mundo era uma última dose. Eu queria achar aquilo desprezível, mas não conseguia. Eu também tenho um vício, e é tão autodestrutivo quando o dele.

Fui até o Mazda Miata roubado por Ribbons. Quando abri a porta, o cheiro me fez ofegar. Era como sangue de peixe e carne podre. Esperei um momento e respirei fundo. O assento estava coberto com sangue e matéria corporal de Ribbons, mas tudo aquilo estava seco e enegrecido após dois dias sob o sol de verão. Dava para ver os pontos onde o spray de coagulação funcionara e onde ele não fizera efeito. Fechei a porta.

Voltei ao Bentley de Lakes. Eu não tinha certeza absoluta de que o carro não estava grampeado, mas era melhor do que qualquer outra alternativa. Entrei e joguei a bolsa de Kevlar azul no banco do passageiro.

Evidentemente, eu precisava esconder o dinheiro antes de fazer qualquer coisa. Claro que ameacei colocá-lo em algum lugar ligado ao Lobo, mas não continuaria com aquilo. Eu não precisava. O Lobo compraria meu blefe de qualquer maneira. Agora que eu tinha o dinheiro, assumira o risco de aquilo explodir a qualquer momento. Minha mente explorou o mapa da cidade enquanto eu dirigia. Peguei a estrada ao longo da costa de volta ao centro, imaginando todos os diferentes esconderijos e pesando os prós e contras.

Estava quase no calçadão quando o céu começou a trovejar e a escurecer muito rapidamente. Uma tempestade se aproximava. Nuvens vermelhas e relampejantes já dardejavam raios sobre o mar. A umidade começava a se condensar em chuva ácida. Um minuto depois, gotas enormes caíam sobre o para-brisa e começou a chover forte. Olhei para o céu com raiva e liguei os limpadores.

O lugar que escolhi era uma faixa de praia abandonada ao sul da cidade, perto da enseada de Absecon. Era um lugar um tanto rochoso demais para ter alguma serventia. Ficava a meio caminho entre a praia e um penhasco. Havia uma curva acentuada na estrada para afastar o tráfego das rochas mortais e do borrifo das ondas.

Havia várias vantagens em esconder o dinheiro em um lugar como aquele. Aquela praia ficava tão longe dos caminhos tradicionais que ninguém encontraria a bolsa escondida entre as rochas nas próximas horas. Em segundo lugar, a maré estava vazando. Dessa forma, não haveria qualquer possibilidade de o dinheiro ser levado pela maré, não importando quão grandes fossem as ondas. Terceiro, se os explosivos fossem detonados, eu preferia que explodissem ali, onde não fariam mal a ninguém. Não estava disposto a esconder explosivos em um lugar onde uma criança pudesse encontrá-los.

Assim que saí do carro, fiquei completamente encharcado. Joguei a bolsa de náilon azul sobre o ombro e peguei um celular. Digitei um dos números de Marcus e enviei uma mensagem de texto.

Sem sorte, escrevi.

Tirei a bateria e o chip do telefone e joguei os pedaços atrás das dunas de areia, além de um antigo trecho de estrada de duas pistas e junto a uma placa que advertia as pessoas a ficarem longe daquela praia. O vento me atingiu de frente, duro e intenso, chicoteando meu cabelo, primeiro em uma direção, depois em outra. Cerca de trinta metros mais adiante, emergi da atarracada vegetação litorânea e enfrentei a arrebentação. Não era um escuro tipo breu, mas um escuro no qual parecia que alguém desligara as luzes do mundo. O ar estava tão denso quanto uma sopa. Caminhei pela praia com a luz azul-clara da cidade refletindo na água do mar.

Cheguei ao pé de uma das dunas maiores e ali me detive um instante. O mar estava mais ou menos vazio agora. A maré estava alta e uma tempestade se aproximava. As poucas nuvens que pairavam no céu naquela tarde haviam sido sugadas pela tormenta que se fermentava ao longo da costa. Troncos à deriva, lixo praiano, latas de cerveja e fogos de artifício usados alinhados pela maré. Um cobertor infantil, azul e encharcado. Um garrafão de cinco litros vazio.

À minha esquerda, talvez a uns trinta metros dali, havia um quebra-mar de pedregulhos que se estendia por outros trinta metros mar adentro, de modo a atenuar a força das ondas que entravam no porto. Na extremidade, a água atingia as rochas com força suficiente para poli-las.

Quando eu era criança, costumava sonhar em ver o mar. Se você é criado em Las Vegas, nunca aprende a associar areia com água. Tenho viajado pelo mundo desde que tinha vinte anos. Não me estabeleço em um lugar por mais de um ano desde que parei de me apresentar para as pessoas com meu nome verdadeiro. Sinto saudades da areia. Por um instante, pensei em para onde iria depois daquilo. Certamente não poderia voltar para Seattle. Pensei no

deserto. Se eu pudesse encontrar um emprego por lá, eu o aceitaria, só para me lembrar de casa.

Enfiei a bolsa azul entre duas rochas, fundo o bastante para ficar alguns centímetros acima da espuma do mar, mas longe da vista de um observador casual. Se o dinheiro explodisse, todas as notas manchadas seriam arremessadas ao mar e lavadas pelas ondas espumantes. Ainda estariam destruídas, mas o efeito seria o mesmo. Antes de prosseguir, eu precisava ter certeza disso. Peguei um celular e tirei uma foto do dinheiro, apenas para ter uma prova. O Lobo pediria o dinheiro. Em vez disso, eu lhe daria uma fotografia.

Voltei devagar até o carro. Disquei para o serviço de informações e solicitei listagens da marina local. Demorou algum tempo até eu encontrar o que estava procurando, mas finalmente consegui falar com uma empresa chamada Atlantic Maritime Adventures. O cara do outro lado disse:

- Como posso ajudá-lo?
- Gostaria de comprar um barco — respondi.

49

Alexander Lakes me esperava na lanchonete. Parecia pior do que há doze horas. Seus olhos estavam vermelhos, o rosto, vincado por rugas de estresse. Uma barba de dois dias brotava de seu queixo e de seu pescoço, e havia uma mancha de café no meio de sua gravata. Ele quase não se moveu quando me viu. Lentamente, ergueu a mão da mesa e acenou.

O lugar estava praticamente vazio. Já anoitecia, e toda a vibração era diferente. A chuva batia contra as janelas de vidro. Hambúrgueres fritavam na chapa, e subia vapor da máquina de café. O cozinheiro olhou para mim enquanto eu passava. Não consegui entender o que aquilo poderia significar. Talvez eu o fizesse lembrar de alguém.

Quando cheguei perto do reservado, Lakes disse:

— Você está diferente.

Dei de ombros.

— Estou ouvindo isso o dia inteiro.

— Não, você parece uma pessoa totalmente diferente. Eu quase não o reconheci.

— Espero que você tenha trazido o que lhe pedi.

Ele pegou uma camisa social branca do saco de compras repleto de roupas que estava ao seu lado. Um terno preto Calvin Klein, uma gravata vermelha e um cinto.

— E a arma? — perguntei.

— Um revólver 38, como o que você portava antes. Já raspei as espirais do cano e removi o número de série, por isso está

completamente limpo. É barato, faz muito barulho, mas funciona.

Ele colocou a arma sobre a mesa para que eu a visse. Não era muito melhor do que a arma que eu tirara de Grimaldi, mas servia para um assalto.

— Ok — falei.

Entrei no reservado e sentei-me na frente dele. Lakes imediatamente se afastou de encontro à cadeira, como se estivesse com medo. Havia manchas de café sobre a mesa e um hambúrguer em um prato entre nós que ele mal tocara: a carne começava a ficar marrom no meio e dura nas bordas. Devia estar na décima segunda xícara de café. Os recipientes vazios de leite cremoso estavam ao lado do ketchup. Ele deve ter ficado ali o dia inteiro.

— Há quanto tempo você está esperando? — perguntei.

Ele olhou para o relógio.

— Quase o dia todo. Quando você disse que provavelmente demoraria um pouco, pensei, você sabe, tipo uma hora ou algo assim.

— Você tem um carro para mim?

Ele enfiou a mão no bolso e tirou uma gorda chave eletrônica presa ao chaveiro de uma empresa de locação de automóveis. Ele a deslizou sobre a mesa em minha direção. Movia-se com uma estranha mistura de exaustão e terror. Seu braço tremeu um pouco. Olhei para a chave e guardei-a no bolso.

— É o Accord vermelho estacionado no fim do quarteirão — disse ele. — Está registrado em nome de Michael Hitchcock, então, se você for parado, terá que fingir que o conhece. Droga, com sua nova aparência, você poderia fingir *ser* ele. É um homem branco, cabelos escuros, trinta e cinco anos.

— Alguma notícia?

— Há um mandado de prisão, mas você provavelmente já sabe disso. Seu rosto está em todos os noticiários de TV. Eles têm uma

foto de câmera de segurança em que você está circulando pelo aeroporto. E um bom close seu falando com uma mulher do FBI. Também informaram altura, peso e data de nascimento. Eu estava preocupado, mas acho que não deveria. Você não parece a mesma pessoa agora. O que diabo aconteceu?

— Eu me arrumei antes de vir para cá. Tomei um banho.

— Deve ter sido um banho e tanto.

— Mal posso esperar para vestir este terno novo.

Lakes assentiu.

— Você precisa.

Lakes moveu a cabeça em direção à televisão sobre o bar. O aparelho estava sem som e passava um comercial do Atlantic Regency, mas eu entendi. Ele passara horas e horas sem fazer outra coisa a não ser ver o meu rosto aparecendo repetidas vezes no noticiário e preocupando-se se ele poderia ser pego. Agora, meu rosto estava diferente. Muitas pessoas têm dificuldade de se acostumar com isso.

Ficamos em silêncio durante algum tempo, e eu o vi beber mais café, de maneira aflita, e cutucar o botão central de seu casaco. Ele esperava que eu dissesse alguma coisa, mas eu não estava com pressa. Lakes estava me dedurando para o Lobo. Eu queria fazê-lo suar.

Peguei o revólver, verifiquei se todas as câmaras estavam carregadas e baixe-o novamente sobre a mesa, de frente para Lakes. Então, peguei o dispositivo de rastreamento que tirara do Bentley.

Ele ficou imóvel, com a xícara de café a meio caminho entre a mesa e a boca. Levou um segundo até se recuperar e voltar a baixá-la. Quando olhou para mim, estava em pânico. Ele sabia o que tinha feito. Ele sabia o que eu faria em resposta. Ele me deu carros grampeados e vendeu minha localização. Na minha linha de

trabalho, é um tipo de traição que normalmente merece uma bala no cérebro. Uma traição como aquela era *imperdoável*.

Lakes engoliu em seco.

— Havia um desses em todos os carros que você me arranjou? — perguntei.

Ele não disse nada. Parecia um veado iluminado por faróis em uma estrada. Eu entendia por que ele não queria responder. Se ele mentisse e eu descobrisse, eu o mataria. Se ele dissesse a verdade, estaria incriminando a si mesmo, e eu o mataria. Não importa o que Lakes dissesse, acabaria mal para ele.

— Então, se eu sair agora e olhar debaixo do Accord que você me trouxe, vou encontrar um desses? — perguntei.

Lakes não disse nada. Apenas fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Você está passando cada detalhe para o Lobo, não é mesmo?

Lakes não se moveu.

Suspirei e, em seguida, coloquei a mão direita sobre o revólver e a cobri com um guardanapo usando a mão esquerda. O restaurante estava tranquilo, e, sentados no reservado de espaldar alto, éramos quase invisíveis. Puxei o cão e a catraca fez um clique suave quando o tambor encaixou no lugar. A câmara estava carregada e travada com uma bala de ponta oca de 8,4g.

— Na verdade, eu deveria saber — disse para Lakes. — Você é o único facilitador nesta cidade, e o Lobo é seu único mercado. Eu devia ter percebido que ou você trabalhava para ele, ou era incompetente demais para se qualificar. Foi culpa minha confiar em você.

Lakes olhou para a arma e não disse uma palavra.

— Você pode falar, sabia? Não vou matá-lo sem ouvir o que tem a dizer. Na verdade, agora que sei que você está trabalhando para o outro lado, acho que teremos um relacionamento mais intenso.

Tenho boas razões para mantê-lo vivo. Claro, também tenho boas razões para manter essa arma apontada e engatilhada.

Lakes continuou sem dizer nada.

— Alguma vez você já ouviu a frase: "*Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo*"?

Lakes balançou a cabeça e murmurou:

— Isso é latim?

— Sim, é latim.

— Nunca ouvi antes.

— Quer saber o que significa?

Lakes olhou para a pilha de guardanapos e disse:

— Não estou certo disso.

— Você quer. Acredite em mim, você quer.

— Muito bem. O que significa?

— Significa um monte de coisas. Na verdade, ouvi essa frase pela primeira vez quando era criança. Naquela época, eu costumava ler tudo o que caía em minhas mãos. Cada vez que um novo livro aparecia na prateleira do supermercado, eu o comprava e, se não tivesse dinheiro, eu lia o máximo que podia ali mesmo, na fila do caixa. Vivia na biblioteca. Às vezes, trombava com os outros porque estava sempre com a cabeça baixa. Mas, ainda que eu lesse muito, nunca encontrei um livro de que eu gostasse. Eu achava a maioria dos livros legais: eram emocionantes, ou românticos, ou assustadores, ou verdadeiros, mas nenhum deles parecia realmente me satisfazer. Sempre faltava algo. Então, prossegui. Li literatura séria: *O arco-íris da gravidade*, de Thomas Pynchon. *Os filhos da meia-noite*, de Salman Rushdie. *O Nome da Rosa*. Mas, apesar de tudo, esses livros não me emocionaram. Então, um dia, alguém me deu uma cópia da *Eneida*. Você conhece a história de *Eneida*?

Ele balançou a cabeça.

— E quanto a Troia? *Ilíada* e *Odisseia*? Cavalos de Troia, monstros marinhos e tudo o mais?

— Sim, isso eu conheço.

— A *Eneida* é um poema épico sobre a fundação de Roma. É uma espécie de continuação da *Ilíada* e da *Odisseia*. Segue a trajetória de um jovem chamado Eneias que escapa de Troia após a queda da cidade diante dos exércitos invasores gregos. Com o que restou de seu povo, ele atravessa o Mediterrâneo. Ele vive aventuras, apaixona-se, luta contra bandidos, experimenta o sobrenatural. Ele faz tudo o que eu gostaria de ler quando era criança, entre outras coisas. Senti que eu *era* Eneias. Assim como ele, meus verdadeiros pais não existiam mais. Assim como ele, senti que estava destinado a algo grandioso. Assim como ele, eu estava entediado com a vida cotidiana. E, assim como ele, eu não era um bom rapaz. Ao menos, não no sentido tradicional. Eneias tinha que fazer coisas ruins para chegar aonde precisava.

— Você lia latim quando era criança?

Dei de ombros.

— Algumas crianças colecionam modelos de aviões. Eu lia latim. Não é tão difícil de entender. Eu gostava muito de ler, além de querer ser Eneias. Mas, veja só, Eneias sabia qual seria o seu destino, porque um profeta lhe dissera. Eu não tinha ideia do que aconteceria comigo. Na maioria das vezes, eu me sentia como se estivesse destinado a não ser ninguém. Sentia como se eu não existisse, a não ser quando estava lendo aquele livro. O único outro momento em que me senti mais vivo foi no dia em que, pela primeira vez, bati na cabeça de um homem e o roubei em plena luz do dia.

— Por que você está me contando isso?

— Quero que você entenda por que estou fazendo isso e quero que diga para o Lobo. Você acha que é capaz de se lembrar? Acha

que pode decorar o que eu disse?

Lakes não respondeu.

— *Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo* — repeti. — É uma citação do livro. É também um lema pessoal. Ao lê-lo pela primeira vez, lembro-me de ter pensado: *Era isso o que eu estava perdendo*. Aquela linha de texto resumia tudo o que eu estava sentindo até então. Ela fez com que toda a minha raiva, confusão e desesperança fossem embora. Fez todos os meus pequenos problemas fazerem sentido. Desde então, venho dizendo isso para mim, como um lembrete.

Lakes mordeu o interior da bochecha.

— Você não me disse o que a frase quer dizer.

— Quer dizer: "*Se você não pode alcançar o céu, erga o inferno.*"

50

Lakes colocou as palmas das mãos sobre a mesa. Ele suave e, ao retirá-las, deixou marcas úmidas no laminado. Quando nos conhecemos, ele me parecia um cara legal, mas tudo estava diferente agora. Ter uma arma apontada para a sua barriga pode fazer isso. Uma gota de suor avançou pelo limiar de sua testa e escorreu por seu rosto.

Movi a pistola para a esquerda, indicando que ele deveria se levantar. Lakes deslizou cuidadosamente para fora do reservado. Mantive a arma apontada para ele o tempo todo. Se fosse tentar algo, seria agora. Ele estava de pé, eu, sentado, e a arma estava ao seu alcance. Se pretendia fugir, ele a agarraria. Um sujeito corajoso teria tentado. Ele não tentou. Em vez disso, ficou de pé no fundo do reservado com uma expressão nervosa no rosto.

— Pague sua refeição — ordenei. — Deixe uma bela gorjeta.

Lakes pegou um maço de dinheiro, separou algumas notas de vinte dólares e deixou-as ao lado do prato. Seu rosto estava ficando vermelho. Eu imaginava o tipo de coisas que passavam por sua cabeça.

Peguei a sacola de roupas que ele me trouxera e mantive a arma apontada para ele com a outra mão. Apoiei o paletó novo sobre o braço direito, escondendo a arma. Lakes recuou um passo para me deixar sair.

Levantei-me com cuidado, evitando dar a ele qualquer oportunidade. Balancei a arma em direção à porta.

— Andando — falei.

O cozinheiro nos lançou outro olhar desconfiado, mas eu o ignorei. Todo tipo de coisa acontece em um restaurante. Para aquele sujeito, eu apenas estava levando um amigo cansado para casa. Olhares desconfiados não significam nada. Abri a porta para Lakes, e a campainha tocou. Ele a atravessou sem fazer movimentos bruscos.

Uma vez lá fora, perguntou:

— O que vai fazer comigo?

Eu o cutuquei.

— Ande.

Fomos até o Bentley em silêncio quase absoluto. Havia uma loja de penhores do outro lado da rua que ainda estava com as luzes acesas. A tempestade arrefecera o calor e o vento da noite estava fresco, mas, ainda assim, Lakes suava através de seu caro terno de seda.

— Ele vai matar a nós dois — disse ele.

— Há anos espero Marcus me matar.

— Não. O Lobo vai nos matar.

— Você, talvez. Eu fiz um acordo. Trocarei o dinheiro do assalto do cassino por uma parte significativa dos lucros.

— Ele fez um *acordo*?

— Você não achou que eu sairia desta sem nada, não é mesmo?

— Pensei que você trabalhasse para Marcus — disse Lakes.

— Não trabalho para ninguém.

Lakes balançou a cabeça.

— O Lobo não faz acordos. Ele vai matá-lo. Se você for encontrá-lo de mãos vazias, ele o torturará até você dizer onde está o dinheiro. Ele vai começar com uma lata de repelente de urso e um isqueiro.

— Não vou encontrá-lo de mãos vazias — acrescentei. — Tenho duas armas agora.

— Você nunca terá a chance de sacá-las.

— Não sou idiota. Sei que ele vai tentar me enganar.

— Se você me deixar ir, posso despistá-lo — disse Lakes. — Posso me certificar de que você escape.

— Sei...

Abri o porta-malas do Bentley. O interior estava revestido com uma camada de grossos sacos de lixo que eu colara às paredes internas com fita adesiva. Sacos de lixo e fita adesiva são itens básicos para criminosos. São necessários em qualquer crime que se preze. Neste caso, serviriam para conter o cheiro. Um corpo pode apodrecer durante meses em um porta-malas forrado com sacos de lixo antes de chamar a atenção.

Lakes congelou quando viu o que havia ali dentro. Parte de mim esperava que ele tentasse fugir. Outra parte esperava que ele finalmente me desse um soco ou fizesse um movimento para tomar a arma de mim. Era o que eu teria feito. Mas sei que o medo faz coisas estranhas com as pessoas. Mesmo quando estão diante da morte certa, alguns sujeitos não conseguem reagir. É como se estivessem paralisados. Simplesmente não conseguem. Lakes ficou assim. Sua respiração parou, e seus pés grudaram-se ao concreto.

E eu nem estava realmente tentando matá-lo. Droga, eu nem queria feri-lo. Só pretendia assustá-lo. Ele passaria algumas horas suadas dentro do porta-malas, morrendo de medo de morrer, até alguém encontrá-lo. Claro, ele me entregara para o Lobo, mas eu jamais teria chegado tão longe sem sua ajuda. Além disso, não sou de matar pessoas. Não mato, a menos que seja preciso. Regra número um.

— Por favor — disse Lakes. — Farei qualquer coisa.

— Achei que você diria isso — falei. — E há mais uma coisa que quero que você faça.

Peguei Lakes pelo pescoço e bati sua cabeça contra o para-choque. A pancada cortou a pele da testa. Ele recuou do golpe,

atordoado. Um pouco mais forte e ficaria desacordado. Puxei-o pelo colarinho e pelo cinto e atirei-o de cabeça dentro do porta-malas do Bentley. Depois de uma pancada daquelas, ele praticamente me ajudou a jogá-lo ali dentro. Era um sujeito grandalhão, mas funcionou. Deixei seus braços se dobrarem em torno de sua cabeça. Ele balançou para a frente e para trás e agarrou o próprio rosto. Estava mole como manteiga.

Fechei o porta-malas e olhei para o relógio. Eram seis e quarenta e cinco da noite.

Faltavam onze horas.

K U A L A L U M P U R

O helicóptero da polícia veio do leste e fez um baixo sobrevoo, soando como um trovão grave ao passar por nós. Eu o observei através da janela de vidro escurecido, até que ele ficasse baixo contra o sol da manhã. Era uma versão simplificada do Twin Squirrel, da Eurocopter, pintado com cores claras para melhor visibilidade. Dois atiradores da PGK vestindo roupas de combate pretas estavam sentados sobre a barra lateral. Olharam para mim através de binóculos equipados com visão noturna, o que parecia surreal em meio ao calor e à luz da manhã, mas fazia algum sentido. Se pretendiam invadir o banco à força, cortariam, em primeiro lugar, a luz e o gás e, em seguida, entrariam com visão noturna para nos abaterem no escuro.

O helicóptero pairou fora da janela por um instante antes de voltar a acelerar para a frente. Circundou o prédio oito vezes antes de ir embora e ser imediatamente substituído por outro helicóptero idêntico. Notei os números na cauda. A Polícia Real da Malásia tinha apenas seis helicópteros em todo o país, e nos enviaram com exclusividade os dois mais novos.

O banco estava estranhamente calmo. Levamos os reféns para uma sala nos fundos dos escritórios e demos a eles tranquilizantes em dose suficiente para mantê-los adormecidos por algumas horas. Os únicos sons eram o silvo agudo da lança térmica e a interminável

agitação das pás do helicóptero. Olhei para fora da janela. Trinta e cinco andares mais abaixo, a polícia estabelecera um perímetro de três quarteirões com caminhões Unimog e barreiras de madeira pintadas de amarelo. Além disso, todo o centro da cidade estava bloqueado com um engarrafamento que mantinha para-choque contra para-choque.

Estávamos no banco havia quarenta e sete minutos.

A razão para a nossa presença, é claro, estava diretamente atrás de mim, depois de duas portas com tranca dupla controladas pelas caixas e uma lâmina de acrílico à prova de bala. Ainda tínhamos que abrir o cofre de duas toneladas de custódia tripla. Joe tentava abrir aquela maldita coisa havia quarenta e cinco minutos e só agora estava chegando perto. Óbvio, cofres exigem muita destreza. Mesmo os melhores arrombadores do mundo tentam evitá-los. Mas, não importava quão rápido Joe trabalhasse, todos desejávamos que fosse um pouco mais ligeiro. Enquanto ele perfurava, a força policial do lado de fora ficava cada vez mais forte, e tudo o que podíamos fazer era olhar.

Todos esperávamos por isso e tomamos uma série de precauções. Nós sabíamos que a polícia acabaria aparecendo. Ninguém passa quase uma hora roubando um banco sem que isso aconteça. Se tivéssemos sorte, haveria agora um par de viaturas e algumas dezenas de policiais armados no saguão. Em vez disso, havia helicópteros sobrevoando e um exército de policiais de elite da PGK fazendo uma barricada em torno do edifício. Tratava-se de um jogo de azar, eu acho.

O som da perfuração preenchia o ar. Não sei abrir cofres, mas sei como a coisa funciona. Para abrir aquele tipo de cofre, três códigos diferentes precisavam ser inseridos em três mostradores distintos em um determinado momento. Cada código tinha três dígitos, com números entre zero e oitenta. Isso significava que o código do cofre

consistia de nove números, entre zero e oitenta, que deveriam ser digitados em uma ordem específica em um dado momento. Isso representava cem trilhões de combinações possíveis. Se alguém tentasse adivinhá-los, inserindo um número a cada cinco segundos, levaria cem bilhões de anos para adivinhar a combinação. O universo tem pouco menos de catorze bilhões de anos.

Joe Landis fez aquilo em quarenta e oito minutos.

Usou uma lança térmica, um visor de fibra óptica e um dispositivo de escuta. A lança consistia de uma vara de 1,80m ligada a um cilindro de oxigênio puro que queimaria na extremidade a uma temperatura de oito mil graus Celsius. Ele a usou para abrir um pequeno buraco na tranca. Assim que o buraco esfriou um pouco, Landis introduziu um cabo de fibra óptica para poder ver o funcionamento interno da tranca. O dispositivo de escuta permitia que ouvisse as engrenagens com precisão sobre-humana e detectasse o menor clique do came de acionamento se encaixando no lugar. Com essas ferramentas, Joe podia ver cada mostrador, ver as ranhuras abertas em cada roda e alinhá-las. Depois disso, trabalhou de trás para a frente, a fim de deduzir as combinações. É claro que havia entalhes fantasmas, cliques fantasmas e códigos de pânico dos quais ele tinha que se precaver, mas Joe sabia como contornar essas coisas. Uma vez descoberto o código, ele teria que adiantar o relógio interno do cofre, para que se abrisse menos de meia hora depois que o código fosse inserido, e fez isso com facilidade. Ele era o melhor arrombador que eu já vira.

Então, ouvi o que soou feito música em meus ouvidos:

— Pessoal, estamos dentro.

Foi tudo o que Joe precisou dizer para irmos correndo até lá. Eu vi quando ele inseriu os códigos, a testa coberta de suor, mas as mãos firmes. Ele girou um mostrador para trás, para a frente e para trás e, em seguida, fez o mesmo com o próximo e com o seguinte. Ao

inserir o último código, ouviu-se um clique. Ele girou a alavanca, e a porta se abriu lentamente.

Bingo.

A sala do cofre era do tamanho de um escritório, repleta de dinheiro até a altura equivalente à coxa de uma pessoa. Ringgits roxos, yuans vermelhos, bahts verde-azulados, rupias azuis, riels cor de laranja, dongos verdes, kips cinzas... um arco-íris de moedas. Contudo, salas de cofres são sempre um pouco decepcionantes. Uma vez passado o choque de ver tanto dinheiro, a sala se torna apenas um compartimento de alta segurança como qualquer outro.

Não perdemos tempo. Calculamos que demoraria cinco minutos para ensacar tudo, de modo que levamos quatro minutos e meio. Tivemos que tomar precauções. Depois de abriremos os compartimentos de valores, verificamos o dinheiro em busca de armadilhas. Alguns maços estavam carregados com recipientes de tinta ocultos que explodiriam assim que nos afastássemos mais de dez metros do edifício. *Dinheiro isca*. Antes de embalarmos o dinheiro de verdade, tivemos que separar os maços com sacos de tinta. Ao contrário da carga federal, no entanto, esses sacos de tinta eram grandes, desajeitados e fáceis de serem detectados. Obrigavam-nos a examinar todas as notas, o que era um inconveniente, mas não um impedimento. Demorou apenas mais um minuto.

Então, depois que removemos todos os pacotes de tinta ocultos, tivemos que romper as tiras verdes que uniam as notas e jogá-las fora. As tiras não eram uma ameaça imediata, mas podiam causar problemas mais adiante. Cada tira de papel trazia impresso o nome do banco, o que posteriormente evidenciaria que o dinheiro estava relacionado ao roubo. Sem essas tiras, porém, nada além de sermos pegos em flagrante poderia ligar aquele dinheiro ao assalto.

Ouvi novamente o troar do helicóptero pairando sobre nós. Gostaria de saber quanto tempo levaria até que eles enviassem um pelotão com fuzis e armaduras corporais pela escadaria. As mãos de Hsiu tremiam enquanto ela enchia um saco de lixo preto com notas de cem ringgit.

— Vamos fazer algo a respeito disso? — perguntou ela.

— A respeito do quê?

— Do helicóptero — disse ela.

— Nosso primeiro plano de fuga já era — respondi. — Não podemos mais sair pelo telhado. Coloquem o piloto no rádio.

Vincent se aproximou por trás de mim, deu um tapinha em meu ombro e me entregou nossa unidade de rádio bidirecional Motorola. É claro que os policiais estariam rastreando todas as frequências, mas aquele rádio em particular era equipado com um misturador digital de 256-bit que codificava o som da transmissão como ruído branco. Os policiais poderiam estar sintonizando a nossa exata frequência e nem mesmo saber que estávamos ali. Apertei o botão.

— Limpador de janela?

— Aqui — respondeu Alton.

— Nossa diversão no telhado já era, então teremos que passar para o plano B. Pegue o carro-forte. Precisamos ir embora vestidos como guardas. Se fizermos isso direito, ninguém saberá que somos nós.

— Pode ser complicado. É só uma questão de tempo até os policiais descobrirem que usamos o elevador de segurança. Eles podem entrar na garagem a qualquer momento e transformar este lugar em uma galeria de tiro.

— Teremos que correr esse risco — falei. — Providencie que o carro-forte esteja pronto para partir assim que as portas do elevador se abrirem, entendeu?

— Apressem-se.

— Câmbio final.

Joguei o rádio de volta para Vincent.

— O que diabo vamos fazer agora? — perguntou Hsiu.

— Um depósito — disse Angela.

Ela pegou as duas chaves de ouro que Marcus nos dera e as estendeu. Eram chaves de caixas de depósito de segurança.

Lembram que o gerente do banco ofereceu a Angela um cofre particular fora do cofre principal a um preço muito em conta? Meses antes de começar a planejar este roubo, Marcus já tinha alugado doze das maiores caixas de depósito particulares do banco por intermédio de uma de suas empresas no exterior. As caixas de depósito de segurança foram alugadas legalmente, com papelada e tudo o mais, sob várias identidades falsas controladas por Marcus. Naquele momento, as caixas estavam vazias.

Estávamos ali para preenchê-las.

Funcionaria assim: em vez de levarmos o dinheiro conosco, encheríamos os cofres de Marcus até a borda e, em seguida, iríamos embora. Sabem, mesmo ao ser assaltado, o banco não pode simplesmente abrir as caixas de depósito de segurança de seus clientes e ver se algo foi roubado. Aquelas caixas são particulares, e o banco não tem o direito de saber o que há ali dentro. A menos que haja um mandado de um tribunal de justiça, as caixas permanecem trancadas, não importando o que aconteça, mesmo depois de um assalto. Se guardássemos o dinheiro ali, poderíamos voltar anos mais tarde, sob novas identidades, e recolher o dinheiro de modo completamente legítimo. Vinte por cento iria para Marcus, é claro, mas isso não importava. Apenas ao bolar aquele plano ele nos tornara podres de rico.

Era genial.

E as caixas de depósito de segurança também eram grandes. Cada uma tinha sessenta centímetros de largura, sessenta centímetros de

profundidade e noventa centímetros de comprimento, ou trezentos e vinte e quatro centímetros cúbicos. Com doze dessas, dispúnhamos de um espaço de quase quatro metros cúbicos. Usando a capacidade máxima, estamos falando de mais de três milhões de notas ou uma média de trinta a cinquenta milhões de dólares de dinheiro em espécie não rastreável e não sequencial. Sorri quando tirei as chaves do bolso.

Tudo seria movido menos de seis metros.

ATLANTIC CITY

Os homens do Lobo me esperavam no clube de striptease abandonado. Não estavam sendo óbvios quanto a isso, mas, de qualquer maneira, eu sabia que estavam lá. Dava para ver os cantos de seus cotovelos e a fumaça de seus cigarros através das rachaduras na madeira acima das janelas. Um dos utilitários pretos do Lobo estava estacionado duas quadras mais abaixo na avenida, entre uma cerca de arame e um estacionamento vazio. Passei pelo veículo a caminho dali.

O clube em si era uma relíquia dos tempos ruins de Atlantic City. O cartaz estava coberto de pichações a ponto de estar ilegível, e a madeira pregada nas janelas se deteriorara e começava a apodrecer. O mato crescia por entre o calçamento do estacionamento e heras murchas escalavam as paredes. Aquele lugar já fora bonito certa vez, havia muitos anos, talvez décadas. As luzes de neon sob o toldo estavam quebradas. O semáforo na esquina da avenida piscava lentamente em vermelho.

Estacionei, saí e bati a porta do carro, para que me ouvissem chegando. Depois que saí, ergui a mão para que também pudessem me ver. A chuva escorria por minha palma e se acumulava no punho da camisa nova. Começara a chover novamente quando eu estava a caminho dali, desta vez uma garoa fina que não passaria tão cedo. Quando me aproximei, enfiei a mão no bolso e segurei a Beretta.

Eu estava no meio da rua quando um dos capangas do Lobo saiu para me receber. Atravessei o estacionamento e parei a uns três metros dele.

Era um sujeito musculoso que usava um casaco preto com o capuz abaixado. Todo o cabelo de sua cabeça fora raspado, inclusive as sobrancelhas, e ele tinha uma tatuagem de dois martelos entrelaçados na testa. Ele me lançou um sorriso desdentado e ergueu a barra do casaco para indicar que portava à cintura uma grande pistola automática Baby Eagle.

— Entregue a arma — disse ele. Sua voz era pesada e arrastada. — Eu lhe darei cinco segundos.

Saquei a Beretta, tirei o pente e puxei o ferrolho para remover a bala da câmara. Mostrei-lhe a câmara vazia e o pente, para que ele soubesse que a arma estava descarregada, e, em seguida, joguei-a no chão entre nós dois. Enfiei as mãos no bolso, dei de ombros e perguntei:

— Onde está o Lobo?

— Esperando — disse o sujeito. — Agora, eu preciso da sua outra arma.

Tirei uma das mãos do bolso. Mostrei-lhe as palmas das mãos vazias, dei de ombros e disse:

— É isso aí.

O homem me encarou, desconfiado, então deu alguns passos lentos para a frente, como se estivesse debaixo da água. Ele afastou meus braços e apalpou meu tórax até encontrar o volume, então levou a mão às minhas costas e puxou o revólver. Ele o apontou para mim e continuou a me revistar com a mão livre para se certificar de que eu não estava carregando nenhuma outra arma. Seu hálito cheirava a menta, óleo de arma e cristal de metanfetamina.

Olhei feio para ele e senti a chuva escorrendo por meu pescoço.

O cara deu um passo atrás, mas manteve os olhos sobre mim. Ele abriu o tambor de meu revólver e empurrou a vareta do extrator. As balas se espalharam pela calçada.

— Agora, você é o único que tem uma arma — falei.

Ele sorriu para mim através de seus dentes tortos, pegou a Baby Eagle do cinto e ejetou o pente de bala. Então puxou o ferrolho, e a bala na câmara pulou para fora. Em seguida, ergueu o pente e removeu as balas com o polegar. As balas caíram no chão, uma a uma.

Clique, clique, clique.

Nossas balas rolaram e caíram nas rachaduras da calçada. Eu não disse nada. Nem mesmo me movi. Olhamos um para o outro do outro lado da calçada como pistoleiros em um antigo filme de banguê-banguê. O vento ficou mais intenso e soprou a chuva em meu rosto.

O Lobo saiu pela porta da frente. Seu terno claro estava perfeitamente seco, mesmo sob aquele aguaceiro. A água escorria do toldo e caía ao seu redor.

— Entre — disse ele. — Vamos conversar.

O clube era furado como uma peneira. A cada metro, água pingava de buracos no teto tão grandes quanto jarros. Depois de tantos anos de maus tratos, a água nem mesmo se acumulava no chão. Caía do teto diretamente no porão, através de grandes vãos onde o chão desabara. Outro capanga esperava lá dentro. Vestia uma jaqueta grossa e pesada de piloto de bombardeiro e estava de pé e silencioso em um dos cantos.

O Lobo apontou para algumas cadeiras dobráveis enferrujadas. Eram daquele tipo de metal feito de aço chinês barato. Entre elas havia uma lata de tinta virada de cabeça para baixo e uma placa de madeira que servia como mesa. Entrei atrás dele, cauteloso.

— Sente-se — disse ele.

Afastei uma das cadeiras dobráveis e dei uma boa olhada no outro sujeito para ver se estava armado. Não vi nenhuma arma, mas há muitos lugares onde alguém pode esconder uma faca ou uma pequena Ruger como aquela que Aleksei sacara no pântano salgado.

— Sente-se — disse o Lobo outra vez.

Quando me sentei, o Lobo me lançou um sorriso estranho. Ele puxou uma cadeira à minha frente, estendeu a mão e estalou os dedos. O sujeito atrás dele abriu o casaco, tirou uma Magnum .357 e colocou-a na mão espalmada do Lobo. A arma era enorme. Tinha facilmente o mesmo tamanho da perna de um bebê e era tão poderosa quanto um pequeno rifle. Era um Modelo Taurus 65 de ação simples, o que significava que pesava quase um quilo e podia disparar seis tiros em menos de dez segundos se o atirador fosse razoavelmente bom.

Eu olhei para a arma, depois, para o Lobo e disse:

— Pensei que faríamos um acordo.

O Lobo voltou a me lançar aquele sorriso estranho. Ele ergueu a arma, liberou o tambor e apertou a vareta do extrator para que as balas caíssem em sua mão. Então pousou a arma vazia sobre a mesa entre nós dois e deixou as balas caírem ao lado. Não fizeram o suave tilintar de sempre. Soaram mais como pesadas balas de 13g, cada uma com o diâmetro de uma moeda de vinte e cinco centavos e capaz de abrir um buraco do tamanho de dois punhos em um homem. Ele empurrou uma delas com a ponta do dedo, e a bala rolou até minha mão.

— Quero ver a carga federal — disse ele.

Girei a bala entre os dedos. *Magnum* significa "grande" em latim. Aquela era uma bala de ponta oca semirrevestida do tamanho de meu dedo mínimo. Era tão exagerada quanto a arma concebida para dispará-la. Baixei a bala sobre a mesa, equilibrando-a na borda.

— Depois que você me mostrar o dinheiro — respondi.

— Não, você primeiro — disse o Lobo. — Você não tem que me entregar tudo, basta provar que está com o dinheiro.

Fiz uma careta e dei um peteleco na bala. Ela tombou e rolou de volta para o Lobo. Ele a apanhou antes que caísse no chão.

— Que tipo de prova está procurando? — perguntei. — Você sabe que eu não trouxe o dinheiro. Assim que me convencer de que está agindo de boa-fé, direi onde está a carga, e você poderá fazer o que quiser com ela. Até lá, não farei nada.

— Alguma vez você já jogou roleta-russa? — perguntou o Lobo.
Eu não disse nada.

— Gosto de jogar — disse ele. — E você também, pelo que me falou. Há seis câmaras nesta arma e, digamos, apenas uma bala. Não sei em qual câmara a bala estará, de modo que a arma disparará, ou não, quando eu puxar o gatilho. É um jogo de estatísticas. A primeira vez que eu puxar o gatilho, tenho uma chance de dezesseis por cento de estourar os seus miolos. Se eu puxar o gatilho novamente, as chances aumentarão. Irão para vinte por cento. Em seguida, vinte e cinco por cento, depois, trinta e seis por cento e, a seguir, cinquenta por cento. Você entendeu? Cada vez que você joga, suas chances pioram.

O Lobo pegou o revólver, abriu o tambor e introduziu uma bala em uma das câmaras. Ele girou o tambor, puxou o cão e pressionou a arma contra minha cabeça.

Então, ele apertou o gatilho.

O tambor rodou, o cão caiu, e a arma clicou quando o percussor atingiu uma câmara vazia.

O Lobo girou o tambor, puxou o cão e, em seguida, baixou a arma à sua frente. Ouvi a água da chuva pingando sobre o concreto. Normalmente, com uma arma grande como aquela, dá para ver em que câmara a bala está alojada. Mas não em um ambiente escuro onde a única luz provinha das rachaduras na madeira sobre as janelas.

— Você disse que queria algo interessante — disse o Lobo. — Isto é interessante. Diga onde está o dinheiro e podemos ir até lá pegá-lo. Em seguida, eu lhe darei sua parte e, depois, poderemos ir para casa.

— Nós dois sabemos que você vai me matar assim que pegar o dinheiro.

— Eu não teria tanta certeza disso — disse ele. — Poderia matá-lo agora mesmo.

O Lobo voltou a apontar a arma para minha cabeça e apertou o gatilho. Vi as câmaras rodarem, o gatilho ceder e o cão cair.

Clique.

Peguei meu celular e o abri. Procurei a foto do saco azul sobre as pedras e ergui o telefone para o Lobo ver. Eu sabia que aquele momento chegaria, mas não sob tais circunstâncias. O Lobo não queria apenas uma prova de que eu tinha o dinheiro. Ele queria me mostrar que estava disposto a se arriscar em um jogo de roleta-russa.

— Então? — disse ele. — Não foi assim tão difícil, não é mesmo?

— Agora que você sabe que eu tenho o dinheiro, quero ver minha parte — exigi.

— Você é inteligente, Fantasma, mas não muito esperto. Eu ainda tenho a noite inteira para torturá-lo. Posso fazê-lo falar se for preciso.

— Você acha que pode me dobrar em algumas horas? Boa sorte. Não sou fraco nem burro.

— Tenho meus meios.

Balancei a cabeça.

— Não tenho medo da sua arma.

O Lobo ergueu-a.

— Ah, isso? Não, isso foi apenas para minha diversão. Quando chegar a hora, você vai falar, mas não porque todo mundo fala. Você vai falar porque vai preferir jogar o meu jogo a ficar aqui, sentado, esperando que eu o mate. Você vai falar, porque não terá outra escolha.

Ele apontou a arma para meu rosto novamente e puxou o gatilho.

Clique.

Baixou a arma sobre a mesa entre nós dois. Fiquei em silêncio durante um minuto e olhei para meu reflexo no cano.

— Você vai falar — disse ele —, porque, afinal de contas, você quer viver mais do que quer ser pago.

— Você entendeu ao contrário — falei.

O Lobo estalou os dedos e cruzou as mãos sobre a mesa.

— É você quem quer viver — acrescentei. — E eu sou aquele que quer ser pago. Se eu tiver que morrer agora, tudo bem. Você não me conhece, mas não estou nessa para ganhar. Faço isso porque não consigo pensar em nada mais interessante para fazer com o meu tempo. Se você fosse me matar ou me torturar aqui, eu não diria uma palavra. Então, quando me matasse, você teria um grande

problema. Escondi o dinheiro, e ninguém além de mim sabe onde está. Pior, quem sabe quando e onde pode explodir? Poderia ser em um de seus esconderijos ou em algum buraco onde seus meninos trabalham. Dessa forma, quando o dinheiro explodisse, seria associado a você. Você vai ser preso por assassinato e roubo com agravante.

— Sem chance — disse o Lobo.

Dei de ombros e prossegui:

— No fim do dia, acho que você estará mais interessado em saber como manter o traseiro fora da prisão do que em me fazer falar. Mesmo que não acredite em mim quando digo que escondi o dinheiro em algum lugar que o comprometa, acabará fazendo o acordo de qualquer maneira. É muito mais barato você fazer negócio comigo do que se arriscar outra vez com essa arma.

O Lobo olhou para mim em absoluto silêncio. Era uma estátua calma e inexpressiva.

Continuei:

— Marcus planejava incriminá-lo, Harry. Ele sempre tem uma intenção oculta, e você caiu direitinho. Levei um tempo para juntar todas as peças, mas consegui. Marcus sabia que você descobriria sobre o assalto. Ele sabia inclusive que você seria estúpido e arrogante o bastante para tentar cooptá-lo. Enviando dois idiotas para roubar a carga federal, ele o *coagiu* a roubar a carga federal. Marcus *queria* que você matasse Moreno e Ribbons. Ele *queria* que você ficasse com o produto do roubo. Ele *queria* que você tentasse usá-lo contra ele. Droga, ele chegou a mandar que Moreno e Ribbons roubassem um de seus carros apenas para contrariá-lo, porque ele sabia que, uma vez que você estivesse com o dinheiro, ele poderia dizer a todos que sabia que você estava planejando enganar o cartel. Olha, ninguém pode roubar uma carga federal e sair limpo dessa, nem mesmo Marcus, um dos maiores cérebros

criminosos do mundo. Você achou que poderia? Você é apenas um traficante de drogas. Você finge ser poderoso, mas está nas mãos do cartel. Para um homem na sua posição, a reputação vale muito mais do que um caminhão lotado de metanfetamina. Se Marcus disser que você agiu de má-fé e as notícias o apoiarem, o cartel não tocará no seu dinheiro. Na verdade, a carga federal nem precisaria ser escondida em um lugar diretamente ligado a você para envolvê-lo no assalto. Acho que, se o dinheiro explodir em qualquer lugar perto de Atlantic City, o resultado será o mesmo: a polícia em cima de você e sua reputação em ruínas. Seu nome estará no topo da lista de cada investigador nos próximos vinte anos. Todo o seu dinheiro será suspeito depois disso. Cada traficante de drogas do mundo o reconhecerá como o homem que roubou a carga federal. Sua única chance de evitar ser acusado do assalto ao cassino é encontrar o dinheiro e levá-lo para o mais longe possível daqui. Dessa forma, quando explodir, você poderá culpar outra pessoa. Se não fizer isso, os cartéis lhe farão em pedaços. Então, quer saber? Acho que, se você não fizer um acordo comigo, sua carreira já era.

O Lobo pegou a Magnum .357 da mesa, apontou-a para minha cabeça e puxou o gatilho. O cão caiu e clicou.

Não estremeci. Nem mesmo pisquei.

— Quero meus cento e cinquenta mil dólares.

O sujeito com jaqueta de piloto se remexeu desconfortavelmente. Seus músculos de repente ficaram tão tensos quanto tambores. Prossegui:

— Se você me matar, vai perder muito mais do que isso. Assim que os cartéis souberem que você roubou uma carga federal, mesmo por vingança, nunca mais farão negócio com você. Mas ambos ainda podemos ganhar com isso. Você me dá o que quero, e eu farei seu problema de dinheiro desaparecer antes de o sol nascer.

É sua única chance de sair limpo dessa. Vamos negociar: cento e cinquenta mil em troca de um milhão e duzentos mil.

O Lobo abriu o tambor de sua arma, introduziu outra bala, girou as câmaras, puxou o cão e disparou.

Clique.

— Você está testando sua sorte — afirmei. — Toda vez que puxa o gatilho, corre o risco de atirar na *sua própria* cabeça. Você não pode me dobrar e não vai me fazer recuar. Portanto, aceite o acordo.

O Lobo baixou a arma sobre a mesa. O canto de sua boca tremeu apenas uma vez. Foi a deixa: um breve vislumbre de seus pensamentos que terminou quase tão rapidamente quanto teve início.

— Tudo bem — disse o Lobo. — Eis a minha oferta, e é melhor você ouvir bem, porque não conseguirá nada melhor. Posso não querer matá-lo, mas posso matar aquela bela agente do FBI com quem você está trabalhando. Entregue o dinheiro, ou ela será um cadáver pela manhã.

54

— Faça o que quiser com ela — falei. — Seu negócio comigo permanece o mesmo.

Lentamente, estendi a mão sobre a mesa e peguei a arma pelo cano. Era pesada, como se alguém tivesse amarrado um tijolo em uma arma normal. Em resposta, o capanga do Lobo sacou uma automática de polímero do bolso de trás da calça e apontou-a para mim. Era uma furadeira, municiada com balas Long Rifle .22, o cano mais curto do que um cartão de crédito. Uma arma como aquela podia não ser muito precisa, mas, àquela distância, seria um milagre ele errar.

— Cuidado, Fantasma — disse o Lobo.

— Só quero lhe mostrar com o que me importo — falei.

Ergui e lhe mostrei a arma. Havia duas balas agora, não apenas uma, então as chances eram diferentes. Girei o tambor e encostei o cano na minha têmpora. Puxar o gatilho foi tão fácil e macio quanto rasgar seda. As câmaras giraram e o cão caiu.

Clique.

Pressionei novamente o gatilho. Ouvi o som da catraca da câmara encaixando no lugar, o cão recuando e travando e o gatilho cedendo.

Clique.

A expressão do Lobo mudou. Ele estava incomodado. Como se não soubesse o que fazer. Como se pensasse que eu explodiria meus miolos apenas para mostrar que era capaz de fazê-lo. Ele se remexeu no assento.

Puxei o gatilho de novo.

Clique.

Baixei a arma e gesticulei para o capanga com jaqueta de piloto, que também parecia nervoso.

— Antes de jogar outra vez — falei —, será que eu poderia filar um dos seus cigarros?

Ele meneou a cabeça e sorriu. Devo tê-lo impressionado. Ele deu um passo à frente, mantendo a arma apontada para mim, e tirou um Marlboro do maço. Então, pegou um Zippo e se inclinou para acendê-lo. Coloquei o cigarro entre os lábios e esperei até que ele estivesse bem perto. Dei duas baforadas, então peguei a Magnum, pressionei-a sob seu queixo e puxei o gatilho.

Bang.

O estampido da pistola foi abafado, como se eu a tivesse disparado através de um travesseiro. A bala fez um buraco em forma de estrela no topo da cabeça do sujeito, levando junto seus miolos. Os gases em expansão arrancaram a carne de seu crânio e espalharam fragmentos de sangue e ossos por toda parte.

Chutei a mesa e empurrei-a até o Lobo cair e ficar preso no chão pela grande lâmina de madeira compensada. Minha intenção não era machucá-lo, apenas mantê-lo ocupado até que eu pudesse cuidar de seus homens. Eu me virei e apontei a arma para o *skinhead* que subitamente aparecera à porta. Apertei o gatilho diversas vezes, mas nada aconteceu. *Clique.* Uma das balas que o Lobo colocara no tambor deve ter falhado — ou talvez estivesse molhada demais para disparar.

O *skinhead* sorriu como um demônio e me atacou. Nenhum de nós tinha armas carregadas, portanto, um segundo depois, estávamos a centímetros de distância. O sujeito arrancou a Magnum de minha mão, como se estivesse afastando uma mosca. Eu o soquei fortemente com a esquerda, mas foi como golpear um bloco de concreto. Ele fora extraído de uma pedreira de cadeia e cinzelado

em um equipamento de fundo de quintal de algum escultor que não se importava muito com o aspecto final da obra acabada. Meus primeiros socos foram inúteis. Os dele não. Ele acertou meu tórax com um golpe amplo e confuso que fez com que o ar fosse expelido de meus pulmões. Seis centímetros mais acima e ele teria quebrado algumas costelas. Mas não me preocupei em bloquear. Ataquei com tudo o que tinha. Disparei um gancho e senti sua mandíbula estalar e os poucos dentes que lhe restavam se soltarem. Foi um golpe que poderia ter matado outro homem, mas não aquele cara. Ele nem parecia abalado. Sorriu como se dissesse: *O que mais você tem para mim?* Então, ele me pegou pelo pescoço, arremessou-me contra a parede com força suficiente para quebrar o reboco de gesso e começou a me apertar. Embora eu o tenha socado quatro ou cinco vezes no peito, ele nem pestanejou. Minha visão começou a ficar turva enquanto ele cortava o fornecimento de oxigênio para meu cérebro.

Ergui o braço e baixei o cotovelo como um martelo sobre a parte macia do interior de seu braço. Eu o atingi logo abaixo da veia de viciado, entre suas marcas de picada, e ouvi um osso estalar. Ele me soltou e cambaleou para longe de mim, em agonia.

Desferi-lhe um murro no nariz. A cartilagem quebrou, e a pele dos nós dos meus dedos se abriu e salpicou seu rosto de sangue. Encaixei um cruzado pesado como um trem de carga. A pele daquela mão também se abriu. Ele fez menção de me derrubar, mas eu já tinha uma grande vantagem. Disparei outra cotovelada em seu crânio, naquele lugar onde todas as placas ósseas se encontram. O velho tranco de cabeça. Ele se afastou, cambaleante, atordoadado. Pulei em cima dele e envolvi um braço em torno de seu pescoço. Pressionei meu outro cotovelo contra sua nuca, entre sua coluna e seu crânio, e forcei. Eu tinha que manter aquele estrangulamento por dez segundos. É quanto demora. A "gravata do dorminhoco"

interrompe o fornecimento de sangue para o cérebro, por isso funciona mais depressa do que a asfixia. É como pressionar o botão de energia de um laptop. Depois de alguns segundos, tudo se apaga.

O *skinhead* cambaleou ao redor da sala, tentando arrancar meu braço de seu pescoço. Ele me bateu contra a parede outra vez, mas não conseguiu me deslocar. O sangue das minhas mãos pingava pelo crânio do sujeito e escorria para dentro de seus olhos atordoados. Ele não conseguia emitir nenhum som. Abriu a boca como um peixe sufocando fora da água e, em seguida, todo o seu corpo pendeu para a frente, e ele desfaleceu. Eu o deixei cair no chão como um saco cheio de pedras. Ele acordaria em algumas horas com a pior dor de cabeça da sua vida.

Nesse meio-tempo, o Lobo tinha se livrado da mesa virada e se arrastava em direção à automática de plástico que o morto deixara cair. Corri e dei um chute com toda minha força, assim que sua mão alcançou a pistola. A arma deslizou pelo chão e caiu por um buraco no assoalho e mergulhou na água do porão.

O Lobo olhou para mim, balançando a mão que eu acabara de chutar, e correu alguns metros em direção à porta, mas parou quando me coloquei diante dele. Seu terno estava arruinado. Eu o peguei pelo colarinho e disse:

— Quero um bom motivo.

— Cento e cinquenta mil — conseguiu dizer. — No meu quarto de hotel. Preciso de uma hora. Se isso não for suficiente para satisfazê-lo, eu o vejo no inferno.

— Qual o número do quarto?

— Cobertura — disse ele. — Sem jogos dessa vez.

Então, eu o atirei de volta no chão e saí.

K U A L A L U M P U R

A fuga começou a dar errado desde o momento em que as portas do elevador se abriram. Ao chegarmos ao segundo subsolo, fui atingido por uma gigantesca onda oceânica de luz e som. Não sabia exatamente o que estava acontecendo comigo, mas sabia de uma coisa.

Era uma maldita armadilha da polícia.

Não sei como aquilo aconteceu. Logo antes de entrarmos no elevador para descermos, Alton nos dera sinal verde. Nenhum policial na garagem. A polícia estava fazendo barricadas fora da garagem, claro, e nas ruas em torno do edifício, mas o segundo subsolo estava completamente limpo e livre. De alguma forma, naquele um minuto e quarenta segundos, a situação mudara.

Agora eu estava na extremidade que recebeu uma granada.

A explosão não me derrubou, mas me deixou cego. Eu não conseguia ver nem ouvir. Senti alguém agarrar meu ombro e me puxar para fora do elevador. Senti o concreto sob minhas botas. Finalmente, pude ouvir os tiros. Em um primeiro momento, pareceram soar baixo, mas logo se tornaram estrondosos. Minha visão começou a voltar. Vi o brilho de diversos disparos que vinham dos fundos da garagem. Uma linha de escaramuça da Polícia Real da Malásia atirava contra nós por trás de uma barricada de viaturas. Os brilhos dos canos das armas iluminavam o canto da garagem como

estrelas cadentes. Uma granada de gás lacrimogêneo caiu entre nós, espalhando rolos de densa fumaça amarela.

Saquei o rifle de assalto G36, apertei-o contra o quadril e disparei uma torrente de balas em direção à barricada. Eu estava atirando às cegas. Cada tiro soava como o grave rumor de um tambor em vez do estampido de uma arma. Hsiu ainda me puxava pelo ombro. O carro blindado estava a apenas alguns metros. Todos corriam em sua direção. Eu rezava para que Alton não tivesse sido atingido.

Então, vi Joe Landis ser baleado uns dois passos à minha frente. A bala atingiu-o na cabeça. Seu corpo não caiu e, sim, tombou, devido a todo o equipamento que carregava nas costas. Ele estava morto antes que eu pudesse fazer algo, e sua mochila ainda estava carregada de nitroglicerina.

Os irmãos italianos saíram do elevador com as armas em punho. Disparavam tão depressa que os cartuchos vermelhos de suas escopetas colidiam uns com os outros em pleno ar.

A polícia montara um ponto de estrangulamento na saída da garagem. Devem ter descido no último minuto em caminhões Unimog. Não era possível ver todos, mas àquela distância eu podia ver dois homens com boinas negras agachados atrás da carroceria do segundo caminhão. Eles disparavam rajadas regulares de submetralhadoras automáticas MP5A2. Uma bala atravessou a mochila de Angela.

Meu pente de balas se esgotara. Liberei-o e removi-o e, em seguida, peguei outro sob a camisa. Antes que eu pudesse puxar o ferrolho, senti um forte impacto contra o peito. Eu fora atingido. A bala me fez ficar sem ar, e eu cambaleei para trás. Não conseguia respirar. Outra bala me atingiu, depois outra, em uma rápida sequência. Eu estava sobrecarregado pelo equipamento às minhas costas e ainda chocado com o primeiro tiro, de modo que me curvei. Oscilei para a frente e para trás por alguns segundos. Inspirei o mais

forte que podia, mas nada aconteceu. Meus pulmões não admitiam o ar. Era como se alguém estivesse sentado em cima do meu peito.

Hsiu e Vincent me salvaram. Ambos vieram por trás, agarraram-me pelos braços e me arrastaram até o carro-forte. Vincent me levou até a traseira do veículo, enquanto Mancini ajoelhou-se ao nosso lado e começou a disparar. Ele arrancou o G36 dos meus braços, terminou de carregá-lo e abriu fogo contra a polícia em rajadas rápidas e controladas. Ele mudava de alvo como se estivesse explodindo garrafas em um campo de tiro. Quando me viu em segurança, bateu duas vezes no teto e fechou as portas do carro-forte, que arrancou cantando pneus.

Vislumbrei Alton através da pequena janela que dava para a cabine. Ele virou bruscamente à esquerda. Fui jogado contra a parede da direita. Angela se aproximou de mim sobre os sacos de equipamentos. Ela começou a dizer algo, mas suas palavras não saíam.

O carro-forte avançou contra os caminhões da polícia, que não tinham a menor chance. Os Unimog se dobraram contra a grade do carro blindado e foram arrastados de lado por uns três metros rampa acima até serem lançados em direções diferentes.

Um carro-forte padrão possui dezesseis janelas de tiro que se parecem com pequenas caixas de correio. Você as abre por dentro usando uma alça, e elas são largas o suficiente para permitir a saída de um cano de espingarda. Partem do princípio de que é quase impossível atingir um alvo tão pequeno do lado de fora, a menos que você esteja muito perto.

Havia duas nas portas traseiras.

Mancini abriu uma janela de tiro, mirou com cuidado através do pequeno orifício no metal e disparou diversas vezes contra o corpo de Joe. Senti o tremor de uma batida de carro atrás de nós e, em seguida, uma explosão. A nitroglicerina no kit de Landis explodira. A

onda de choque percorreu a garagem. Brilhos de disparos preencheram o espaço escuro, seguidos do cheiro de pólvora queimada e concreto vaporizado. Era tão denso que parecia fumaça. Cápsulas fumegantes escapavam da arma de Mancini. Ele estendeu a mão, pegou um pente do meu colete e carregou o G36.

Eu estava em um universo especial de dor. Contorcia-me pelo chão do carro-forte, com a respiração curta e rápida, como a de um peixe. Mal conseguia enxergar. Tudo estava escuro. Tirei o chapéu e passei as unhas no peito até a camisa se abrir. Ali embaixo havia um colete tático com duas placas de titânio projetadas para deter balas de rifle de assalto. Havia três balas 9mm de ponta oca cravadas no interior da placa esquerda. Atingiram o Kevlar pouco acima do meu coração. Arranquei uma delas. Parecia um cogumelo.

Angela gritou algo em meu ouvido, mas eu não conseguia ouvi-la. A única coisa que escutava era um zumbido agudo, como um alarme de incêndio disparado dentro do meu crânio. Ela tocou minhas orelhas, e suas luvas voltaram vermelhas do sangue que escorria dos meus tímpanos e encharcava o colarinho da minha camisa.

Ela gritou e gritou até que eu pudesse ouvi-la.

— Será que alguma bala atravessou?

— Não sei — respondi. — Não consigo respirar.

— Mantenha a calma — gritou ela ao meu ouvido. — Você foi baleado três vezes e atingido por uma bomba de efeito moral. Não vejo mais sangue, então você deve estar bem. Talvez algumas costelas quebradas, e só.

Uma bomba de efeito moral emite um som dez mil vezes mais alto do que um tiro de espingarda e um súbito clarão de luz tão brilhante quanto o sol. Utiliza magnésio e nitrato de amônia. Faz com que o alvo deseje estar morto. Eu sentia como se estivesse nadando em estática. A melhor maneira de descrever aquilo é como uma enxaqueca por todo o corpo.

Angela pegou um frasco de cocaína do bolso do casaco, derramou metade na palma da mão e levou a substância até minha boca e meu nariz. O pó foi friccionado no meu rosto e acumulou-se nos pelos da minha barba. Tive a sensação do frio entorpecimento da droga. Inspirei. A dor no meu peito diminuiu, e o mundo voltou a entrar em foco. Tudo o que antes era preto e branco subitamente brilhava em Technicolor. Angela apontou para mim com a outra mão e disse:

— Você vai ficar legal?

Confirmei com a cabeça.

Eu estava melhor do que legal. Eu me sentia como um deus ferido.

Angela tirou a mão da minha boca. Então pegou um rádio de algum lugar e empurrou-o na minha cara. Atordoado pela cocaína, levei algum tempo para reconhecer aquilo como o grande escâner negro da polícia que Hsiu transportava.

— Acabaram de mencionar seu nome — disse Angela.

— O quê?

— O maldito escâner da polícia acabou de falar seu nome. Há helicópteros chegando, e as frequências policiais estão gritando seu nome como se você fosse o dono do espetáculo.

— Não estou entendendo — falei.

— Maldição. — Angela empurrou o rádio na minha cara novamente. — Como é que eles sabem sobre Jack Delton?

A princípio, não entendi o que ela dizia. Fiquei mudo e não conseguia me concentrar em qualquer coisa que não fosse o som dos tiros de Mancini. Demorei alguns segundos para juntar todas as peças. Meus olhos se arregalaram quando percebi o que fizera. Finalmente me dei conta da magnitude do erro que cometera. Finalmente reconheci meu erro, o simples erro, que me assombraria nos cinco anos seguintes. Eu não conseguia ouvir nada, exceto a voz de Angela.

— Como diabo eles sabem sobre Jack Delton?
Naquele momento, eu soube.

ATLANTIC CITY

Entrei no Bentley e dirigi. Assim que dobrei na Kentucky Avenue, peguei um celular na minha mochila, liguei-o e digitei os números de Rebecca Blacker. O telefone tocou e tocou, mas ninguém atendeu.

O Lobo finalmente me oferecera um acordo direto: cento e cinquenta mil dólares limpos em troca de um milhão e duzentos mil sujos. Mas isso não significava que eu confiava nele. Eu fizera de tudo com ele, exceto matá-lo. Eu matara três dos seus homens e colocara outros dois no hospital. Homens assim são substituíveis, é claro, mas é raro uma gangue sofrer tantas baixas em tão pouco tempo. Haveria uma enorme pressão sobre ele para acabar comigo de uma forma ou de outra. Se eu quisesse sair vivo dessa, precisaria fugir. E, droga, eu nem mesmo estava considerando o que ele poderia fazer com Blacker. Xinguei e joguei o celular no assento do passageiro.

Olhei para o relógio. Pouco depois das nove da noite.

Faltavam nove horas.

Dirigi rumo ao norte da cidade, ao longo da Absecon Bay, de volta ao centro de armazenamento no pântano. A chuva diminuía e depois parara, deixando poças sobre o concreto. O ar não estava mais salgado. Tinha um cheiro tão fresco e limpo quanto o de uma ducha após uma sessão de exercícios físicos. Os buracos na estrada sugaram a água e pediam mais. O calor estava de volta. Mesmo à

noite, o termostato ao lado do escritório do gerente marcava mais de vinte e cinco graus. O local fora fechado para o período da noite, mas havia um portão, e qualquer pessoa com um código de acesso poderia visitar seu contêiner sempre que quisesse. Acesso vinte e quatro horas é essencial para a indústria. Digitei o código que o garoto usara para abrir a fechadura.

Esvaziei a mochila. Caixas de munição, o estojo da Uzi, peças de armas, o pacote de notas de vinte dólares e as pílulas brancas caíram para fora, além do celular que Ribbons nunca tivera a chance de usar. Removi a Uzi do estojo. Era resistente, e o cano e a câmara pareciam limpos demais para uma arma que fora usada recentemente. Se fosse necessário, eu poderia dispará-la com uma só mão.

Ajoelhei-me no chão e introduzi as balas nos pentes. Havia um total de três pentes de vinte e cinco balas cada um. Uma Uzi dispara ao menos mil tiros por minuto. Mesmo um leve toque no gatilho poderia disparar uma saraivada de balas capaz de esvaziar o pente. Com o salto do cano e o coice da arma, a precisão seria um problema. Eu teria que me restringir a rajadas curtas. Três pentes de munição parecem muito. Não são. Três pentes significavam três toques no gatilho, ou cerca de três segundos de pura fúria. Assim como na roleta, atirar para todo lado é a única maneira de vencer.

Levei cinco minutos para carregar os três pentes. Guardei os dois pentes sobressalentes nos bolsos e introduzi o terceiro na coronha da arma. Verifiquei a trava de segurança antes de enfiar a Uzi no cinto. Minha jaqueta não a esconderia de alguém atento, mas de relance não daria para notá-la. Quando deixei a unidade de armazenamento, vi meu reflexo no para-brisa do Bentley. Eu estava olhando para um homem mal dormido, com uma barba de dois dias, um terno novo e caro e uma submetralhadora pendurada para fora dele.

Voltei ao Bentley e comecei a dirigir.

Eu acabara de sair do estacionamento quando um celular começou a vibrar na minha mochila. Pesquei-o com uma das mãos e segurei o volante com a outra. Reconheci o número na tela. *Rebecca Blacker*. Apertei o botão verde.

— Diga que você está bem — falei.

— Estou bem — respondeu ela. — É com você que estou preocupada.

Passei pelo lugar onde os moinhos de vento com lâminas de vinte andares giravam dia e noite sem parar. Meus faróis eram as únicas luzes visíveis, exceto pelo brilho distante das torres do cassino. Eu estava a dois minutos da praia onde escondera o dinheiro. Poderia pegá-lo e estar de volta ao centro da cidade em menos de vinte minutos.

— Acabei de me encontrar com o Lobo — disse a ela.

— Você está admitindo isso agora?

— Sim — respondi. — Você está rastreando esta chamada?

— O quê?

— Você está rastreando esta chamada? Sim ou não.

— Não sei por que isso importa.

— Voltarei para o cassino — falei. — E preciso da sua ajuda.

Cheguei ao Atlantic Regency vinte minutos depois. Por algum motivo, não me sentia bem por estar ali. Mesmo que o dinheiro prometido estivesse esperando por mim ali dentro embrulhado com um laço, aquele local não me parecia seguro. Ainda havia buracos de bala do assalto nas portas de vidro da entrada lateral e um segurança do lado de fora mandando as pessoas circularem.

Eu odeio voltar à cena de um assalto. Odeio ainda mais voltar à cena de um crime que não cometi. É um dos piores estereótipos desse ramo de trabalho. Apenas os assaltantes mais arrogantes e orgulhosos voltariam para tripudiar. Para mim, aquilo era apenas embaraçoso. Um assaltante deve fazer o trabalho e dar o fora. Circular por lá depois só aumenta o potencial de tempo de prisão.

Enfiei a Uzi sob a aba frouxa da bolsa azul de Kevlar. Levei a alça da bolsa ao ombro e treinei sacar a arma o mais depressa possível, ou ao menos até alcançar o painel. Supondo que a cobertura fosse uma suíte estilo presidencial, isso significaria cinco ou seis quartos, uma ampla sala de estar, uma sala de jantar e até uma cozinha. O dinheiro provavelmente estaria em um cofre de parede dentro de um armário no quarto principal. Fiz alguns cálculos rápidos. Facilmente, poderia haver uma meia dúzia de sujeitos lá em cima. Algo me fez pensar que, mesmo com uma baixa de cinco de seus homens, o Lobo não teria problemas para encontrar voluntários. Ele ficaria sem armas antes de ficar sem homens para empunhá-las.

Saí do carro. O Regency estava iluminado como o Quatro de Julho, apesar de já serem quase dez horas de uma noite de domingo. Da

rua, dava para ouvir a música e os alarmes dos caça-níqueis. Horário nobre de Atlantic City. Olhei para o relógio.

Faltavam oito horas.

Passei pelo andar do cassino em direção ao saguão principal do hotel, carregando a bolsa sobre o ombro. Não havia detectores de metal, de modo que não tive dificuldade para entrar com a arma. Parecia esquisito estar trazendo o dinheiro de volta ao lugar onde, afinal de contas, ele deveria estar. A estranheza da situação de certa forma me animou. Foi como roubar a carga outra vez, apenas passando pelas mesas de blackjack. Eu estava começando a entender por que alguns homens gostavam de voltar aos seus antigos alvos. Era como ter a capacidade de enxergar em uma sala repleta de cegos. Eu sabia de coisas que eles sequer imaginavam.

Havia três recepcionistas de plantão, com uma fila se formando à sua frente. Entrei na fila atrás de um grupo de turistas com camisas sociais de manga curta na cor branca. Quando chegou minha vez, lancei para a recepcionista o melhor sorriso que eu poderia apresentar em tais circunstâncias.

— Preciso pegar um cartão de acesso — falei.

— Em qual quarto você está?

— Estou com o grupo na cobertura.

— Qual é o nome da reserva?

— Turner — respondi.

Verifiquei a segurança e os gerentes do andar por instinto, então examinei o teto em busca de câmeras de segurança. Havia mais do que eu poderia contar. A cada metro e meio tinha uma cúpula preta no teto. Eu deveria estar sendo filmado por seis ou sete câmeras ao mesmo tempo. A recepcionista imprimiu um novo cartão e me entregou com um sorriso.

Peguei o elevador até o último andar. O piso superior tinha apenas um quarto, onde um longo corredor levava a sólidas portas de

mogno. A cobertura. Passei meu cartão e entrei.

As portas se abriram para um átrio de estilo romano. No centro, havia uma fonte com uma escultura de gesso da deusa Juno. O teto era sustentado por enormes colunas dóricas, e as paredes estavam cobertas de afrescos que evocavam a Antiguidade. O chão era de mármore preto e branco marchetado com mais portas de mogno em ambos os lados. Era o tipo de lugar que você esperaria que o Lobo ocupasse. Cada detalhe era extravagante ao ponto de ser cafona. Os folheados a ouro e o gesso davam ao local um ar de dinheiro rápido e excesso grotesco.

Atrás da piscina havia dois homens de terno.

Não se pareciam com os outros grandalhões do Lobo. Aqueles homens estavam bem-vestidos, com roupas limpas e bem cuidadas. Seus ternos eram personalizados. Ambos usavam óculos simples de aros dourados e não pareceram surpresos ao me ver. Um estava perto da estátua, com uma bolsa duffel preta no chão à sua frente. O outro estava a poucos metros de distância, empunhando uma Beretta 9mm ao seu lado e, quando entrei pela porta, o sujeito ergueu a arma e a apontou para minha cabeça.

— Estou aqui para fazer um acordo — falei.

K U A L A L U M P U R

Liam Harrison não morreria.

Eu simplesmente achava que sim. Na época, parecia-me uma suposição bastante razoável. Não há muitos coletes à prova de balas capazes de suportar uma Magnum .44 à queima-roupa. Droga, mesmo que eu soubesse que o homem estava usando um colete à prova de balas, ainda assim teria suposto que ele estava morto. A força liberada por aquela bala deveria ter quebrado suas costelas e afundado seus pulmões. Ele deveria estar morto duas vezes.

Ele *deveria* estar.

Nem sei mais quantas vezes repeti esse momento em minha mente. Às vezes, quando estou acordado durante a noite, a cena se repete interminavelmente em minha memória. Sinto como se parte de mim ainda estivesse deitada no chão daquele carro-forte, com duas narinas repletas de cocaína e três pontas ocas cravadas no peito. Há anos penso naquele momento. Talvez, se eu tivesse prestado mais atenção, poderia ter me poupado de muitos problemas e muita dor. Se eu tivesse sido mais cuidadoso, poderia ter salvado a vida de Joe Landis. Eu poderia ter salvado Jack Delton.

Ao longo dos anos, tentei justificar o erro para mim mesmo. Afinal, eu não sabia que Liam Harrison sobrevivera. Como saber que ele sobrevivera ao nosso encontro e fora capaz de nos identificar? Contudo, depois de algum tempo, passei a ver as coisas pela

perspectiva de Marcus. Ele não podia se dar ao luxo de tolerar o fracasso. Em um assalto, o menor erro pode ter consequências além da imaginação mais ousada. Se ele voltasse a me ver, teria que me matar. Era assim que funcionava o sistema.

Aquele simples gesto — mostrar meu passaporte falso para um informante da polícia — arruinou o Negócio Asiático. Após todas as minhas preocupações, o assalto não deu errado porque Marcus armou para mim. Não deu errado porque planejamos mal. Não deu errado porque mordemos mais do que podíamos mastigar. Não. Deu errado por causa de um colete à prova de balas, um passaporte falso e um pacote de salgadinhos de soja.

Fechei a porta de minha dispersão e tranquei-a.

Não se deve retornar à dispersão após um assalto, exceto sob circunstâncias extremas. Aquela se qualificava como tal. Depois de nossa fuga sangrenta no carro-forte, todos na cidade estariam nos procurando. O pequeno quarto atrás da lavanderia era o único lugar onde eu poderia me esconder durante algumas horas. Eu sabia muito bem que não poderia ficar ali. A polícia tem meios de descobrir essas merdas. Passei a corrente na porta, e meu cérebro disparou em alta velocidade. Novo plano. Agora.

Eu não deixara muita coisa na dispersão. O sabão e o barbeador que eu havia usado ainda estavam lá, é claro, mas eu me livrara de tudo o mais, assim como de minhas roupas sobressalentes e pequenos pertences. Fui até o quarto, liguei o rádio e sintonizei-o no noticiário local. Coloquei o escâner da polícia ao lado do rádio e também o liguei. Eu queria ouvir ambas as transmissões ao mesmo tempo. Eu precisava saber tudo o que a polícia sabia no momento em que ela tomasse conhecimento.

O resto da fuga estava completamente arruinado. Se a polícia soube de Jack Delton, também devia saber quem passara com ele pela alfândega e arranjaria mandados para cada um deles. Todos os

nossos nomes falsos estavam queimados, não apenas o meu. A polícia estaria nos esperando em todos os pontos de saída da cidade: aeroportos, estações ferroviárias, portos e rodovias. Se sabiam quem éramos, certamente estariam aguardando. Ir ao aeroporto era uma armadilha agora. Não chegaríamos nem ao portão antes que a segurança nos detivesse. A única chance que tínhamos era nos separarmos e assumirmos o risco individualmente.

Isso significava que eu nunca mais veria Angela, mas não tive tempo para pensar nisso. A última vez que a vi foi na traseira do carro-forte.

Primeiro, eu precisava me livrar daquelas roupas. Livrar-me do uniforme de guarda não era bom o bastante. Eu não podia ficar com nada que tivesse estado naquele banco. E o traje não era nem a metade. Meu rosto fora filmado pelas câmeras de segurança e, em poucas horas, aquelas imagens estariam em todos os noticiários do país. Eu precisava descobrir uma maneira de me livrar de tudo o que pudesse me ligar ao assalto, dos passaportes ao colete à prova de balas. Sabem como isso é difícil? O Kevlar balístico faz parte de uma classe de fibras sintéticas que não queimam. Droga, a menos que você tenha um forno industrial, elas nem mesmo *derretem*.

Em segundo lugar, precisava mudar minha aparência. Não havia como sair do país parecendo, mesmo que remotamente, com a pessoa que roubara aquele banco. Eu precisava me transformar em outra pessoa *agora*, o que seria mais difícil do que parecia. Eu já jogara fora todas as minhas outras peças de vestuário e não poderia sair e ir até uma loja para comprar roupas novas. O tempo para esse tipo de coisa passara havia muito. Eu precisava encontrar algumas roupas novas sem ficar fora do apartamento mais do que o estritamente necessário.

Em terceiro lugar, eu precisava do meu pacote de fuga. Como já disse, nunca faço um trabalho sem ele. Neste caso, meu pacote mais

próximo estava a cerca de um quilômetro dali, em um beco do outro lado de um restaurante de peixe ikan bakar no mercado de Pasar Seni. Dentro do pacote, havia dez mil dólares, vinte mil ringgit, uma pistola 9mm, dois celulares pré-pagos, dois cartões de crédito, uma carteira de motorista limpa e um passaporte colombiano em nome de Manuel Sardi. Calculei padrões de abordagem, estratégias de busca, rotas de fuga e patrulha. Assim que eu pegasse meu pacote de fuga, não poderia haver margem para erro. Eu tinha que cair fora.

Abri a janela e tirei a roupa.

Tirei tudo, menos a camiseta e a calça. Joguei as roupas pela janela e elas caíram na sarjeta, dois andares mais abaixo. Achei que seria muito mais eficaz do que simplesmente jogá-las no lixo. Naquela parte da cidade, algum morador de rua reivindicaria aquelas roupas em questão de horas. Se a polícia conseguisse encontrar aquele lugar, as roupas incriminadoras não estariam esperando por eles na lata de lixo. Estremeci quando removi o colete à prova de balas. Meu Deus, aquela merda doeu.

Toquei os três pontos sobre as costelas em que eu fora baleado. Três grandes hematomas negros se formavam. Foi um milagre que nenhum dos ossos tenha se partido. Verifiquei para ter certeza de que não estava sangrando, então tirei o resto do colete e atirei-o sobre a cama. O Kevlar pode deter uma bala e apagar um incêndio, mas, a menos que seja tratado com sílica, não suporta uma faca. Retirei as placas de trauma de cerâmica e joguei-as pela janela e, em seguida, peguei uma faca de cozinha e retalhei o colete de Kevlar em meia dúzia de pequenos pedaços. Quando acabei, parecia que alguém desfiara uma mochila. Joguei os pedaços grandes pela janela e os pequenos, no vaso sanitário.

Fui até a pia e enfiei a cabeça sob a torneira. Limpei e esfreguei até a maquiagem e a tintura de cabelo removível que eu usara

escorrerem em linhas grossas pelo ralo. Ao terminar, levei a faca ao cabelo. Eu não tinha tempo para fazer aquilo direito. Apenas agrupei os fios junto à nuca e cortei-os com alguns golpes desajeitados. Após cortar boa parte do cabelo, ensaboei a cabeça e raspei o que ainda restava até ficar completamente careca. Algumas pessoas têm o cabelo identificável. Uma cabeça raspada elimina essa possibilidade. Eu não parecia nem um pouco com o cara que roubara aquele banco.

As notícias no rádio e no escâner da polícia não eram boas. Hsiu não se afastara trinta metros do carro-forte antes de ser pega. Eles a atacaram com bombas de gás lacrimogêneo, e ela não conseguiu lidar com aquilo. Ela se encolheu em posição fetal e não se mexeu até a chegada dos paramédicos. Alton Hill não fora além de um quarteirão. Tentou roubar um carro perto de sua dispersão e levou dois tiros de um policial. Vincent e Mancini conseguiram escapar do cerco, mas os passaportes sujos os incriminaram. Foram identificados como notórios cúmplices de Jack Delton quando passaram pela segurança e acabaram presos antes de chegarem ao portão de embarque.

Não havia nada sobre Angela.

Puxei as duas chaves de caixas de depósito de segurança da corrente ao redor do meu pescoço. Olhei para elas por um bom tempo. Outros membros da equipe já haviam sido pegos. A polícia certamente notara as chaves em torno dos seus pescoços ou nos seus bolsos e acabariam procurando as minhas. Livrar-se daquelas chaves significava jogar fora quase dois milhões de dólares, mas eu não tinha escolha. Aquele dinheiro já era. Fora embora no instante em que as portas do elevador se abriram na garagem.

Joguei as chaves no vaso sanitário.

Levei um isqueiro à extremidade do passaporte de Jack Delton e observei as páginas de algodão e poliéster derreterem, encolherem e

enegrecerem. Menos de uma hora após o assalto, Jack Delton estava morto. Apenas o fantasma sobrevivera.

Abri a porta e saí sem olhar para trás.

Andei cerca de dois quarteirões até encontrar um sem-teto. Era um homem magro, banguela, com a pele pálida. Não precisei olhar de perto para ver as marcas nos seus braços e na sua veia jugular. Heroína. Ele vestia uma camisa tropical suja com o nome de alguma banda e calçava um par de velhos tênis pretos. Joguei-lhe um maço de ringgit em troca de ambas as peças. Os sapatos e a camisa não me serviram perfeitamente, mas seria por pouco tempo. Bastariam para me levar ao mercado de peixes e à mochila.

Peguei o metrô. Entrei no primeiro trem, desci duas paradas depois e peguei outro trem na direção oposta. Fugi do modo como Angela me treinara. Troquei de roupa em uma loja de segunda mão e mudei minha aparência com um espelho compacto enquanto aguardava o monotrilho. Manuel Sardi e Jack Delton eram seres humanos completamente diferentes. Manuel não falava uma palavra de inglês, e eu gostava daquilo. A nova identidade durou tempo suficiente para eu encontrar um táxi. Dei ao motorista um punhado de ringgit para me levar até Port Dickson, de modo a escapar do alcance da lei local. De lá, peguei um ônibus para a cidade de Johor Bahru. Fui até o porto e comprei um barco com dinheiro em espécie para poder atravessar o Estreito de Johor até Cingapura. Atraquei do outro lado e fui até o aeroporto, onde comprei uma passagem só de ida, classe econômica, no primeiro voo para Bogotá, na Colômbia. Depois disso, fiz o que faço melhor: saí do radar.

Viajei todo o mundo sem nunca permanecer no mesmo lugar por mais de seis meses. Tornei-me um verdadeiro fantasma, porque sabia que, caso Marcus me encontrasse, eu não seria apenas culpado por meus próprios erros, mas também levaria a culpa por

Angela. Afinal, fomos os dois sortudos que escaparam. Algum dia todos nós teríamos que pagar nossas dívidas.

Durante alguns meses tentei falar com Angela, mas eu deveria saber que não conseguiria. Tentar pegar um fantasma é como tentar pegar fumaça. Passei dias esperando uma mensagem dela surgir na caixa de entrada de um de meus e-mails anônimos. Isso nunca aconteceu.

Para ser honesto, nem sei se ela ainda está viva.

Ela sempre foi a mais esperta. Se ela quisesse desaparecer para sempre, eu sabia que não havia nada que eu pudesse fazer para detê-la. Nos cinco anos que se seguiram, andando pelas ruas de seja qual fosse a cidade em que eu estivesse, houve momentos em que passei dias inteiros apenas tentando ver seu rosto. Eu a via em toda parte, porque ela poderia ser qualquer um. Parecia que ela estava me observando. Parecia que, se eu fosse esperto o bastante, poderia sair um dia e vê-la esperando por mim com um cigarro e um sorriso evasivo.

Então, cinco anos mais tarde, há dois dias, Marcus me despertou com um e-mail.

ATLANTIC CITY

A porta da suíte se fechou sozinha atrás de mim. Caminhei com cautela em direção ao homem com a Beretta. Mantinha as mãos erguidas, para mostrar que eu não queria que ele atirasse em mim, no entanto, lentamente tirei a Uzi do esconderijo e apontei para o sujeito. Ele estava de olho em mim, mas mesmo assim deixou que eu sacasse a arma. Nenhum dos dois queria transformar aquela negociação em um tiroteio.

O Lobo tentara se dar bem às minhas custas diversas vezes e nunca conseguira. Se ele fosse esperto, teria dito a seus homens para pegar leve. O que parecia ser o caso. O sujeito com a arma não aparentava estar nervoso. Tinha uma expressão vazia, imparcial, que sugeria que já fizera coisas do tipo antes. Nem mesmo o Lobo conseguiria escapar ileso de um tiroteio na cobertura de um cassino. Assim que alguém disparasse uma bala, nenhum dos três sairia vivo daquela suíte. A polícia revidaria, rápida e furiosa. Então, entendi que o cara com a Beretta não tinha a intenção de disparar sua arma a menos que eu disparasse a minha. Mantive a Uzi erguida e firme ao dar a volta na estátua.

— Quem é você? — perguntou o cara.

Ele deve ter visto minha imagem da câmera de segurança no noticiário local, mas eu parecia diferente agora, e isso deve tê-lo confundido. No entanto, tenho certeza de que ele entendeu. Só

pode haver um sujeito transportando um milhão e duzentos mil dólares dentro de uma bolsa de Kevlar. E, com uma Uzi na cara, ele aprenderia depressa.

— Eu sou o Fantasma — respondi. — Onde está o Lobo?

— O Sr. Turner não queria estar presente nessa transação — respondeu o homem com a duffel. — Pediu que eu dissesse que, caso volte a ver seu rosto, meterá uma bala no seu cérebro.

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça e não disse nada. Continuei caminhando em direção ao homem com a bolsa. Parei no momento em que consegui interpor a estátua entre mim e o atirador. Ele se moveu um pouco para me manter em seu campo de tiro, mas não foi muito longe. Eu queria ter alguma cobertura, caso acontecesse o pior.

Baixei a carga federal do ombro. Ela atingiu o mármore com um baque surdo. Em seguida, segurei a Uzi com ambas as mãos e apontei-a para o sujeito com a Beretta.

O homem com a bolsa duffel olhou para mim, depois para a bolsa aos meus pés, e perguntou:

— Foi isso que você prometeu?

— Gostaria de mostrar, mas abrir a bolsa pode acionar os pacotes de tinta — respondi. — A bolsa é forrada com chumbo para bloquear os GPS.

— Posso verificar o dinheiro — disse ele. — Temos um escâner.

Ele abriu uma gaveta e tirou dali um grande dispositivo eletrônico, com o formato aproximado de uma pistola etiquetadora. O topo era uma tela azul sensível ao toque e, na extremidade, havia um laser, como o de um controle remoto de televisão.

Empurrei o dinheiro em sua direção com o pé.

O sujeito abriu a bolsa revestida de chumbo, apenas o suficiente para introduzir a ponta do dispositivo além do revestimento de

chumbo e esperou alguns instantes. Ouviu-se um toque agradável, e o homem afastou o dispositivo.

Ele fez que sim com a cabeça.

— É isso.

— Você trouxe o que me foi prometido?

— Sim — disse ele.

— Mostre para mim.

Ele se abaixou e abriu o zíper da bolsa preta aos seus pés. Então inclinou-a para que eu pudesse ver a pilha de notas de cem dólares ali dentro. Eram também do estilo antigo. Aquelas notas tinham o grande oval com a figura de Benjamin Franklin na frente, mas nenhuma tira de segurança holográfica no centro. As tiras eram atadas com elásticos e cliques, em vez de tiras de papel, de modo que eu vi que não tinham acabado de sair de um banco. Seriam perfeitas para eu empreender uma fuga, mas primeiro eu precisava ter certeza de que estavam limpas.

— Pegue a terceira tira a partir do topo — exige.

O homem com a bolsa duffel me lançou um olhar, então concordou. Ele afastou as tiras do topo, pegou uma tira do centro da bolsa e ergueu-a para que eu visse as notas de cem dólares na parte superior e na inferior. Então folheou a tira a fim de que eu pudesse ver cada nota. Aquilo provava que o pacote de dinheiro não estava repleto de papel em branco. Todas as quinze tiras de dez mil eram de notas de cem.

— Tire o elástico — ordenei. — Espalhe as notas. Deixe-me dar uma olhada mais de perto.

O homem com a bolsa removeu a tira de borracha que prendia o dinheiro e abriu as notas entre as palmas das mãos. Certificou-se de que eu pudesse ver as características de cada nota. Todas de cem. Eu conseguia ver os números de série impressos ao lado do retrato. Tinham diferentes cabeçalhos, o que significava que eram de ramos

distintos da Reserva Federal. Não consecutivas. Dava até para ver o pálido fantasma da marca d'água na extremidade direita. Meneei a cabeça. O dinheiro estava certo.

— Feche — mandei. — Empurre com o pé na minha direção.

O homem fechou o zíper. Então, pegou a bolsa duffel e começou a carregá-la, mas eu o detive.

— Com o pé — repeti.

Ele parou e baixou a bolsa. O homem com a Beretta se moveu devagar para a direita até a borda da minha visão periférica. Eu não conseguia prestar atenção nos dois ao mesmo tempo, então dei um passo atrás para ter uma visão mais ampla. Mantive a arma apontada para o homem com a Beretta, o outro sujeito, porém, estava muito perto agora. Por um momento, pensei que as coisas poderiam ficar violentas, no entanto, em seguida, o homem com o dinheiro empurrou a bolsa pelo piso de mármore até que ela parasse junto aos meus sapatos.

— Outra coisa — falei. — Tenho algo que pertence ao Lobo no porta-malas do meu carro. É o Bentley no quarto andar da garagem. Você deveria dar uma olhada quando tiver uma chance.

Agachei-me muito devagar e peguei a bolsa com a mão livre. O homem com a Beretta baixou a arma. Chutei a carga federal e comecei a me afastar cuidadosamente em direção à porta. Quando senti a maçaneta contra as costas, abri a porta atrás de mim. Um segundo mais tarde, eu tinha ido embora. Tudo correria bem. Fora um negócio limpo.

Exceto pela linha aberta para Rebecca Blacker no celular que eu trazia no bolso do peito.

Peguei o telefone e encerrei a chamada. Aquela linha estava conectada desde que ela me ligara após a reunião com o Lobo. Com o GPS do celular enviando um sinal a cada quinze segundos, ela poderia identificar minha localização exata e, por extensão, a da

carga federal. Eu não apenas acabara de lhe fornecer provas suficientes para condenar o Lobo, como também lhe entregara a carga federal e os dois sujeitos que estavam na cobertura.

E isso não teria sido possível se ela não tivesse expedido um mandado de prisão contra mim.

Eu nunca fui bom em leis, mas, depois de alguns assaltos a bancos, aprendi certas coisas. Veja, quando a polícia consegue uma boa pista sobre a localização de um fugitivo, não precisa de um mandado de busca para arrombar portas e procurá-lo. Tudo de que precisa é uma boa razão para crer que o fugitivo realmente está no local. Eles chamam esse tipo de coisa de *circunstância exigente*, pois, se fossem esperar para obter um mandado de busca, o fugitivo poderia escapar facilmente. Quando Blacker expediu um mandado contra mim, ela me tornou um fugitivo, e o sinal de GPS do meu celular era a causa provável de que ela precisava para me procurar na cobertura do Lobo. Assim que ela invadissem o local, a *doutrina da vista plena* assumiria o controle. Qualquer evidência que ela encontrasse, até mesmo evidências de crimes não relacionados à minha captura, poderiam ser usadas como prova. Desse modo, forneci tudo que ela precisava para legitimar as acusações. Em vinte minutos, a carga federal estaria em uma placa imantada na sala de provas, e o Lobo seria um foragido da polícia e dos federais. E eu? Eu teria ido embora para sempre.

Levei os cento e cinquenta mil dólares ao ombro e sorri.

60

Deixei o Regency a pé e me misturei à multidão no calçadão. O vento marinho estava fresco, e o piso de madeira, escorregadio por causa da chuva. Escondi-me nas sombras e desci uma escada até a areia. Ali, limpei a Uzi e, em seguida, tirei o receptor e joguei as peças em uma lata de lixo perto da arrebentação.

Voltei a me misturar à multidão durante algum tempo antes de cortar caminho através de outro cassino, rumo ao norte. Estava a poucos quarteirões da lanchonete onde Lakes estacionara o Accord vermelho. Subi, recostei-me no assento do motorista e fechei os olhos por um instante. Após dois dias daquela merda, a exaustão finalmente me alcançava. Minhas mãos pareciam feitas de chumbo. Minha respiração estava ofegante. Depois de um minuto ou dois, um grupo de viaturas da polícia desceu a rua em direção ao Regency. Esperei que passassem antes de girar a chave e partir. Digitei o número de Marcus em meu celular e aguardei. Levou mais tempo do que eu esperava até alguém atender.

— Five Stars — disse outra voz do Centro-Oeste.

— Preciso falar com Marcus.

— Número errado, cara.

— É o fantasma — falei.

Demorou mais tempo do que o habitual para o sujeito levar o telefone. Ainda era cedo por lá, só oito da noite. Dava para ouvir o som de uma máquina de lavar louça industrial. Quando Marcus atendeu, não disse nada. Percebi que ele estava do outro lado da linha apenas por causa da sua respiração pesada.

— Encontrei o dinheiro.

Marcus hesitou um segundo.

— Você o enterrou?

— Não — respondi.

— O que você vai fazer?

— Logo o seu pacote será entregue ao destinatário originalmente pretendido — falei. — Ribbons morreu e é uma pista fria. Assim que o dinheiro se for, ninguém será capaz de associá-lo a este assalto. O Lobo foi encaminhado.

— *O quê?* — disse Marcus. — E a carga federal?

— Isso não será problema — respondi. — O Lobo aceitou o dinheiro em uma troca que acabamos de fazer. O FBI deve prendê-lo a qualquer momento.

— Como você conseguiu isso?

— Você não precisa saber.

— Tem certeza de que esse negócio não vai explodir na minha mão?

— Tenho — respondi. — Estamos quites?

— Sim — afirmou Marcus. — Estamos.

— Bom — falei. — Porque, agora, vou desligar o telefone. Quando o fizer, vou desaparecer. Você não vai me procurar e não vai me encontrar. Você não reconhecerá meu rosto nem será capaz de identificar minha voz. Você não saberá o que eu faço, onde estou e nem nada a meu respeito. No momento em que eu desligar este telefone, você e eu nos tornaremos completos estranhos. Será como se nunca tivéssemos nos conhecido, de modo que, se por algum motivo nossos caminhos se cruzarem novamente, em um avião, em um restaurante ou em um vagão de metrô, você vai olhar para o outro lado, e eu vou sumir. Você entendeu?

— Jack...

— Você entendeu?

Marcus ficou em silêncio por um instante e então disse:

— Entendi.

Eu não o esperei dizer adeus. Assim que ele pronunciou aquela palavra, desliguei o telefone e retirei a bateria. Quebrei o cartão SIM em dois e joguei tudo pela janela.

Olhei para o relógio. Dez e quarenta e cinco da noite.

Eu terminara o trabalho com sete horas de antecedência.

* * *

Esta cidade não é um bom lugar para se empreender uma fuga. É a geografia. Atlantic City fica em um trecho litorâneo em forma de crescente separado do resto do continente por quilômetros e quilômetros de pântanos salgados inabitáveis. No calçadão, a cidade pode parecer o centro do universo, mas, na realidade, em comparação com a maioria das cidades, é bastante inacessível. Existem apenas cinco maneiras de se entrar ou sair dela. A primeira é rumo ao norte, por meio de uma única estrada que atravessa a enseada de Absecon. Não é uma boa ideia. A segunda é pegar qualquer uma das três estradas rumo ao oeste através dos pântanos salgados. As três estariam repletas de policiais estaduais. A terceira alternativa seria atravessar um labirinto de estradas particulares, através dos canais intercostais rumo ao sul. De jeito nenhum. A quarta alternativa seria a estação de trem. Eu também não estava disposto a tentar aquilo. Mesmo com nova aparência e outra identidade, eu não podia arriscar que alguém reconhecesse meu rosto em meio à multidão.

Então, eu precisava usar a quinta alternativa.

Tinha que fugir de barco.

Eu comprara, por telefone, um barco por sessenta mil dólares com um Visa preto havia algumas horas. Se existe uma coisa que aprendi

como criminoso, é que tudo está à venda a um preço justo. O custo do barco levaria grande parte do dinheiro que eu tirara do Lobo, mas o dinheiro nunca fora o objetivo. Vivo pela adrenalina, não pelos cifrões ligados a ela. Agora, eu poderia passar as próximas duas semanas derivando anonimamente em direção a Cuba, parando apenas para comprar comida e combustível. Dali, eu poderia afundar o barco e iniciar novamente todo o processo de criação de uma identidade. Eu faria o que sempre faço. Eu desapareceria.

Demorei uma ou duas horas para chegar à marina apenas por uma questão de segurança, mas mesmo assim Blacker estava encostada a um pilar em frente ao barco quando cheguei. Ela tinha um olhar estranho e um sorriso malicioso. Blacker recuou de forma nervosa quando me viu e gritou do outro lado da doca.

— Aqui!

Acenei de volta.

O barco estava bem embaixo dela. Um antigo Carver de trinta pés construído na década de 1980, talvez antes, um tanto atarracado, com uma plataforma superior fechada contendo um mosquiteiro e uma bandeira americana esfarrapada tremulando à popa. O casco era branco encardido, e os vidros escurecidos estavam começando a exibir marcas de sol. Chamava-se *The Palinurus*.

Quando me aproximei, Rebecca disse:

— Peguei o Lobo. A carga federal foi encontrada em sua suíte há menos de noventa minutos. Se isso não fosse o suficiente para incriminá-lo, também encontramos um de seus homens trancado no porta-malas de um Bentley no estacionamento. O sujeito se borrou duas vezes e, agora, está disposto a denunciar toda a operação do Lobo em troca de imunidade e proteção. Devem tê-lo assustado muito.

— Por que você não está lá?

— Eu queria vê-lo — disse ela. — Ao menos uma vez antes de você ir embora.

— Estamos quites? — perguntei.

Rebecca assentiu e olhou para o mar.

Joguei a bolsa duffel preta na parte de trás do iate.

— Como você descobriu sobre o barco? — indaguei.

— Como já disse, sou boa nisso — respondeu ela. — Mas você não tem com o que se preocupar. Não vou detê-lo.

Eu não disse nada. Baixei a escada até o convés da embarcação.

— Tenho uma pergunta — disse ela. — Diga-me uma coisa antes de partir e eu nunca mais vê-lo.

— O quê?

— Você nunca me disse seu nome, Jack.

Abri um sorriso.

— Você pode me chamar de Fantasma — falei.

Sem outra palavra, desci até o barco e soltei as amarras. Blacker me observou por mais alguns minutos antes de voltar caminhando lentamente ao longo do quebra-mar. Parti alguns minutos mais tarde, pouco depois de uma da manhã.

Meu corpo liberou uma onda de endorfinas que fez meus joelhos se dobrarem. Inspirei a primeira lufada de ar oceânico uns cinco quilômetros mar adentro. Praticamente caí sobre o assento do capitão e fechei os olhos por um instante. Eu estivera em movimento por cerca de dois dias, mas, mesmo com toda a exaustão, sentia uma incrível excitação por todo o corpo. Também não era por causa da bolsa de dinheiro aos meus pés. Devia-se ao puro êxtase do trabalho. Fez com que eu me lembrasse da requintada sensação de roubar um banco ou apaixonar-me pela primeira vez. Eu me sentia poderoso e vivo. Meu Deus, foi lindo.

Agora só havia uma coisa a fazer.

Desaparecer.

S O B R E O A U T O R

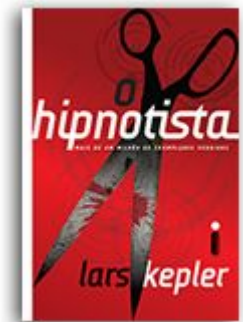


Roger Hobbs conquistou com *Fantasma*, seu romance de estreia, o prestigioso prêmio Ian Fleming Steel Dagger, da Crime Writer's Association, e foi indicado para diversas outras premiações do gênero de suspense e mistério, entre elas o Anthony Awards, o Edgar Award e o Barry Award. O autor vive em Portland, Oregon.

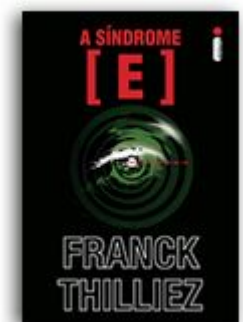
LIVROS RELACIONADOS



Homeland: Como tudo começou



O hipnotista



A síndrome E